

**Philippe Cunha Ferrari**

**Práticas de leitura coletivas na contemporaneidade:** um estudo comparativo em grupos de jovens e idosos

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Valter Sinder

Coorientadora: Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida (*in memoriam*)

Rio de Janeiro  
Abril de 2022

**Philippe Cunha Ferrari**

**Práticas de leitura coletivas na contemporaneidade:** um estudo comparativo em grupos de jovens e idosos

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Valter Sinder**

Orientador

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof. Márcio Souza Gonçalves**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

**Profa. Lilian Alves Gomes**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UCAM

**Profa. Sônia Maria Giacomini**

Pesquisadora Autônoma

**Prof. Gabriel Banaggia de Souza**

Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio

**Prof. Jonas Soares Lana**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Rio de Janeiro, 08 de abril 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

**Philippe Cunha Ferrari**

Graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015), graduado em História pela Universidade Estácio de Sá (2017), especialista em História e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes (2016), mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (2018) e graduado em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá (2022).

Ficha Catalográfica

Ferrari, Philippe Cunha

Práticas de leitura coletivas na contemporaneidade : um estudo comparativo em grupos de jovens e idosos / Philippe Cunha Ferrari ; orientador: Valter Sinder ; coorientadora: Maria Isabel Mendes de Almeida (in memoriam). – 2022.

228 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2022.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Redes sociais. 3. BookTok e BookTube. 4. Slam. 5. Práticas de leitura contemporânea. 6. Leituras coletivas híbridas. I. Sinder, Valter. II. Almeida, Maria Isabel Mendes de. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 300

*Eu dedico esta tese a Maria Isabel Mendes de Almeida (in memoriam), minha orientadora querida e companheira de bordo desse trabalho, infinita interlocutora, que acompanhou toda a produção desta tese até a sua conclusão, morrendo uma semana depois da tese ter ficado pronta. Foi com água nos olhos e tristeza que eu escrevi as últimas palavras dessa tese. Espero ter conseguido deixar a Isabel orgulhosa.*

*Eu dedico esta tese a minha querida mãe, Katia Maria da Cunha Ferrari, professora e psicóloga, pela enorme ajuda em tudo na minha vida até agora. Ao seu poder de ser mãe, ela merece essa dedicatória. Com certeza ela faria tudo de novo, fará muito mais quanto for preciso e fará falta quando não estiver mais aqui.*

## Agradecimentos

Agradeço a CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos sem os quais esse trabalho não poderia ter sido realizado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço aos meus amados pais, Marcio Coutinho Ferrari e Katia Maria da Cunha Ferrari, pela ajuda de leitura e correção. A revisão coletiva é, sem dúvida, uma arte que merece um agradecimento especial em primeiro plano.

Agradeço ao meu querido orientador Valter Sinder, pela amizade, pela simpatia, pela gentileza do que se pode esperar ao máximo do ser humano.

Agradeço a minha querida coorientadora, Maria Isabel Mendes de Almeida, (*in memoriam*), também uma grande amiga que quero levar comigo. Minha grande professora nas Ciências Sociais, agradeço por me mostrar a importância da simplicidade, da escrita mais acessível e democratizada, pela proximidade com o leitor e pelo valor da ludicidade, tais como são nas redes sociais, nos *Slams* e nos *booktoker* e *booktuber*, as nossas práticas de leitura contemporâneas. Fica a tristeza por não ter dado tempo dela estar presente nesta defesa, mas ela, sem dúvida, está presente nas páginas desse trabalho.

Agradeço a minha namorada, Taiza dos Santos Silva, pela compreensão em muitos momentos de ausência e trabalho duro, durante o período de produção deste trabalho e por todo o apoio na certeza de que, sem ele, eu não teria chegado ao final deste trabalho tão feliz.

Agradeço sempre aos meus queridos avós. Apenas um está vivo, mas agradeço também aos que se foram.

Agradeço ao meu querido avô Menotti Ferrari Filho (*in memorian*), o dentista da família. Às vezes sinto saudade das brincadeiras juntos, dos jogos de baralho e da infância animada que tivemos o privilégio de passar juntos. Tenho a certeza de que esse trabalho, assim como a conquista da carteira da OAB, o deixaria muito orgulhoso.

Agradeço a minha avó Maria de Lourdes Dias da Cunha (*in memorian*) por ter nos guiado à distância, mas sempre muito de perto, assim como os pássaros, na realização deste trabalho, bem como de toda a minha vida profissional na academia, que ela fazia muito gosto, já que amava ser professora.

Agradeço a minha avó Amair Coutinho Ferrari (*in memoriam*) pela amizade e pelo companheirismo ligando diariamente para a minha casa para conversar sobre os mais diversos assuntos.

Agradeço ao meu avô Waldir da Cunha, historiador, ex-diretor da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional e professor de História e Geografia, pelo incentivo a ingressar no mundo da História e da Cultura, pelas boas risadas e pelo ar irreverente de crítica ao governo. Ter bons exemplos acadêmicos na família é um grande incentivo para seguir o caminho acadêmico sem olhar para os lados.

É uma alegria ter um avô de mais de 96 anos vivo.

Agradeço ao amigo Júlio César, que partiu em janeiro desse ano, e com seu ar de avô, me ajudou muito nos momentos mais difíceis da minha vida e quando eu mais precisei. Suas ajudas foram as únicas que tiveram efeito.

Agradeço também a todos os professores do doutorado que se tornaram mais do que professores, tornando-se verdadeiros amigos, pelos quais tenho muito carinho e afeto.

Agradeço a todos os colegas de doutorado que dividiram essa caminhada acadêmica comigo, se tornando bons amigos, que compartilharam o desejo, a vontade e a alegria de ser professor, em especial, meus amigos Jonas e Gustavo.

Agradeço ao departamento de Ciências Sociais, de forma geral, principalmente a Aline pela amizade do dia-a-dia, e também ao atual diretor do departamento Fernando Neto, pelo excelente programa de Pós-Graduação, além da construção de um departamento familiar e afetuoso, ambiente esse que não pode ser esquecido; o que é, de fato, uma grande qualidade.

Venho aqui fazer um agradecimento público a todos os idosos e os jovens que participaram dessa pesquisa. Eles possuíram “boa conversa”, arrancaram risadas, foram agradáveis, me surpreenderam e colaboraram muito para o sucesso da minha pesquisa. Sem eles, minha pesquisa seria impossível.

Agradeço a todos os membros da Banca Examinadora, Prof. Valter Sinder, meu Orientador, da PUC-Rio / UERJ, à Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida, minha Co-orientadora da UCAM / PUC-Rio (*in memoriam*), ao Prof. Márcio Souza Gonçalves, da UERJ, à Profa. Lilian Alves Gomes do IUPERJ/UCAM / NUMEM/ UNIRIO, à Profa. Sônia Maria Giacomini, atualmente Pesquisadora Autônoma, ao Prof. Jonas Soares Lana, do IFRJ, ao Prof. Raphael Bispo dos Santos da UFJF e ao Prof. Gabriel Banaggia de Souza da PUC-Rio.

Agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível, o mundo não existiria, eu seria apenas material químico sem alma, materializado ou desmaterializado no espaço. Todos nós devemos agradecer pela vida que temos, mesmo que ela, às vezes, nos arranque lágrimas.

## Resumo

Ferrari, Philippe Cunha; Telles, Sinder, Valter; Almeida, Maria Isabel Mendes de. **Práticas de leitura coletivas na contemporaneidade: um estudo comparativo em grupos de jovens e idosos**. Rio de Janeiro, 2022. 228 p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese trata do estudo de três práticas de leitura coletivas e híbridas da contemporaneidade: as redes sociais, o *booktok* e o *booktube* e os *Slams*. O objetivo principal deste estudo é analisar como jovens e idosos interagem com essas práticas de leitura, observando as diferenças e semelhanças entre esses públicos etários. O método utilizado foi o método da pesquisa qualitativa através de entrevistas semiestruturadas com 40 jovens com idades de 18 a 30 anos e 40 idosos com idades de 60 a 80 anos, ambos os grupos com nível superior completo ou cursando nível superior, moradores do Rio de Janeiro. Essas três práticas de leitura utilizam-se de formatos *online* e *offline*, podendo ser realizada uma leitura compartilhada, com possibilidade de trocas e comentários entre os leitores. O virtual e o presencial nas práticas de leitura da contemporaneidade apresentam-se como mais integrados, acumulados, “linkados” e, por isso, também, emaranhados uns nos outros. Os conteúdos que são lidos continuam sendo diversos, lê-se sobre todos os assuntos, mas o modo de ler contemporâneo recebe novas formas, novas práticas de leitura que se conjugam e aglutinam na contemporaneidade como variadas formas de ler que coexistem.

## Palavras-chave

Redes sociais; *BookTok* e *BookTube*; *Slam*; Práticas de leitura contemporânea; Leituras coletivas híbridas.

## Abstract

Ferrari, Philippe Cunha; Telles, Sinder, Valter (Advisor); Almeida, Maria Isabel Mendes de (Coadvisor). **Contemporary collective reading practices: a comparative study in groups of young and elderly people.** Rio de Janeiro, 2022. 228 p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The thesis deals with the study of three collective and hybrid reading practices of contemporaneity: social networks, booktok and booktube and Slams. The main objective of this study is to analyze how young and old people interact with these reading practices, observing the differences and similarities between these age groups. The method used was the qualitative research method through semi-structured interviews with 40 young people aged between 18 and 30 years and 40 elderly people aged between 60 and 80 years, both groups with complete higher education or attending higher education, residents of Rio de Janeiro. January. These three reading practices use online and offline formats, and a shared reading can be carried out, with the possibility of exchanges and comments between readers. The virtual and the face-to-face in contemporary reading practices are presented as more integrated, accumulated, “linked” and, therefore, also entangled with each other. The contents that are read continue to be diverse, one reads on all subjects, but the contemporary way of reading receives new forms, new reading practices that are combined and agglutinate in the contemporaneity as different ways of reading that coexist.

## Keywords

Social networks; *BookTok* and *BookTube*; Slam; Contemporary reading practices; Hybrid collective readings.

## Sumário

1. Introdução .....	13
2. Os tipos de leitores e a leitura para além do livro .....	26
2.1. A leitura .....	26
2.2. Os tipos de leitores .....	31
2.3. Linearidade ou não linearidade? .....	37
3. As práticas de leitura nas redes sociais .....	45
3.1. Ler .....	45
3.2. A sociedade em rede .....	51
3.3. Os 3 “C” da Contemporaneidade: “Curtir”, “Comentar” e “Compartilhar” .....	57
3.3.1. O curtir .....	61
3.3.2. O Comentar .....	62
3.3.3. O Compartilhar .....	63
3.4. O <i>Facebook</i> e o Instagram .....	66
3.5. Os “jargões!” e os <i>emojis</i> das redes sociais .....	71
3.6. Os “amigos” do <i>Facebook</i> e os “seguidores” do Instagram .....	74
3.7. Identidades e subjetividades fictícias nas redes sociais .....	96
3.8. A privacidade nas redes sociais .....	105
3.9. A Imagética .....	111
3.10. O Instagram como uma “Revista de Fofocas” e o <i>Facebook</i> como o “Novo Jornal” .....	118
3.11. A leitura coletivizada sobre a morte de Paulo Gustavo .....	120
3.12. O <i>WhatsApp</i> .....	130
4. Os livros na era digital: <i>BookTok</i> e <i>BookTube</i> .....	138
4.1. O <i>BookTube</i> no YouTube .....	143
4.1.2. O manifesto <i>BookTube</i> .....	146
4.1.3. O <i>Bookshelf Tour</i> e outros tipos de vídeos .....	147
4.1.4. Encontros <i>onlines</i> e presenciais .....	155
4.2. O <i>BookTok</i> no <i>TikTok</i> .....	156
5. A performance dos <i>Slams</i> .....	165
5.1. Descrevendo o <i>Slam</i> .....	165
5.2. As regras do <i>Slam</i> .....	179
5.3. Novos x Velhos: um grito da periferia .....	181
5.4. <i>Slam Virtual</i> .....	191
6. Conclusão .....	195
7. Referências bibliográficas .....	207
8. <i>Sites Web</i> apresentados .....	218
Glossário .....	223

## Lista de Figuras

Figura 1: Quadro histórico-geracional .....	14
Figura 2: <i>Emojis</i> com afetos .....	73
Figura 3: Paulo Gustavo e Dona Hermínia .....	125
Figura 4: Turma da Mônica e Paulo Gustavo .....	126
Figura 5: <i>Stickers</i> de mim mesmo feito pelos alunos .....	134
Figura 6: <i>Stickers</i> .....	134
Figura 7: Mensagens de bom dia e boa noite .....	135
Figura 8: Dudinha Costa e sua <i>BookShelf Tour</i> .....	148
Figura 9: Estante Nova de Livros de Paulo Ratz .....	149
Figura 10: Eduardo Bittencourt em seu <i>Book Haul</i> .....	153
Figura 11: Tiago Valente e seus vídeos de receitas literárias no <i>TikTok</i> .....	160
Figura 12: <i>Slam ZAPI</i> , Zona Autônoma da Palavra, em São Paulo, Edição 2018 .....	171
Figura 13: Mapa da praça da Guilhermina Esperança .....	172
Figura 14: <i>Slam BR</i> Edição 2018 .....	191

## Lista de Quadros

Quadro 1 – Painel de jovens entrevistados .....	22
Quadro 2 – Painel de idosos entrevistados .....	24
Quadro 3: Painel de gírias e jargões do <i>Slam</i> .....	174
Quadro 4: Painel de exemplos de <i>Slams</i> famosos .....	174

*A razão é o passo, o aumento da ciência o caminho,  
e o benefício da humanidade é o fim.*

Hobbes - Leviatã

## 1. Introdução

O objeto dessa tese é fazer uma análise das práticas de leitura na contemporaneidade, observando grupos de jovens de 18 anos a 30 anos e idosos de 60 a 80 anos, que já cursaram ou estejam cursando o nível superior, residentes no Rio de Janeiro, com a finalidade de analisar as diferentes práticas de leitura nas redes sociais com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs); nos *booktubers* e *booktokers*; e nos *Slams*.

Os grupos a serem pesquisados fazem parte de três gerações. As três gerações são: a geração pós-1995; a geração pós-1980; e a geração *baby boomer* de 1940.

A geração pós-1995 é chamada de geração 3.0 ou geração Z, também chamada de “nativos digitais”, muito familiarizada com a internet e compartilhamento de arquivos, estando extremamente conectada, mas dominada por um grande sentimento de insatisfação e insegurança quanto ao futuro, economia e política (Lopes, 2004). Trata-se da geração que nasceu entre os anos de 1995 e 2010, já estando habituada e sociabilizada às *world wide web* (rede mundial de computadores), novas TICs e ao universo digital, cada vez mais entranhados na realidade social.

Vale mencionar que enquanto os jovens da geração Z, extremamente hábeis nas tecnologias de informação, são chamados de “nativos digitais”, os idosos familiarizados com as tecnologias digitais são chamados de “imigrantes digitais”, em que o termo faz alusão a um movimento em que eles teriam “imigrado” de uma geração pré-tecnológica e pré-digital para um contexto digital e tecnológico, tendo que se adaptem, aprenderem as novas tecnologias, passando por uma transição.

A geração pós-1980 é chamada de “geração Y”, que se refere àqueles que nasceram após a década de oitenta até a década de 1994, também chamada de geração do milênio ou *Millenials*. Eu faço parte dessa geração, já que eu nasci em 1992.

A geração pós-1940 é chamada de *baby boomers*, do princípio da década de 1940 até 1959.<sup>1</sup>

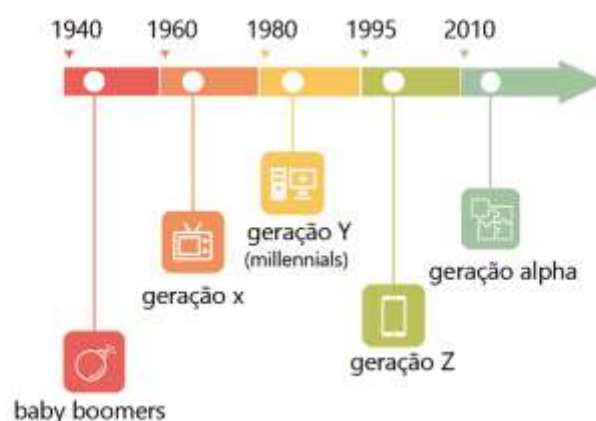
---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que a geração X é o termo que deu origem ao conjunto de termos das gerações posteriores Y e Z. É a geração pós-1960, que se refere aos homens e mulheres nascidos no segundo pós-guerra, até 1979. Geração X foi uma expressão inventada pelo fotógrafo húngaro Robert Capa da Agência Magno, em 1950. Há quem considere ainda a existência de mais uma geração: a geração

Organizando a pesquisa em dois grandes grupos de jovens e idosos e em três gerações, supra expostas, podemos enquadrar os jovens nas gerações Z e Y e os idosos na geração *baby boomers*. A geração *Alpha* não está presente na minha pesquisa por se tratar de crianças que possuem 10 anos de idade hoje. A geração X também não fez parte da minha pesquisa, pois as pessoas que nasceram na sua faixa não estão dentro das idades especificadas pela pesquisa. A geração X hoje são adultos com idade entre 40 e 60 anos. A geração *Alpha* são crianças, não chegando a ser jovens. A pesquisa buscou comparar os extremos geracionais de jovens e idosos, para captar diferenças e semelhanças nas leituras coletivas contemporâneas.

Abaixo, destaca-se um quadro que resume o histórico geracional que abordei:

Figura 1: Quadro histórico-geracional



Fonte: <https://www.pontotel.com.br/como-e-a-geracao-z/>

O principal contexto deste trabalho gira em torno de três eixos: Redes Sociais, *Booktubers* e *Booktokers* e *Slams*.

O objetivo dessa tese é analisar como as leituras coletivas de hoje atuam sobre os diferentes públicos etários geracionais; comparar o uso de aplicativos tecnológicos e de troca de informações síncronas no meio digital; investigar o papel de uma leitura de manifestação social atual: as Redes Sociais; o *Book Tube* e *Book Tok*; e os *Slams*.

---

“Alpha”, que ainda são crianças na atualidade, sendo composta por crianças nascidas a partir de 2010. Elas, desde muito pequenas, estão inseridas em um cotidiano rodeado pela tecnologia e pelas telas, no entanto elas não serão objeto deste trabalho, já que seus membros possuem na atualidade apenas 10 ou 11 anos de idade, sendo uma geração ainda em construção.

Escolhi essas três práticas de leitura que se utilizam de formatos *online* e *offline*. Trata-se de práticas de leitura que se acentuaram muito na contemporaneidade com o uso dos canais *online* e *offline*, tornando-se híbridas. As Redes Sociais são o espaço da leitura *online* que podem ou não ter continuidade no espaço *offline*; o *BookTok* e o *BookTube* são os espaços do *online*, utilizando-se dele, mas se complementam e extraem seu sentido motivador do espaço *offline*, que é o livro impresso, em uma “retroalimentação” entre o *offline* e o *online* que lhes é especial; e os *Slams* realizam o caminho inverso e com “sinal trocado” em relação às redes sociais, possuindo uma leitura inicialmente *offline* nas ruas e praças, completando-se e tendo continuidade na leitura *online* nas redes sociais. Nessas três práticas de leitura, é realizada, eminentemente, uma leitura compartilhada, onde há a possibilidade de comentários e trocas entre os leitores, que leem conjuntamente. É observado que há uma passagem do virtual – *online* – para o não virtual – *offline* – e vice-versa. Esse foi o recorte da minha pesquisa, selecionando essas três práticas de leitura contemporâneas, visando comparar o uso e a forma de se relacionar com elas entre grupos etários de jovens e idosos.

Minha expectativa era que jovens e idosos se diferenciariam muito quanto ao uso das práticas de leitura pesquisadas e analisadas, que como se verá ao longo do trabalho será uma expectativa frustrada, não existindo diferenças “faraônicas” entre os jovens e idosos, mas certos “nichos” de diferenças entre eles; em relação ao que não posso deixar de afirmar que se tratou de uma “boa” frustração, benéfica para toda a análise sociológica, muito mais interessada nas relações, no hibridizado e, portanto, no “entre”, no diálogo e na troca, que foi o espírito e pano de fundo de todo esse trabalho, muito mais importante do que uma sociologia assentada na separação, na “purificação” conceitual e de categorias puras, se é que tais não se tratam apenas de uma mera ficção, que sempre, muito mais, afasta do que aproxima.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> É preciso focar as relações, mais do que a pureza de categorias, a fim de conhecê-las e entendê-las melhor. Uma comparação bem feita e sob uma boa análise sociológica é aquela que não separa, mas, sim, que relaciona. Na contemporaneidade, marcada pela globalização de pluralidades, possuímos muito mais razões para nos aproximarmos, do que para nos afastarmos uns dos outros. O multiculturalismo não é apenas a valorização das diversas pluralidades, mas é também o reconhecimento das relações e das “boas” aproximações que existem entre as diferentes culturas, práticas de leitura e estilos de vida. Por isso, ao comparar, torna-se muito mais importante observar e analisar os pontos de contato e as relações entre esses pontos, do que seus antagonismos ou a pureza do “em si” de cada ponto. Por isso, esse trabalho não se assenta no descarte, na separação, na exclusão, mas, sim, na relação, na interpenetração, no diálogo, na troca.

A forma pela qual escolhi montar a organização dos capítulos da tese atrelados às práticas de leitura buscou criar um circuito entre o *online* e o *offline*, sempre visando a interpenetração e a relação dialógica e de troca entre essas duas esferas, mas, por uma questão de escolha e de necessidade de ter que escolher por onde eu iria começar, comecei pelo *online* com as redes sociais, que dialogam com o *offline*. Depois, esse raciocínio não teve como não ser interrompido, em mútuas reverberações entre o *online* e o *offline*, pelo *BookTube* e pelo *BookTok*, práticas de leitura que se envolvem mutuamente: o *online* reivindica a todo momento o *offline* com comentários em vídeos que falam sobre livros impressos e novos livros a serem impressos são incentivados, sendo lidos de modo *offline* e comentados de modo *online*.

Essa mutualidade constante gera o ponto de contato permanente entre o *online* e *offline*, que são reunidos e amalgamados, indissociavelmente, e de modo centrípeto, nessas práticas de leitura. Portanto, elas ocupam o espaço do “entre”, da mediação da relação entre o *online* e o *offline*, e também das “fronteiras” entre o *online* e o *offline*, e para usar a figura de uma ponte que estabelece uma ligação entre o *online* e o *offline*, o *BookTube* e o *BookTok* são a prática de leitura que ocupa o ponto mais ao meio possível dessa ponte, fazendo uma ligação e criando um contínuo, como intermediário, entre as práticas das redes sociais e dos *Slams*. Existe, certamente, um contínuo entre os leitores das práticas de leitura das redes sociais, *BookTube* e *BookTok* e os *Slams*. No entanto, essa ponte de ligação entre tais práticas de leitura é sinuosa, possibilitando a existência de múltiplas relações, decorrências, continuidades de um pelo outro e trocas entre o *online* e o *offline*, havendo, por isso, um “desvio” no percurso ou uma quebra do circuito da pesquisa, fazendo com que o uso da metáfora de uma “máquina” do *online* e do *offline* tenha um funcionamento mais complexo do que uma máquina industrial e fabril, já que se trata de uma “máquina” verdadeiramente social.

Por fim, elenquei o *offline* das ruas dos *Slams*, que têm continuidade no *online* das redes sociais, retomando um raciocínio de circuito após o “desvio” realizado no capítulo do *BookTok* e *BookTube*.

Na prática de leitura do *BookTube* e do *BookTok*, esse público-alvo da pesquisa foi deixado, temporariamente, de lado, causando uma espécie de interrupção no circuito montado na tese, devido à impossibilidade de realizar entrevistas com jovens e com idosos, pois eles não usavam, não eram receptores e,

na maioria das vezes, nem sequer conheciam essas práticas de leitura, encontrando-se, o pesquisador, em um dilema entre abandonar essas práticas de leitura e excluí-las do trabalho, interrompendo a pesquisa sobre elas; ou adotar uma estratégia para tornar possível a pesquisa e o estudo em torno das mesmas: não entrevistar o meu público-alvo de jovens e idosos, não seguindo o mesmo caminho de compreender o papel deles enquanto receptores de práticas de leitura, mas reorientar as lentes do olhar. Tive que partir para entrevistas com os próprios produtores, isto é, com os próprios *booktubers* e *booktokers*, e o papel que eles desenvolvem nessa prática de leitura, traçando, assim, uma espécie de “atalho” para tornar essa parte do trabalho possível. Eu optei por essa decisão. Com essa escolha, vieram também as dificuldades inerentes a esse caminho que escolhi percorrer e a coragem me ajudou a enfrentar os problemas que vieram junto com a escolha; fazendo com que ele fosse o caminho menos reto e, portanto, mais curvo, sinuoso da pesquisa, e, portanto, também o mais desafiador.

Optei por posicionar a prática de leitura do *BookTube* e do *BookTok* no meio, entre as duas outras práticas de leitura abordadas no trabalho, fazendo dela o miolo desse estudo, o lugar da maior interpenetração, confluência e “retroalimentação” entre o *offline* e o *online*. Fiz dela o próprio espaço do “entre”, ou seja, entre as duas outras práticas de leitura do trabalho: as redes sociais – mais *online* – e os *Slams* – mais *offline*. Considero, essa, uma parte importante do trabalho, já que é no espaço do “entre” que as categorias sociológicas ficam mais enebriadas, mais se confundem, mais se interpenetram e melhor podem ser compreendidas pela “boa” análise.

Não optei em trabalhar com as noções de memória, nem com as noções de períodos e épocas históricas, o que envolveria uma inevitável comparação entre a modernidade e a contemporaneidade, mas optei por, nesse trabalho, comparar os próprios públicos de jovens e idosos inseridos em uma mesma época histórica, isto é, dentro da contemporaneidade, destacando as diferenças/afastamentos, bem como as semelhanças/aproximações entre eles. Entre os jovens e os idosos existem mais semelhanças/aproximações, do que diferenças/afastamentos, na contemporaneidade, mas existem “nichos” de diferenças importantes entre eles, como a questão dos amigos virtuais. Os tempos históricos não foram destacados como “campos” diferentes e propícios a conceptualizações individuais, próprias e em cantos distantes e, portanto, também, estanques, mas foram reunidos, tanto a

modernidade – que, em parte, sobrevive nos hábitos e na mentalidade dos públicos de idosos –, quanto a contemporaneidade – presente nos próprios jovens –, para tirar conclusões comparativas de ambos dentro de uma mesma época temporal: a contemporaneidade. O objetivo de analisar o hoje falou mais forte do que um objetivo de comparação de tempos históricos, que, eminentemente, teria resultado em outro trabalho.

## Metodologia

Para atingir esses objetivos, foram realizadas entrevistas com jovens e idosos. Entrei em contato com amigos de infância, dos tempos da escola e do ambiente universitário, a fim de selecionar outros jovens não conhecidos, que esses contatos me indicaram. Dei-me conta de que a maioria dos jovens faz parte da mesma geração que eu. Segundo Sinder, “você também é o outro no trabalho de campo, você também é um sujeito.” (Pereira e Santos, 2011, p. 190).

(...) o sociólogo é como um tipo de super repórter como os profissionais da Fortune, que escrevem mais exata e distanciadamente tendo a capacidade de interpretar as **longas tendências** [grifou-se] sobre o que estava acontecendo na sociedade, ao invés de permanecerem na superfície dos fenômenos, satisfeitos em observarem o que parece que está acontecendo. (Machado, 2005, p. 25).

Encontrei-me com maior dificuldade para entrevistar o grupo de idosos desconhecidos, busquei-os na sauna do Iate Clube do Rio de Janeiro, que é frequentada pelo público da terceira idade. Imiscuí-me nos encontros dos meus pais com seus amigos para selecionar idosos que eu nunca havia visto ou conversado para serem entrevistados e passei a frequentar esses grupos de idosos, antes de inicializar as entrevistas, com conversas distantes da minha geração e das minhas relações, mas que até achei engraçadas e me diverti bastante com elas.

Entrevista é sempre troca. Ao mesmo tempo em que coleta informações, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo.

Analisar entrevistas é tarefa complicada e exige muito cuidado com a interpretação, (...) com uma tendência bastante comum entre pesquisadores de debruçar-se sobre o material empírico, procurando “extrair” dali elementos que confirmem suas hipóteses de trabalho (...) Precisamos estar muito atentos a interferência de nossas subjetividades, ter consciência dela e assumi-la como parte do processo de investigação. [Além disso,] muitas vezes, um entrevistado “encena um personagem” que, intuitivamente, percebe que o pesquisador deseja que ele seja ou

diz o que acredita que o pesquisador gostaria de ouvir. Assim, nem tudo que o informante diz deve ser tomado como verdade (Duarte, 2004, pp. 216-223).

Realizei entrevistas semiestruturadas, com roteiros pré-estabelecidos, com 40 jovens e 40 idosos, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino, para cada grupo, pertencentes à sociedade brasileira, na cidade do Rio de Janeiro, e dependendo das suas respostas, me aprofundava em alguns pontos. O local da realização das entrevistas durante a pandemia foi, em sua maioria, no Iate Clube do Rio de Janeiro, clube do qual sou sócio e no qual levei meus entrevistados por ser um ambiente aberto, com menos risco de contágio e exposição ao Corona Vírus, pois devido à pandemia todos os serviços sociais, como restaurante, piscina, etc. estavam, sem funcionamento, sendo um espaço aberto sem nenhum atrativo. Por isso, tornou-se um lugar atraente para a confecção de minhas entrevistas durante a pandemia. Isso se deu porque os poucos entrevistados que aceitavam me encontrar presencialmente não queriam me encontrar em lugares fechados, como shoppings ou salas, mas também não queriam que os nossos encontros fossem em lugares públicos, como na praia, no calçadão de Copacabana ou em uma praça, onde pudesse haver grande circulação de pessoas. Então, a estratégia para que algumas entrevistas presenciais pudessem ter continuidade durante a pandemia foi o meio-termo de um lugar que fosse aberto e, ao mesmo tempo, particular, com restrição de acesso a qualquer pessoa.

No centro do processo de ver o mundo e escrever alguma coisa sobre ele, está o sujeito que fala, sujeito que escreve, pois, a partir de sua experiência, muito íntima, podemos identificar alguma aderência à coletividade. Os sujeitos que falam estão a discursar sobre as contradições de si, as situações a que estão submetidos. Eles estão a falar por si (...) O que suas escritas nos fazem ouvir? (Perdigão e Sinder, 2017, p. 411).

Quando a pandemia do Corona Vírus assolou nossa sociedade com mais força, me vi obrigado a mudar as entrevistas presenciais para entrevistas por videochamadas, telefonemas e mensagens de texto, e com alguns idosos, tive até mesmo que ensinar a usar as videochamadas de *WhatsApp*.

Felizmente, como gosto de fazer logo tudo rápido, nos dois primeiros anos da pesquisa de campo, eu já havia ido a grupos praticantes de *Slams* e assistido “batalhas” de *poetry* em praças, tendo conseguido fazer uma quantidade significativa de entrevistas presenciais com grupos de *Slams* e participado de eventos físicos dos mesmos, não perdendo essa oportunidade para a pandemia do

Corona-Vírus que se seguiu nos dois últimos anos da pesquisa, transformando toda a pesquisa em virtual e todo modo de vida em *online*. A pandemia não me atrapalhou. Continuei a pesquisa com os *Slams* que passaram a ser virtuais.

Os *booktokers* e os *booktubers* só apareceram para mim nos dois últimos anos, o que me levou a inclui-los em minha pesquisa, já que não estavam no meu projeto inicial.

Cumpri o acordo de anonimato com os sujeitos da pesquisa e optei por uma mudança de nome, escolhendo nomes fictícios para todos os meus entrevistados.

Em conversas informais antes de começar a pesquisa, em que questionei se as pessoas gostavam de ler, na maioria delas foi percebido que havia uma certa insatisfação de estarem lendo pouco, com um desejo e um verdadeiro querer por lerem mais, colocando reclamações como “tenho livros em casa ou na mochila, mas não consigo lê-los”. Essas conversas, no entanto, comprovaram que as pessoas que faziam essas reclamações estavam lendo, mas de uma maneira diferente, não nos livros, mas no *Facebook*, na internet, sendo outro tipo de leitura, “fragmentada”, e que liam até muito mais do que antes, “estavam lendo [fragmentos] em vários formatos e suportes” (Santaella, 2004, p. 16).<sup>3</sup> Essa foi uma das justificativas pelas quais eu decidi me aprofundar na pesquisa da prática de leitura fora dos livros.

A pesquisa com aspectos qualitativos de análise metodológica e etnográfica atravessará todo o trabalho, onde serão analisados os achados, diante da realidade que a pesquisa assume e configura.

A tese se divide em cinco capítulos:

No primeiro capítulo busquei assumir um vetor mais teórico, traçando rumos filosóficos e sociológicos do papel assumido pelo leitor no tempo, suas transformações e absorções. Capítulo de base teórica, visa mostrar os tipos de leitores ao longo do tempo. O objetivo desse capítulo é desfazer a concepção de um evolucionismo dos tipos de leitores, mostrando que eles muito mais se combinam do que se sucedem. Um não anula o outro; há vários momentos de coexistência dos mesmos na história e até hoje na contemporaneidade. Também, nesse mesmo capítulo, visou desnaturalizar os conceitos de linearidade e deslinearidade para jovens e idosos, mostrando que a deslinearidade e a linearidade não são exclusivas

---

<sup>3</sup> Esse é um dos pontos centrais de Santaella, onde ler não acontece só em livros, mas há uma expansão do conceito de leitura e de livro, agregando diversas outras possibilidades de suportes e modos de ler.

de algumas formas de ler. Esses conceitos não são estanques. Em quase todas as práticas de leitura, elas podem ser lineares ou deslineares, dependendo da maneira e das circunstâncias específicas em que são realizadas.

No segundo capítulo, fiz entrevistas de pesquisa com jovens e idosos sobre as novas mídias digitais e o uso de aplicativos – o *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram* – visando compreender a forma de uso, os diferentes tipos de trocas de informação e práticas de leitura na contemporaneidade. Nas redes sociais, a leitura é basicamente *online*, onde há comentários, trocas e compartilhamentos, todos *online*.

Essa leitura nas redes sociais traz alguns tipos de **consequências**, como a sociedade em rede, as formas de ficcionalização, amizades virtuais, relações de imagética, identidades e subjetividades fictícias, exposição e privacidade; que se tornaram subcapítulos devido aos seus valores. Trata-se, pois, de consequências da leitura nas redes sociais, que ganham repercussões e desdobramentos mais ou menos grandes na configuração contemporânea da vida dos jovens e dos idosos do campo adentrado na pesquisa, ganhando, portanto, análises sociológicas de suma importância nesse trabalho. O campo foi apresentando novas percepções não previstas pelo pesquisador no horizonte propedêutico da pesquisa, como tais consequências, derivadas das práticas de leitura das redes sociais. As redes sociais, por exemplo, propiciaram a existência de amigos virtuais, que podem ou não se transformar em amigos reais, mas esses amigos virtuais também podem ser amigos reais que se tornaram virtuais.

No terceiro capítulo, faço uma análise em torno dos *booktokers* e dos *booktubers*, suas peculiaridades e seus papéis enquanto autores e, ao mesmo tempo, atores da leitura na contemporaneidade, através da utilização dos recursos tecnológicos e digitais, como um espaço intermediário ou como uma ponte entre o virtual e o físico. A pesquisa mostrou que o *BookTok* e o *BookTube* são *performances de leitura* direcionadas para *consumo* do universo editorial. Infelizmente, não eram conhecidos pelo nosso recorte etário de jovens e de idosos da pesquisa. Por isso, acredito, sem querer prever o futuro, que, em um futuro próximo, possam ser práticas reanalisadas à luz das novas relações, por ventura, construídas em torno das mesmas. Não se trata de serem mais popularizadas para que possam ser objetos da “boa” análise, mas novas relações sociais sempre surgirão e com essas práticas de leitura extremamente recentes e inovadoras acredito que não será diferente. Essas práticas de leitura possuem a característica

de iniciarem-se *online*, mas com a intenção de influenciar a leitura *offline* em livros físicos impressos, que são mostrados e comentados no modo *online*.

No quarto capítulo, empreendi uma observação através das entrevistas da pesquisa também com jovens e idosos nos *Slams*: um tipo de leitura coletiva em voz alta no formato de uma “batalha” de poesias. Nessa prática de leitura, não se está mais em um espaço virtual, mas se está em pé em uma praça pública ou sentado em uma calçada com outras pessoas que emitem no rosto as suas expressões, em que a troca corporal é presenciada e sentida com mais força. Nos *Slams*, a leitura é *offline*, através de apresentações presenciais. Houve uma exceção durante a pandemia do Novo Corona Vírus 19, quando foram realizados os *Slams virtuais*. Apesar de ser uma leitura de gradiente presencial, ela possui continuísmo no espaço *online* através das redes sociais, com comunidades digitais, curtidas, compartilhamentos e comentários.

No quinto capítulo, encerro a presente tese com as considerações finais, além das referências bibliográficas e *sites*, glossário que explica conceitos, nomes e estrangeirismos que aparecem ao longo do trabalho, na parte pós-textual, os quais irão enriquecer os temas abordados.

## Perfil dos entrevistados

A pesquisa escolheu jovens do sexo feminino e masculino, com idades entre 18 e 30 anos, e idosos do sexo masculino e feminino, com idades entre 60 e 80 anos, já com nível superior completo ou ainda cursando um nível superior, da sociedade brasileira, moradores do Rio de Janeiro, Brasil.

Os dois quadros abaixo contemplam todas as pessoas que foram entrevistadas, no entanto, nem todas tiveram suas falas utilizadas ao longo do trabalho.

Quadro 1 – Painel de jovens entrevistados

	Pseudônimo	Idade	Sexo	Cursando nível superior	Nível superior completo
1	Matheus	19	M	Filosofia	
2	Renato	25	M		Dentista
3	Renan	26	M		Advogado
4	Alberto	29	M		Cientista Social

5	Marcos	25	M	Engenharia	
6	Roberto	23	M	Comunicação Social	
7	Adailton	23	M	Economia	
8	Vinicius	28	M		Jornalista
9	Margarida	18	F	Relações Internacionais	
10	Pedro	25	M	Matemática	
11	Maurício	25	M	Matemática	
12	José	20	M	Pedagogia	
13	Eduardo	25	M	Psicologia	
14	Jandira	24	F	Psicologia	
15	Ana Paula	28	F		Engenheira
16	Gilmar	20	M	Direito	
17	Tadeu	28	M		Jornalista
18	Mário	24	M		Administrador
19	Josefa	27	F	Letras	
20	Selma	25	F		Informática
21	Miguel	25	M		Advogado
22	Reginaldo	23	M	Arquivologia	
23	Joana	21	F	Letras	
24	Angélica	20	F	Biblioteconomia	
25	Ângela	28	F		Psicóloga
26	Marlene	18	F	Administração	
27	Milene	24	F	Computação	
28	Mirtes	20	F		Professora
29	Paula	29	F		Professora
30	Gustavo	26	M		Cineasta
31	Carmem	19	F	Enfermagem	
32	Kaleb	18	M	História	
33	Leonardo	25	M	Comunicação Social	
34	Mariana	25	F		Professora
35	Luís	27	M	Letras	
36	Rodrigo	25	M	Direito	
37	Patrícia	22	F	Pedagogia	

38	Alfredo	24	M	Ciências	
39	Regina	29	F		Bióloga
40	Manuela	29	F		Química

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Quadro 2 – Painel de idosos entrevistados

	Pseudônimo	Idade	Sexo	Cursando nível superior	Nível superior completo
1	Viviane	63	F		Psicóloga
2	Waldelice	78	F		Professora
3	Lourdes	73	F		Professora
4	Heitor	65	M		Médico
5	Andreia	66	F		Arquiteta
6	Laura	66	F		Professora
7	Waldir	67	M		Músico
8	Ronaldo	73	M		Engenheiro
9	Denise	63	F		Professora
10	Janete	78	F		Geógrafa
11	Sérgio	66	M		Advogado
12	Rogério	68	M		Artista Plástico
13	Murici	72	F		Professora
14	José Roberto	80	M		Professor
15	Caio	63	M		Oficial de Justiça
16	Álvaro	65	M		Historiador
17	Marlon	61	M		Cenógrafo
18	Marilda	64	F		Pedagoga
19	Francisca	67	F		Professora
20	Clodoaldo	77	M		Geógrafo
21	Gilberto	79	M		Médico
22	Julian	61	M		Médico
23	Beatriz	67	F		Economista
24	Juliana	69	F		Engenheira
25	Pablo	79	M		Dentista

26	Katia	65	F		Psicóloga
27	Glauce	61	F		Psicóloga
28	Elenita	70	F		Professora
29	Alice	75	F		Educadora
30	Taiza	69	F		Historiadora
31	Manuel	73	M		Economista
31	Samuel	75	M		Advogado
32	Cláudia	70	F		Contadora
33	Angelina	71	F		Psicóloga
34	Gina	73	F		Arquiteta
35	Marta	76	F		Arquiteta
36	Sandra	60	F		Professora
37	Luciana	75	F		Farmacêutica
38	Rubens	63	M		Fisioterapeuta
39	Diocleciano	77	M		Enfermeiro
40	Leônidas	78	M		Médico

Fonte: elaborado pelo pesquisador<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Observa-se que nenhum idoso cursava, na época da pesquisa, um nível superior.

## 2. Os tipos de leitores e a leitura para além do livro

*Ler  
É sonhar acordado  
é viajar sem sair  
do mesmo lugar...  
é ver  
é crescer  
é amar  
e ser amado  
Quem lê  
está sempre  
acompanhado*

*Lourdes Custódia*

### 2.1. A leitura

A leitura é, de fato, um fenômeno universal. Sem querer ser por demais durkheineano ao afirmar que a leitura é um fato social, dotado dos elementos de generalidade, exterioridade e coercitividade (Durkheim, 2007), é certo afirmar que a leitura é um fato universal, presente em todas as sociedades letradas e ágrafas.<sup>5</sup>

A sociabilidade também estava presente nessas sociedades de modo acentuado, mostrando que os seres humanos convivem entre si, relacionam-se e possuem momentos de encontro, mesmo que também haja muitos desencontros na vida.

E a leitura?

Ao pensar na leitura enquanto essa prática social, pensa-se também na leitura enquanto algo que é lido por alguém, que se convencionou, socialmente, chamar de leitor. O leitor é o agente da leitura e, por isso, é aquele que lê o que está escrito em algum formato ou suporte, seja um livro de papel, um *tablet* ou a parede de uma caverna, onde as sociedades primitivas mais desenhavam do que escreviam palavras, gravando as pinturas rupestres, que se tornaram patrimônio da

---

<sup>5</sup> O Conceito de sociedades ágrafas é localizado na Pré-História, marcado por críticas em sua terminologia do início ao fim. A origem dessa terminologia se deu devido à escrita. A inexistência da escrita nas sociedades ditas pré-históricas marcaria a própria inexistência da sua História, em contraposição às sociedades com escrita, que por conseguinte, teriam uma História? É como se só existisse História nas sociedades que possuísem escrita, o que não é verdade. Essa concepção precisa ser criticada com força, além de ser binária.

humanidade. As pinturas, símbolos, desenhos e imagens também são uma forma de escrita, pelo seu grau e capacidade de comunicar informações, sentidos e lógicas próprias. Lê-se de alguém que escreveu, e escreve-se para alguém ler – o que são práticas inseparáveis das sociedades e fazem parte da cultura. Observa-se que a autoria da leitura é do escritor em conjunto com o leitor. Sem as duas pontas desse eixo formador, não há leitura. Sem leitor interessado em lê-la, não poderá sobreviver o escritor interessado em escrevê-la.

E como se lê?

Talvez fosse melhor perguntar como já se leu e quais as práticas de leitura que já existiram ao longo da História. No entanto, deve-se fazer uma advertência aqui e avisar que as diferenças nos modos de ler não são estanques e ínsitas a tempos históricos ou contextos específicos, mas se confundem, confluem, intersectam de forma simultânea e possuem coexistência em diversas épocas, mostrando que existem variadas práticas de leitura.

A chave de Santaella (2004) é apresentar o aspecto cognitivo em uma relação tripla: “o modo de ler”, “o suporte que está sendo utilizado” e a “cognição”. A cognição se diferencia de acordo com o suporte que está sendo utilizado. Antes mesmo da figura do livro, o francês Roger Chartier (2003) fala da existência do rolo de papel, que teria sido desenvolvido até chegar no códex medieval. O rolo de papel era um tipo de material com estrutura de um rolo, em que as pessoas precisavam ficar mudando-o de mão para ser lido por causa do seu suporte de leitura, segundo as análises do historiador francês.

No entanto, Santaella afirma que o ser humano participa da estrutura de práticas de leitura e estruturas de conhecimento, e é a partir desse ponto que a autora começa a refletir o que seria a leitura e quem seria o leitor. Ao falar de leitura e de apreensão dos aspectos verbais e não verbais, Santaella vai colocar algumas questões importantes em torno do que se entende por leitura:

O que constitui a leitura? É só um texto escrito? É uma linguagem verbal impressa?

Diante dessas perguntas, Santaella não enxerga outra possibilidade a não ser trabalhar com um conceito mais expandido de leitura, que contemplaria também imagens, movimentos, e, obviamente, também o texto escrito. Até mesmo as partituras musicais, imagens e sons estão presentes como leitura, pensando, assim, indubitavelmente, em uma expansão do conceito de leitura.

Isso porque a leitura é “sempre apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1998, p. 77).

O leitor é um caçador que percorre terras alheias, ele é como um nômade, mas um nômade sedentário, sem precisar sair do lugar em que está, não sendo preciso sair para buscar o sabor do saber que está impresso nas páginas do livro, qualquer que seja o seu formato. Se for um livro em formato de papel, esse sabor inclui também o olfato, uma espécie de sabor que o livro que possui cheiro exala como um aroma ao leitor. (De Certeau, 2008, p. 77).

A “viagem” da leitura dá-se pelos caminhos da imaginação e pela estrada da memória e o leitor configura-se em um tipo de abelha que plana por jardins alheios em busca de pólen. O leitor busca o sentido, é um caçador da lógica, é um caçador do saber que possui sabor inato. Não é por acaso que estas duas palavras se parecem, “sabor” e “saber” possuem a mesma raiz etimológica.

Seja qual for o formato que o leitor estiver acessando para obter a informação buscada – do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico – a História dos modos de ler sofreu balanços e alguns solavancos que colocam em jogo o livro, o corpo, os diferentes usos da escrita e as estruturas intelectuais que asseguram a compreensão do que se lê, das práticas de leitura. Os gestos mudam de acordo com os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Com isso, novas atitudes são inventadas e outras desaparecem (Chartier, 1998, p. 77; Darnton, 2010). Percebe-se que é o modo de ler que se transforma, altera-se e empilha-se junto a vários modos de ler que passam a coexistir na temporalidade e no espaço, sem se anularem, incrementando a prática da leitura. O leitor não lê sozinho, mas lê na sua cultura em conjunto com as convenções, as capacidades e os hábitos que ela lhe impõe, impedindo uma total liberdade, mas estabelecendo uma relação do leitor com o escritor, uma relação intermediada pela cultura, que influencia a ambos, leitor e escritor.

O que se considera como uma leitura?

Uma pesquisa feita rotineiramente sobre livros e leitura no Brasil, chamada “Retratos da Leitura no Brasil”, Instituto Pro-Livros (2016), indicou dados de que o brasileiro estava lendo pouco e menos do que lia há algumas décadas atrás. Ao analisar essa pesquisa, observa-se, facilmente, que ela considera como leitor uma pessoa que leu um livro até o final ou parte dele, no intervalo curto de um mês, não incluindo todos os outros formatos e suportes de informação, comunicação e leitura,

como a internet, muito presente na vida das pessoas, nem a leitura de partes e fragmentos, de trechos ou de pedaços, mas apenas o livro.<sup>6</sup>

O desinteresse pela leitura é um lugar-comum facilmente atrelado às pessoas brasileiras, principalmente àquelas mais jovens. Esse estereótipo tem como referencial um tipo ideal de leitor, aquele solitário e antissocial que se refugia da agitação da *urbe*. (Gomes, 2021, p. 1).

As pessoas, às vezes, não estão tendo tempo de ler por prazer, por deleite – a leitura de lazer tem se esvaído diante da falta de tempo da rotina diária, da “grande aceleração” (Colville, 2016). No entanto, o conceito de leitura precisa ser ampliado para além da restrita compreensão de pegar um livro nas mãos, folheá-lo do início ao fim para assim dizer: – Eu li. Ser leitor, hoje em dia, é mais do que isso, é também consumir vídeos no *Youtube*, com canais de *youtoubers*, trocar informações e se comunicar nas redes sociais, participar de *Slams*, fazer parte de comentários literários no *BookTube* e no *BookTok*, etc.

A expansão do conceito de leitura que Santaella (2004) analisa fala exatamente da leitura de imagens, signos e sons, havendo várias questões que estão agindo em conjunto no processo de leitura. Essa ideia mais alargada, mais expandida, mais ampla do conceito de leitura envolve os significados, simbologias, mais do que o mero decifrar das letras, com práticas de leitura que entrelaçam as imagens e as palavras, envolvendo o texto, a diagramação, a estética, o afeto, o corpo; tudo isso vai influenciar a interpretação do texto. McKenzie (2002) diz que a forma como uma pessoa recebe e interpreta o texto tem a ver com o processo de diagramação, com as imagens constitutivas, com o tipo de papel em que foi impresso e com a plataforma de leitura. Quando se trata de um texto de internet, o leitor, muitas vezes, deixa de ler o conteúdo da página quando o texto é todo corrido sem diagramação e imagens.

McKenzie (2002), novamente, explica que o autor do texto nem mesmo é só um, não é apenas o escritor que escreve o conteúdo com letras, palavras e frases a serem decodificados pelo leitor, mas são todos aqueles que estão trabalhando para que o texto seja consumido, como o diagramador, o profissional da prensa, o ilustrador, etc. Os tipos de título que vão ser utilizados, por exemplo, envolvem as formas e os formatos das palavras, os tipos de letras, o *design*, as imagens, os

---

<sup>6</sup> Como se observa, o livro como unidade maciça não é o único e, talvez, hoje, nem mesmo o principal suporte/prática de leitura da contemporaneidade.

desenhos, as diagramações, etc. que envolvem um ler de forma tão automática que não se consegue perceber que tudo isso é ler, não só as mensagens que as palavras trazem, mas todo o conteúdo do texto, que envolve toda sua organização, formatação, diagramação, estética. Verdadeiramente, tudo é lido: tudo que é visto, ouvido, sentido, intuído é lido.

(...) precisamos dilatar sobremaneira nosso conceito de leitura, expandindo o conceito de leitor do livro para o leitor da imagem e desta para o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o “leitor da cidade” e o “espectador de cinema, TV e vídeo (...) visto que as habilidades perceptivas e cognitivas que eles desenvolvem nos ajudam a compreender o perfil do leitor que navega pelas infovias do ciberespaço, povoadas de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras, textos e sons (...) é necessário ampliar concepção mesma do que seja a prática da leitura (Santaella, 2004, pp. 16-17).

Na contemporaneidade, as práticas de leitura são coletivas, como sempre – mas em outros formatos e com outras configurações – porque são compartilhadas, trocadas, as pessoas interagem através delas, se relacionam umas com as outras através da leitura. A leitura não individualiza necessariamente na contemporaneidade, não reforça a sua intimidade/subjetividade, mas cria “portas” e vias para haver uma intersubjetividade, uma interdependência de sujeitos e complementaridade entre as pessoas, através das comunidades e coletivos literários.

É muito comum, por exemplo, observar a leitura se distribuindo, se partilhando, se ‘dissolvendo’ mesmo, entre grupos de jovens [e idosos] (...), cuja tônica e o objetivo é vivenciar e socializar a prática da leitura em conjunto. Neste sentido (...) fazem parte de um “construir coletivo da literatura que se expande para além das bordas de uma certa restrição semântico-acadêmica”. (Almeida, 2020, p. 6).

Esse mecanismo acontece em todas as três práticas de leitura que serão analisadas: as redes sociais, os *Booktoks* e *Booktubes* e os *Slams*.

Novas formas de compartilhar, de falar, de trocar, de dividir e de ler desenvolvem-se e acumulam-se, agregando no tempo às práticas já existentes, em um sentido que não é de substituição ou anulação, mas que é de acréscimo, de multiplicação de possibilidades de ler, aprender, comunicar e informar. Segundo Petit (2013), no modo de ler encontram-se o íntimo e o compartilhado, permitindo a experiência da verdade mais íntima e da humanidade mais compartilhada. (Petit, 2013, p. 120). Com isso, a autora quer dizer que o todo universal da humanidade e

o íntimo das profundezas do indivíduo entrelaçam-se e intercalam-se na leitura em sentido amplo.

Assim, se com a leitura, o leitor pode elaborar um espaço próprio, onde não depende das outras pessoas, podendo se diferenciar dos outros, fazer descobertas e participar ativamente do seu destino graças a abertura do seu imaginário, conforme Petit (2013, pp. 107-108); é certo também que na contemporaneidade a leitura tem sido uma forma de compartilhar, de abertura, de diálogo sincrônico e, principalmente, de interação. Na contemporaneidade, não se trata mais da leitura somente criadora de um espaço próprio e íntimo, preservando-o do coletivo, do “mundo lá fora”; mas de uma leitura que, através da avalanche de informações e múltiplas trocas, capta o leitor e o atira no coração da coletividade social.

## 2.2. Os tipos de leitores

Santaella comenta que existem três tipos de leitores, havendo uma variação nos leques dos modos de ler: esses três tipos de leitores seriam o “leitor contemplativo”, o “leitor movente” e o “leitor imersivo” (Santaella, 2004). Esse último leitor será o objeto da pesquisa a ser analisado mais a frente nesse trabalho através das práticas de leitura dos *Slams*, das Redes Sociais e dos *Booktubers* e *Booktokers*.

Os três tipos de leitores descritos por Santaella têm habilidades que são adquiridas por suportes e plataformas diferentes, utilizadas por eles com a finalidade de ler. Não se nasce com essa ou aquela habilidade, mas elas podem ser desenvolvidas. Além disso, essa organização em tipos não quer dizer que esses leitores estejam colocados em uma trajetória linear evolutiva de desenvolvimento, um leitor pode ter habilidades de outros tipos de leitura, não sendo, portanto, habilidades excludentes, mas complementares. Feitas essas advertências, passarei para os tipos de leitores.

*O leitor contemplativo* é o leitor do papel; leitura, essa, que envolve o silêncio, a calma. É o leitor do material poroso, que recebe a tinta das letras e que possui cheiro. Ele nasce no contexto social da Idade Média, mas não se basta nela; seu habitat natural normalmente era o espaço de uma biblioteca tradicional, onde encontrava-se recluso, sob várias regras, como o silêncio sepulcral e a postura rígida, lendo sentado sobre a poltrona ou cadeira. Esse leitor é também chamado de

leitor meditativo, estando ligado à ideia de foco e concentração, que exigia a “entrega” do leitor, que medita, concentrado, no silêncio.

Cavallo e Chartier (1998), Manguel (1997) e De Certeau (1994) mostram que as representações da leitura no decorrer dos tempos mudam em função das significações culturais e da construção social, histórica e da época. Antes do século XVIII, o estilo utilizado para ler era constituído pela prática da escuta, da memorização e da recitação que eternizavam ideologias.<sup>7</sup>

Todo um trabalho corporal desenvolvia-se nesse ato aparente de imobilismo de treinamento, aprendizado e disciplina corporal, cooptada pela cultura religiosa oficial. No entanto, com a laicização da leitura, essa lógica corporal medieval rígida é transfigurada pela relação com o livro, que passa a envolver afetividade com o objeto.<sup>8</sup>

Ler horas e horas seguidas também fazia parte do pacote, sendo uma habilidade que se enfraqueceu ou se matizou com outras práticas influenciadas pela aceleração do tempo, que começou na Primeira Revolução Industrial a partir de 1750. As fábricas com seus propulsores e máquinas à vapor, que depois foram substituídas pelo maquinário mecânico, elétrico e pela robótica em uma espiral criativa e inventiva que nunca mais cessou.

O *leitor movente ou fragmentado* é o segundo tipo de leitor que Santaella descreve. Esse leitor começa a ler gravuras, imagens e surge o cinema. Como advertido, isso não quer dizer que o leitor contemplativo ou meditativo tenha morrido e nem que a biblioteca silenciosa tenha sumido do mundo, não foram substituídos, mas esse novo leitor também nasce lendo de uma forma mais

---

<sup>7</sup> A leitura em voz alta, como um ato público, é uma modalidade de leitura que praticamente caiu em desuso na sociedade moderna. Ler para o outro, atualmente, exceto se for uma prática teatral, um manifesto político e uma contação de histórias, restringe-se ao público infantil, que não sabe ainda ler e tem a sua mãe ou professora do maternal lendo para ele enquanto ele não é alfabetizado; ou é voltada para aquela pessoa que não possui capacidade ou autonomia cognitiva ou visual, como uma pessoa cega. A abordagem de Manguel (1997) baseia-se na sua rica experiência como leitor do escritor argentino Jorge Luís Borges na década de 1960, como o próprio Manguel destaca, de forma interessante: “antes de encontrar Borges, eu lia em silêncio, sozinho, ou alguém lia em voz alta para mim um livro de minha escolha. Ler para um cego era uma experiência curiosa, porque, embora com algum esforço eu me sentisse no controle do tom e do ritmo da leitura, era, todavia, Borges, o ouvinte, quem se tornava o senhor do texto. Eu era o motorista, mas a paisagem, o espaço que se desenrolava, pertenciam ao passageiro, para quem não havia outra responsabilidade, senão a de apreender o campo visto das janelas. Borges escolhia o livro, Borges fazia-me parar ou pedia que continuasse, Borges interrompia para comentar, Borges permitia que as palavras chegassem até ele. Eu era invisível.” (Manguel, 1997, p. 33).

<sup>8</sup> Sobre isso Walter Benjamin (1995) desenvolve a questão do afeto e da posse sobre o livro que o colecionador explora ao adquirir um livro para colocá-lo na estante da sua biblioteca, nem sempre para lê-lo, mas para possuí-lo.

acelerada, sendo uma leitura mais veloz e afastada da calma e do silêncio das bibliotecas do leitor contemplativo. O leitor movente ou fragmentado é “o leitor do mundo em movimento” (Santaella, 2004), é o homem na multidão que aparece nos grandes centros urbanos no impacto da transformação do mundo rural para o mundo urbano. A leitura passou a ser uma atividade “apressada”, com percepção instável, com intensidades desiguais e treinada nas distrações da cidade, dos barulhos dos veículos e dos transportes públicos e sob a luminosidade dos sinais de trânsito. Acompanha o ruído das máquinas, o movimento das fábricas, das indústrias, da pressão extenuante sobre o corpo do operário e a produção em cada vez mais larga escala.

Esse leitor movente está na interação de forças, traços, placas, *outdoors*, no movimento das grandes cidades e das massas, sendo um leitor sequencial, de pensamento associativo, intuitivo e sintético dos conteúdos audiovisuais, com memória e interpretação desses conteúdos. Na cidade, há a identidade da figura do *flaneur*, que transita e caminha pelas ruas, percebendo as alteridades e transformações que operam no seu bojo, sendo a leitura aquela que coloca o sujeito em uma nova relação com o espaço urbano, por exemplo, lendo-se em um transporte público, nas esquinas das ruas, em pé na porta das bancas de jornal; em suma, lendo-se dentro do ambiente da cidade em que o sujeito está inserido. Os anúncios publicitários, com informações disponíveis para o consumo em *banners*, *outdoors* e muitos outros tipos de publicidades presentes na cidade fazem do leitor de painéis propagandísticos um consumidor de mercadorias e produtos. O leitor que vê, que lê os informativos publicitários como chamarizes das mercadorias que eles comunicam e anunciam é um canal de acesso ao sonho e ao desejo de adquirir, de possuir, de comprar.

O espectador moderno é um ser submetido ao frêmito urbano e à superexposição perceptiva da velocidade com que imagens, cenas, personagens atravessam a retina do mesmo modo que as coisas, fatos e pessoas da cidade se transformam e atravessam a consciência para logo desaparecerem (Santaella, 2004, pp. 28-29).

O desenvolvimento do cinema e da fotografia influencia esse leitor movente em sua relação com as imagens. As habilidades cognitivas vão sendo treinadas e aprendidas para receber esses tipos de imagens e de uma leitura em movimento. O autor que escreve também é influenciado por essas mudanças na vida social,

obliterando a leitura e o leitor. Se o escritor não se “modernizar”, ele não vai ser compreendido e vai perder seu público de leitores.

Os jornais passaram a se recrudescer nessa época, debaixo das ideologias de classe e das ideologias de sistemas políticos. Os jornais eram veículos políticos, falavam do anarquismo, do comunismo e do socialismo. As multidões dos centros urbanos liam esses jornais. Os jornais possuem uma diagramação bem diferente dos textos dos livros, como as informações estão dispostas, mudando a maneira como se recebe a informação comunicada. Às vezes, o formato distancia o leitor, por exemplo, o formato de uma poesia é bem diferente do formato de um texto jornalístico, podendo mudar a relação e a interpretação do texto. O jornal possui outra relação com o corpo, já que se abre o jornal no colo, pode-se lê-lo na rua, nos transportes públicos, nos ônibus ou trens da Central do Rio de Janeiro, ou ainda tomando café da manhã.

Esse leitor vai estar sempre querendo decodificar leituras, se preocupa um pouco mais com a leitura do momento, do aqui e do agora, do hoje, que ele não vai lembrar amanhã; é o leitor do jornal, da revista de fofoca ou de informações fúteis. É um tipo de leitor mediador, intermediário, que vai preparar o terreno para a leitura imersiva, no ciberespaço, que é o terceiro tipo de leitor; sendo o leitor movente ou fragmentado aquele que movimenta a leitura do leitor contemplativo na direção do leitor imersivo ou virtual, sendo a ponte de transição entre eles.

*O leitor imersivo* é aquele que lê nas tecnologias digitais, lendo de tudo, todo tipo de conteúdo e informação. À medida que foram surgindo os computadores domésticos, a relação com a leitura começa a ir mudando, o que acontece no final da década de 1980 intensificando-se na década de 1990 e permanecendo até os dias de hoje. Esse é o leitor que começa a ler na tela dos computadores, ao invés de no papel do livro ou do jornal, como faziam os dois tipos de leitores até então. A comunicação eletrônica foi a última mudança, com a internet, desenvolvida finalmente pela ARPANET em 1969, gerada por experimentos anteriores com a comunicação entre rede de computadores e, em 1991, surgiu a *web*, a rede propriamente dita, facilitando mecanismos de busca e criando *websites*, sítios na rede, banalizando-se e tornando-se uma experiência cotidiana e doméstica. (Darnton, 2010, p. 40).

A figura do *écran*, da tela, que se populariza na década de 1990, tem uma relação com várias multimídias, com o suporte da linguagem da hipermídia e de

signos que são mais sensíveis à questão do toque. A figura do mouse também aparece com força no início do uso dos computadores, sendo um instrumento que envolve destreza e habilidade manual e do pulso, associando o concreto e físico ao cursor – a “setinha”, que é virtual e só aparece na tela do computador. Assim, rolando o mouse sobre a mesa, com um movimento nervoso, o usuário mira o cursor virtual na tela, aponta e clica em inúmeras opções e links que existem, interagindo com o conteúdo. O mouse, no entanto, vem perdendo seu uso devido à popularização de celulares, *smartphones* ou *notebooks*, que não utilizam o mouse, bastando que o seu dono pouse os dedos diretamente sobre a tela com uma tecnologia *touch screen*.

A relação corporal formada com o suporte de leitura na tela dos computadores é transfigurada para passar a ser uma relação de atividade, uma relação ativa desse leitor – onde a leitura na tela utiliza o mouse como extensão do dedo que folheia e passa as páginas de um livro – diferente do leitor meditativo, que possui uma relação corporal mais voltada para a postura imobilizada na leitura.

O modo como vai visualizar o texto é diferente e o ambiente digital é “navegado”, o leitor vai navegando, *surfando* pela rede – *net* – aventurando-se pelas múltiplas conexões interativas da internet. É ele que vai programando a sua leitura, escolhendo os caminhos que vai seguir no ambiente da tela, que apresenta o conteúdo disponível de uma maneira diferente. Não há uma ordem rígida preestabelecida com número de páginas a serem lidas.

Há uma possibilidade muito maior de distribuição e circulação do material do texto, que agora é interconectado, podendo acessar esses conteúdos de vários lugares, de computadores, tablets, celulares ou qualquer outra tecnologia, de qualquer lugar, de computadores próprios ou de outras pessoas, fazendo com que a ideia de rede seja muito forte, em que tudo, todas as informações e todas as pessoas estão conectadas a uma rede, uma “teia”, podendo trocar informações, compartilhar, curtir e comentar tudo, para todos e para qualquer lugar. Esse é o contexto da internet, em que basta um *click* para se acessar outros textos e formatos, sendo um leitor ainda mais acelerado do que o leitor movente ou fragmentário, ele é imersivo e virtual e essa leitura não tem materialização física, satisfazendo-se na virtualidade em que está imersa, interconectada com todas as informações e com todas as pessoas.

o leitor imersivo parte da hipótese de que a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental. (Santaella, 2004, p. 34).

Esses três tipos de leitores que Santaella apresenta, segundo a própria autora, é uma construção de *tipos*, seguindo uma lógica de “tipo ideal” (Weber, 1981). São modelos, “tapumes” de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão presentes no ato de ler, como a autora chama, “modelos cognitivos de leitor” (Santaella, 2004, p. 19).

Entretanto, o leitor imersivo desenvolve, também, habilidades mais móveis, tornando-se um *leitor ubíquo*, que é aquele que está em vários ou em todos os lugares ao mesmo tempo, é onipresente.

Esse leitor caracterizado pela ubiquidade é um leitor mais intensamente marcado pelos dispositivos móveis. A relação com a tecnologia e com os dispositivos móveis tornou-se afetiva e apêndice, auxiliares; os dispositivos móveis passaram a ser membros e a fazer parte da corporalidade humana. Em pleno século XXI, a maioria das pessoas anda com o seu *smartphone* o tempo todo no bolso da calça ou dentro na bolsa, havendo uma relação dependente com ele, como se ele estivesse acoplado ao indivíduo. Atinge-se um ponto maior de integração com a tecnologia, como se o *ser* e o *technos* se fundissem em uma só estrutura ou corpo, em unidade orgânica, onde o movimento físico corporal movimenta de forma quase automática, e imediatamente, o movimento virtual.

Esse tipo de vida ligado aos dispositivos que enfatizam e intensificam a aceleração e a dispersão, superexcitam o desejo humano de novidade e busca de informação mais rápida, pontual e efêmera.

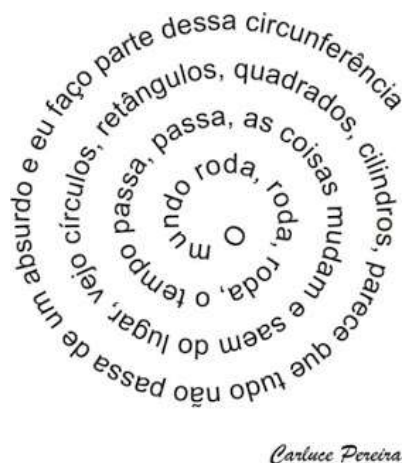
O leitor ubíquo é aquele que está sempre na interface entre o físico e o informacional, está dentro de um ritmo cada vez mais acelerado, que é muito próximo das relações contemporâneas.

Corroboro com o pensamento de De Certeau:

Leio e me ponho a pensar... minha leitura seria então a minha impertinente ausência. Seria a leitura um exercício de ubiquidade? Experiência inicial, até iniciática: ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade (...) (De Certeau, 2008, p. 269).

Vale ressaltar que os tipos de leitores acima não se anulam; há coexistência deles na contemporaneidade. Afirmar que eles teriam se sucedido e se substituído no tempo, seria um equívoco, não considerando que todos os tipos de leitores ainda existem na contemporaneidade.

### 2.3. Linearidade ou não linearidade?



A aplicação dos conceitos de linearidade e não linearidade para as práticas de leitura em meios eletrônicos ou físicos, torna-se premente quando percebe-se os efeitos culturais e subjetivos das tecnologias.

Supostamente, a linearidade liga-se aos textos impressos, com as características de uma leitura sequencial e um raciocínio lógico-racional, típico da ciência e da filosofia modernas.

A linearidade possui um raciocínio cronológico, seguindo uma linha temporal e lógica que parte de premissas e termina em uma conclusão, como um silogismo. “Sócrates é homem, todos os homens são mortais. Logo, Sócrates é mortal”, eis um exemplo de silogismo que segue essa ordem linear. (Gonçalves e Barbosa, 2015, p. 695).<sup>9</sup>

Entretanto, é preciso duvidar dessa concepção e dessa visão de que a escrita sempre repete um pensamento racional e linear, além de que a escrita e a linearidade

<sup>9</sup> Essa estrutura silogística estava presente na civilização grega, matriarca da lógica da cultura oral e escrita, a ponto do lógico e do ilógico não poderem variar, isto é, o que era lógico para um, era lógico para todos, e o que era ilógico para todos, era ilógico para um. A lógica era comum e fundia todo o conjunto da civilização em uma amálgama mais ou menos homogênea, em que o coletivo, o grupo, a totalidade, englobava o individual e não permitia que ele possuísse liberdade para se desenvolver sozinho. A liberdade para o relativo ou o relativismo não era uma opção naquela cultura, não existindo, ainda, as formas de individualismo que nascem na modernidade. (Dumont, 1985).

estão de mãos dadas. Além dessa combinação que deve ser desnaturalizada, também deve ser desnaturalizada a combinação entre tecnologias digitais contemporâneas e a não linearidade como seu correlato.

Os movimentos do pensamento, seu fluxo, seu trânsito e composição entre consciente e inconsciente, racionalidade e irracionalidade, lógico e ilógico, real e irreal, ou surreal, são muito mais complexos do que essa naturalização e de uma realidade exclusivamente lógica e assertiva. (Cunha, 2015, p. 3).

Nas entrevistas da pesquisa com jovens e idosos, percebeu-se que os jovens tendiam a compreender a leitura de um livro físico e impresso como uma leitura mais linear, cronológica, para ser lida do início até chegar ao final, em ordem, da primeira até a última página, seguindo uma lógica racional. Para eles, os textos eletrônicos, ao contrário, seriam textos para serem captados ou acessados, eram textos para se “pescar” informações, saberes, conteúdos, imagens, etc.; não necessariamente seguindo uma ordem ou cronologia; mas, sim, soltos no espaço da rede. “Surfam” pela “teia” de *sites* e *blogs*, aproveitando, selecionando, colando, copiando, transportando, compartilhando, comentando ou curtindo o que for do seu interesse.

A falta de uma racionalidade lógica de linearidade nas redes da cultura eletrônica foi sentida também pelos idosos que compreendiam as redes como um “parque de diversões”, como algo menos sério do que um livro físico. Até o jornal era comparado à tecnologia das redes pelos idosos, que acreditavam que pelo fato de o jornal estar nas suas mãos ou sobre o seu colo, havia mais domínio sobre a informação que ele possuía, diferente da internet, em que as informações se encontravam “soltas” e espalhadas pela *net*.

Muitos idosos reportaram sentir angústia diante da forma não linear que a internet apresentava as informações, o que causava uma espécie de confusão ou embaraço na leitura eletrônica. A perda de uma linearidade lógica e racional na *web* é um problema para os idosos, que falaram ter tido que se acostumar a uma nova estrutura de organizar e acessar informações não lineares e, por isso, para eles, “fragmentadas” e sincrônicas.

Os jovens, nativos digitais, já não encaram essa alinearidade como um problema ou uma dificuldade, mas como uma possibilidade. Matheus, de 19 anos, estudante de Filosofia da UERJ, diz que

*na internet, eu posso ler diferentes conteúdos, imagens, textos, hiperlinks, vídeos, músicas, audiovisuais, etc., em menos tempo ou ao mesmo tempo, e obtenho mais prazer e satisfação das minhas curiosidades, em comparação a quando estou lendo um livro. Além disso, a internet me permite mais velocidade e rapidez para realizar um trabalho da faculdade ou uma pesquisa, do que se eu tivesse que consultar uma pilha de livros, lendo todas as páginas de cada um para aproveitar algumas frases, do que “dar um Google” e achar o que preciso muito mais rápido. (Matheus).*

A experiência da não linearidade na internet para Matheus era equivalente a uma horizontalidade, que implicava mais liberdade de caminhar pelo plano, do que em um livro impresso, em que se estava mais preso nesse suporte de um modo vertical e aprofundado no arremedo dos limites das suas páginas. Na internet, parece não haver limites para a informação, para a busca, para a satisfação de desejos, curiosidades e prazeres. É possível “voar” mais alto, acessando fontes mais diversificadas sem estar preso apenas a uma, a do autor do livro que você está lendo, o que dá uma sensação de maior liberdade ou poder para os jovens.

Para Gonçalves e Barbosa (2015), o ato de narrar ou contar uma história é, fundamentalmente, linear. Há um tempo sequencial de apresentação dos acontecimentos, não havendo simultaneidade de dois ou mais acontecimentos na história ou na estória que é narrada. Os acontecimentos possuem ordem e sequência temporal, contados um depois do outro, sem se misturarem ou gerarem confusões. No máximo, trechos de um acontecimento da narrativa são intercalados a outros, havendo uma alternância ou interpolação na narração, mas não uma mistura ou confusão de tempos e espaços. Cada trecho preserva a sua unidade de uma linearidade que não existe na prática de leitura virtual, isto é, na internet, mas que remete a uma linearidade que é típica da fala e do discurso oral.

Mas de todo modo cada trecho aparece em seu tempo e em sua unidade, o que supõe a interrupção da narração dos outros trechos existentes. A linha apresenta trechos de um evento, seguido de trechos do outro, e retoma então trechos do primeiro e assim por diante. Essa linearidade do ato de narrar remete para a linearidade mais fundamental da fala e do discurso oral. (Gonçalves e Barbosa, 2015, pp. 697-698).

A temporalidade, a cronologia, a sequencialidade e o sequencial, seguindo uma lógica, com sentido calcado em um encadeamento de acontecimentos ou ideias de uma trama narrada, é indispensável na fala e no discurso oral. A quebra dessa sequência temporal na narrativa implica falta de compreensão da história, fazendo com que o ouvinte fique perdido nos acontecimentos, sem saber o que veio primeiro, o que aconteceu antes ou o que aconteceu depois.

A linguagem falada ou oral e a linguagem escrita são lineares, com a diferença que a linguagem escrita permite práticas não lineares que a oralidade não permite. A fala é a sucessão de sons no tempo e as palavras, obviamente, sucedem-se sem intervalos ou com poucos intervalos no tempo. Na escrita, os espaços em branco no papel entre as palavras significam uma pausa na leitura, enquanto na prática oral, apenas o silêncio, o não falar, identifica uma pausa.

Escutar um discurso falado de um narrador ou com um interlocutor em um diálogo é, da mesma forma, seguir a linha da voz em uma sequência em linha, sendo uma prática linear. Escutar envolve acompanhar uma sequência de palavras emitidas por uma voz em uma linha lógica e temporal, portanto, linear de compreensão. A voz some após ser emanada, diferente da escrita, em que as palavras grafadas no papel continuam ali depois de serem lidas. Pode-se voltar em partes já lidas de um livro quantas vezes quiser.

O livro filosoficamente entendido não é um mero objeto mecânico, mas é uma extensão da memória e da imaginação, fazendo dele um repositório mnemônico, com traçados oníricos ou não, mas pelo qual o leitor pode viajar pela imaginação do escritor, lendo, vendo, enxergando e ouvindo a sua voz impressa nas páginas do livro, que vem do passado, mas que pode ser obtida no presente e ficar marcada e permanecer para o futuro.

De los diversos instrumentos del hombre, el más assombroso es, sin duda, el libro. Los demás son extensiones de su cuerpo. El microscopio, el telescopio son extensiones de su vista. El telefono es extensión de la voz; luego tenemos el arado y la espada, extensiones de su brazo. Pero el libro es otra cosa; el libro es una extensión de la memoria y de la imaginación. (Borges, 2011, p. 199).

Por isso, muitos alunos gravam as aulas de seus professores, tentando transformar a aula em um livro, em uma espécie de *audiobook*, voltando e escutando de novo quantas vezes for preciso para entender o conteúdo. Os audiolivros e a audioleitura são uma espécie de hibridismo entre o oral e o escrito, o escutado com o ouvido e o lido com o olho, pondo em xeque separações estanques entre linearidade e não linearidade. “Um livro é um livro! Um áudio-livro tem sua cara própria, seu uso particular.”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> O termo *audiobook* surgiu nos anos 70, sendo inicialmente chamado de *talking book* (“livro falado”, na tradução livre do inglês) e tinha a principal finalidade de ajudar pessoas com deficiência visual. Disponível em: <https://www.universidadefalada.com.br/o-que-e-um-audiolivro-audiobook> Acesso em: 18/04/2021.

*Audiobook* é uma gravação sonora, em suporte físico ou formato digital, do texto de um livro. Sendo oral, o *audiobook* é um tipo de leitura sequencial, contínua e linear, com o desenrolar dos acontecimentos e das ideias de modo temporal ou cronológico, com uma ordem compreensiva e coerente. Entretanto, assim como a gravação da aula de um professor, que muitos jovens entrevistados assumiam fazer, é possível voltar a fita, rebobinar, podendo voltar no texto, avançar de novo, parar ou reiniciar, o que não é um uso linear ou linearizado e sequencial desse suporte. A oralização é linear, mas os múltiplos usos que podem ser feitos da sua linha, quebrando a sua sequencialidade, permitem um uso da ferramenta do *audiobook* também deslinearizado.<sup>11</sup>

Para Gonçalves e Barbosa (2015, p. 698), “o som não deixa rastro, a não ser na memória”, sendo muito difícil andar para trás na linha que ele foi emanado, lembrando de trechos, comparando-os e reexaminando-os. O “carro do som emitido na fala” não dá marcha ré, sendo sua linha um desenrolar para frente e a metáfora do novelo, em que cada fio se desenrola um após o outro, nunca mais de um ao mesmo tempo, mantendo a integridade do carretel e havendo só a diacronia sem sincronicidade, passa a ser a de um novelo que se desintegra. Uma vez que os fios são desenrolados do carretel, a linha vai sumindo, não deixando um rastro e nem mesmo pistas. Daí mais uma vez a justificativa de gravar as aulas dos professores, prática que tem se tornado cada vez mais comum entre os alunos universitários e que tem gerado enormes polêmicas acadêmicas ou judiciais, quando as aulas são gravadas pelos alunos sem a permissão dos professores.

Já a escrita armazena o conteúdo que pronuncia em palavras escritas em um suporte que não é evanescente como a fala, permitindo a retomada sobre a linha, havendo uma espécie de mão dupla, ida e vinda ou ponto de retorno na linha.

O binômio opositivo entre o impresso linearizado e o universo digital não linear contrapõe os textos do primeiro aos hipertextos do segundo. Os textos dariam a prática de leitura linear e os eletrônicos dariam a prática da leitura “fragmentada”,

---

<sup>11</sup> O espaço para informações externas ou periféricas ao texto, como as anotações dos monges copistas e dos glosadores ou as conhecidas notas de rodapé, não são possíveis nos *audiobooks*. Não há espaço para a distribuição de informação fora do texto da história e o que seria nota de rodapé em um livro impresso, no audiolivro incorpora-se à linha principal da trama, sem distinguir uma via principal por onde se desenvolve a história e comentários laterais ou periféricos sobre a história. As notas de rodapé nos suportes impressos permitem que se construa quase uma outra história apenas em notas de rodapé, como se o texto se desenvolvesse e caminhasse por duas “ruas” ou vias, uma principal e uma secundária, sendo o rodapé o espaço para essa via secundária.

não diacrônica e não linear. No livro a “Galáxia de Gutemberg” de McLuhan (1977), compreendia-se que “a forma global de percepção produzida pelas imagens de televisão e outros dispositivos substituiria a forma linear de pensar (...), da página impressa”. (Simões, 2008, p. 168).

Flusser (2002, pp. 63-69) corroborava esse entendimento, para quem a imagem e a imaginação e a leitura de textos escritos separavam-se claramente pela sua linearidade e não linearidade. O hipertexto, de forma diferente, teria uma estruturação em rede, com práticas de leitura não lineares. A linearidade estaria banida da *web* de uma vez por todas.

Porém, é possível duvidar desses esquemas opositivos! Na verdade, tanto um texto impresso, quanto um conteúdo digital podem abrigar práticas de leitura linear ou não linear. Concordo com os autores quando analisam que:

um leitor que trabalha em uma biblioteca totalmente impressa, consulta verbetes em uma enciclopédia e folheia um livro, lendo primeiro a conclusão para depois passar (...) para a introdução, age de modo, se se quiser usar o termo, não linear. Por outro lado, um leitor que encontra um artigo científico em um site de uma universidade e o percorre no formato digital do início ao fim está claramente fazendo um percurso sequencial e linear. (Gonçalves e Barbosa, 2015, p. 704).

A forma de ler em linha reta ou em uma via sinuosa pode estar presente tanto em um formato impresso de um livro físico, quanto em um suporte digital, eletrônico e virtual. A própria noção de linha é incoerente para determinar que o percurso que o leitor está seguindo é reto, pois pode-se percorrer uma linha de diversas maneiras, mas para ficarmos apenas com duas delas, ela pode ser atravessada de uma forma totalmente reta ou em “zigue-zague” (Gonçalves e Barbosa, 2015, p. 704). Pode-se seguir um caminho sinuoso em um labirinto, levando um barbante pelas suas galerias sem que esse barbante suspenso deixe de ser uma linha.

O modo de ler em um suporte eletrônico ou em um material físico e impresso depende da forma que a leitura vai ser empreendida pelo leitor, do tipo ou perfil do leitor que está diante do material, seus interesses, sua subjetividade, sua idade, sua formação educacional, posição de classe social, sua cognição, etc. Como pode ser observado, a linearização e a deslinearização não são conceitos estanques influenciados pelo tipo de suporte, mas pelo uso da pessoa que está do outro lado. É o sujeito que usa o suporte de modo linear ou não linear.

Em lugar de opor a Linearidade (iniciada com maiúscula) da escrita e dos textos ao não linear do oral e do digital, seria interessante pensar processos localizados e contingentes (...) Não haveria nada em si mesmo linear ou não linear. Manuscrito, impresso, eletrônico, hipertextual, imagético, etc. poderiam dar ensejo a modos diferentes de linearização ou deslinearização. Caberia determinar, em casos específicos, o que se produz. (Gonçalves e Barbosa, 2015, p. 710).

O jovem pode ler um livro de forma não linear e um idoso pode ler um conteúdo eletrônico de modo linear, devido às suas idades e às gerações diferentes a que pertencem. Pode-se “navegar” ou *surfar* por um livro, assim como construir uma ordem lógica, ou “crono-lógica”, ligada ao *chronos*, tempo, sequencial e linear de coerência para acessar conteúdos da internet. Todos eles são modos diferentes de traçar uma linha, que continua sendo uma linha, comportando percursos diferentes de percorrê-la.

As redes sociais não têm a obrigatoriedade lógica de serem lineares e cronológicas como têm os discursos, falas e narrativas orais. Não há necessidade de um enredo, de uma sequência de fatos, mas há uma pluralidade de links que estão espalhados espacialmente nas redes. O que faz a diferença nas redes é a localização dos *sites*, das páginas, das fotos, etc., e não a ordem sequencial dos acontecimentos, como em uma narrativa oral.

Miguel, de 25 anos, formado em Direito, relata:

*quando fiz meu TCC, teria que ler diversos livros e artigos impressos, mas não li nenhum deles do começo ao fim. De alguns artigos, eu lia só a introdução para ver como se fazia, de alguns livros, lia só os capítulos que me interessavam, e de outros textos, lia só a conclusão. E assim foi... Tira daqui, bota ali... tirei nota 9.0! (Miguel).*

Trata-se da técnica do recorte, tão utilizada nas universidades, quando se inicia os primeiros delineamentos e planos de um trabalho acadêmico. Nele, como não se pode pesquisar sobre tudo, escrever sobre tudo, conhecer sobre tudo e falar sobre tudo, pesquisa-se, escreve-se, fala-se e conhecesse-se sobre alguma coisa (Weber, 1981).

Viviane, de 63 anos, psicóloga:

*atualmente, já me entendo bem na internet, o segredo é ser organizada e ler as páginas da internet do começo ao fim para poder escolher o que utilizar. Quando vou pesquisar sobre um determinado assunto, eu bato no Google o assunto que desejo, leio os sites e vou copiando e colando no Word o nome dos sites que me interessam. Depois, vou olhando um a um e salvando as partes mais importantes e descartando as menos importantes. Dessa forma, consigo informações relevantes para a minha profissão. (Viviane).*

Viviane realizava uma espécie de habilidade multitarefa manual na internet e nas redes digitais, sendo um procedimento muito curioso que, de certa forma, une o manual/físico e o digital/virtual, mostrando que, quase sempre, eles não estão separados, mas fundidos em uma confluência inseparável e amalgamada. São fluidos e, de fato, se interpenetram.

“Além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular textos de forma intensa, aberta e universal e, acredito, vai criar um novo tipo de obra literária ou histórica”. (Chartier, 2007, p. 3).

Miguel leu de forma não linear nos livros e artigos impressos e Viviane leu de forma linear na internet. Isso mostra que o linear não está preso ao livro físico e o não linear, à leitura na internet.

Capítulos de um mesmo livro podem ser lidos fora de ordem, atendendo aos gostos, interesses ou à ansiedade do leitor. O livro impresso, cunhado como sendo uma leitura linear, pode ser lido de uma forma não linear. Ou, ainda, o leitor poderá ler parágrafos de páginas diferentes, lendo “fragmentos” e compondo uma história única criada por ele, diferente da história organizada pelo escritor através dos capítulos. A indexação, o índice como um roteiro, é metaforicamente rasgado e uma ordem diferente é estabelecida pelo leitor, não atendendo aos ditames do autor. O leitor passa a ser o próprio autor do texto que está lendo, com autonomia e liberdade para traçar uma linha sinuosa.

A narrativa a partir do século XX é capaz de evidenciar que o fluxo do pensamento se percebe muito mais desordenado do que já se pôde pensar.

A realidade aparece de outra maneira, torna-se outra coisa, pois o fluxo de acontecimentos é mediado pelas propriedades do pensamento, que é descontínuo, imaginativo e transgressor da própria realidade. Na poesia, sem dúvida, a presença da não linearidade como matéria poética também tem lugar. (Cunha, 2015, p. 4).

Observo que essa linha sinuosa não deixa de ser uma linha, mas é traçada de modo não reto. Nesse sentido, Gonçalves e Barbosa (2015) concluem que toda leitura é linear, em linha, seja curva ou reta, mudando apenas o modo de traçá-la, mas sempre precisará existir uma lógica ou coerência para a leitura fazer sentido. Os termos opositivos de linearidade e não linearidade são quebrados para dar lugar à linha, reta ou torta.

### 3. As práticas de leitura nas redes sociais

#### *Redes sociais*

*Lá nas redes sociais,  
o mundo é bem diferente,  
dá para ter milhões de amigos  
e mesmo assim ser carente.  
Tem like, a tal curtida,  
tem todo tipo de vida,  
para todo tipo de gente.*

*Bráulio Bessa*

#### 3.1. Ler

*Eu do livro  
Não me livro  
E não me quero livrar  
Se do livro eu me livro  
Como livre eu vou ficar?*

*Wook*

Como diz o título do livro de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010), “Não contem com o fim do livro”, porque o livro não morrerá, ele não perecerá, e, sim, permanecerá. As variadas práticas de leitura realizadas em computadores, celulares ou livros digitais não eliminam a leitura de livros físicos. Pode-se ler em todo lugar, em qualquer suporte<sup>12</sup> – livros, jornais, computadores, *smartphones*, *tablets*, televisão, etc. – e de várias formas diferentes, em qualquer idade, seja jovem ou idoso.

O desenvolvimento tecnológico que possibilitou a proliferação de dispositivos, ferramentas e suportes que tanto contribuíram para complexificar os modos de leitura não ocasionou o fim dos livros em papel, como muitos previam (Eco, Carrière, 2010). Estamos diante de uma revolução nos modos de leitura (Darnton, 2010) que nos demanda um processo de adaptação muito grande frente às novas possibilidades de ler (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 398).

---

<sup>12</sup> As inovações não eliminam necessariamente os suportes anteriores. O rádio, o teatro, o cinema, os vídeos e a televisão foram transformando-se e acrescentando-se, mas não se anulando ou sumindo. (Canclini, 2015, p. 169).

Mirtes, jovem de 20 anos, professora da educação básica, conta que para ela “ler está acima de tudo”, não importando onde ela lê, nem da forma que ela lê, isto é, se lê na tela do seu computador, no *smartphone*, no livro, em jornais ou em textos de xerox. Para ela, sempre é leitura.

Já Diocleciano, de 77 anos, enfermeiro aposentado, fala:

*eu leio em vários suportes, assim como os jovens, em tablets, na tela de computador, mas tenho a preferência pela leitura em papel. Para eu ler em cada um desses veículos é completamente diferente, no papel é mais fácil; na tela é mais difícil e me dá dor de cabeça. No papel, vou sublinhando com a caneta marca-texto e às vezes escrevendo observações escritas ao lado. Na tela, às vezes me perco, já não enxergo tão bem. Vejo diferença em ler em suportes digitais e em suportes não digitais (Diocleciano, 77 anos).*

Através de minha pesquisa, observei que algumas características diferentes entre os jovens e os idosos são visíveis. O jovem muda o suporte, lendo ora em um suporte, ora em outro durante um mesmo turno do dia. O suporte para o jovem é apenas um suporte, o que importa é o conteúdo que está sendo comunicado, enquanto para o idoso a mudança do suporte muda a leitura, é como se ele estivesse lendo algo diferente; trata-se de leituras distintas que não podem ser confundidas, ou misturadas. Entretanto, observa-se que tanto jovens quanto idosos leem em todos ou quase todos os formatos.

Ler não é mais somente entender palavras e frases. É também saber usar ícones de navegação, barras de espaço [e barras de *scroll*], menus, hiperlinks, funções [e lupas] de busca de texto, imagens e músicas, mapas de sites [mouses, abas]. O texto eletrônico é um hipertexto. (Canclini, 2015, p. 172).

Ler passou a ser uma gama de possibilidades, não só mais apenas palavras, mas todas as opções e funções que Canclini (2015) descreveu acima. O texto eletrônico, por exemplo, é um hipertexto com diversas possibilidades de interação que extrapolam a existência de apenas um autor no caso de um livro, ou alguns autores nos casos de livros escritos por mais de um escritor. Destrezas e habilidades novas e diferentes desafiam idosos a aprenderem novas formas de ler, a usar novos suportes, manusear novas mídias e adquirir habilidades para se modernizar.

Ler é um ato ou uma prática aprendida em comunidade, influenciado pela cultura, como a cultura jovem (Chartier, 1998). Claramente, os jovens, nativos digitais, estão mais acostumados a essas operações do que os idosos, mas isso não significa que os idosos estejam alheios a essas funções, esforçando-se para aprender

e atingindo resultados satisfatórios e de chamar atenção. Alguns até pagam professores particulares de informática e computação para ensiná-los a mexer na internet, a navegar por *sites* e utilizar planilhas Excel para fazerem suas contas de banco e imposto de renda.

Alice, de 75 anos, entretanto, é uma idosa, com nível superior em Educação, que tem mais facilidade para utilizar as redes sociais do que para utilizar as ferramentas digitais mais sérias, como utilizar aplicativos para pagar contas ou planejar seus gastos financeiros em planilhas do Excel.

A tecnofobia foi raramente detectada nas entrevistas com jovens e idosos, já que para a maioria deles, o computador e, principalmente, a internet são compreendidos como uma forma de diversão, um passatempo. Para os idosos que já não têm muita força para sair de casa, buscando extrapolar os limites da sua residência com múltiplas “viagens” imaginadas, a internet pode proporcionar o sonho de passear por lugares distantes e, talvez, se sentirem jovens novamente. Identificou-se, nesses depoimentos, na verdade, a presença da tecnofilia, que é um comportamento de adesão às inovações tecnológicas, muitas vezes, sem senso crítico.

Na tecnofilia,

tem lugar o otimismo das potencialidades advindas das redes sociais, a tecnologia enxergada como instrumento que possibilitaria a emancipação humana, a real oportunidade para uma vida com mais tempo, dedicada ao lazer e o aprimoramento individual. (Tonus, Gurão e Silveira, 2017).

Jovens e idosos convergem para o uso de tecnologias e de suportes de leitura digitais, com algumas diferenças no que toca à habilidade e aprendizado do uso das mesmas. O idoso pode ter mais dificuldade no início, mas atingirá um aprendizado bastante satisfatório de como usar tais tecnologias. Não se tornará tão natural ou banal, como é para o jovem usar um *smartphone* ou um computador, vistos como interativos e intuitivos, autoexplicativos, uma extensão dos seus corpos, dos seus dedos, parte deles. O idoso ainda sente a diferença entre os seus corpos e as tecnologias, o *smartphone* não é parte do seu corpo, mas é uma ferramenta que ele pode utilizar satisfatoriamente, que lhe dá prazer e felicidade, como aprender a tocar um instrumento musical como violão ou aprender uma língua diferente da sua.<sup>13</sup> É

<sup>13</sup> Conforme Santos (2000), são as pessoas que se globalizam, não os lugares. São as pessoas que atingem novos patamares de extensão “corpórea”, onírica ou reflexiva, criando e ingressando em

o digital o meandro, o meio para estender a vontade humana através de próteses, “próteses reflexivas” (Santaella, 2019), próteses digitais e tecnológicas que fazem a vontade humana, limitada pela frustração de Schopenhauer (*apud* Simmel, 2011) ser levada a novas dimensões, a novas “terras” por braços não humanos, mas, sim, robóticos.

Sandra, professora universitária, de 60 anos, diz que:

*quando sou convidada para uma banca de doutorado e tenho que ler uma tese, tenho muito mais preferência por imprimir o trabalho para ler no papel, pois assim posso fazer anotações nas páginas. Para mim é desconfortável fazer esse tipo de trabalho no computador. Para mim, muda tudo, é outra leitura! (Sandra, 60 anos).*

Para a jovem estudante de Biblioteconomia, Angélica, de 20 anos:

*não me sinto tão impactada pela mudança de suporte assim, é claro que, para mim, muda a leitura se eu estou lendo no computador ou no livro de papel, mas eu sei que são apenas suportes diferentes, eu estudo esses suportes na faculdade que eu faço de Biblioteconomia na Uni-Rio. Eu sei diferenciar bem o que é o suporte e o que é o conteúdo da leitura, o que é o veículo e o que é veiculado, e é claro que eu me interesso pelos dois, para mim o suporte é tão importante do que o conteúdo que ele carrega. Eu mudo o suporte “meio no automático”, sem problemas. (Angélica, 20 anos).*

Os jovens utilizam as tecnologias digitais de forma quase automática, sem fazer uma distinção categórica de diferentes suportes, como um livro, um jornal – que são impressos – ou as redes. Com isso, não quer dizer que eles não sintam diferença ou não tenham suas preferências em ler em um ou outro suporte, como “o papel ou nas telas, como eles dizem; mas quer dizer que eles compreendem os formatos como formatos e não como conteúdos de leitura diferentes. Os idosos já entendem a mudança do suporte como uma alteração crucial para se mudar a leitura: o suporte influenciaria o conteúdo. A leitura na tela ainda parece ser um desconforto para a maioria dos idosos entrevistados, já que não podem fazer anotações e observações nas laterais das páginas e no decorrer dos parágrafos. Por isso, a maioria deles relata a preferência por imprimir as telas, transformando-as em páginas de papel.

---

novos mundos, portais ou sítios paralelos, e transcendendo este mundo, finito e que desaba com a morte. O humano cria uma prótese digital, robótica, tecnológica para a sua própria vontade, sedenta, porém deficiente. Assim, pode substituir ou transcender sua própria incapacidade, limitação e finitude através do mundo tecnológico e digital. A realidade virtual é aquela criada pelo humano, como se fosse o seu próprio Deus a criar, ou recriar, o seu mundo. Cria braços e pernas de lata à imagem e semelhança dos seus corpos. Seus dedos passam a possuir extensores de alcance. Nesse mundo, o poder tecnológico esmaece um pouco as possibilidades de um mundo físico e concreto.

O jovem entende que por estar mudando o suporte não significa que o conteúdo do que está sendo lido teria sido alterado, já que ele pode ler um jornal *online*, ler um livro no formato digital do *Kindle* ou ler um artigo científico no *tablet*. Seguindo essa linha, o jovem pode ver imagens, *fac-símiles* ou quadros de obras de arte de uma exposição nas telas, enquanto o idoso sente mais necessidade de ir até o museu, achando que a imagem do quadro representada na tela virtual – isto é, a imagem da imagem – descaracterizaria suas particularidades.

Também, todos esses suportes de ler são plataformas e veículos de consumo, seja o consumo de um filme-pipoca no cinema, um documentário “baixado” da internet, uma peça de teatro de Shakespeare, ou um desenho animado na TV. O texto, em seus múltiplos suportes, digitais ou físicos, também está presente nessa plêiade de consumo, fazendo do leitor, em sentido amplo, um consumidor. Consome-se informações, saberes, conteúdos, mas, sobretudo, sentidos. Consome-se o que se está vendo, ouvindo, sentindo, mais do que as palavras e as frases que se estejam lendo. Lê-se mais do que com os olhos, também se escuta, observa-se imagens, vídeos de canais do *YouTube*, sons, músicas. Tudo isso é lido e faz parte do texto que é consumido.

Consumo que pode ser por lazer ou por obrigação, mas que tanto entre jovens, quanto idosos, é muito melhor quando possuem a liberdade de consumir o que querem, quando querem, de acordo com a sua vontade, livres, sem que alguém dite ou oriente o que devem ler, isto é, consumir. Ler, em sentido amplo, é consumir, em diversos formatos e diversos tipos de conteúdo, atuando sobre os sentidos do leitor-consumidor e testando suas habilidades e destrezas de leitura. Navegar por ícones e *sites* da internet envolve destrezas diferentes do que consumir um livro físico, comprado em uma livraria ou pego em uma biblioteca pública. No entanto, todos estão sendo consumidos e podem envolver apenas frases e palavras ou também imagens, símbolos, retratos, figuras, vídeos, áudios, músicas, mapas, etc.

As experiências nos festivais de poesia em voz alta, os *Slams*, a criação literária nos *blogs*, as edições independentes, os audiolivros e as páginas digitais estimulam a ver a cena/imagem escrita de outras formas, que atuam sobre o tecido social. Trata-se de práticas culturais e de leituras que envolvem escrita, conversas e bate-papos, pensamentos, entretenimentos, informações, mensagens profundas, saberes milenares e formas de ampliar o espectro de visão e da capacidade de habitar o mundo social. (Canclini, 2015, p. 176).

Santaella (2019) fala de um “tsunami digital” e da capacidade de concentração do ser humano diante das novas formas de ler, que pedem novas habilidades e destrezas de manusear o material ou suporte que está sendo utilizado para ler e comunicar conteúdos. O mundo digital está repleto de sentidos, como audição e visão, que estão presentes no audiovisual, que mescla dois sentidos em uma função combinada de percepção: o auditivo e o visual. Para a autora, o livro físico ainda é um objeto de contemplação. O livro, com a escrita e a leitura, faz parte da formação educacional. No entanto, no mundo digital critérios hierárquicos também estão presentes, havendo uma ilusão de horizontalidade e democratização.

As tecnologias seriam o prolongamento da própria humanidade, por isso, próteses, que no lugar de substituírem um membro físico, substituem ou estendem reflexos imaginativos e de pensamento, reflexões, estruturas da memória, aprendizados e sentidos. As tecnologias são extensores reflexivos do corpo humano, como se fizessem parte das suas mãos, dos seus dedos, devido aos aprendizados integrados ao corpo para utilizá-las.

As telas dos computadores passaram a ser acessadas pelos usuários em páginas virtuais, em conjunto com o aprendizado do uso do mouse, com a setinha que apontava o cursor na tela virtual, ou mais atualmente com a tecnologia *touch screen*, com trocas diversas que são permitidas compartilhar, o que a autora chama de “próteses reflexivas” (Santaella, 2019), que são os conteúdos audiovisuais que se desenrolam no tempo e são usados como pontos de apoio dos leitores. As próteses fazem os humanos relacionarem-se com o tempo que lhes escapa, no lugar da leitura contemplativa, que exige tempo do leitor. O livro “dá ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade – o que não ocorre na tela” (Chartier, 2007, p. 18), pois o livro exige uma prática de leitura lenta e reflexiva.

E isso é diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um site. Dispomos hoje de três formas de produção, transcrição e transmissão de texto: a mão, impressa e eletrônica – elas coexistem (...) Por isso, não tenho dúvida de que a cultura impressa continuará existindo. (Chartier, 2007, pp. 3 e 20).

As próteses são como suportes, pontos de apoio, onde o intelecto pode se apoiar através de destrezas, aprendizados e habilidades físicas, manuais e motoras. A leitura em várias partes e em tantos lugares faz com que os jovens e idosos entrevistados reportem não saber onde leram uma determinada informação, dizendo

terem esquecido onde tiveram acesso a um conteúdo. “Qual foi o formato?” “Em qual lugar foi?”

A leitura do livro impresso pode manter a habilidade cognitiva da concentração, enquanto a leitura em hipertextos e hiperlinks em diversas fontes, suportes e formatos pode gerar a dispersão. Pular de uma fonte para outra e raramente retornando para a fonte inicial marca a prática de leitura dos jovens nativos digitais, o que gera uma afirmação recorrente: ler nos formatos digitais não é a mesma coisa que ler em formatos físicos, ler nas telas é completamente diferente do que ler no papel, segundo Santaella (2019), assim como pensam muitos idosos entrevistados na pesquisa. No entanto, Santaella possui 75 anos e, no seu “lugar de fala”, em que faz parte do grupo de idosos, não é de se estranhar que ela e os entrevistados dessa faixa etária convirjam nesse sentido.

### 3.2. A sociedade em rede

#### *Pela Internet*

*Eu quero entrar na rede*

*Promover um debate*

*Juntar via internet*

*Um grupo de tientes de Connecticut*

*Gilberto Gil*

O que vem à minha mente quando penso na expressão “sociedade em rede”? Se penso, de imediato, em rede de computadores; em uma sociedade imersa em tecnologias, que propiciam a circulação instantânea das mais variadas informações, pensamentos e conhecimentos; em uma comunicação em tempo real entre populações das diferentes partes do mundo – penso de acordo com Castells (1999; 2000). Nos anos 70, esse sociólogo espanhol adotou a expressão “sociedade em rede” como título de um estudo no qual ele investigava os efeitos das tecnologias na economia e na sociedade.

“Sociedade em rede” também pode ser entendida como um “conjunto de pontos ou de vértices interligados [em que] o local atinge o global por ligações sucessivas” (Henaff, 2008).

No entanto, existe um percurso que foi sendo trilhado ao longo do tempo pelas diferentes técnicas de comunicação e interação – portanto, tendo uma história – até chegar à rede da atualidade.

Babo (2017) fala sobre as diferentes formas de emprego do termo rede, ao longo dos séculos. Para a autora, a partir do século XVII, a palavra “rede” passou a ser utilizada para definir a rede usada pelos pescadores na pesca ou pelas mulheres para segurar os cabelos. No século XVIII, além dessa mesma designação, ainda passou a se referir à fisiologia, como rede nervosa e sanguínea. Já Diderot, um dos criadores da Enciclopédia, considera “rede (...) [um] conceito-chave para pensar o corpo vivo, o corpo social e, a partir da Enciclopédia, o corpo das ciências” (Diderot *apud* Babo, 2017).

A partir do século XIX, rede passou a designar “caminhos, estradas e vias férreas, ligando a uma geometrização do espaço e a uma concepção gráfica do real”.<sup>14</sup>

Em 1932, já no século XX, L.Von Wiese considerou a noção do inter-humano – daquilo que está entre os humanos – o que os liga, como graficamente simbolizado por uma rede.

Já a noção de “rede social” teria surgido por volta de 1954, quando John A. Barnes utilizou essa expressão em um artigo que publicou para definir o conjunto de relações entre pessoas e grupos sociais.

No final do século XX, Latour (1994) definiu o conceito de redes sociotécnicas, onde “(...) existe um fio de Ariadne que nos permitiria passar continuamente do local ao global, do humano ao não-humano. É [a concepção de] rede [como] práticas e instrumentos, documentos e traduções”. (Latour, 1991, p. 119).

No início do século XXI, essa ideia de rede de interações se popularizou na psicologia social e na sociologia como formas de redes de comunicação. Para Pierre Mercklé (2011), o termo “rede” passou da noção de rede que nomeava objetos concretos para designar circulação, entrelaçamento de relações topológicas, ou seja, relações entre pontos, entre nós. A rede deixou de ser o ponto, um objeto e passou a ser a ligação entre eles, o caminho, o fluxo, a relação.

---

<sup>14</sup> *Grafo* em matemática diz respeito ao “conjunto de pontos, cruzamentos ou nós ligados por traços que são os caminhos ou arestas da rede”. (Babo, 2017).

Já a principal função de uma rede social é conectar pessoas dentro do mundo digital. Os conteúdos postados nas redes sociais podem influenciar a moda, criar novas maneiras de se comportar e novos valores.

Para Babo (2017), assim como nas redes sociais, também nas redes técnicas e biológicas, sendo o cérebro o melhor exemplo ou o símbolo da rede de conexões, a rede é aplicada de modo generalizado às matérias de circulação, mobilidade, energia, troca de serviços e informações, transferência de bens, transações monetárias etc., ou seja, tudo o que está em movimento, à interconexão de vias e meios. A rede significa, em suma, circular e interconectar, mas também reter, de acordo com seu uso primitivo, no sentido de que o tecido que junta também é o que entrava e aprisiona.

Na sociedade tecnológica, as redes sociais ganham uma nova constituição. A mesma “sociedade interconectada” (Moran, 2000) é definida por Castells (1999) como “sociedade em rede”. Ambos estão caracterizando a nova estrutura social que se potencializa com o avanço das tecnologias de comunicação e de informação. Por esse motivo, o conceito de rede sociotécnica é tratado como uma das formas pela qual uma rede social pode se desenvolver. Essa rede social é a tecnologia que oferece a estrutura de sustentação das relações sociais que se estabelecerão. Por que rede sociotécnica? Porque não se trata apenas de uma rede de computadores, nem de um aglomerado de pessoas (Cebrián, 1999), mas de uma interconexão de seres humanos – uma rede social – propiciada pelas tecnologias. Nela, tudo se dá de forma peculiar, inclusive as relações entre as pessoas. Latour (1991) definia a estrutura das redes sociotécnicas, na qual o ser humano seria mais um nó, ponto de ligação, em uma estrutura não-linear, aberta a novos componentes.

A produção contemporânea de “coletivos híbridos” (Latour, 1991) sugere um modelo de redes como um espaço para viabilizar a produção e a circulação de conhecimento e as novas configurações sociais que emergem na atualidade. Sob o ponto de vista do autor, torna-se inviável o estudo das evoluções sociais sem uma abordagem acerca dos avanços tecnológicos, assim como o estudo de tais tecnologias sem um olhar sobre como as sociedades produzem e utilizam essas tecnologias. Considera-se que a internet pode ser vista como uma rede sociotécnica ao viabilizar e potencializar a interação comunicativa entre as pessoas em uma estrutura reticulada (Viseu, 2003).

A rede existe apenas em um espaço mental, que é compartilhado pelos agentes e usuários da internet, é uma verdadeira abstração, um “não lugar” (Augé, 1992), sendo o causador de uma “desterritorialização universal” (Berardi, 2019, p. 112). Entretanto, de fato, todo movimento de desterritorialização leva a um movimento de reterritorialização, como afirmaram Deleuze e Guattari (1995). Tal movimento foi, sem dúvida, a globalização, que confluiu fronteiras, misturou divisórias e gerou novos desdobramentos de trocas comerciais e também culturais, internacionais, interétnicas e interreligiosas.

No entanto, a rede não é passível de uma definição singular e eminente, nem mesmo majoritária e desprovida de polêmicas, porque a rede é um espaço infinito de troca, de confluência, de ir e vir, de circulação e fluxo de matérias, imagens, símbolos e pessoas. Onde há o infinito, de fato, nunca pode haver um conceito majoritário ou uma maioria:

Por isso, as várias visões da rede acompanham o movimento de constituição da esfera social, cultural e tecnológica da internet, sem nunca se anularem, apagarem ou superarem. As visões da rede, as **perspectivas** que partem de diversos olhares se sobrepõem, acumulam-se, entrelaçam-se. A rede é justamente o lugar em que suas diversas representações evoluem juntas [grifou-se] (Berardi, 2019, p. 113).

A rede, assim, é um espaço coletivo, de troca, de representação e, principalmente, de perspectivas. Existem várias perspectivas trabalhando na rede, fazendo dela uma “colcha de retalhos”, uma cosedura de materiais diferentes, compondo uma diversidade. Mais do que tudo, essa superfície abstrata e digital é formada a partir e através da diversidade; ela é a própria diversidade, é a diversidade de perspectivas acumuladas e entrelaçadas coletivamente.

Segundo Formenti (2000, p. 280), o mundo do capitalismo começou a colocar em ação estratégias para fazer com que a rede se tornasse uma rede do capitalismo; estratégias que submetiam a rede às exigências da economia de lucro e à comercialização dos espaços de comunicação. No entanto, o próprio autor admite que não se trata mais de uma produção capitalista de mercadorias para o corpo e para a mente, mas, sim, uma produção de um tipo de corpo e de um tipo de mente, diretamente, isto é, uma produção de *standarts*, de padrões. Investe-se em energia desejante, uma biopolítica da produção capitalista que entrelaça os poderes político, econômico e militar. A rede, assim, viu-se sujeita a manipulações e controlada por interesses dessa monta, não atendendo ao almejo utópico de que ela

se tornaria um espaço de democracia. Uma comunidade horizontal, em que todas tivessem as mesmas oportunidades e direitos de opinião, apresentaram-se como profecias ingênuas da ciberdemocracia. Publicar na internet é tarefa fácil e livre, porém após ser disparada a publicação, haverá alguém interessado em lê-la?

Trata-se, de fato, de uma aporia, uma utopia reticular que deságua na imaginação distópica, no rizoma, que é o melhor modelo conceitual para definir a rede: de autoria de Deleuze e Guattari (1995, p. 37), o rizoma é algo que não começa nem conclui, é algo que se encontra sempre no meio, no intermédio, no entre, no limiar, na liminaridade entre as coisas. Seu antônimo é a árvore, que representa a filiação, a família, a árvore genealógica; já o rizoma simboliza a aliança. Enquanto a árvore “é”, o rizoma “e”. O rizoma não é definido como a árvore simétrica; possui, sim, a chave da conjunção, forte o suficiente para desenraizar o “ser” e insculpir uma lógica do “e”, da adição; no lugar da ontologia, soçobra o tecido, liso, sem fronteiras bem demarcadas, sem fim e sem começo.

Não se trata mais de um “ser”, mas de um “tornar-se”; não mais a filiação, mas a proliferação; não mais a oposição, mas a conjunção. O conceito de rizoma é um antecipador do processo de vir à tona das articulações da telemática da rede. É um modelo relacional em que cada agente de comunicação entra em relação com outro agente de comunicação sem ser obrigado a atravessar um nóculo, um ponto central captador e sem se submeter a qualquer tipo de hierarquia que distribua a informação.

Segundo Berardi (2019, p. 117), o rizoma é o ponto de conexão entre a filosofia moderna e a ciberfilosofia. Deleuze e Guattari (1995) mostram a tradição, a passagem da ideia de árvore – com uma estrutura simétrica – para o rizoma – com uma estrutura eminentemente subterrânea e assimétrica, assíncrona, acêntrica, descentrada, não hierárquica, profusa e proliferante. O proliferar é justamente esse processo de germinação sem regras da forma de vida, um tipo de reprodução não previsível, uma forma de difusão da mensagem que não obedece a nenhum tipo de simetria ou centro.

O modelo da simetria e da disjunção da filosofia moderna, em que encontramos como principal representante Descartes (1996), passa para um modelo proliferante, conjuntivo e conectivo. Destrona-se o modo de raciocínio condicionado pelo critério da oposição, da exclusão e da alternância do “ou-ou” e

do “ou isso ou aquilo”, presente até na literatura, como no poema de Cecília Meireles, “Ou isso, ou aquilo”.

Brota o método do “e-e” *ad infinitum* “e-e-e...”, com uma logística de conjunção, uma junção causal. O mundo contemporâneo não funciona necessariamente por alternativas e exclusões, mas, sim, por proliferações, agregações e recomposições, que é a própria presença da rede telemática.

A rede é, assim, uma esfera de planos múltiplos que comporia, na verdade, uma espécie de esfera em que gira uma série infinita de planos que se sobrepõem e se juntam, sem, no entanto, se excluírem.

Assim como a formação de redes sociais, a formação de comunidades virtuais baseia-se na interconexão e envolve compatibilidade de interesses e um processo amplo de troca, de cooperação.

Para Rheingold (1996, p. 42), o desenvolvimento das comunidades virtuais se deu por dois motivos: porque os espaços públicos presenciais estavam diminuindo e porque os entusiastas da internet haviam encontrado um modo inovador de interagir. Sobre o primeiro motivo, o autor constata que, segundo Ray Oldenburg, há três lugares fundamentais: o local onde trabalhamos, o local onde vivemos e o local onde nos reunimos. Rheingold (1996) entendia que, “à medida que o modo de vida [urbano] baseado no automóvel, no hipermercado e na comida rápida foi eliminando muitos dos ‘terceiros lugares’ das cidades tradicionais em todo o mundo, o tecido social das comunidades aí existentes começou a desagregar-se.”<sup>15</sup> As comunidades virtuais se enquadrariam neste terceiro local. (Jeffman, 2017, p. 184).

Comunidade é o meio em que a sensação de pertencimento é desenvolvida no indivíduo, podendo ser uma situação familiar, amorosa, social, profissional ou territorial. “Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal – baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.” (Recuero, 2001).<sup>16</sup>

Comunidades virtuais são grupos de pessoas que se comunicam através da *Web*:

(...) as comunidades virtuais são comunidades reais? Sim e não. São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém não são “irreais”, funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais (...)

<sup>15</sup> Com a pandemia, desagregou-se também o local de trabalho, dando lugar às comunidades virtuais de trabalho.

<sup>16</sup> Artigo disponibilizado *online*. Não apresenta paginação.

também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentável. (Castells, 2000, pp. 445-446).

Especializando-se, mais ainda, pode-se falar de comunidades virtuais específicas.

(...) essas redes on-line tornam-se formas de “comunidades especializadas”, isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos. Como as pessoas podem facilmente pertencer a várias dessas redes, os indivíduos tendem a desenvolver seus “portfólios de sociabilidade”, investindo diferencialmente, em diversos momentos, em várias redes com barreiras de ingresso e custos de oportunidade baixos. (Castells, 2003, p. 110).

Na tecnologia digital, a rede se desmaterializa e se desterritorializa, combinando fluxos, mobilidade e multiplicação das ligações com imediatez e imaterialidade. Essas características incentivam uma reflexão sobre o modelo reticular para, seguidamente, colocarmos a questão do utilizador-receptor na rede e, por fim, a utilização das redes digitais. (Babo, 2017).

### **3.3. Os 3 “C” da Contemporaneidade: “Curtir”, “Comentar” e “Compartilhar”**

Neste subcapítulo, serão abordados os diferentes usos das redes sociais por públicos jovens e idosos na contemporaneidade do século XXI. Sabe-se que o século XXI é marcado pela convivência mútua de jovens, nascidos próximos ou após a Revolução Técnico-Informacional e Digital do final do século XX, com idosos que nasceram bem antes e viveram uma boa parte do século XX.

Mais do que a discussão do que jovens e idosos estão lendo na contemporaneidade, isto é, o que leem, é a discussão de como leem, de como se relacionam com os diferentes suportes de leitura que denotam as diferentes formas de ler. Os diferentes modos de ler, então, podem estar debruçados sobre um livro de cabeceira lido todas as noites antes de dormir ou sobre um *site*, um aplicativo digital ou uma rede social, onde a troca com outros usuários é muito maior do que a troca bilateral entre o leitor e o escritor do livro.

Vale esclarecer que o “como ler” não pode ser confundido com os hábitos de leitura, isto é, se o leitor possui o costume de ler um romance antes de dormir ou se lê todas as manhãs o jornal do dia enquanto toma café da manhã. Ou ainda se lê em pé, sentado, deitado ou na correria do dia-a-dia em veículos públicos no meio de vários outros transeuntes ou enquanto anda. O “como se lê”, “onde se lê” e “o

que se lê” (Canclini, 2015) interpenetram-se e realizam um jogo inextrincável de modo fluido. O “como se lê” (Canclini, 2015) é o relacionamento que os diferentes leitores possuem com os diversos suportes, formatos e veículos de leitura. “O que leem” está organizado, distribuído e apresentado em formatos que contribuem para o tipo de leitura que será realizada.

Como ler é mais do que isso, é a forma dos leitores se relacionarem, é o formato que traz o conteúdo do que será lido por eles e como eles o encaram, suas preferências, seus usos, suas crenças e seus valores em torno dele. Compreender como os leitores se relacionam com esses diferentes formatos e suportes de leitura é entender como esses leitores estão praticando a leitura em suas diversas formas. É entender o “como” das práticas de leitura, em último exame, como eles estão vivendo a leitura.

O enfoque será nas práticas de leitura digitais e computadorizadas com o auxílio da *World Wide Web* e da internet. Nas redes sociais, a leitura é basicamente *online*, onde há comentários, trocas e compartilhamentos, todos *online*, com reverberações óbvias e diálogos de influências mútuas no meio *offline*. As redes sociais trazem alguns efeitos, como as formas de ficcionalização, relações de imagética, identidades e subjetividades fictícias e ganhos de privacidade, além dos amigos virtuais, que podem nascer virtuais ou serem amigos reais que passaram a ser também virtuais. As redes sociais foram escolhidas por mim devido a sua importância ímpar na contemporaneidade, sendo a maior rede de leitura e comunicação na atualidade, onde há mais troca, compartilhamento de conteúdos, de imagens, de áudios e de escritos. Quase todos usam as redes sociais na contemporaneidade e o meu público de jovens e idosos atestaram isso nas entrevistas, mostrando conhecimento, participação e interesse por elas. Por isso, as redes sociais não podiam deixar de fazer parte de uma pesquisa sobre leituras na contemporaneidade.

As redes sociais do Instagram e do *Facebook* serão os principais aplicativos, além do *WhatsApp*, onde pode-se ler, que serão analisados quanto à forma de relacionamento, uso, crença, valores e manejo de públicos jovens e idosos. Como esses públicos estão vivendo ou vivenciando a leitura através desses aplicativos na contemporaneidade. Para isso, é indispensável entender os três recursos centrais da forma de reagir à leitura nessas práticas de leitura contemporânea e tecnológica: o *curtir*, o *comentar* e o *compartilhar*.

Os “3 C da contemporaneidade” são o curtir, comentar e compartilhar, que aparecem em praticamente todos os espaços virtuais da *net*, sejam *sites*, profissionais ou não, *blogs*, artigos de opinião, os conhecidos aplicativos do *Facebook*, *Instagram* e outras redes sociais.

O que é lido recebe a curtida ou a descurtida, o comentário e o compartilhamento como formas de manifestação, de reação, efeito e troca, frente ao que foi lido, estabelecendo uma ponte entre leitor e autor que confunde os dois em sujeitos mais próximos e mais indiferenciados, além do público virtual de amigos e seguidores que acompanham essas manifestações virtuais.

Esses três recursos possuem uma forte relação social e interpessoal, em que a leitura deixa de ser individualizada e solitária para passar a ser coletiva, curtida, comentada e compartilhada, através da troca do que é lido, dos conteúdos do formato, sendo essa a forma, isto é, o “como se lê” dessa contemporânea prática de leitura, fazendo da leitura contemporânea uma leitura coletiva e social.

“A mídia digital é uma mídia da *presença*.” (Chul-Han, 2018, p. 35). A temporalidade da mídia digital é o presente imediato. As informações são produzidas, enviadas e recebidas de forma desmediatizada, sem mediação de intermediários, conforme Chul-Han (2018), apesar de sabermos que uma comunicação totalmente desprovida de intermediários, hierarquia, hierarquizações e verticalizações seja uma quimera. O rádio, que é uma mídia eletrônica clássica de massas, só permite uma comunicação unilateral e anfiteatral, transmitindo em uma única direção. O destinatário da mensagem ocupa uma posição de passividade e essas mídias clássicas são instâncias de poder. Já as mídias digitais não possuem essa posição passiva, mas, sim, são produtores e receptores ativos, não se contentam mais em consumir informações passivamente, mas produzem e comunicam as informações ativamente. Assim, se é consumidor e produtor ao mesmo tempo, as mídias digitais são portas e não janelas, são portas pelas quais se pode passar, e não janelas por onde apenas se pode ver, observar, apreciar.

Diferentemente do rádio ou da televisão, onde o modelo dominante era essencialmente “cêntrico”<sup>17</sup> (Berardi, 2019, p. 117), as mídias digitais, como blogs,

---

<sup>17</sup> Nessa época, Guattari já falava da sociedade pós-midiática, época em que ele intuía algo a frente do seu tempo, intuía uma sociedade capaz de substituir as mídias molares de tipo cêntrico por mídias moleculares de tipo reticular. Ele se referia às primeiras manifestações do princípio de rede: o movimento das rádios livres, depois as experiências de comunidades telemáticas que floresceram ao longo dos anos 80. (Berardi, 2019, p. 117).

Facebook e outras redes sociais desmediatizam a comunicação (Chul-Han, 2018, p. 37), que é a qualidade da sociedade de opinião e informação. Todos produzem e enviam informações, fazendo com que os jornalistas como profissionais responsáveis por transmitir as informações deixem de ser profissionais tão peculiares, perdendo seus perfis específicos. Todos podem ser espécies de jornalistas na contemporaneidade, todos querem estar sempre presentes, de preferência, ubiquamente, em todos ou em vários lugares ao mesmo tempo, e serem sujeitos opinativos, apresentarem suas opiniões sem a presença de intermediários. No lugar da representação de intermediários, fortalece-se o papel da “copresentação” (Chul-Han, 2018, p. 37). No entanto, a desmediatização leva, muitas vezes, a uma massificação, “achatando” linguagens e culturas, tornando-as vulgares, além de uma possível confusão entre o escritor e os leitores, em que o escritor passaria a ter o objetivo de atender somente as expectativas dos seus leitores, escrevendo o que eles querem ler. A confusão entre leitor e escritor se pareceria com a mistura entre o espaço público e o espaço privado, com ambos coexistindo, sobrepondo-se, misturando-se. Isso também aconteceria em outros campos sociais, como na política, entre o político e o seu eleitorado, por exemplo.

Em todos esses casos, o futuro perde força e passa a ser substituído pelo presente, em um procedimento de presentificação, em que o presente não amadurece e permanece transparente. A “sociedade da transparência” (Chul-Han, 2018, p. 40) possui um regime político ditatorial, sendo uma verdadeira “ditadura da transparência”, em que opiniões ou ideias não habituais não conseguem ter voz, sendo silenciadas. Dificilmente se pondera alguma questão e a pressão sobre o conformismo é imperativamente ocasionada pela transparência. A vigilância permanente que aludimos gera a sensação de estarmos sendo a todo momento observados e monitorados. A comunicação digital destrói o silêncio, não sobram vozes mediadoras, mas apenas ruídos, em um estertor em que só se ouve o barulho.

A leitura compartilhada, referida e embebida pelo outro e apoiada pelo “plantão permanente” das inúmeras solicitações, que vêm das telas, mobiliza um tipo de abertura às redes que tem dificultado cada vez mais uma circunstância de isolamento para as pessoas (...) (Almeida, 2020, p. 5).

Questões de sociabilidades (Petit, 2013, pp. 106-109), compartilhamento e coletivização dos conteúdos lidos, de informações obtidas e, também, das próprias

práticas de leitura transfiguram quase tudo em uma fluidez contínua sem perenidade (Bauman, 2001).

Assim, é inquestionável que as redes sociais são práticas de leitura e sobre elas se destinam diversas formas, isto é, relacionamentos, com usos e vivências diferentes. A forma de ler através desses suportes tecnológicos envolve os recursos da coletivização da leitura na contemporaneidade através das reações do curtir, comentar e compartilhar.

### 3.3.1. O curtir



18

Mudando apenas de nome e, às vezes, o símbolo, curtir pode ser chamado de joinha ou de “amei” e o seu símbolo ou figura pode ser um dedinho para cima, um coraçãozinho ou uma carinha feliz (*emoji* ou *emotion* positivo). Curtir é elogiar.

No *Facebook*, o dedinho no positivo significa que você está curtindo algum conteúdo que alguém publicou no seu mural ou compartilhou no *inbox*, que é a mensagem privada em dispositivos de comunicação.

Renan, de 26 anos, formado em Direito pela UCAM, posta momentos importantes da sua vida para mostrar para os outros:

*eu publico ou posto aqueles momentos que quero guardar e mostrar para os outros, como se eles pudessem ficar congelados no tempo por terem sido importantes, inesquecíveis, e faz bem para o meu ego, sabe? A gente se sente forte, poderoso ou simplesmente importante (Renan).*

Aqueles momentos que Renan não quer lembrar, que não foram muito bons ou que apenas não foram espetaculares e especiais, ele não registra, nem posta nas suas redes sociais. Para ele, as redes sociais, como o *Facebook* e o Instagram, que ele admite utilizar alternadamente e às vezes simultaneamente, repetindo as mesmas publicações nas duas plataformas, servem para mostrar “o que ele tem de bom”, “o

<sup>18</sup> Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/curtir-facebook/> Acesso em: 25/05/2021.

seu lado bom”, o seu sucesso e as suas conquistas. Após a postagem, espera-se a curtida!<sup>19</sup>

Ter curtido ou amado um conteúdo quer dizer que aquele que curtiu, achou “bacana” o que aquela pessoa que recebeu a curtida postou. A pessoa que recebe a curtida se sente feliz por estar agradando, o que vem junto com o se sentir um pouco famosa, mesmo que por um ou dois dias – ou pelos rápidos “dois minutos de fama” em que a sua publicação é lembrada. Depois, o indivíduo tem que publicar outra coisa se quiser continuar na mídia, já que “quem não é visto, não é lembrado”<sup>20</sup> e ser curtido também traz alegria para quem recebe a curtida.

Somos convidados a dizer que gostamos do que lemos. Podemos curtir (...) o curtir é uma forma de aprovar, elogiar, admirar. (...) Mostre-me o que postou e curtirei quem você é. (...) O que eu curto, por outro lado, reflete, de certo modo, meus interesses, minha visão de mundo, meu sistema pessoal de convicções. (Perissé, 2013).<sup>21</sup>

As curtidas, por sua vez, também ajudam a dar uma espécie de credibilidade àquele conteúdo, mostrando que ele vale a pena ser lido.

### 3.3.2. O Comentar

O comentário tem algo a mais do que uma simples curtida, porque ele tem um significado mais pessoal daquele que parou para escrever um comentário na publicação de uma pessoa. Ele parou, se deu ao trabalho de ler a publicação, pensou em alguma coisa a dizer e elaborou uma frase ou texto. O comentário, quando é “laudatório” dá prestígio para quem postou.

O comentário exige um trabalho mental, [apesar de] em um dado momento [ser] um mero kakakaka, ou um descontraído shuashuashua, ou um simpático hehehehe. Não precisa ser profundo (...) ou posso fazer um comentário grosseiro [ou cortês]. (...) O teclado não se opõe. (Perissé, 2013).<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Dificilmente, alguém bate uma foto de um enterro ou velório, expondo o caixão do ente querido que está prestes a ser inumado ou cremado, ou da despedida de um casamento, onde o casal está prestes a se divorciar diante de seus advogados em uma audiência. As fotografias e os retratos são tirados de momentos especiais que querem ser lembrados, que pretendem ser guardados, congelados ou mostrados e expostos para todo mundo ver, como uma forma de contar um feito que comunique alguma alegria ou *status* social.

<sup>20</sup> “Quem não é visto, não é lembrado” é um ditado popular muito adequado para a temática da visibilidade nas redes sociais tecnológicas.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/08/02/curtir-comentar-e-compartilhar/> Acesso em 22/04/2021.

<sup>22</sup> Ibid.

Comentar é interagir. Através do comentário pode-se interagir com o dono da publicação e com outros internautas que visualizaram determinada publicação. Com um comentário a pessoa expressa seu ponto de vista. Se ela curtiu a publicação, ela pode explicar no comentário o porquê de ter curtido e, ainda, acrescentar informações.

Para fazermos uma publicação, não precisamos mais de autorização, basta acionar o botão publicar. Do outro lado da tela, haverá uma pessoa para comentar, compartilhar ou curtir, e, a partir dessas trocas, começará a conversação. (Shirky, 2011).

“Nessa atividade [de comentar] os participantes podem interagir contribuindo com as postagens do grupo, trocando informações, contra argumentando opiniões, colaborando para uma produção coletiva.” (Dieb-Souza e Soares, p. 8).<sup>23</sup>

### 3.3.3. O Compartilhar

O compartilhar é muito mais amplo em termos de difusão da informação do que o curtir e o comentar. O autor do compartilhamento não visa apenas colocar uma joinha de curtir mostrando que achou “bacana” aquele conteúdo, ou adicionar um comentário a ele, rebatendo, complementando ou elogiando alguma informação que ele tenha.

O objetivo do compartilhar está em disseminar a informação lida ou assistida, em “passar a informação à frente”, para outros usuários, fazendo com que outros leiam aquele conteúdo. “O compartilhamento das leituras entre os jovens e os idosos pesquisados é um dos indicadores mais representativos das transformações nas formas de ler na contemporaneidade.” (Almeida, 2020, p. 5). Para alguns, pode até ser uma forma de filantropia ou altruísmo, em termos comunicativos, compartilhando aquela informação que pode ser útil e possuir serventia para outra ou outras pessoas.

Alberto, de 29 anos, estudante do doutorado de Ciências Sociais da PUC-Rio, usuário do *Facebook* há oito anos diz que já foi e ainda é um pouco viciado na plataforma. Quando ele compartilha, acha que pode ajudar muita gente em algum

---

<sup>23</sup> Disponível em: [https://ucpel.edu.br/senale/cd\\_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf](https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf) Acesso em: 08/05/2021.

assunto, muitas vezes, profissionalmente ou em algum assunto relacionado à autoajuda, como o desincentivo ao suicídio no mês do “Setembro Amarelo”. Ele se sente como se estivesse ajudando outras pessoas, divulgando um *link* ou uma publicação que pode ser importante para elas. Ele vê o compartilhamento como uma boa ação, mas admite sentir-se também importante por se sentir uma pessoa boa, que pode estar ajudando os outros.

Compartilhar é [também] ensinar. Compartilhar pressupõe adesão e engajamento. É uma pequena contribuição, sem dúvida. A própria etimologia do verbo “compartilhar” nos remete à palavra “partícula”. É um gesto pequeno, mas com uma intenção importante: transmitir e ensinar (...) O compartilhamento aumenta o alcance do curtir e do comentar. (Perissé, 2013).<sup>24</sup>

Entretanto, atualmente, também são compartilhadas muitas notícias e informações que não são verídicas. Trata-se dos compartilhamentos de *fake news*, que invertem o próprio sentido do objetivo de compartilhar uma informação para ajudar ou ter uma serventia para outras pessoas. As informações veiculadas como *fake news* compartilham mentiras e falsidades, confundindo os receptores de tal compartilhamento. Ao invés de informarem e orientarem, elas enganam, ludibriam em uma iniciativa própria de desinformação. Vale ressaltar que atualmente o *Facebook* é o segundo maior canal de disparo de mensagens de *fake news* do Brasil, segundo pesquisas do Relatório de Notícias Digitais<sup>25</sup>. Diante disso, o *Facebook* anunciou que tem trabalhado para conter a propagação de notícias e perfis falsos e que pode retirar do ar postagens falsas.<sup>26</sup>

A troca de conteúdos pelo meio digital com as ferramentas de compartilhamento, como no *Facebook*, em geral permitem que haja um compartilhamento ou uma troca da leitura que se dá pela internet e pelas suas vias digitais. Esses conteúdos trocados podem ser orais (com áudio), imagéticos – com imagens, figuras, fotos, tabelas, esquemas, gráficos, etc. – audiovisuais – com vídeos que possuem oralidade, som e imagens em movimento ao mesmo tempo – ou escritos – com conteúdos semelhantes aos impressos, no entanto, sem a presença

<sup>24</sup> Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/08/02/curtir-comentar-e-compartilhar/>. Acesso em 22/04/2021.

<sup>25</sup> Relatório de Notícias Digitais, do Instituto Reuters, 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna\\_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml). Acesso em 22/04/2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/02/facebook-pode-remover-publicacoes-com-fake-news-sobre-vacinas.ghtml>. Acesso em 22/04/2021.

do papel e do seu caráter físico, mas com letras, palavras e frases para serem lidas nas telas. Os comentários sobre esses conteúdos digitais aparecem como um *feedback* ou devolutiva que dá um retorno sobre eles, mostrando a opinião do leitor para o autor.

A “leitura de retorno” é uma terminologia cunhada por mim neste trabalho como uma inovação à cadeia temática da leitura e suas práticas, em que contém uma necessidade ou uma vontade de um retorno por parte daquele que lê um conteúdo que outra pessoa escreveu: se gostou, aprovando com uma curtida ou um elogio expresso em um comentário; se não gostou, rejeitando o seu conteúdo. Em geral, tanto idosos, quanto jovens gostam de receber um retorno pelos conteúdos que acabaram de produzir, assim como o autor gosta de receber um *feedback*, um retorno em torno da obra que acabou de tornar pública. Essa “leitura de retorno” exacerba a necessidade de um retorno por parte do leitor ao autor do escrito, a produção do autor (como causa) e o recebimento do leitor (como consequência) recebem o acréscimo do retorno por parte do leitor ao escritor. O leitor não é passivo, mas ativo, interagindo com o autor, após ter lido seu texto. O autor, por sua vez, escreve esperando o retorno do seu leitor. Haveria uma espécie de réplica do leitor, seguida, ainda, de uma espécie de tréplica do escritor. O autor escreve; o leitor lê e pergunta/comenta; e o autor responde a ele.

Os atores da “leitura do retorno” não fazem produções autorais apenas para oferecer ao público ou contribuir para a coletividade, mas também visam receber um retorno desta. O objetivo fulcral está no retorno e não na oferta. Quando se faz uma publicação social nas redes da internet, este procedimento é exacerbado, mostrando que é a busca que “fala mais alto” e o que se busca é a curtida, a aprovação alheia, o “afago do ego”. A oferta, às vezes, apresenta-se como um subterfúgio para iniciar a “cadeia do recebimento” que se encontra no cerne da ação social escritora.

“O compartilhamento (...) é percebido como nova maneira de estar no mundo, pautada por construções de si que são orientadas para o olhar alheio.” (Sibilia *apud* Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 408).

### 3.4. O Facebook e o Instagram



27



28

O sucesso das redes sociais está apoiado em instrumentos que permitem compartilhamento, interação e participação, potencializados pela Internet. (Antoun, 2008, p.19).

O *Facebook* e o Instagram são as redes sociais mais famosas da contemporaneidade entre o meu grupo de jovens e idosos entrevistados.

O *Facebook* permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. Foi criado por Mark Zuckerberg, um estudante de Harvard e lançado em fevereiro de 2004. No início, o *Facebook* era restrito aos estudantes de Harvard e aos poucos foi se expandindo para outras universidades. Tornou-se aberto a todos somente dois anos depois, quando passou a aceitar estudantes, pessoas e empresas (Torres, 2009, p. 140). *Facebook* é um termo composto por *face*, que significa “cara”, e *book*, que significa “livro”, o que indica que é um “livro de caras”.<sup>29</sup> O objetivo é criar uma rede de amigos, interconectando-os na internet. O *Facebook* é uma ferramenta comunicativa para mediar o intercâmbio de informações.

O Instagram foi criado em outubro de 2010 pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger para o compartilhamento de fotos e vídeos. Em 2012, o *Facebook* comprou o Instagram. “Insta” vem de *Instant Camera*, que significa “câmera instantânea”. Já “gram” foi tirado de *telegram*, ou seja, telegrama, que era a forma mais rápida de enviar uma mensagem via correio. No Instagram, o foco é voltado para o conteúdo visual. O seu usuário pode publicar e compartilhar as suas fotos e vídeos de curta duração, tendo seguidores, que são as pessoas que veem as suas atualizações, seguindo as suas postagens. “Observamos como mais do que um ambiente digital colaborativo de registro e compartilhamento de imagens e vídeos, essa rede também é interface para a elaboração de uma estética imagética que é

<sup>27</sup> Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/> Acesso em: 23/04/2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/> Acesso em: 23/04/2021.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/facebook/> Acesso em: 22/04/2021.

marca identitária de seus usuários ou *instagramers*.” (Luz, 2015, p. 35). Nele, pode-se curtir, comentar e marcar. Marcar é fazer com que uma dessas fotos ou vídeos recebam a menção de um desses seguidores, fazendo com que elas possam ser adicionadas também no perfil desse seguidor mencionado, seja na sua linha do tempo ou no seu *story*.

O *Facebook* e o Instagram possuem *stories*, que são espaços onde fotos, vídeos ou escritos rápidos podem ser adicionados à sua conta para que seus amigos ou seguidores os vejam e, depois de 24 horas, essas publicações desaparecem. Uma questão interessante é que o usuário pode ver quem visualizou seu *stories*. Alguns recursos interessantes do *story* são *boomerang*, que é um vídeo bem curto que se repete infinitamente; “mãos livres”, que é um recurso que permite que o usuário filme pelo tempo que quiser; e transmissão ao vivo, pelo qual o usuário pode transmitir em tempo real para os seus seguidores o que está fazendo e onde está; em uma palestra, em uma festa, etc.<sup>30</sup>

As *hashtags* (#) permitem a visualização dos conteúdos mais populares nas redes e servem como um mecanismo de busca das publicações e ajuda no momento de segmentar seu público e indexar as redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha antes de uma palavra, frase ou expressão. Quando essa combinação é publicada, transforma-se em um *hiperlink*, que leva para uma página com outras publicações relacionadas, criando um engajamento com outras publicações sobre o mesmo tema, aumentando a visibilidade da publicação.

No Instagram, existe o *Direct*, que é uma espécie de *chat*, no qual o usuário pode trocar mensagens com outros de forma particular. Já no *Facebook*, existe o *Messenger*, com a mesma finalidade.

A maioria dos idosos entrevistados possuíam *Facebook* e utilizavam a plataforma como meio ou canal para se comunicar com familiares ou amigos e ver notícias. Algumas idosas, disseram aprender receitas de comida no *Facebook*. Além disso, admitiam poder acompanhar a vida das pessoas que gostam, mas que muitas vezes não moram na sua cidade, que estão em outro estado do país ou mesmo que estão vivendo fora e que não as veem há muito tempo. Então, é uma forma de participarem das suas vidas e elas participarem das suas, através do mundo digital, como declara Lourdes, de 73 anos, e Waldelice, de 78 anos, ambas professoras do

---

<sup>30</sup> Disponível em: [www.voitto.com.br/blog/artigo/instagram](http://www.voitto.com.br/blog/artigo/instagram) Acesso em: 02/05/2021.

Estado do Rio aposentadas. Elas afirmam que o *Facebook* também é uma forma de divertimento e lazer para elas que ficam mais em casa e saem menos. Então, dizem que participam da vida de várias pessoas, como se fosse uma novela da Globo ou de outra emissora, mas os personagens são pessoas conhecidas, e não atores e atrizes famosos.

Para Waldelice, o *Big Brother Brasil* (BBB) não dá o mesmo prazer do que o *Facebook*, porque

*as pessoas que estão no seu Facebook você conhece de alguma forma, elas já participaram da sua vida ou conviveram com você em algum momento, você lembra delas e pode acompanhar e manter a amizade. As pessoas podem ver o que você está fazendo, acompanhando as suas vitórias e conquistas pessoais, ou as do seu filho e família vendo as publicações e status (...) É diferente dos “artistas” de um “reality show”, onde mesmo que você vote pelo telefone ou pela internet no seu preferido, para que ele fique na ‘casa’ e ganhe o programa, você nunca viu aquelas pessoas na sua vida (...) (Waldelice).*

É curiosa a comparação entre a casa e a rua realizada por DaMatta (1997), quando aplicada a um *reality show*, como o BBB. No BBB, os vitoriosos são os participantes que ficam na casa e, não, os que saem dela para a rua ao longo do programa. Quem sai por último, vence.

(...) A gramática social da casa brasileira (...) transborda em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como “vá para a rua!” ou “vá para o olho da rua!” Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o consequente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo “do olho da rua”, isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. (DaMatta, 1997, p. 37).

Mas em um *reality show*, a casa também é uma espécie de rua no que diz respeito à visibilidade, deixando de ser o espaço da intimidade e da privacidade, é estar na mídia, “na boca do povo” e ser visto pelos outros, como a rua também cumpre esse papel.

Nas entrevistas com idosos, pude apurar que poucos possuíam Instagram. O *Facebook* é a rede social escolhida por eles! Eles chegam a ser chamados de “os 60+online” da internet.<sup>31</sup>

O *Facebook* revela que duas em cada três pessoas acima de 60 anos acessa o *Facebook* via celular<sup>32</sup>, 83% dessa população acessa o *Facebook* diariamente e

<sup>31</sup> Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights> Acesso em 22/04/2021.

<sup>32</sup> Dados internos do *Facebook* Q4 de 2015.

somente 25% tem uma conta no Instagram. Esse público também realiza outras atividades na internet, como a compra de produtos, o que já é experimentado por 49% de idosos brasileiros. As compras favoritas pelos idosos na internet são: moda (24%), viagens (33%), eletrodomésticos (42%) e eletrônicos (58%).<sup>33</sup>

Mas, por que seria que os idosos utilizam mais o Facebook e os jovens “correram” para o Instagram, apesar de manterem o *Facebook*, utilizando-o com mais cautela?

Quando perguntado para alguns idosos porque eles tinham *Facebook* mas não tinham Instagram, alguns deles responderam que o *Facebook* tinha vindo primeiro, que eles já estavam acostumados àquela rede, que o Instagram era só para fotos, não permitindo escrever mensagens ou escrever textos, o que não é verdade, mostrando até algum desconhecimento sobre suas funções e ferramentas. Disseram também que o Instagram era mais difícil de usar, que ter duas redes sociais parecidas era demais e que ia dar muito trabalho ficar administrando as duas ao mesmo tempo. Foram várias as respostas que indicavam uma falta de interesse ou de vontade em ter, além do *Facebook*, também uma conta no Instagram. Esses idosos pareciam estar satisfeitos com o seu perfil no *Facebook*, divertindo-se com ele, mas não vendo necessidade e nem interesse em fazer também um Instagram.

Heitor, de 65 anos, médico, achava inútil ter um Instagram, pois ele já tinha um *Facebook* e todo mundo que ele conhecia já estava lá.

*Para que ter duas redes sociais com as mesmas pessoas? Só iria dar mais trabalho para eu postar em duas plataformas e ia ficar vendo publicações repetidas dos meus “amigos” que iriam ficar postando os mesmos conteúdos nas duas redes e isso ia só ficar ‘enchendo meu saco’.* (Heitor).

A plataforma do *Facebook* se modernizou e se democratizou, deixou de ser um espaço selecionado para jovens, integrando também os mais velhos. Já para os jovens, o *Facebook* é uma rede social ultrapassada em comparação com o Instagram, sendo mais usada por idosos e tendo “envelhecido” junto com o seu público. Os jovens narram que o *Facebook* começou a se tornar uma rede social muito utilizada por famílias e pessoas muito idosas, sendo descaracterizada como uma plataforma apenas para amigos ou um espaço onde se podia conhecer gente

---

<sup>33</sup> Estudo 60+ na internet realizado pelo Instituto Locomotiva em 2016. Dados dessa pesquisa disponíveis em: <https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights> Acesso em 22/04/2021.

nova ou flertar através da *net*. Eles lembram que começaram a surgir contas e perfis do *Facebook* familiares, isto é, casais ou famílias que passaram a ter apenas uma conta para todos eles, deixando de terem perfis só deles e que mostrassem quem eles são, seus gostos, divertimentos e objetivos na rede.

Para Marcos, de 25 anos, estudante de Engenharia de Telecomunicações da Universidade Estácio,

*o Facebook passou a ser uma rede social de família, onde entre os seus amigos, você passou a ter também a sua mãe, o seu pai, os seus avós, um monte de tios e parentes. Então, fazer publicações no Facebook passou a ter que ser um ato mais cuidadoso, zeloso, porque a sua mãe, pai ou avós não podiam ver tudo e qualquer coisa que você publicasse ou postava, passando a ser uma rede sem privacidade.* (Marcos).

Por tudo isso, os jovens pararam de usar o *Facebook*, ou passaram a usar menos e com mais cautela e prudência, para evitar serem julgados, moral, social ou profissionalmente e “se queimarem” diante de amigos, conhecidos, desconhecidos, famílias, empregadores e patrões, o que poderia atrapalhar suas vidas. Mesmo com os diversos filtros e as inúmeras possibilidades de privacidade e segurança que o *Facebook* apresenta no seu suporte ao usuário, ele continua sendo uma rede devassada, muito mais do que o Instagram. O *Facebook* sempre teve uma lógica, desde o seu início, de deixar “rastros”, mantendo todas as suas publicações na linha do tempo e mural, a não ser que o dono do perfil as apagasse.

Todo clique que eu faço é salvo. Todo passo que eu faço é rastreável. Deixamos rastros digitais em todo lugar. Nossa vida digital se forma de modo exato na rede. A possibilidade de um protocolamento total da vida substitui a confiança inteiramente pelo controle. No lugar do Big Brother, entra o Big Data. O protocolamento total e sem lacunas da vida é a consumação da sociedade de transparência. (Chul-Han, 2018, p. 122).

A “sociedade de transparência” aproxima-se da sociedade da vigilância, pois quando se expõe de modo transparente informações que dizem respeito a si próprio ou alhures, torna-se fácil vigiar o que cada um está fazendo. O sistema social muta-se da confiança para o controle e transparência, seguindo a lógica da eficiência (Chul-Han, 2018, p. 122), “onde no panóptico digital não é possível nenhuma confiança – ela não chega nem mesmo a ser necessária”. (Chul-Han, 2018, p. 121).

O *Facebook* popularizou-se enormemente, recebendo a entrada de quase todos os tipos de pessoas na sua rede, como se ter um perfil no *Facebook* fosse

equivalente a ter uma “cédula de identidade”, ser cadastrado no mundo sociodigital, isto é, no mundo das redes sociais e no mundo virtual, que é parte das relações sociais reais e, não, um pólo dicotômico em relação ao real.

Além disso, é uma ferramenta que realiza muitas “pontes” facilmente, às vezes automáticas e realizadas pelo próprio *Facebook* que localiza pessoas que você possui o número de telefone ou o e-mail, sendo essa pessoa apresentada como um possível amigo que você deve adicionar, tendo acesso ao seu perfil e vendo as suas publicações. Esses fatores explicam a maior tolerância e, também, a preferência pela rede social do *Facebook* pelos idosos; em comparação com a preferência quase majoritária dos jovens pela plataforma do Instagram.

As duas gerações de jovens e de idosos possuem gostos e preferências diferentes em relação às redes sociais usadas, o que tem relação com as suas diferenças de idade, com o período da vida em que se encontram e com o que já viveram. Para os idosos, é difícil a adaptação às novas práticas, métodos e sistemas, além das visões diferentes de pessoas que nasceram em épocas distintas. Essas visões são influenciadas também pelo contexto em que viveram. Os idosos, que já carregam uma quantidade maior de experiências, dividem o mesmo espaço com os jovens, que cresceram em um mundo digital. Porém, os idosos também têm valores a agregar.

### 3.5. Os “jargões!” e os *emojis* das redes sociais



34

É interessante perceber que as redes sociais da *net* estão repletas de “jargões” especiais que só quem as utiliza ou está acostumado a acessá-las os conhece, como “curtir”, “visualizar”, “stories”, “status”, “digital influencer”, “meme”, “crush”, “stalkear”, “shippar”, etc. Utilizar as redes sociais é também habituar-se e inteirar-se do seu vocabulário e do seu léxico próprio, além de conformar-se a sua etiqueta: uma educação inerente às redes sociais, que estabelece

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/08/android-9-pie-conheca-os-novos-emojis-do-sistema-operacional.ghhtml> Acesso em: 25/05/2021.

uma etiqueta social virtual, que tem que ser observada com atenção e cautela para não gerar mal entendidos, invasões de privacidade ou problemas de segurança e de ameaças digitais.

Roberto, de 23 anos, estudante de comunicação social na PUC-Rio, afirma que é falta de educação, falta de etiqueta eletrônica, ou “netiqueta”<sup>35</sup>, sair curtindo todas as fotos ou publicações de uma mesma pessoa de uma vez. Isso pode dar a impressão de que a pessoa está *stalkeando* a outra, outro “jargão” das redes sociais que significa estar perseguindo aquela pessoa, invadindo a sua privacidade. Para ele, as redes sociais devem ser usadas com cuidado e moderação para não se tornarem um espaço virtual de brigas e conflitos, gerando, como consequência, bloqueios, denúncias ou término de amizades e de relacionamentos amorosos por causa do mal uso das redes.

“Netiqueta” é um termo popular para se referir às regras básicas que guiam a convivência das pessoas na internet. Algumas atividades, conforme essa netiqueta, devem ser evitadas no ambiente virtual:

- 1- O uso de letras maiúsculas significa que estamos gritando com o outro. Caso queira fazer um destaque, opte pelo negrito ou sublinhado.
- 2- Textos longos são cansativos e dificultam a leitura. Utilize espaços em branco entre os parágrafos e tente ao máximo ser conciso e objetivo.
- 3- Não se esqueça de pontuar as frases.
- 4- As gírias e *emojis* são bem-vindos, pois trazem a aproximação, porém utilize-os com bom senso.
- 5- Não use palavrões.
- 6- Antes de digitar algo, pense bem na imagem que você deve transmitir aos outros, se irá ofender ou constranger alguém. Lembre-se que você pode ser responsabilizado, disciplinarmente ou criminalmente, pelas infrações cometidas no ambiente virtual.
- 7- Evite escrever em uma outra língua quando não solicitado.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Etiqueta, educação na internet.

<sup>36</sup> Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/206361/2/Dicas%20de%20Netiqueta-Christiane.pdf>  
Acesso em: 08/05/2021.

Os *emojis* são ideogramas que nasceram no Japão para serem usados nas comunicações *online* e servem para expressar estados de espírito, emoções humanas, sentimentos e gestos. Aproveita-se para sinalizar que eles também são uma forma de ler na contemporaneidade através dos seus símbolos, como suas carinhas felizes, carinhas chorando, dedinhos para cima, dedinhos para baixo, carinhas mandando força, aplausos, nota cem, que expressam uma forma de leitura visual, de rápida apreensão, simbólico-afetiva e icônica. Eles também são “jargões visuais” das redes sociais, apesar de serem figuras.

Os *emojis* do *Facebook* vivem se atualizando e modernizando, sempre surgindo novas expressões afetivas de acordo com os contextos que as sociedades vêm enfrentando. Atualmente, em 2020, com o cenário do Corona Vírus e o contexto de muitas mortes de entes queridos pelo vírus, o *Facebook* criou mais um novo *emoji*, agora uma carinha triste abraçada com um coração rosa, chamada de “Força” (🤔)<sup>37</sup>. Usando esse *emoji*, o usuário pode dedicar força aos amigos da comunidade *Facebook* pelas suas perdas e momentos difíceis.

As redes sociais diminuem a capacidade de passar sentimentos, porque as pessoas não estão se vendo – apesar de verem as suas fotos – e talvez, por isso, tenham sido inventados os *emojis*. É uma forma lúdica de expressar sentimentos por imagens. “Se os *emojis* possibilitam a diversidade das reações como forma de expressão das emoções, é possível classificá-los dentro da perspectiva da análise de sentimento.” (Pinheiro, 2018, pp. 74-75).

O crescente uso dos *emojis* é uma tentativa de transmitir mais sentido de forma mais econômica em determinados contextos de interação, mas, ao mesmo tempo, fazendo emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções. As imagens são sempre mais fortes e é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo “eu te amo”. (Paiva, 2016).<sup>38</sup>

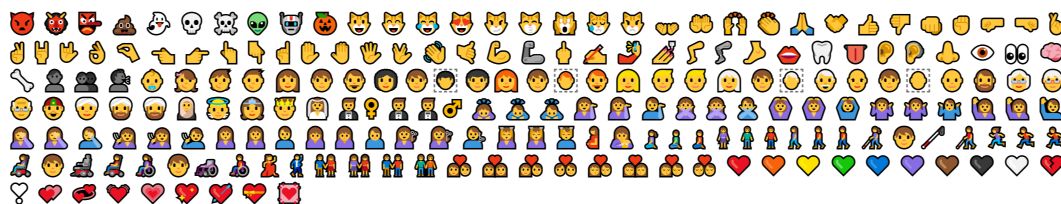
Assim, a comunicação eletrônica torna-se uma “descarga de afetos instantâneos”, tornando-se uma “mídia de afetos” (Chul-Han, 2018, p. 15), transportando mais afetos do que a ultrapassada comunicação analógica.

Figura 2: *Emojis* com afetos



<sup>37</sup>Disponível em: [https://m.facebook.com/PraCegoVer/photos/a.940094876021023/3213381768692311/?type=3&source=57&\\_\\_tn\\_\\_=EH-R](https://m.facebook.com/PraCegoVer/photos/a.940094876021023/3213381768692311/?type=3&source=57&__tn__=EH-R) Acesso em: 11/05/2021.

<sup>38</sup> Artigo disponibilizado *online*. Não apresenta paginação.



Fonte: <https://tek.sapo.pt/mobile/apps/artigos/sabia-que-ja-existem-mais-de-3-000-emojis-oficiais>

### 3.6. Os “amigos” do *Facebook* e os “seguidores” do Instagram

*Na virtualidade atual, um pode ser o que quiser para o outro. Nas redes sociais como o Facebook, por exemplo, ser amigo é ter sido aceito na página de alguém. As redes sociais podem tanto abrir como fechar portas*

Koury.<sup>39</sup>

A começar por este subcapítulo, que traz as diferenças no que diz respeito às relações amicais para os jovens e os idosos presentes no campo da pesquisa, até o subcapítulo 3.10, inclusive, aborda-se as consequências da leitura nas redes sociais, a saber, a amizade, as identidades e subjetividades fictícias, a privacidade e as relações de imagética. Cada uma dessas consequências ganhou um subcapítulo, a começar pela amizade, que se passa a analisar.

O conceito de amigo do *Facebook*, que no Instagram recebe o nome de “seguidor” – um nome um pouco mais formal e menos afetivo – nem sempre é uma pessoa conhecida pelo usuário no mundo real. O conceito de ser um amigo nas redes sociais possui diferenças para os jovens e idosos.

Conforme defendido por Soares (2018), coexistem atualmente dois discursos de amizade: um sustentado na veracidade, que faz fronteira com a perfeição; e outro na novidade, que se esgarça na virtualidade. De um lado, ouvem-se as alocações repetitivas dos defensores das amizades verdadeiras que nunca podem morrer; por outro, os discursos daqueles que acreditam na fluidez e na renovação das amizades novas. (Soares e Stengel, 2019).<sup>40</sup>

No momento em que quase todo mundo passou a ter um *Facebook*, as listas de amigos passaram a crescer desmesuradamente. Segundo Chul-Han (2018), os amigos passaram a ser contados.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/07/15/noticias-saude,192050/estudos-confirmam-amizades-virtuais-nao-substituem-as-da-vida-real.shtml> Acesso em: 03/05/2021.

<sup>40</sup> Artigo disponibilizado *online*. Não apresenta paginação.

O homem digital *passa os dedos* no sentido de que ele enumera e calcula constantemente. O digital absolutiza o número e o enumerar. Também amigos no Facebook são, antes de tudo, *contados*. (...) A era digital totaliza o aditivo, o enumerar e o enumerável. (Chul-Han, 2018, pp. 66-67).

Além disso ou por causa disso, as pessoas passaram a ter em suas listas de amigos pessoas que nem conheciam, mas que por serem amigos dos seus amigos, passavam a ser seus conhecidos e potenciais amigos, mesmo que nunca se chegasse a encontrar aquelas pessoas presencialmente. Passaram a existir “amigos de *Facebook*” ou “amigos da rede”, como se referiam os jovens entrevistados, onde não se conhecia aquela pessoa de verdade, nunca a tinha encontrado, mas ela era sua “amiga de *Facebook*”, acompanhava suas publicações, suas postagens no mural e participava da sua “vida digital”.

A esse tipo de amizade, baseada na facilidade de se conectar e desconectar, Bauman (2013) chamou de “amizade de Facebook”. (...) Bauman (2004) complementa que, atualmente, as pessoas priorizam os relacionamentos em “rede”, os quais podem ser tecidos e desmanchados com igual facilidade e sem, necessariamente, implicar um contato presencial. (Soares e Stengel, 2019).

A mente filosófica ocidental habituou-se, desde sempre, a raciocinar conforme um critério de oposição, de alternativa e de escolha: “ou-ou”, “ou isso ou aquilo” (Berardi, 2019, p. 118). Deleuze e Guattari contrapõem essa lógica com o método do “e-e”, de um “e-e-e-e”, afirmando que o mundo funciona dessa forma, com proliferações, agregações e recomposições. É a ideia de que o mundo funciona como um rizoma e não como uma árvore (Berardi, 2019, p. 119).

É importante aqui fazer um alerta em torno da utilização metodológica das categorias e dos instrumentais analíticos do arbóreo e do rizomático, a fim de evitar uma construção dicotômica entre as lógicas do rizoma e da árvore, sem que elas sejam entendidas como um corte que separe as subjetividades jovens contemporâneas e as subjetividades idosas modernas em dois cantos separados, até porque não há diferenças e cortes tão acentuados entre os jovens e os idosos na contemporaneidade, mas diferenças focais, isto é, nichos de diferenças. Alguns desses nichos de diferenças são importantes, como a questão da amizade e dos amigos virtuais e, portanto, nessa parte se faz de extrema importância o avivamento dessas ferramentas analíticas de Berardi, Deleuze e Guattari. Trata-se, portanto, de um foco ou nicho de diferença entre jovens e idosos da pesquisa, em que a diferença entre os idosos e os jovens quanto aos amigos virtuais e reais se apresenta com mais

força, diferenciando uma lógica dos amigos para os jovens mais aditiva – enfocando-se o valor quantitativo, a quantidade – diferida de uma lógica dos amigos para os idosos mais alternativa – enfocando-se o valor qualitativo, da qualidade, dos amigos reais, dos verdadeiros amigos – e, por isso, destacando-se um afastamento maior entre eles no que toca a essa temática.

Para os jovens da pesquisa não vale o princípio aristotélico da não contradição e muito menos o princípio dialético da oposição e da exclusão. Vale o princípio da “adjacência infinita” (Berardi, 2019, p. 118). Na esfera da rede, o princípio newtoniano moderno da impenetrabilidade dos corpos não domina porque a rede é o lugar do encontro ilimitado entre agentes de comunicação em um fluxo livre sem um centro regulador e hierárquico, portanto, acêntrico. Na pesquisa, os jovens da contemporaneidade são os maiores representantes de que o mundo funciona como um rizoma e não como uma árvore – típica da modernidade. Após a crise que derrotou o socialismo real soviético em 1989, a imaginação do futuro teria se desfeito e outros futuros apareceram em uma lógica da proliferação, do “e-e-e...” e não do “ou-ou”, não através do antagonismo, mas, sim, do protagonismo coincidente e coexistente de possibilidades. Os jovens são os maiores representantes deste contexto que se prolonga na contemporaneidade; vivem conforme uma lógica do “e-e-e...” *ad infinitum*; que tudo conjuga; que não escolhe entre alternativas; que fica na posição intermédia do entre, do meio; que anula o começo e o fim; que não tem um comando central, nem uma hierarquia simétrica; que não é dialético-opositivo, nem opera por exclusões; em suma, que está calcado em um conectivo proliferante e conjuntivo.

Uma das fortes demonstrações disso é que os jovens saem adicionando às suas listas de amigos, vários amigos, sem escolher entre eles. “Quanto mais, melhor”. O quantitativo parece falar mais alto do que o qualitativo, do que a escolha com qualidade de qual amigo adicionar. O princípio da realidade – o amigo de verdade, real – também esmorece e perde a sua importância, frente à abstração da rede, que supervaloriza a agregação, o agregar, a conjunção, a soma, a adição, o acréscimo – e, não, a escolha. Os jovens são acumulativos do virtual, em comparação com os idosos, que parecem ser mais acumulativos de bens materiais no mundo real. O tempo do consumismo material já foi ultrapassado há muito pelo consumismo de imagens, de valores, de conteúdos em abstrato. Os jovens transpuseram essa característica de acúmulo material – vinda da modernidade –

para o acúmulo na abstração, digital, virtual – na contemporaneidade – que inclui o acúmulo de amigos virtuais, como pode ser corroborado no depoimento da jovem estudante de Enfermagem abaixo:

*saio absorvendo tudo na internet, meus amigos me chamam de ‘a draga’, porque eu saio consumindo tudo mesmo, vídeos, conteúdos eletrônicos escritos, adiciono amigos nas redes sociais, capturo ideias, imagens de design, entre muitos outros materiais. Somo, conjugo tudo, não perco tempo em escolher, tudo está disponível para mim na internet. Não apago nada, nem meus e-mails e mensagens de whatsapp, todo ano pago espaço extra do meu back-up no celular, tenho 6 mil e-mails, muitos eu nem li. Para mim isso é ser ‘rico’, para mim não é nem importante comprar um carro, sou rica de vários bens na internet, muito mais plurais do que se todo meu dinheiro estivesse em um só bem, como um carro. Não quis tirar nem a carteira de motorista. Sou viciada em conteúdos digitais, concordo com o meu apelido de ‘a draga’.* (Carmem, 19 anos).

Leônidas, de 78 anos, médico que trabalha em seu consultório até hoje, fala o seguinte:

*troco sempre meu aparelho Iphone pelo modelo mais novo, do X para o XS, do XS para o 11 e assim por diante, já estamos no 13, não é? Mas dentro deles não guardo quase nada, tudo que eu leio, depois de ter lido, eu apago, pois, para mim, eu considero que após ler, é lixo. Meu negócio é o produto, que eu posso comprar, pegar e exibir na minha mão para curtir com os meus amigos da minha idade e a minha família que eu tenho o Iphone mais novo. Estou sempre trocando o velho por um melhor. Tudo, gosto de estar trocando, o meu carro eu troco de dois em dois anos, coisa velha é porcaria. O ultrapassado eu “despacho”. Vendo-os novinhos quando eu troco, acho que eu acabo usando pouco. Mas eu gosto mesmo é de sempre estar na moda!* (Leônidas).

Os jovens valorizam mais a adição, o “e-e-e...”, enquanto os idosos prezam mais pela seleção, pela escolha. A limitação de possibilidades é tão normal para os idosos como o excesso de possibilidades para os jovens. A lógica de organização, ou melhor, a organização da lógica de jovens e idosos é diferente e o que é “normal” e corriqueiro para um, não o é para o outro, e vice-versa, sobre a valorização, a escolha e a não escolha. Os idosos se habituaram a selecionar e escolher, enquanto os jovens se habituaram a não escolher, a somar, a conectar tudo. O sentimento de perder uma chance é tão doloroso para o jovem ao ser obrigado a fazer uma escolha – ao invés de somar e “abraçar” todas as possibilidades – que eles escolhem não escolher. Já para o idoso, é estranho e cansativo sustentar sozinho uma gama tão grande de possibilidades, sem escolher, priorizar, excluir algumas e se concentrar nas que foram escolhidas. O idoso está habituado a concentrar, a ter um polo hierárquico concêntrico; o jovem está habituado à desconcentração, àquilo que é

acêntrico, sem hierarquia, sem exclusão e sem alternância: a proliferação sem paradesiros que adia *ad aeternum* o ato da escolha, empurrando-a para um futuro que nunca chega.

Vale novamente alertar e, ao mesmo tempo, destacar que os amigos virtuais são o nicho de diferença entre jovens e idosos mais importante da pesquisa, sendo o local em que os jovens e os idosos mais se afastam um do outro, do que poderiam se aproximar sobre essa questão, como se aproximam na maior parte das vezes no que diz respeito ao uso e à forma de se relacionarem com as práticas de leitura contemporâneas.

Angelina, idosa de 71 anos, psicóloga, declara que:

*Procuró me comunicar sempre com meus amigos no Facebook. A amizade é como uma plantinha que tem que ser regada todos os dias, senão ela morre. Prezo meus amigos, eles me fazem bem e quero fazer bem a eles. Quero que eles saibam que podem contar comigo e quero poder contar com eles em qualquer situação.* (Angelina).

Rodrigo, de 25 anos, estudante de Direito, fala “curto” e “grosso”:

*Tenho quase 5 mil amigos no Instagram e no Facebook. Quando um deles fala algo para mim que eu não gosto, eu não discuto, logo o bloqueio e ele não me chateia mais. Só quero conversar com quem me agrada.* (Rodrigo).

Daí se observa e é possível empreender uma análise sociológica no sentido de que o que demarca, com mais profundidade, a diferenciação entre jovens e idosos é no que diz respeito aos seus sentimentos, afetos, emoções e a forma de sentir a vida e a realidade que está a sua volta. A amizade, sem dúvida, envolve uma questão de afeto, de sentimento, de gostar de alguém e, por isso, jovens e idosos se diferenciam bastante nesse ponto: a amizade para os idosos é encarada com mais sentimentalismo, afetos duradouros e bem-construídos; enquanto para os jovens, a amizade não pode atrapalhar o seu querer, o seu direito de escolha, em suma, a sua auto liberdade.

A questão da amizade – e dos amigos virtuais – torna-se uma questão de suma importância na pesquisa e mereceu um subcapítulo relativamente grande para ela, já que foi, na pesquisa, o ponto de menor contato e, por assim dizer, de maior afastamento/diferenciação que o campo mostrou existir entre os jovens e os idosos usuários das práticas de leitura nas redes sociais na contemporaneidade.

A noção de amizade já teve várias definições por diversos autores ao longo da história, sendo um conceito complexo e multifacetado. Platão definiu a amizade como uma procura de conhecimento. Para Aristóteles (2015), as amizades poderiam ser de três tipos: amizade por prazer, por utilidade ou por virtude.

Segundo Aristóteles, a amizade por prazer possuiria seu combustível no prazer, durando enquanto dura o movimento de saciar o prazer, acabando no momento em que o prazer é saciado e se extingue. O prazer, para Aristóteles, seria uma sensação de agradabilidade e deleite. Um exemplo desse tipo de amizade é um indivíduo ser amigo de outro que é bem-humorado e divertido.

Na amizade por utilidade ou interesse, Aristóteles detecta como seu combustível a própria utilidade, um indivíduo ser útil ao outro, e em que os laços dessa amizade são proveitosos de alguma forma, podendo haver reciprocidade desses proveitos, e, semelhantemente à amizade por prazer, quando a utilidade cessa, esse tipo de amizade também se extingue. Até mesmo durante a civilização grega clássica, foi incluído o conceito de comunidade (*koinoia*), tornando-se, esta, a base dos laços onde haveria compartilhamento de interesses. (Schwertner, 2012).

Em ambas, há amizades de tipo egoísta ou auto interessadas, que tendem a se deteriorar ao longo do tempo, em que a satisfação dos interesses pessoais dos indivíduos são os seus focos centrais, parecendo ser unilateral, mas pode e há reciprocidade envolvida nelas, sendo normal que haja dependência mútua da satisfação de suas necessidades, por exemplo, sociais, profissionais, acadêmicas, etc.

Já a amizade por virtude ou a amizade verdadeira permaneceria com o tempo e seria baseada na benevolência recíproca, em que os valores envolvidos são virtuosos, tomando a amizade como causa final e verdadeiro objetivo, e não os interesses ou utilidades. É amizade em sentido pleno, diferentemente das duas amizades anteriores, e tende a ser duradoura e não se extinguir quando da satisfação ou da cessação da sua motivação. O seu combustível é o “bem em si” e o desejo do bem-estar do outro sem qualquer interesse particular, em que esse bem é desinteressado, não estando ligado a qualquer prazer ou utilidade pessoal. Essa amizade busca encorajar, cuidar, buscar o bem-estar do outro e é construtiva se for recíproca. É uma amizade, então, filantrópica e altruísta, em que o indivíduo não se coloca na frente do outro indivíduo com o qual compactua a amizade, mas soergue o outro, colocando-o em posição de centralidade em relação a si mesmo. No

entanto, por sua natureza mais profunda e franca, é mais rara e pode nunca ser experimentada por uma pessoa durante toda a sua vida.

Cláudia Barcellos Rezende (2002) analisa a amizade na sociedade brasileira, no Rio de Janeiro, na sua pesquisa, na última década do século XX, como:

[a] visão de amizade mostrava-se um discurso sobre com quem se envolver como amigo. Durante a discussão dos vários aspectos e qualidades de uma amizade, a ênfase recaía sempre na outra pessoa — se estava sendo sincera, se era confiável, se ela se dava. O único elemento da relação que podia conter uma referência mais forte à expressão de si, a “abertura”, tornava-se significativo também por caracterizar-se como uma disposição ao diálogo com o outro. Tanto assim que as pessoas valorizavam não propriamente a revelação de suas “intimidades”, mas a idéia de “ter intimidade” com o amigo, ou seja, um comportamento que era necessariamente compartilhado. A questão-chave, portanto, não era envolver-se ou não com o amigo. É pacífico que todos querem se relacionar; o problema é com quem. Mas esse desejo de envolvimento era desigual, variando conforme os contextos e as relações (...) havia uma polissemia no termo amizade, apontando para um desejo amplo de certo grau de amizade (...) em situações específicas o modo de se envolver com “colegas”, “amiguinhos” e “amigos mesmos” era bastante distinto, ainda que isso também variasse de acordo com a situação (...) Nesse quadro, as exigências maiores recaíam sobre o amigo próximo — sujeito e objeto de **doação afetiva**. [grifou-se] (Rezende, 2002, p. 107).

A pesquisa de Rezende (2002) foi realizada com jovens de 20 a 30 anos, moradores na zona sul do Rio de Janeiro, que moravam com os pais e não eram casados e faziam faculdade; bem como com adultos mais velhos com idades entre 45 e 55 anos, separados, morando só, morando com filhos, no primeiro ou segundo casamento e que eram empregados na mesma empresa há quase 20 anos, sendo um recorte metodológico bastante múltiplo e multifacetado, envolvendo vários aspectos, desde o etário até o profissional, passando pela composição familiar, nível educacional e local de moradia. O conceito de amizade, de fato, pode se diferenciar de sociedade para sociedade, de país para país, de cidade para cidade e com a época que se vive, apesar de que alguns filões de características possam permanecer. A pesquisa de Rezende ocorreu há alguns anos, quando ainda não existiam as redes sociais na sociedade brasileira<sup>41</sup>, no entanto, existem algumas características que valem ser reavivadas à luz das análises socioantropológicas da autora.

Amizade para Rezende (2002, p. 96), passava pelo envolvimento da confiança, o que denotava um envolvimento verdadeiro e sincero, além de um apoio mútuo em momentos difíceis, em que se precisasse de um apoio, somado ao

<sup>41</sup> A primeira rede social a surgir no Brasil foi o Orkut, no ano de 2004.

compartilhamento de experiências, que também era necessário para que uma pessoa “provasse” ser amiga verdadeira de outra.

O que era, então, comum a todas as características da amizade como objeto de estudo era a existência de afeto e de confiança entre os amigos (Rezende, 2002, p. 95). Havia a necessidade de uma “doação” na amizade, doação, essa, esperada e desejada pelos amigos: doação de tempo, de atenção, de afetividade. A negação desses aspectos remeteria ao egoísmo, onde a preocupação consigo próprio acima de tudo, com um traçado egóico, manifestar-se-ia através de formatos de inveja, competição possessividade, obtenção de favores, nem sempre recíprocos, “sacanagem” com fofocas e mentiras daqueles que se fariam passar por amigos, etc., onde o egoísmo romperia com o princípio da reciprocidade, que deveria ter presença necessária para o sucesso dos afetos amicais e capacidade de relacionamentos. (Rezende, 2002, pp. 101-102).

As amigades refletiriam a qualidade de um amigo ideal, isto é, com *quem* se envolver, mais do que o envolver-se, intensificando o significado de que a ênfase recaía sempre na outra pessoa – se ela estava sendo sincera, confiável, se havia doção em prol daquela amizade. O amigo verdadeiro seria aquele que conhece o outro e as suas intimidades, cuida e se preocupa com o outro que é seu amigo, o apoia e presta solidariedade, havendo confiança e sinceridade. (Ibid, p. 107).

A confiança associar-se-ia à sinceridade e à lealdade, ao conhecer o amigo “por dentro” para apreender suas verdadeiras intenções, conhecer sua intimidade e interioridade e sempre desejar o bem do outro, ao invés de desejos egoístas ou maliciosos que pudessem prejudicar o outro, havendo que distinguir entre as pessoas que inspirariam confiança e aquelas que não seriam confiáveis, entre amigades verdadeiras e amigades falsas, que remeteriam às intenções do agente, boas ou más em relação ao outro. (Ibid, pp. 149 e 151).

A sinceridade valorizaria a “abertura” e o compartilhamento de sentimentos, rir ou chorar juntos, havendo uma abertura mútua dos desejos mais íntimos ou problemas entre os amigos. (Ibid, pp. 99-100). Além disso, as afinidades também seriam importantes para que houvesse uma “química”, que não possuiria explicações lógicas, surgindo uma identificação entre as pessoas, através de afinidades, como a música, literatura, cinema, etc., afinidades, essas, que seriam compartilhadas, havendo um compartilhamento das “maneiras de ver a vida” entre os amigos. (Ibid, pp. 98-99).

A amizade também é objeto de estudo da filosofia, além de ser uma raiz da própria filosofia, que etimologicamente é “filo” – amigo – e “sofia” – saber ou conhecimento – sendo o filósofo, aquele que é amigo do saber e do conhecer. A filosofia, quando pergunta sobre o que é a amizade, não deixa de estar indagando sobre uma parte de si mesma; perguntando o que é a filosofia, pergunta também o que é a amizade, no entanto pensar a filosofia como uma atividade entre amigos, tira o crédito que ela poderia ter enquanto área do saber e, portanto, essa relação amizade-filosofia tem sofrido uma tentativa de enfraquecimento. (Agamben, 2009, 79).

A amizade pode ser observada do ponto de vista da sua especialidade ou da sua pluralidade. Aquele que tem muitos amigos é popular. Aquele que tem poucos amigos especiais e com profundidade, possui relações verdadeiras e que valem a pena. Sobre isso, Agamben (2009) já havia dito que “aquele que tem (muitos) amigos não tem nenhum amigo.” (p. 81).

(...) Penso que “amigo” pertença àquela classe de termos que os linguistas definem não-predicativos, isto é, termos a partir dos quais não é possível construir uma classe de objetos no qual inscrever os entes a que se atribui o predicado. “Branco”, “duro”, “quente” são certamente termos predicativos; mas é possível dizer que “amigo” defina, nesse sentido, uma classe consistente? (Agamben, 2009, p. 83).

Como se observa, o significado do amigo “em si”, quando olhado do ponto de vista da filosofia, não assume um ângulo nada objetivo, mas transcendente, do campo mesmo do ser. “Amigo” não é um predicativo, não é uma característica ou um adjetivo, mas também não é um substantivo comum, uma coisa ou objeto, nem um algo, mas é uma essência, uma realidade abstrata por si só, à qual apenas se pode tocar ou tangenciar, sem se poder abarcar.

O que é, de fato, a amizade senão uma proximidade tal que dela não é possível fazer nem uma representação nem um conceito? Reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como “algo”. Não se pode dizer “amigo” como se diz “branco”, “italiano” ou “quente” – amizade não é uma propriedade ou uma qualidade de um sujeito. (Agamben, 2009, p. 85).

Através de perguntas diretas ou indiretas, Agamben sinaliza que, de fato, parece mais fácil dizer o que o amigo *não é*, do que o que ele verdadeiramente seja. O amigo pode ser entendido como o sujeito envolvido na relação de amizade, marcando uma diversidade e complexidade lógico-semântica muito maior do que aquela simples constatação.

Como havíamos enunciado, anteriormente, a obra “Ética a Nicômaco”, nos livros oitavo e nono (2015), de Aristóteles, possui grande importância nos estudos da amizade. Com um viés tratadista, típico da Antiguidade Clássica, o filósofo já, naquela época, havia concluído que não se pode viver sem amigos. Agamben, calcado em Aristóteles, também afirma que “é preciso distinguir a amizade fundada sobre a utilidade ou sobre o prazer da amizade virtuosa, na qual o amigo é amado como tal, que não é possível ter muitos amigos” (Agamben, 2009, p. 86).

Não parece haver dúvida quanto a essas conclusões aristotélicas, mas também na “Ética a Nicômaco”, nos livros oitavo e nono, percebe-se que existe uma correlação entre ver e sentir e entre sentir e escutar, chegando-se à conclusão perceptível de que aquele que vê, escuta, caminha, sente que vê, sente que escuta e sente que caminha. Por isso, sente sentir, sente o próprio sentimento, sente o que está sentindo, ao mesmo tempo que está sentindo. Ao extremo, ao pensar, sente-se que está pensando, o que é se sentir como existindo, já que existir é sentir e pensar.

Com essa correlação entre sentir, pensar e existir que fecha o circuito em que todas essas categorias se “retroalimentam”, o ser humano “prova a si mesmo”, sentindo o que está sentindo e, dessa forma, possui a consciência de estar existindo. Sentir o sentir é “com-sentir”. Quando o “com-sentir” é aplicado na relação de amizade, o amigo assume a posição semântica de um outro si mesmo, um *alter* ou um *heteros autos*. A existência passa a ser uma existência calcada na convivência.

Um humano “com-sente” com outro humano que eles existem no conviver e no ter ações e pensamentos em comum. Os humanos convivem e existem em conjunto, coexistem, mas não como o gado que “condivide” – conforme a origem do vocábulo italiano *condividere* na terceira pessoa do plural –, compartilha o pasto, que, no máximo, possui um papel de gregarismo.

A amizade é, assim, um espaço para fazer as existências conviverem, tanto para si mesmo, quanto para o amigo que lhe faz companhia e lhe é interlocutor e confidente. A sensação de existir, então, é para si mesmo e para o amigo. A “condivisão” é, para o ser humano, não o mero gregarismo do gado que “condivide” o pasto, mas é a “condivisão” desta sensação de ser.

O vocábulo “condivisão”, assim, assume duas acepções, dependendo dos seus destinatários e da força incidente que exerce sobre cada um: uma “condivisão” mais física, mais espacial, típica do mero gregarismo de dividir ou compartilhar um

mesmo espaço, mais própria dos animais, típica do gado em relação ao pasto<sup>42</sup>; e uma “condivisão” mais ontológica, assumindo um estatuto do ser, sendo mais própria dos seres humanos, onde “condividem” suas almas, seus seres, suas sensações relacionais de serem em relação a um outro.

E a amizade?

A amizade é a instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria. Mas isso significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político. A sensação do ser é, de fato, já sempre dividida e com-dividida, e a amizade nomeia essa condivisão. (Agamben, 2009, p. 89).

Até aqui analisamos a amizade do ponto de vista do estatuto ontológico. O amigo é um *heteros autos* – em grego –, um *alter ego* – em latim –, é a alteridade genérica, é a heterogeneidade. O ego significa o “si mesmo”. Já o amigo não é um “outro si”, não é um “outro eu”, mas

é uma alteridade imanente na “mesmicidade”, um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha existência como doce, a minha sensação é atravessada por um com-sentir que a desloca e deporta para o amigo, para o outro mesmo. A amizade é essa des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si. (Agamben, 2009, p. 90).

Trata-se de um estatuto ontológico, de uma categoria ligada a sensação de ser, não de um predicado real, não é uma categoria ou conceito pertencente a uma classe determinada. O amigo é um existencial, não um categorial, não é conceitualizável, é atravessado por uma intensidade que lhe dá ainda uma potencialidade política de “com-dividir” a sensação da existência. A vida está em jogo na relação de amizade, o existir, as ações e os pensamentos em comum são “condivididos”, os amigos não “condividem” algo, como o nascimento, uma lei, um lugar ou um gosto, a existência, os pensamentos e ações em comum, mas eles são “com-divididos” pela relação experiencial da amizade. Em termos de relações semânticas, não se trata de os amigos serem os agentes da passiva, mas são a partícula apassivadora na voz passiva sintética ou o sujeito da passiva na voz passiva analítica. Os seres não praticam a ação, eles não exercem a amizade, mas são sujeitos, eles sofrem a amizade, como esta categoria ontológica por si só. A amizade é um ser por si só, com estatuto ontológico próprio e independente dos

<sup>42</sup> Vale lembrar que para a maior parte da filosofia, o animal não possui alma, portanto, não possui ser de estatura ontológica, diferentemente do ser humano.

seres dos indivíduos, bem como de quaisquer categorias ou classes herméticas. O sujeito que é amigo do outro sujeito não é agente dele, mas é “vítima” da amizade. A amizade é autônoma, é um ser com existência própria e autônoma, independente dos seres dos indivíduos humanos. A amizade, portanto, não é controlada pelos indivíduos, mas os influencia e os atinge. Os indivíduos, por isso, são sujeitos, não atores. Os sujeitos não controlam a relação de amizade, mas são controlados por ela, são os gostos, os pensamentos, etc. que comandam a ontologia da amizade entre os indivíduos, são as razões da amizade, os seus motivos que se encontram na ponta inicial dos laços; os indivíduos encontram-se no fim do laço, não no seu começo. “A amizade é a condisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida.” (Agamben, 2009, p. 92).

A amizade é reconhecida na literatura científica também como uma importante fonte de felicidade e de bem-estar subjetivo, uma vez que proporciona o suporte social, o compartilhamento de experiências, de interesses, de sentimentos e de emoções. (Cheng, Furnham, 2002). Para Foucault (2008), a amizade estaria relacionada à estética da existência, sendo uma prática de dimensão coletiva.

Andreia, de 66 anos, arquiteta, afirma que só lê no *Facebook* aquilo que ela gosta. No entanto, dentro dessa lógica de ler apenas sobre o que ela gosta, entende o *Facebook* como uma ferramenta digital de leitura da esfera do lazer, do deleite e da diversão, nunca da obrigação. Apesar disso, a entrevistada afirma que também lê sobre as postagens das pessoas que ela gosta. Pessoas, essas, que são seus amigos físicos, com os quais ela compartilha conversas, troca ideias e sai para passeios com muitos deles. Esse ler sobre as pessoas que ela gosta e, por isso conhece, estabelece um esquadramento importante entre conhecer um amigo fisicamente e conhecer alguém somente por uma rede social.

Pelo depoimento de Andreia, fica claro ser impossível gostar e ser amigo de uma pessoa sem conhecê-la de verdade no mundo real. Observa-se uma seletividade muito maior por parte dos idosos em lidar com valores e conteúdos digitais, do que os jovens. Os idosos não saem adicionando todos que “batem à porta” de suas redes sociais com solicitações de amizade. Para eles, é preferível conhecer o solicitante antes ou, pelo menos, que ele seja um conhecido, um amigo de um amigo real; apesar do melhor mesmo ser adicionar alguém que já é seu amigo de verdade. Como dissemos, as redes sociais seriam parte da vida para os idosos e, não, de modo

algum, uma vida abstrata própria, onde se poderia ter amigos somente digitais, como acontece com os jovens.

Além disso, ocorre um procedimento psicológico curioso, que ao mesmo tempo é consciente: Andreia afirma que vê, lê e curte muitas publicações de seus amigos, mesmo que não tenha achado suas publicações verdadeiramente interessantes. Ela afirma fazer esse procedimento para manter a amizade. Manter uma amizade com amigos reais, e que pelo fato dela gostar dessas pessoas, ela propositalmente curte suas publicações para deixá-los felizes, como o erguimento de uma “ponte” para manter a amizade dessas pessoas no mundo real. Isso sugeriria ser uma amizade por virtude, em que se visa o bem do outro, misturada com amizade por utilidade, baseada na troca da amizade e na troca da atenção, como caracterizadas por Aristóteles.

Assim como Andreia, muitos dos idosos entrevistados relataram que leem no *Facebook* muitas postagens para manter a amizade ou o vínculo profissional, mesmo sem estarem com vontade, não atendendo a uma lógica hedonista. A lógica hedonista não “fala mais alto” do que a lógica da previsão ou da previsibilidade, como uma espécie de ponte para o mundo real no futuro. É no mundo real que os idosos estão sempre pensando. No momento em que leem postagens e curtem publicações, não estão no mundo real, no entanto, pensam para além do mundo digital, pensam nas consequências reais futuras das suas ações na *net*, pensando no momento em que eles estarão fisicamente com as pessoas que interagem na rede social. Dessa forma, as redes sociais virtuais parecem ser para os idosos uma “ponte virtual e tecnológica” que os leva de volta para o mundo real e físico.

Já para a maioria dos jovens, adicionar alguém à sua rede de amigos ou seguidores não significa que aquela pessoa é seu amigo conhecido nos espaços que você frequenta fora das redes, mas, às vezes, significa mais uma possibilidade para conhecer alguém diferente, alguém novo, como diz Adailton, de 23 anos, estudante de economia da Estácio, podendo vir a conhecê-lo depois no mundo não virtual.

Conforme Adailton,

*às vezes uma pessoa que você nem conhece é adicionada a sua rede de amigos ou seguidores no Instagram, indo conhecê-la muito tempo depois ou nunca chegando a conhecê-la de verdade, “cara a cara”, ficando apenas como um “amigo virtual”, “amigo eletrônico”. Ou como é mais comum se dizer, ficando apenas como um “amigo de Facebook ou de Instagram”. (Adailton).*

Muitos jovens, como Vinicius, de 28 anos, formado em Jornalismo pela Facha, afirmam que possuem muitos amigos que são apenas amigos das redes sociais, nunca tendo os encontrado de fato com eles. Perguntado sobre o porquê de manter muitos amigos que ele não conhecia verdadeiramente na lista da sua rede social, afirmou que muitos eram colegas, entendidos como amigos de amigos de verdade, mesmo que nunca tivessem sido vistos por ele em um encontro físico. O conceito de colega para ele seria uma espécie de “amigo virtual”, um “amigo das redes sociais” e que, por isso, seria um amigo em potencial, um “trampolim” para se tornar um amigo verdadeiro e real em um futuro próximo ou distante. Caso essa conversão do digital para o mundo real não acontecesse, não teria problema nenhum mantê-lo em sua lista de amigos, já que sempre no futuro essa passagem poderia vir a acontecer ou mesmo não acontecer, ficando apenas como uma espécie de colega, sem nenhum problema.

Segundo Rezende (2002, p. 94-96), amigo e colega seriam, amiúde, conceitos polissêmicos, mas o critério de diferenciação entre os dois para a autora estaria no grau de profundidade das relações estabelecidas. Com os “amigos mesmo”, como chama a autora, as relações deveriam ser mais profundas, enquanto as relações com os colegas ou “amiguinhos” seriam tidas como mais superficiais, onde a ideia de profundidade seria marcada e caracterizada pela troca de confidências, experiências diversas, pressupondo confiança.

Os jovens, na maioria das vezes, não leem e não curtem uma publicação como forma de manter a amizade como uma “ponte” para o mundo físico, porque o mundo digital é uma parte do próprio mundo, não se estando seccionado radicalmente dele. Atuar sobre o mundo digital das redes sociais é atuar sobre a realidade e viver essa realidade digital. Eles não pensam na sua atuação em um momento *a posteriori*, como os idosos fazem, muitas vezes, utilizando as redes sociais como elo de entrosamento com o mundo prático. A eficiência pragmática com que os jovens usam a rede social mostra a ligação que pretendem estabelecer com o mundo concreto. As redes incidiriam sobre a realidade, entendida, por eles, como uma amálgama, uma fusão, mais ou menos, satisfatória entre o digital e o real, sendo ambas partes de uma mesma realidade a ser vivida.

Nasceram ambientes híbridos pelos quais nos movimentamos, reais/virtuais, experimentados no cotidiano, e o que chamamos de ciberespaço não pode mais ser compreendido como um espaço social anômalo e separado. Não entramos mais na

internet, mas é ela que nos atravessa de diferentes formas em conexões a céu aberto, que lutamos para democratizar e acessar. “Nós somos a rede social!”. (Bentes In: Malini e Antoun, 2013 p. 10).

Para muitos idosos, a fonte sempre está no mundo real e o mundo digital é um acessório, um instrumento ancilar, auxiliar e, por isso secundário, do mundo real. Por isso, os idosos não mantêm amizades em suas redes sociais com pessoas que não conhecem no mundo real. O espanto é total e completo quando perguntados o que eles achavam de adicionar uma pessoa que eles nunca conversaram, nem sequer viram no mundo real. O grupo de idosos entrevistados no campo demonstrou que se eles sequer conheciam a pessoa no mundo real, ela era desconhecida para eles, sendo estranha, e não havendo razão para ser adicionada. Seria um “absurdo” tentar encontrar significado na sua vida (Camus, 1979), adicionando desconhecidos às suas redes sociais, já que os encontrar depois seria humanamente impossível. Esse “absurdo” parece possuir bom encaixe na reação dos idosos em relação ao fato de adicionarem desconhecidos em suas redes sociais. Para eles, isso talvez remonte ao ensinamento milenar de seus pais ou avós de não conversar com estranhos, o que se estenderia para o universo, também, das redes sociais.

Caio, com 63 anos, oficial de justiça, que ainda trabalha na sua profissão, diz, assim como todos os demais idosos da pesquisa, que segue os ensinamentos da sua avó de que não devemos falar com estranhos e que existe uma diferença acentuada entre pessoas que a gente conhece e pode confiar e pessoas que a gente não conhece, que, por isso, são estranhas e delas desconfiamos se elas são pessoas de confiança ou não.

Diferentemente, os jovens, muitas vezes, possuem amigos que nunca viram no mundo real, mas simplesmente e, por alguma razão, adicionaram na rede social, podendo vir a se tornarem amigos no mundo real ou não. Mesmo que não se tornem, eles já são amigos no mundo das redes, não havendo espanto em adicionar estranhos, já que aquele que foi adicionado deixa de ser um desconhecido no momento em que ele é adicionado.

Observei que o sentido de amizade tem se modificado a partir da existência das redes sociais. Amizade sempre me fez lembrar confiança, parceria, poder contar com o outro, fidelidade e lealdade. O amigo é aquele que fica ao seu lado porque é seu amigo, e se não fica ao seu lado, é porque não era seu amigo de verdade, é um traidor, um falso, um hipócrita.

Os amigos e as amigas são pessoas com quem, de fato, se estabelece um vínculo emocional especial, desempenhando um papel significativo na vida social das pessoas, conforme observa Farré (2009), por estas apresentarem mais competências interpessoais e estabelecerem, com facilidade, relações de intimidade.

Assim, a relação de amizade possui funções afetivas, sendo uma fonte de apoio emocional afetivo-pessoal, mas também de lazer, de prazer, de diversão, de entretenimento, de informação e de apoio instrumental, potencializando o convívio social (Araújo e Melo, 2011), o que, de fato, permite a expressão de sentimentos e a troca de confidências.

Os idosos que entrevistei parecem corroborar com esses pensamentos e, para eles, seus amigos continuam sendo essas pessoas que satisfazem as suas expectativas. Seus amigos são pessoas que eles conhecem e com quem convivem no mundo real, e foram trazidos também para o mundo virtual, onde mantêm comunicação eletrônica, como se estivessem utilizando o “antigo” telefone para manter contato com seus amigos.

José Roberto, com 80 anos, professor aposentado abre seu coração:

*Uma vez perdi um “amigo do peito”, que eu considerava muito. Ele não foi leal comigo, me traiu em um momento que eu mais precisava dele. Não prestou o apoio que eu prestaria a ele em uma situação idêntica. No final, acabou dando em cima da minha filha e eu tive que acabar com toda uma amizade de muitos anos. Fiquei muito desapontado, fiquei triste mesmo por vários meses, como se eu tivesse perdido para a morte alguém que era muito importante para mim. Hoje, ficam só as lembranças dos momentos bons que vivemos juntos, misturadas com um sentimento de raiva e desprezo, que faz com que eu o odeie. (José Roberto).*

Terminar uma amizade para os idosos é considerado algo doloroso, já que seria a perda de um afeto, de um parceiro, de alguém que tenha feito parte da sua vida, mas que não fará mais, sendo semelhante a um “luto”. Esse conceito “antigo” de amigo envolvia uma quantidade menor de amigos importantes, ao invés de uma enorme quantidade de pessoas, às vezes desconhecidas, nas redes sociais. Por isso, a importância e o significado de um amigo são muito maiores para os idosos, ainda sob a égide dessa concepção de amizade. Construir, alimentar, fortalecer e cultivar uma amizade demorariam muito mais, sendo muito mais difícil do que um clique para adicionar um amigo na rede social. Este amigo da rede social estaria no máximo mais próximo do conceito de um conhecido. Por isso, destruir uma

amizade seria algo muito mais doloroso, devido à extensão do investimento afetivo depositado nela.

Com minha pesquisa, observei que essa visão de amizade passou a ter um significado diferente para os jovens através dos amigos virtuais, os amigos da rede.

As relações amicais atuais estão passando por um processo de mudança de paradigma na medida em que os ideais da amizade perfeita, que vigoravam até então, não condizem mais (pelo menos na prática) com uma sociedade intensamente atravessada e marcada pela virtualidade. (Soares e Stengel, 2019).

Os amigos virtuais ocupam os espaços virtuais, onde esses espaços são pontos de encontro como os shoppings ou os pilotis da PUC-Rio. As comunidades, agora, são virtuais e conectam as pessoas que são ligadas pelos mesmos interesses, fazendo com que se sintam membros conectados, mesmo que separados fisicamente. O sentido de amizade teria passado a ser paradoxal e ambivalente, onde é buscado um relacionamento, mas havendo um temor de que surjam vínculos que causem dependência e privação de liberdade. Relacionamentos que trazem comprometimento e responsabilidade não são bem-vindos. (Schwertner, 2012).

Rodrigo, com 25 anos, estudante de Direito, diz que valoriza a sua liberdade em primeiro lugar, que se for para ter um amigo que o limite, o atrapalhe, o tolha ou cerceie as suas vontades, ele prefere não ter. Para ele, esse tipo de comportamento é mais aceitável em um relacionamento amoroso do que amical, apesar de essa ser uma característica que pode estar presente em todas os tipos de relações. O entrevistado diz querer fugir desse tipo de situação.

Conforme Bauman (2001), os relacionamentos atuais pedem um “relacionamento de bolso”: aquele que está à mão para quando for preciso e que pode ser guardado nos momentos em que não se faz necessário. A pessoa é utilizada e descartada na hora que se quer, sem haver comprometimento com o retorno que vem do outro, com quem é estabelecida a relação, permitindo um fácil desligamento. É muito mais fácil começar e terminar amizades onde um simples toque de bloqueio termina uma amizade. Essa noção contrasta com o que os gregos antigos acreditavam de que a amizade seria um “tesouro” que deveria ser guardado e nunca descartado, o que parece ainda prevalecer nos idosos.

Difícilmente as relações de amizade são desinteressadas ou altruístas. É comum que elas visem preencher necessidades emocionais, inclusive a necessidade de ser aceito. Dessa forma, a reciprocidade se mostra necessária nas relações de

amizade. Uma amizade baseada apenas na doação de si para o outro ou apenas no recebimento não configura um verdadeiro vínculo de intimidade. É preciso aceitar para ser aceito e ser aceito para aceitar.

Pensar no que significa a amizade nessa era da conectividade significa, de fato, observar e compreender as formas e práticas estabelecidas entre os sujeitos que estabelecem laços e como o uso da tecnologia pode aproximar ou afastar as pessoas que as utilizam. Sherry Turkle (2011, p.11) destaca que “a tecnologia reconfigura as fronteiras entre intimidade e solidão”. O social dá lugar ao solitário, onde a solidão e o ser solitário caracterizam a constituição social contemporânea.

Apesar desse novo significado de amizade, várias pessoas possuem amigos que nunca viram, mas que permanecem amigos por muito tempo, comunicando-se apenas pela internet e organizando-se em grupos: as comunidades. As comunidades possuem metas interdependentes e compartilhadas e a interação entre os membros propicia o sentimento de pertencimento. Declaram-se amigos pela sintonia, pela presença constante, apesar da ausência física, concluindo-se que nem as amizades dependem de algo físico, já que sua consistência está na consideração e na afeição de um indivíduo pelo outro. A durabilidade desses sentimentos denota a durabilidade da amizade. Assim, as amizades virtuais podem trazer, em si, potencialidades que as assemelham aos relacionamentos presenciais.

A amizade na internet pode ser duradoura, inclusive possibilitando o estreitamento de laços, quando começam a frequentar a casa de outros amigos que se conheceram na web. A internet torna-se aí um espaço conversacional, sustentado pelo contexto imediato e pelas tecnologias que dão a base para a realização das interações. (Barreto, 2012, p. 11).

A virtualização das relações me faz repensar as coordenadas espaciais e temporais, percebendo-as não como uma solução estável, mas que são constantemente problematizadas. Na internet, as pessoas podem se engajar em contínuas interações com pessoas que conhecem apenas no espaço *online* e fazer da sua autorrevelação possibilidade para uma relação próxima e contínua, o que pode, ou não, se confirmar em uma relação face a face. (Barreto, 2012, p. 13).

Além disso, as relações *online* são facilitadas pela estrutura específica da rede que permite que os indivíduos encontrem com certa facilidade outros que possuam interesses parecidos com os seus. Fora das redes, essa facilidade nem sempre acontece, pois não há ferramentas de busca *online* para procurá-las em um

só golpe. Mesmo havendo proximidade geográfica, McKenna, Green e Gleason (2002) afirmam que é na internet que as relações desenvolvem proximidade e intimidade, significativamente, mais rápidas do que as relações iniciadas *off-line*, por causa da maior facilidade de autorrevelação.

As relações se fundamentam em bases de interesses compartilhados e as relações construídas nessas bases podem ser capazes de sobreviver aos testes dos encontros face a face, quando os obstáculos de discriminação, muitas vezes, podem operar nos primeiros contatos presenciais.

(...) é inegável afirmar que o anonimato e a facilidade do compartilhamento de interesses iguais na internet facilitam bastante as interações iniciais e a expressão do “verdadeiro eu” (Bargh et al., 2002) e, talvez, a superação das questões de aparência e de estigmas quando se concretizam face a face. (Barreto, 2012, p. 14).

Um indivíduo de aparência repugnante ou que contraria os valores e os padrões estéticos, socialmente cristalizados, causa o imediato desejo de afastamento em relação àquela pessoa. Há, por sucedâneo, um desejo de não se relacionar. Nas redes sociais, isso pode ser mascarado com a postagem de fotos maquiadas, fictícias e que camuflam a realidade, onde a beleza é construída digitalmente e, por conseguinte, gera o aspecto estético necessário ao desejo de aproximação e estabelecimento de relação com o outro.

Como se observa, a leitura da linguagem corporal é muito importante para as relações, talvez correspondendo à metade do conteúdo lido ou falado em um diálogo. A troca dialógica envolve meio a meio, a linguagem verbal e a linguagem visual/corporal. Nas redes sociais, no entanto, de fato, é mais fácil falsificar a linguagem visual, pois é fácil editar uma foto ou vídeo. Na interação física, pelo contrário, a linguagem corporal/visual é espontânea, automática, imediata e é expressa, às vezes, sem o seu autor se dar conta dela, sendo, portanto, inconsciente. Para camuflá-la ou falsificá-la, é preciso que o seu autor seja um próprio ator, que saiba fingir bem e, com isso, levar o seu interlocutor no diálogo físico a uma expectativa alhures e, portanto, falsa, em relação à verdade.

Em entrevistas com jovens sobre o que significa um amigo virtual, eles definiram como busca de divertimento e distração nas redes. O amigo não seria um parceiro de caminhar junto, saber da sua vida íntima; ele é para conversar, não deve ser chato, deve ter interesses parecidos, ser interessante, agradável e ter a mesma ou uma forma parecida de pensar, ser um indivíduo que desperta a curiosidade pelas

suas postagens, que quer conhecer a sua vida ou que faz fofoca. Esses achados remetem ao peso e significado de amizade para Agamben (2009), em que os gostos, as afinidades e os pensamentos em comum falam mais alto e vêm em primeiro lugar, na frente mesmo dos indivíduos; são eles que motivam e impulsionam os laços de amizade. Para dar um exemplo presente na rede social, podemos observar a “Comunidade dos amantes de futebol”. Vários jovens passam a fazer parte dessa comunidade, pouco importando quem são seus outros membros, o que importa são os seus gostos, afinidades, interesses e pensamentos em comum; eles são o móvel para que os jovens aceitem participar dessa comunidade, e não as pessoas que estão nela. Subtende-se que os participantes daquela comunidade também são fervorosos amantes de futebol, mas não foi esse fato que os motivou a se integrarem nela e, sim, o gosto em si, o amor que sentem pelo futebol. “Os exemplos atuais [de pessoa] são livres de valores interiores. São qualidades exteriores antes de tudo que os caracteriza.” (Chul-Han, 2018, p. 18).

Na rede social,

o habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a *interioridade da reunião* que produziria um *Nós*. Eles formam um especial *aglomerado sem reunião*, uma *massa* [Menge] sem interioridade, sem alma ou espírito. (...) são isolados para si, singularizados que apenas se sentam diante da tela. (Chul-Han, 2018, p. 29).

As amizades para os jovens, em sua maioria, seriam a amizade por prazer ou por interesse, em que a maioria deles busca um amigo para se divertir, para levantar o seu humor, para incrementar o seu astral, ou para dividir os mesmos interesses. Nos jovens adultos, observa-se que a amizade tende a ser a amizade por utilidade, até chegar nos idosos, que já viveram mais, mostrando um aperfeiçoamento, a fim de valorizar a amizade por virtude ou verdadeira.

Em entrevistas com os idosos sobre o que significa um amigo virtual para eles, eles relataram que os amigos virtuais que eles tinham eram os mesmos amigos reais, sendo as redes sociais apenas mais um canal, como um telefone ou um meio de comunicação com os amigos que eles tinham e conheciam na realidade. Seriam pessoas com as quais poderiam compartilhar os mesmos interesses, com quem gostariam de estar, de falar, de travar conversas e, também, em um nível elevado de importância, pessoas com as quais poderiam contar, confiar, se abrir. Há a necessidade de confiança no outro, mostrando o valor e a importância do outro enquanto sujeito individual e ator relacional. O ser individual mostra possuir mais

importância para os idosos do que para os jovens, já que os idosos enfocam mais a pessoa com a qual estão se relacionando, do que os gostos, afinidades e pensamentos em comum que possuem com ela. Não que esses gostos, pensamentos e afinidades não sejam importantes para os idosos, mas os seres dos indivíduos com os quais os “condividem” (Agamben, 2009) são mais importantes do que para os jovens. Por isso, a exigência maior por parte dos idosos de conhecerem na realidade as pessoas com as quais estabelecem laços virtuais, não se detendo nas amizades das redes e, na maioria das vezes, começando as suas amizades fora das redes e com o conhecimento real das pessoas, continuando as amizades nas redes para mantê-las.

A “amizade por virtude” aristotélica possui voz mais forte entre os idosos, sendo uma amizade em sentido pleno, que tende a ser duradoura e que é fundada no bem em si desinteressado de qualquer prazer ou utilidade pessoal. A importância da amizade se prolongar no tempo, tendo sobrevivência nele, demonstra, para os idosos, a importância dos laços mais firmes, do que é sólido e menos daquilo que “desmancha do ar” (Marx, 2015) ou com a liquidez da modernidade do nosso tempo (Bauman, 2001), talvez por já terem vivido mais. É importante destacar que os idosos buscam a amizade por virtude, no entanto nem sempre a encontram, mas procuram entender a amizade da forma virtuosa, talvez porque já sejam idosos e por já terem vivenciado os outros dois tipos de amizade – a por prazer e a por utilidade – e visto que essas eram amizades finitas, efêmeras e que tendem a se desfazer quando sua motivação temporária se extingue.

Os jovens, por sua vez, demonstram valorizar as amizades duradouras em poucas situações, por exemplo, quando se tratam de amigos de infância ou dos tempos mais remotos da escola. Observa-se que as relações continuam sendo calcadas nos laços, no estabelecimento de “pontes” de intimidade e compartilhamentos do âmbito íntimo. Os laços amicais já foram feitos presencialmente e recebem um continuísmo digitalmente. O tipo de amizade por virtude possui laços fortes, que quando são desfeitos causam sofrimento, já que o outro é colocado como uma pessoa importante para sua vida e para ela se quer sempre o melhor e o bem-estar, incluindo sentimentos, carinho e envolvimento afetivo. Há a presença de sentimentos e quando esses laços são quebrados, o aparecimento do sofrimento e da dor da “ferida emocional” é inevitável.

No caso dos jovens, o sofrimento na amizade é menor, possuindo menos amplitude e repercussão, sendo, portanto, menos duradouro e mais efêmero. Quando um amigo não lhe agrada, ele o bloqueia com um simples toque na tela. Conforme Chul-Han (2018, p. 92), “tanto os amigos de Facebook como aos concorrentes falta a negatividade que distingue o ‘amigo’ do ‘inimigo’, no sentido de Carl Schmitt”. O amigo é, então, retirado da sua rede social e do seu nexo de relações. Dessa forma, o inimigo não sobrevive nas redes sociais, apenas os amigos possuem nutrição nelas. Um amigo que deixou de sê-lo passa para a lista dos bloqueios, sendo excluído do seu campo de amizades.

A abertura de si próprio para o outro na amizade digital é menor no caso dos jovens do que dos idosos, pois essa abertura é mais importante para os segundos. O idoso se abre para os amigos nas redes sociais porque os amigos virtuais são os mesmos que os amigos reais. Ele se abre com o amigo físico através do canal virtual, mas esse canal também o atrapalha, pois falta-lhe a proximidade física, já que é um relacionamento com distância física, é um “relacionamento à distância”.

Entretanto, abrir-se para um amigo fisicamente pode ser tanto mais fácil quando se está cara a cara ou quando não se conhece o interlocutor com o qual o diálogo é iniciado. É muito comum observamos pessoas se abrindo com outras que não conhecem ou que nunca viram, na rua ou nos trajetos de casa para o trabalho, no interior dos transportes públicos, como ressaltamos, ou com indivíduos que nunca foram vistos e com os quais nos comunicamos apenas pela internet. Isso se dá por causa da inexistência da ameaça naquela relação que não terá continuidade entre pessoas que não se conhecem. No máximo, pode ser útil em dar algum conselho, ser um bom ouvido ou não acrescentar nada, quando, nessa última possibilidade, não terá proporcionado ganho nem perda, ficando-se no “jogo de soma zero”.

No entanto, quando se conhece aquele com o qual a abertura é travada, é mais fácil estar “cara a cara” com ele. Apesar das consultas psicológicas estarem cada vez mais recebendo o incremento *online*, principalmente pelo motivo da pandemia do Coronavírus e do seu risco de contágio, tradicionalmente, elas são físicas, face a face, no conforto de uma sala a portas fechadas. O psicólogo, analisa seu paciente através da sua fala e de seus gestos e expressões. Confirma-se que os jovens entrevistados responderam mais afirmativamente a essa modalidade de consulta *online* e à distância do que os idosos, que ainda preferiam as consultas

físicas, quando perguntados sobre suas preferências sobre o tema. Na amizade, também o abrir-se para o outro é facilitado, para os idosos, quando estão diante daquela pessoa que se conhece, “cara a cara”. Afirmam poderem ver, serem vistos e possuir mais condição de sentir emoções, presencialmente. Os *emojis*, como núcleos visuais tradutores de emoções e sentimentos, não preenchem o mesmo papel dos sentimentos na comunicação eletrônica, pois, para os idosos, nada melhor do que ver a cara da outra pessoa com a qual se está falando. Apesar disso, os *emojis* são muito usados por idosos e jovens.

Verifiquei que a diferença entre os jovens e idosos quanto aos amigos era a forma como os jovens e os idosos encaravam essa relação. Para os idosos, os sentimentos estão presentes também nessas relações amicais virtuais; já para os jovens, a emoção de divertimento e distração parece chamar mais atenção. Para os idosos, o laço amical deve ser forte; já para os jovens, o laço amical pode ser fraco, acompanhando a descartabilidade das relações na contemporaneidade, o enjoo daquela pessoa, o bloqueio diante dela tê-lo desagradado, etc. Por essas constatações, percebe-se que o nódulo não está completamente em uma diferença no conceito de amigo para os jovens ou idosos, mas está no modo de encarar a relação de amizade, nos diferentes objetivos, intenções, buscas, motivos e sentidos contemporâneos que assume para cada grupo etário.

### **3.7. Identidades e subjetividades fictícias nas redes sociais**

As relações travadas entre [os leitores, internautas, seguidores e usuários] e as práticas de leitura na contemporaneidade são uma fértil porta de entrada para se pensar em transformações cruciais no plano das subjetividades, dos afetos e da imaginação. (Almeida, 2020, p. 4).

Conforma Almeida (2004), as identidades e subjetividades fictícias na contemporaneidade podem ser pensadas a partir das redes sociais enquanto práticas de leituras, práticas de leituras, essas, que acarretam transformações e consequências cruciais nesses planos identitários e subjetivos.

As identidades, para Mannheim (1972), são a maneira como o indivíduo forma sua personalidade, em diálogo com o meio social, onde realiza diversas interações. É também a forma de se identificar individualmente no seio da coletividade, da sua nação, da sua cultura, do seu país, sociedade, etc. É, em suma, aquilo que torna o indivíduo “idêntico”, lhe dando, portanto, uma identidade em

relação aos outros que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la. É identificar-se como diferente e autônomo em relação ao todo, e, ao mesmo tempo, fazer parte de um grupo ou coletividade, onde todos os seus membros se sentem parte do todo.

As subjetividades são “concebidas como o estabelecimento de várias relações com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir” (Bock, 2001, p. 23). A subjetividade histórico e culturalmente entendida indica que a sociedade influencia na construção dos indivíduos que dela fazem parte, havendo uma constante dialética entre o eu e o meio social (Aita e Facci, 2011).

As redes sociais também são espaços de ficção, espaços de sonho e de desejo. As redes sociais são, principalmente, canais de ficcionalização e de expressão comunicativa de sonhos identitários através de textos, imagens, fotos e audiovisuais. A divulgação ou exposição pode aproximar e atrair ou afastar e repelir pessoas da sua vida, de acordo com o que os outros pensam sobre quem você é, através daquilo que você aparenta ser por sua identidade virtual e pela sua participação nas redes.

Toda identidade é fictícia, pois sempre se constrói uma personagem para que se trafegue pelas diferentes realidades sociais. As identidades dos jovens nas redes sociais também são fictícias, recebendo insumos de imagens e cumprindo uma função de aparentar. Estes textos não escritos e de mais rápida apreensão manipulam suas identidades em uma lógica subjetiva de aparência e imaginação. A identidade confunde-se com a esfera da imagem, fazendo, em última análise, com que as imagens se tornem as identidades dos sujeitos nas *arenas virtuais*.

Para Margarida, de 18 anos, estudante de Relações Internacionais na Puc-Rio,

*nas redes sociais tudo e todo mundo parecem de plástico e ficam sempre mais bonitos, é só adaptar o ângulo e o enfoque da foto. Se a foto ficar feia, é claro que ela não vai ser postada, né? Nas redes sociais o que a gente posta, isto é, publica na linha, é só o que ficou deslumbrante, aquilo que tem alto status social, o que é paradisíaco, o belo mesmo. Não postamos porcarias, nem aquilo que não queremos mostrar. Sonho é algo bom, que existe ou que não existe ainda e que nós procuramos concretizar e correr atrás. Quando a gente sonha junto com as outras pessoas, quando acontece quando a gente publica coisas nossas, das nossas vontades e desejos mesmo nas redes sociais, tem que ser um sonho bom, senão é um pesadelo, né? (Margarida).*

Conforme Margarida, nas redes sociais tudo e todos parecem “de plástico”, querendo dizer que tudo e todo mundo fica sempre parecendo melhor do que no mundo real. Por isso, trata-se de uma ficcionalização, uma ficção própria das redes sociais digitais como um espaço de sonho.

A foto realmente eterniza uma imagem mesmo que esta não corresponda à verdade absoluta, mas a uma verdade fabricada, aquela que se quer passar adiante. O caráter subjetivo da fotografia não pode ser desprezado. A imagem retratada, ao mesmo tempo que apreende o real, reflete o ponto de vista de seu autor. (Leite, 2004, p. 2).

Segundo Barthes (1985, p. 90), a fotografia é “a emanção do referente” real, conservando os rastros da sua essência, imbricados em uma imobilidade que lhe é característica. Contrabalança com o mundo em movimento e é marcado por tudo se movimentando na contemporaneidade. A fotografia está ligada fatidicamente ao seu objeto de referência, isto é, ao objeto real que ela referencia, sendo uma “exposição da emanção do referente” (Chul-Han, 2018, p. 110). Por expor o objeto real e por sua característica de mostrar a realidade como ela é, através da foto, nela não haveria espaço para manipulação, somente para a verdade. A foto seria a “guardiã da verdade” (Barthes, 1985).<sup>43</sup>

A pintura de Magritte “*Ceci n’est pas une pipe*” – analisada posteriormente por Foucault – seria tautológica, assim como a fotografia, em relação à verdade que ela expõe (Barthes, 1985). No entanto, parece haver uma diferença desta para a fotografia digital, que marcaria o fim do real, e não a sua exposição e fidelidade. Não haveria mais referências seguras do real nela, fazendo com que a fotografia realizasse um retorno para o tempo da pintura, aproximando-se desta. Ela apresentaria uma “hiper-realidade” (Chul-Han, 2018, p. 111), uma realidade mais real do que a própria realidade, em que o real não é referenciado com uma plena fidelidade a ele, mas apenas como um recurso de citação ou fragmento da realidade. Ela deixaria de ser referencial para ser autorreferencial, deixaria de denotar uma exposição fiel do referente real que representa para passar a ser uma criação por ela mesma, uma espécie de manipulação. Desacopla-se do referente, para ser ela, por si própria, objeto.

É possível fazer manipulações em imagens, como usar o *Photoshop* para melhorar fotos e esconder rugas ou outras mazelas. Pelo depoimento de Margarida,

---

<sup>43</sup> Mas sabemos que isso não é verdade hoje; as fotos são manipuláveis e editáveis, podendo não serem retratos fiéis do real.

depreende-se a diferença entre o campo da privacidade ou intimidade e o campo da exposição, do que é digno de virar uma publicação. Assim, a privacidade é o que deve ser guardado para o próprio indivíduo, não ser exposto ou “ser escondido” dentro da sua intimidade. “O que não é bonito não é para ser mostrado”, o que completa a recíproca do “o que é bonito, deve ser mostrado”. Assim, o espaço do sonho só vale a pena e só deve ser mostrado quando ele for um sonho bom, porque o que não é “bom”, dentro da lógica da entrevistada, estaria mais para um pesadelo, e pesadelos a gente não compartilha com qualquer um, mas guardamos ou, no máximo, dividimos as nossas angústias, medos e frustrações com as pessoas que amamos ou na cadeira de um consultório de psicólogo.

Dessa forma, observa-se pelos depoimentos que as redes sociais são, em última análise, o espaço para o sonho, de extensão da vontade interior profunda e para o desejo do que é “bom”, “belo”, “de alto *status*”, sendo, portanto, digno de ser mostrado, exposto, compartilhado. Digitalizando a vontade, seus desejos ganham novos alcances, mais acessíveis do que as potências reais e físicas. A concretude do mundo, que parece ter um “anjo mau” em seu encaixe, um *Agesilaus Santander* (Benjamin *apud* Matos, 2010), que frustra o humano a todo tempo, é rearticulada pelo imaginário e pela subjetividade humanos por um *Angelus Novus*, protegendo os seres das “vicissitudes de um destino infeliz” (Matos, 2010, p. 14). Os seres humanos, então, recriam a sua realidade para escapar daquela que já lhes é existente.

Pedro e Maurício, de 25 anos cada um, ambos estudantes de Matemática da Uni-Rio e parceiros profissionais de artesanato, contam, fazendo referência ao âmago de suas identidades, que

*sabe como é, né, cara? Eu não me sinto bem de ficar postando uma porção de “fotinhas”<sup>44</sup> [sic.] bebendo até o sol raiar nos bares da Voluntários em Botafogo. Aquilo ali é um antro para a minha família, lugar de devassidão, onde só tem gay*

<sup>44</sup> Entre os grupos de jovens, essas figurinhas e mensagens, muitas vezes, eram chamadas de “fotinhas”, uma gíria fazendo com que a palavra foto no diminutivo assumia um papel engraçado. Além desse exemplo, vem sendo cada vez mais usual a expressão “todes” entre os jovens, que visa não demarcar o gênero da palavra no masculino. “Todos” para se referir a homens e mulheres é visto como um uso machista entre os grupos feministas e como errado entre muitos jovens. Por isso, “todes” é uma gíria ou um silogismo que parece, para eles, mais correto, não sendo nem “o”, nem “a”, nem “todos”, nem “todas”, mas “todes e todas” ao mesmo tempo, sintetizado na palavra de gênero indeterminado, “todes”. Outras brincadeiras com as palavras, como a transformação de substantivos em verbos inventados, como “sextou”, “praiou”, etc. mostram a criatividade dos jovens e que as brincadeiras com a língua, o uso das gírias e o bom-humor na forma de falar permanece nas suas interações, diálogos e formas de se comunicar.

*e lésbica, sabe? Eu não sou burro, por isso, eu não vou postar essas coisas no meu Facebook que tem um monte de gente da minha família, pai, mãe, vó, tio, além de gente do trabalho, é “feião”, isso dói, toca o meu coração, eu me sinto mal, sabe como é, né? Então, eu deixo para postar no Instagram que só tem meus amigos mesmo.* (Pedro e Maurício – depoimento adaptado de uma entrevista com os dois amigos).

Os dois entrevistados alegam que se sentem mal por postar conteúdos que vão desagradar seus pais ou pessoas do ambiente profissional, que dói e toca o seu coração, preferindo deixar para postar em um espaço mais seletivo e restrito, que seria o Instagram, afastando o *Facebook*. Eles demonstram sentir vergonha e se sentem “sem graça” diante de familiares e conhecidos do ambiente profissional, que podem não aprovar sua publicação ou julgar seu estilo social e de vida.

Os dois entrevistados, Pedro e Maurício, chegam ao ponto de dizer que possuem duas contas no Instagram, cada um. Uma é pessoal, para fazer publicações de fotos e audiovisuais da sua vida social, como as festas que foram, uma saída com os amigos, barzinhos, etc. A outra é destinada ao conteúdo de trabalho que realizam juntos como artesãos e artistas plásticos. É interessante que a conta destinada ao artesanato e trabalho artístico de Pedro e Maurício nem sequer possui uma foto pessoal de nenhum dos dois; a foto do perfil é um artesanato que os dois fizeram e que foi um trabalho que marcou muito as suas produções. Nas fotos da linha do tempo ou nas fotos/vídeos dos *stories* raramente também aparecem seus rostos, mas no máximo suas mãos segurando as obras artísticas. Já nas contas pessoais, cada um tem a sua. Seus rostos, corpos, lugares que gostam de ir para beber e comer, festas que curtem aparecem com liberdade.

José, de 20 anos, estudante de Pedagogia na UFRRJ admite que é *gay* desde os 18 anos e que apesar de ter tido duas namoradas antes, fez essa opção sexual há dois anos, quando conheceu seu atual namorado, que admite amar muito. O problema é que a sua família é muito conservadora e que seus pais nunca aceitariam sua decisão, apesar de haver leis no país, como a união estável homossexual e a discriminação de pessoas por suas opções sexuais ser crime de homofobia. Diz que tem pena dos seus pais e que a culpa não é deles, se é que se trata de culpa de alguém, já que ele não vê a homossexualidade como um problema, doença ou crime. No entanto, ele sabe que eles irão pensar que é e vão repetir inúmeras vezes “onde foi que eu errei na educação do meu filho?”. Por isso, José prefere não contar e admite também ter medo de um outro tipo de reação, mais radical e violenta, como

seu pai tentar atacá-lo fisicamente, querer bater nele com o cinto ou expulsá-lo de casa. “A minha mãe iria sofrer muito”, ele conta, além de que nunca mais ele seria olhado da mesma forma por toda a sua família, o que inclui os seus avós, que, na sua visão, por serem de outra geração, acham inconcebível ter um familiar *gay*, ainda mais um neto.

Como se percebe, o universo das subjetividades dos entrevistados aponta que os fatores principais desses desejos de ocultação são o medo e a vergonha, criando uma espécie de noção do que deve ser postado em cada rede social e como cada uma delas deve ser usada.

Se o que José mais queria era ser respeitado em sua opção sexual, o que ele buscava em sua intimidade, mais do que tudo, era respeito. Assim, torna-se importante fazer uma articulação entre a intimidade e o respeito.

De fato, o respeito pressuporia um olhar distanciado, uma distância, porém, contemporaneamente, o seu lugar está em uma nova posição, mais próxima de um “ver sem distância” (Chul-Han, 2018, p. 11), que é característico do espetáculo. O espetáculo teatral, musical ou dançado é marcado pelo voyerismo, pela contemplação e, sobretudo, pelo ver, pelo assistir, pelo estar presente de corpo e mente e, principalmente, com os olhos. Se aquele que está na plateia tudo vê em relação àqueles que no palco encenam, aqueles que no palco estão, tudo mostram, expondo-se, para o público. Sem distância, não há proteção da intimidade, e nem mesmo da privacidade, havendo, portanto, a exposição ou a auto exposição.

O exagero da presença do espetacular e o exagero da falta de distância levam a uma “sociedade do escândalo” na contemporaneidade. (Chul-Han, 2018, p.11). Com isso, enfraquece-se também a esfera pública, que depende do respeito e do distanciamento. A esfera pública é sustentada pela preservação e proteção da esfera privada, pela sua salvaguarda, pela sua não invasão e tomada de distância em relação à esfera pública.

No entanto, na contemporaneidade parece predominar a total falta de distância entre essas duas esferas, em que “a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público” (Chul-Han, 2018, p. 12), sendo a comunicação digital uma realidade que desconstrói a distância à nível espacial e à nível mental, podendo-se dizer que o enfraquecimento da distância espacial gera, como sucedâneo, o segundo enfraquecimento da distância mental. Isso porque o digital assume um papel de mediação, de “medialidade” (Chul-Han, 2018, p. 12), em que o espaço que

separa as esferas pública e privada, o espaço da distância, passaria a ser preenchido pela comunicação digital, que, por sua vez, danifica o respeito; já que é a distância e a separação que permitem que possa haver a veneração e a admiração do outro.

Com o enfraquecimento da distância, o espaço público e o espaço privado parecem se misturar e a comunicação digital e as redes sociais se transformam em “sociedade pornográfica” (Chul-Han, 2018), que expõe a intimidade, que deveria estar adstrita à esfera privada, atirando-a no público. No entanto, a mídia digital também privatizaria a comunicação, ao deslocar a produção da informação da esfera pública para dentro da esfera privada.

Roland Barthes (1985) define a esfera privada como “aquela esfera de espaço, de tempo onde eu não sou uma imagem, um objeto”. Visto desse modo, não teríamos mais hoje qualquer esfera privada, pois não há, agora, nenhuma esfera *em que eu não seria uma imagem*, em que não haveria nenhuma câmera. O Google Glass transforma os olhos humanos, eles mesmos, em uma câmera. Os olhos mesmos fazem imagens. Assim, nenhuma esfera privada é mais possível. A imperiosa coação icônico-pornográfica a desfaz inteiramente (Chul-Han, 2018, pp. 13-14).

A falta de respeito à intimidade é também a falta de discrição, a falta de anonimidade, a falta de preservação do nome próprio, desconstruídos e não salvaguardados pela comunicação digital, em que a não separação entre a mensagem e o mensageiro, o recado e o remetente na comunicação digital aniquilam o nome. A conexão digital favorece uma comunicação simétrica, pois os indivíduos-parte da comunicação não são consumidores meramente passivos dos conteúdos veiculados, mas são seus autores e atores, construindo-os ativamente, sem uma hierarquia clara para separar o remetente do destinatário. Todos são tudo: remetentes, destinatários, consumidores, etc., havendo uma simetria que é prejudicial ao poder hierárquico e vertical de cima para baixo. A ordem do poder é, então, destruída pelo “refluxo comunicativo” (Chul-Han, 2018, p. 16), deixando de haver a organização para passar a haver, em seu lugar, a desordem.

Já os idosos não relataram postar falsificações ou conteúdos mentirosos para “maquiar” ou dar a parecer que suas vidas são diferentes do que realmente são para se mostrarem como outras pessoas, fazendo uso das ficcionalizações e do imaginário do sonho. No entanto, principalmente as idosas admitem não postar nas redes sociais fotos feias, mal arrumadas ou de tristeza, pois sabemos que, normalmente, as fotos são recordações e tentativas de congelamentos de momentos bons e inesquecíveis.

*Eu escolho a foto para postar no Facebook que estou bem arrumada, bem vestida, bem sorridente, em que eu esteja bem feliz.* (Luciana, 75 anos).

[Refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos] (Chul-Han, 2018, p. 53).

(...)

*Em lugares agradáveis e bonitos. Minha filha acabou de ter nenê e gosto de ficar vendo as fotos que ela posta do bebê no Facebook. Gosto de acompanhar as fofocas da família, me sinto parte da minha linda família.* (Luciana).

Segundo Chul-Han (2018, p. 53), “a mídia digital realiza uma inversão icônica, que faz com que as imagens pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores do que a realidade deficiente percebida”. Tanto para os jovens, quanto para os idosos, observa-se a importância de mostrar nas telas digitais apenas o que é “belo”, “bom” ou “bonito”, mas existe uma destacável diferença entre eles: enquanto o embelezamento da realidade contida na imagem é “maquiada digitalmente” pelos jovens; os idosos se arrumam fisicamente, escolhendo roupas bonitas, se maquiando de verdade para ficarem realmente bonitos para a foto. No caso dos idosos, a realidade é otimizada para ser mostrada nas redes digitais; já no caso dos jovens, é no próprio digital que é otimizado. No primeiro caso, observa-se entre os idosos ainda o caráter original icônico da imagem, querer retratar com fidelidade a realidade, enquanto entre os jovens, observa-se uma enxurrada de imagens que deixam de ser uma mera reprodução do real, mas que criam novas “realidades digitais”, imaginadas e sonhadas. O idoso se arruma para sair bem na foto; o jovem tira a foto e depois a arruma no *Photoshop*.

Os idosos, entretanto, estão, cada vez mais, usando as redes sociais e participando desses meios digitais, mas destaca-se que a maioria dos idosos prefere mais ver, do que ser visto nas redes sociais. Suas preferências são acompanhar as publicações de pessoas que gostam ou que têm como amigos, mais do que fazerem as suas próprias para aparecerem para outras pessoas. Ser visto está mais para os jovens, assim como ver e acompanhar está para os idosos, na rede social. Enquanto o exibicionismo dos jovens está mais presente nas redes sociais, o voyerismo está mais ligado aos idosos.

Elenita, com 70 anos, professora aposentada, diz que:

*eu gosto sempre de me sentir parte de algo, não gosto de me sentir excluída, “de fora”, gosto sempre de estar presente e de me fazer presente. Eu sei que eu já estou velha, mas isso não me impede de participar da vida de outras pessoas mais novas do que eu. Não sou exibida, não gosto de me exibir (...) mas gosto de me fazer presente na vida, com os amigos e as pessoas que divido a minha existência. Sou por demais reflexiva. Gosto de acompanhar a vida das pessoas que eu gosto, assim me sinto incluída na vida, na sociedade e na vida dos outros e não me sinto envelhecendo. (Elenita).*

Os idosos gostam de fazer parte de algo, gostam de se sentir integrados em algum círculo ou meio, já que se sentem mais sozinhos e solitários por sua geração, que teria sofrido transformações e progressos do tempo, enquanto eles teriam sido deixados para trás pelos outros, por fazerem parte de outra geração. Por isso, principalmente, o Facebook, mas também outras redes sociais se apresentam como campos e espaços para os idosos se sentirem incluídos e, com isso, se sentirem mais presentes na vida, no desenvolvimento social e histórico. Dessa forma, gostam de estar presentes, mesmo que não postando tantos conteúdos com a frequência que os jovens postam, mas assistem as postagens de jovens, muitas vezes. Para os idosos, participar como espectadores, já é se sentir parte de algo.

Portanto, as redes sociais parecem realizar um complemento entre jovens e idosos, com os jovens com uma postura ativa, em que postar para ser lembrado a cada dia é o modo de não serem esquecidos pelo seu público, e os idosos com uma postura mais passiva, contemplativa e receptiva, acompanhando as publicações como forma de integração, interação, ocupação e fofoca.

De uma forma ou de outra, jovens e idosos estão presentes nas redes sociais, desenvolvendo os cenários do sonho, da ficção e da articulação de suas identidades e subjetividades. Não só os jovens utilizam as redes sociais como campos de ficção e de sonho, mas também os idosos o fazem, pois sonham e ficcionalizam se sentirem parte de um meio, de um todo, de um grupo que os rejuvenesce e lhes dá mocidade. A virtualização acompanha o sonho e o auto sentimento como forma de se sentir incluído, seja pela auto exposição acompanhada da aprovação dos outros no caso dos jovens, seja pela participação como espectador, que também gera o sonho coletivo, o sonho através do sonho dos outros, a identificação com os sonhos alheios, permitindo um sonho coletivizado.

### 3.8. A privacidade nas redes sociais

*“O olhar está alerta em toda parte...”  
(Michel Foucault, 1997, p.162).*

A privacidade é outra consequência da prática de leitura nas redes sociais e está presente nas redes sociais como um fato importante que preocupa idosos e jovens entrevistados, mas de forma diferente. Vigiar e se sentir vigiado estão por toda parte nas redes sociais, como um controle, hierarquização e “psicopolítica digital” (Chul-Han, 2018), engendrados nas redes e recaindo sobre os intelectos, sobre o psicológico, sobre a alma.

Com as entrevistas, percebi que os principais temores da maioria dos idosos são de se exporem nas redes como pessoas endinheiradas, mostrando os bens materiais que possuem, os lugares que vão para se divertir ou onde costumam gastar dinheiro, temendo serem sequestrados, não querendo expor os endereços de onde moram, para que não sejam vítimas de “maus feitores”. Vale lembrar que grande parte deles não sabe operar os filtros de privacidade das redes sociais, já que são caminhos mais difíceis de serem aprendidos por eles. Idosos ainda estão na “adolescência” do percurso da vida no manejo das configurações de privacidade das redes sociais.

*Muitas vezes tenho vontade de postar que estou almoçando com a minha família no Iate Clube do Rio de Janeiro, do qual eu sou sócia, mas não o faço por medo de ser vítima de bandidos, sequestradores e pessoas que querem fazer mal para os outros, achando que tenho muito dinheiro. As pessoas ficam espionando as outras, a rede social é uma porta aberta para isso. (Laura, 66 anos, professora universitária).*

Já a maioria dos jovens estão interessados em se mostrar. Eles querem mostrar que estão bonitos, felizes, bem-de-vida, querendo afastar momentos tristes e infelizes das redes sociais. A falta de privacidade para os jovens está ligada à sua imagem, a como são percebidos enquanto pessoas famosas, *bon-vivants* ou jovens “descolados” ou de alto *status*. Eles não querem se esconder por segurança, mas eles querem esconder só o que não é digno de ser mostrado nas redes sociais. Eles não temem a insegurança advinda de se mostrarem, mas eles mostram ficções de si e, com isso, escondem sua insegurança interior.

Percebe-se que há uma diferença em que os idosos querem esconder que estão bem-de-vida e os jovens querem mostrar que estão bem-de-vida. O primeiro preza mais pela discrição e o segundo preza mais pela exibição. Um idoso não quer mostrar que é sócio do Iate Clube com medo de ser sequestrado; já o jovem quer se mostrar no Iate Clube, mesmo sem ser sócio, dando a entender que seja: é a “geração Instagram”!

Para Eduardo, de 25 anos, estudante de Psicologia da UFRJ, o *Facebook* passou a ser uma rede popular, que se popularizou e se homogeneizou. Todos, ou quase todos, passaram a ter *Facebook*, como uma espécie de “cadastro social” ou “carteira de identidade”, os perfis passaram a ser acompanhados ou revistados, propriamente “fuxicados” e revirados por padrões e setores do Recursos Humanos, interessados em saber se aquele funcionário tinha uma vida proba, se era uma pessoa moral e digna daquele emprego, deixando de ser um espaço de liberdade para passar a ser um espaço de controle. Deixou de ser um espaço exclusivamente de lazer.

O Panóptico (...) permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo em que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação de poder de que elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas (Foucault, 1997, p. 170).

Segundo Barreto (2012, pp. 7-8) o panóptico de Jeremy Bentham vai sendo reinventado e passando a ser uma vigilância dispersa e virtual, com uma gama de indivíduos exercendo poder em rede, criando um espaço de confinamento que dispensa muros e câmeras de vídeo para vigiar e controlar. Aí, todos querem e podem observar a todos. Hoje, auxiliados pelos mecanismos que as novas tecnologias e mídias oferecem, os usuários da rede são os seus mais novos vigias. Sobre os corpos, as identidades e os comportamentos dos outros e sobre nós mesmos, pesa um olhar vigilante de milhões de indivíduos conectados a uma rede de poder e controle, cuja característica marcante é a ação conjunta dos usuários no exercício da vigilância participativa.

A nova forma de poder reside nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento. Este poder

encontra-se na mente das pessoas. Por isso o poder na era da informação é a um só tempo identificável e difuso. (Castells, 2008, p. 423).

Há o surgimento de um “panóptico digital” (Chul-Han, 2018, p. 123) em uma “psicopolítica digital” (Chul-Han, 2018, p. 134). A sociedade de vigilância digital apresenta, de fato, uma estrutura panóptica, porém imiscuída no âmbito digital. Enquanto no panóptico de Bentham visa-se a eficiência e a “ortopedia moral-social” expondo os indivíduos à solidão em suas celas, no panóptico digital os indivíduos se conectam uns com os outros, se comunicam intensamente, não havendo um isolamento social comunicativo, que por isso mesmo importa um controle vigilante total, mesmo que não haja proximidade físico-espacial nessa comunicação.

A hipercomunicação expõe os indivíduos uns aos outros, fazendo com que todos controlem todos e todos sejam controlados, havendo uma moral social fluida em que todos são amarrados, aderidos como a “mosca” grudada na teia de aranha, e fazem parte, sendo algozes e prisioneiros ao mesmo tempo. O oxímoro de suas posições faz com que as suas relações não sejam somente com os outros, mas também consigo mesmos, controlando-se também a si próprios, sem cessar. É-se vigiado e vigilante ao mesmo tempo.

Há, porém, uma ilusão de liberdade. As informações que são remetidas ao panóptico digital para alimentá-lo são fornecidas voluntariamente pelos usuários, onde os indivíduos expõem-se sem coação física direta. Trata-se, portanto, de uma auto exposição, em que os indivíduos expõem a si mesmos, sem uma obrigatoriedade direta para tal. Esse movimento também é uma auto exploração. Nos dois casos – na auto exposição e na auto exploração – o indivíduo se coloca em uma posição reflexiva, em que exerce e sofre a ação. É agente e vítima da ação, realiza-a e a sofre. É uma auto exposição pornográfica (Chul-Han, 2018), um exibicionismo, que, obviamente, traz “ganhos secundários”, que são o suprimento de carências interiores:

(...) o medo de ter de abdicar de sua esfera privada e íntima dá lugar à carência de se colocar desavergonhadamente à vista, ou seja, onde a liberdade e o controle são indistinguíveis. A vigilância e o controle são uma parte *inerente* da comunicação digital. (Chul-Han, 2018, p. 124).

Nessa sociedade digital panóptica, todos observam e vigiam a todos, como o Google, o Facebook e os bancos que espionam e vigiam seus clientes, ou as

empresas que supervisionam seus empregados. A finalidade de *marketing* ou de controle do labor está presente nessa espionagem. A espionagem, sem dúvida, possui um viés econômico, em que empresas como a Google e o Facebook desenvolvem um “serviço secreto” (Chul-Han, 2018, p. 126) através da máxima exploração da informação. Muitos dizem que o capitalismo é movimentado pelo lucro ou pelo próprio capital – financeiro ou em bens de produção – no entanto, a informação é o principal ativo do sistema capitalista, já que é através da informação que se consegue atingir qualquer objetivo, qualquer cliente, qualquer funcionário, e, com isso, conseguir vender mais, extrair mais trabalho, com o objetivo final capitalista de maximizar os lucros.

As coisas que usamos todos os dias e a “internet das coisas” – *internet of things* – observam todos os indivíduos diariamente, enviando informações sobre as preferências e acessos dos indivíduos, realizando um protocolamento da vida de todos. “O panóptico digital não é [de fato] uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica” (Chul-Han, 2018, p. 130). No lugar da biopolítica, entra em cena a psicopolítica e no lugar do biopoder, que controla e recai sobre os corpos, entra o psicopoder, que recai sobre o pensamento, a mente e a alma dos indivíduos. Sua eficiência é extraída do fato de que ele é aperceptivo e possui o poder de intervir no âmago de processos psicológicos.

É ingenuidade afirmar que o *Facebook* nunca foi um espaço de controle. Há de haver diferenças entre uma vida virtual – no mundo das redes sociais – e uma vida real, ao se referir a essas duas esferas, a esfera eletrônica não é completamente desprovida da esfera da vida real. As postagens no *Facebook* ou no Instagram, pois, saem da vida real da pessoa que está fazendo aquelas postagens; são feitos interessantes, hilários, curiosos, vitórias, mudanças de *status* de relacionamento, o anúncio da namorada nova ou do mais novo *status* de casado que aparece no *Facebook*. As pessoas estão contando, mostrando e, com isso, se exibindo. São fatos e feitos das suas vidas reais, mostrando para amigos, conhecidos e desconhecidos.

Todos esses amigos do *face* passam a ter acesso a partes, fotos, textos, vídeos e audiovisuais da sua vida, “pescando” trechos da sua existência e “ficando por dentro do que você anda fazendo”, mas o dono do perfil pode controlar, gerindo e administrando o que vai ser postado na sua página ou mural. O “exceto por” do *Facebook* é um desses exemplos, em que essa publicação pode ser vista por todos os amigos, “exceto por” fulano. A lista de *close friends* ou “melhores amigos” do

Instagram é outro exemplo, onde só aqueles seguidores que estão cadastrados na lista podem ver as publicações nos *stories*. Ou ainda, se tiver algum problema real com aquela pessoa, que pode ser uma “cantada indevida”, um “assédio virtual”, uma “pornografia da vingança”<sup>45</sup> ou sofrer uma *stalkeada* de um “perseguidor” eletrônico, pode-se facilmente bloqueá-la ou denunciá-la na rede social.

No *Facebook* e no Instagram, a pessoa bloqueada para de ver as suas publicações e os seus *stories*. No entanto, o bloqueio como um recurso de privacidade não desfaz o que o *stalker* já viu, já compartilhou ou já armazenou na memória do seu computador.

Da mesma forma, existe uma interessante ferramenta de segurança e privacidade contra quem pode publicar no seu mural do *Facebook*, que coloca em análise aquela publicação ou comentário em sua linha do tempo, só sendo exibido na linha se o dono do perfil aceitar a publicação ou o comentário, que fica em *stand-by* até ser analisado pelo dono da conta, que pode aceitá-lo ou recusá-lo, sem que ele nunca apareça na sua linha.

Para Jandira, de 24 anos, estudante de Psicologia da UFRJ, “*as redes sociais devem ser utilizadas com cuidado e cautela*”. Todos que estão na sua lista de amigos ou todos os usuários do *Facebook*, no caso de publicações ou postagens que não sejam restritas para amigos, todos estão vendo tudo de sua vida, seus gostos e hábitos, de trabalho ou de lazeres cotidianos. Essa pessoa está sendo julgada o tempo todo pela comunidade dos seus amigos, colegas, conhecidos ou milhares de desconhecidos das redes sociais.

A palavra de toque para Jandira é “julgamento”;

*quem publica e posta está a todo momento sendo julgado moralmente ou socialmente por aqueles que estão vendo a publicação. Todos eles estão fazendo juízos de valor em torno das publicações que são feitas e também podem estar sentindo inveja, raiva, ciúmes.* (Jandira).

Observei que os jovens, querem se mostrar, no entanto não querem mostrar tudo, mas apenas expor uma parte de sua privacidade que enalteça o seu ego, mesmo que seja falsa. A privacidade não desaparece do horizonte da juventude, mas ela se detém a um certo campo, que é o campo do desejável; eles só mostram aquilo que

---

<sup>45</sup> A “pornografia da vingança” acontece quando, depois do término de um relacionamento amoroso, seja uma união conjugal ou um simples namoro, um dos envolvidos divulga imagens íntimas do outro, expondo aquela pessoa na internet ou em redes sociais virtuais, por conta de um sentimento de vingança.

é desejável. Aquilo que não se quer mostrar, que não trará “dividendos sociais”, curtidas ou comentários positivos, que “suje a sua imagem”, que “os queimem” diante dos julgamentos dos outros, não é mostrado. Por outro lado, pode ser exposta também uma privacidade que não é real, inexistente, apenas com o intuito de esnobar e chamar atenção. “O narcisismo domina a comunicação digital”, “ela se mostra como uma máquina de ego narcisista” (Chul-Han, 2018, p. 86).

Patrícia, com 22 anos, estudante de Pedagogia, admite:

*gosto mesmo de me mostrar nas redes sociais, quem diz que não gosta é hipócrita, um falso mesmo. As redes sociais foram feitas para a gente mostrar o que a gente tem de bom, o que a gente anda fazendo de bom, as novidades que acontecem na nossa vida, como o namorado novo que a gente arrumou, o emprego novo... Quando eu me formar em pedagogia vou “escancarar” mesmo nas minhas redes sociais eu com o meu diploma, vou colocar um milhão de fotos com as pessoas que eu gosto, que estarão naquele dia especial. Agora... eu por acaso vou colocar na minha rede social que eu fui reprovada em uma matéria na faculdade? Não, né? Preciso falar mais alguma coisa? (Patrícia).*

A pessoa que faz publicações no *Facebook* ou no Instagram está sujeita a milhares de olhares julgadores de seus amigos e de suas listas de contatos, o que pode atrair novas amizades ou pode afastar pessoas que pensam diferente dela ou que não gostam do seu estilo de vida.

Como pude observar, tanto os jovens, quanto os idosos, se preocupam muito com a questão da privacidade, mas por razões diferentes. A privacidade é relativa à intimidade do indivíduo, fazendo parte do campo da vida humana que não é para ser mostrado. Com isso, surge a “privacidade eletrônica”, como um campo intermediário entre a privacidade fora das redes e a exposição do sonho e das ficções do mundo digital das redes. Nessa “privacidade eletrônica”, as próprias redes sociais oferecem aos usuários recursos e ferramentas de privacidade, possibilitando a eles “fechar” publicações para certas pessoas, fazer bloqueios ou estabelecer filtros para que determinados indivíduos não vejam certas publicações. A política de privacidade e segurança contra publicações indevidas é uma espécie de censura, que também está presente no meio digital e eletrônico.

Mostrar que se está bem é imprescindível para os dois grupos pesquisados – jovens e idosos – embora o “estar bem” possa ter o mesmo significado ou significados diferentes. O que é postado, mostrado e divulgado nas redes sociais tem a ver com os valores de cada um. Jovens valorizam a beleza, mas idosos

também. Nenhum dos dois postam fotos em que estão feios, a beleza é fundamental para os dois grupos.

Mostrar que está feliz também é valorizado pelos dois grupos. Então, fotos alegres, sorrindo, em festas, são bem-vindas. Os idosos valorizam muito a família e adoram postar fotos com suas famílias em seus aniversários ou em aniversários de familiares. Estar entre os familiares mostra que eles acolhem e são acolhidos, que eles são carinhosos e recebem carinho. Jovens postam fotos felizes, divertindo-se com seus amigos e amores.

Os bens materiais também são valorizados para os dois grupos, mas os idosos não gostam de mostrar seus bens por terem receio de parecerem ricos, e como se sentem mais vulneráveis preferem escondê-los. Sentem-se vulneráveis por serem mais velhos, por não possuírem a coragem, às vezes incauta, dos jovens. Alguns idosos também não mostram seus bens para não causar inveja e dar azar; segundo eles “silêncio é a alma do negócio”.

Os jovens, com a coragem que lhes é peculiar, intrínseca à idade, sentem-se fortes, donos do mundo, acreditam que nada de ruim lhes atingirá e, com isso, sentem-se mais abertos para escancarar suas vidas ou criar situações inexistentes que fazem parte apenas dos seus imaginários de sonho. O jovem é mais intenso do que o idoso no que sente, no que mostra e em como lida com a vida; o que espera dela. A tranquilidade, mais presente entre os idosos, é quase inexistente nos jovens. No lugar da serenidade, está presente o frenesi. O jovem possui uma intensidade transbordante para fora de si, que está presente e assume forma nas redes sociais, em suas postagens e na auto imagem que eles buscam ter. Ser, para eles, é manusear suas imagens para quem os vê, como são vistos pelos outros, em primeiro lugar a imagem. Em segundo lugar, estaria a auto estima, o como eles próprios se veem, fortemente influenciados pela forma como são vistos.

### **3.9. A Imagética**

A imagética é outra consequência da prática de leitura nas redes sociais, com os diversos jogos formados e estruturados pelas inúmeras composições das imagens nas redes sociais e, ainda, textos escritos, que se conjugam com estas, formando arranjos multissemióticos.

Para Ana Paula, de 28 anos, engenheira civil, formada pela UFRJ, “*já se foi a época do ‘textão’*”. “Textão”, segundo ela, é qualquer texto sem figuras, desenhos, imagens ou gráficos que faça com que o leitor perca muito tempo para ler o texto todo. Trata-se de um texto corrido, sem subdivisões ou com poucos subtítulos e itens que gera um “cansaço só de olhar”, mas também é um texto que carece de boa diagramação (Mackenzie, 2002) e lido em uma tela miúda de um pequeno computador de bolso, com visão comprometida do leitor. De fato, não é um texto multimodal e multissemiótico.

Essa entrevistada, escolhida, dentre muitos outros jovens que representam a contemporaneidade em seus atos e formas de pensar e sentir a realidade na qual estão inseridos, serve de paradigma. Para os jovens da pesquisa, “ler cansa”, o que não é algo inovador, já que diversas áreas, principalmente pedagógicas, já estudaram o papel da “preguiça” e do desinteresse na vida escolar, acadêmica e estudantil em geral dos jovens. No entanto, perguntados porque sentiam “preguiça” ou indisposição, a unanimidade afirmou que era devido à falta de tempo, à pressa do dia-a-dia e ao estresse da correria, que os faziam demonstrar um comportamento avesso à leitura de textos longos.

Ou seja, a menção ao fato de que os jovens não leem nos dias de hoje só pode derivar de uma apreciação quântica e cumulativa sobre o ato de ler, e não da ênfase concedida aos inúmeros aparatos, suportes, formas e modalidades de leitura que atravessam o universo particular dos jovens leitores. (Almeida, 2020, p. 4).

Esta qualidade apresentada radicalmente por jovens pesquisados demonstrou o que Crary, Deleuze e principalmente Colville já haviam afirmado: o capitalismo contemporâneo calca-se em uma aceleração do tempo e das noções de espaço-tempo, transformando-o em uma *great acceleration* (Colville, 2016) que impossibilita o “pestanejar”, o descanso, a paragem (Crary, 2016), jogando o indivíduo na necessidade profissional-acadêmica de uma “formação permanente obrigatória” (Deleuze, 1992).

A falta de tempo, a aceleração, a impossibilidade do descanso e da paragem e as diversas modalidades de estresse daí advindos, fazem com que os jovens da atualidade tenham uma “indisposição de ler”.

“*Falta tempo para tudo*”, diz Mário, de 24 anos, administrador, formado pela UERJ. Falta tempo para a família, falta tempo para os amigos, falta tempo para os prazeres e para os lazeres, falta tempo para si.

O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites. (...) O sono é um hiato incontornável no roubo de tempo a que o capitalismo nos submete (Crary, 2016, pp. 19-20).

Esta falta de tempo impede que a maioria dos jovens sintam a vontade necessária de enfrentar um texto longo, ou como eles preferem chamar, um “textão”. O substantivo “textão” se converte quase em um adjetivo de natureza pejorativa na “boca” desses jovens. Um “textão” não é apenas um texto longo, mas é um texto que, ao mesmo tempo, é longo, cansativo, enfadonho, por ser, principalmente, sem figuras e imagens, e que não dá vontade de enfrentar.

Dessa forma, além de reclamarem de textos longos, cansativos e chatos, os jovens costumeiramente, quando se deparam com um desses textos, reagem simplesmente não os lendo ou os ignorando.

Essa postura é seguida assumidamente pelos idosos?

Os idosos também reclamam da falta de tempo, escolhem o que leem e rejeitam textos longos nas redes sociais. Sobre isso, demonstra o depoimento de Waldir, de 67 anos, músico com nível superior, aposentado:

*uma vez recebi um texto escrito de um dos meus amigos no Facebook. Esse amigo que me mandou dizia: “se você leu esse texto, compartilhe e publique no seu mural para eu saber que você leu”. Eu não li. Para fingir que não vi, nem curti. Eu não queria ler e nem que essa publicação saísse no meu mural de jeito nenhum por ser muito grande, nem para agradar esse amigo. (Waldir).*

Tanto jovens, quanto idosos, retratam “preguiça” – indisposição – em ler textos enormes em redes sociais. Os “textões” cansam. No caso dos jovens, justificam-se através da falta de tempo. No caso dos idosos, justificam-se no fato de já estarem velhos demais e cansados para lerem “porcarias”. Os dois recortes etários relatam ler mais ou menos da mesma forma com relação aos “textões” em seus tempos de lazer nas redes sociais.

O leitor de hoje sente dificuldade de ler um texto muito longo, porque está adaptado a outras habilidades cognitivas e aprendizados de leitura, que objetivam ler de forma rápida trechos curtos.

Ana Paula, por ser engenheira, ainda continuou dizendo que

*se um texto não possui imagens, gráficos, tabelas ou outra construção visual, eu me sinto desmotivada a ler; o que denota uma obrigatoriedade preponderante de cada página ter pelo menos um gráfico para dar visualidade ao seu conteúdo, o*

*que eu considero como um modo de facilitação da leitura, além de ser um propulsor de ludicidade ao ato de ler, que pode ser uma atividade também de deleite e lazer. (Ana Paula).*

Para ela, tais características de deleite necessitam estar presentes em um texto para que ele não se transforme em um “textão” genérico e chato, fazendo da sua leitura um ato enfadonho, cansativo e desprazeroso. O prazer necessita estar presente para que a leitura flua, ou mais do que isso, para que ela comece.

Quando se trata de um texto na internet ou em alguma rede social, a intensidade e a transfiguração do problema apresentam dimensões “continentais”, sendo inaceitável, um absurdo completo, receber uma postagem de um usuário que seja um “textão”. Ler muitas páginas na rede social é encarado como uma chatice, além de uma falta de bom senso ou de “netiqueta”.

Assim, conclui-se essa análise no sentido de que não é possível conhecer tudo e, por conseguinte, não é possível ler tudo, mas obrigatoriamente, deve-se escolher o que ler, sendo uma espécie de *trade off*<sup>46</sup> entre o que ler e o que descartar. Trata-se também de uma seleção ou recorte, devido ao fato de ser impossível conhecer a realidade toda, assim, como ler tudo, ao mesmo tempo e de uma só vez.

A solução parcial e parcimoniosa, portanto, não inibidora da leitura e não geradora do descarte ou da reação excludente da leitura como um todo a um só golpe, é a preferência na leitura pelo recurso da imagética.

*Textos multissemióticos* são textos com muitos elementos, como imagens, ícones e desenhos.<sup>47</sup>

(...) os textos multissemióticos permitem representar imagetivamente uma informação, de modo que esse leitor tenha, além do texto verbal, recursos visuais que o auxiliarão na leitura e compreensão do conteúdo em questão. Assim, as imagens, as cores, os tipos de letras também são portadores de sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam de ser inferidas.

<sup>46</sup> *Trade-off* e *tradeoff*, na tradução da língua inglesa, significam “troca”. Definem uma situação em que há conflito de escolha, caracterizando-se em uma ação econômica que visa à resolução de um problema, mas que acarreta outro, obrigando uma escolha. Não deixa de ser um princípio das Ciências Econômicas que afirma que devido ao fato dos bens e recursos de toda e qualquer sociedade serem escassos, faz-se necessário escolher entre eles. Essa escolha é uma escolha radical, ao mesmo tempo que possui características de toda e qualquer escolha, já que ao se escolher um bem, recurso ou opção em detrimento de outra, perde-se a possibilidade ou a chance de ter escolhido o bem ou recurso não escolhido, isto é, ele é rejeitado. Em outras palavras, ao fazer um *trade off*, escolhe-se e, ao escolher, perde-se a chance de ter escolhido a opção que não foi feita.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16264/lingua-portuguesa-como-trabalhar-textos-multissemióticos#:~:text=Pensando%20em%20como%20os%20professores,como%20image ns%2C%20%C3%ADcones%20e%20desenhos>. Acesso em: 24/04/2021.

Considera-se que ler é uma atividade cognitiva e social, em que os sujeitos trabalham ativamente para construir o sentido. (Vieira, 2012, p. 2).

Há a transformação de “textões” em textos híbridos, com a mescla de recursos escritos e visuais, simultaneamente, fazendo uso de estratégias lúdicas e interativas que fujam à representatividade da informação através da simples exposição das letras, palavras e frases. Junto com as letras, palavras e frases, devem se fazer presentes também a representação de gráficos, tabelas, desenhos, figuras, diagramas, tirinhas, memes, charges e muitos outros recursos visuais, assim hibridizando o recurso comunicacional. Com essa hibridização, a capacidade e a velocidade de absorção da informação se modificam, sendo muito mais rápida em textos multissemióticos, do que em textos somente escritos. Na visualidade das imagens, a decodificação semiótica acontece de forma muito mais veloz e acelerada, acompanhando tal necessidade em tempos contemporâneos.

Kress (2012) e Kress e Van Leeuwen (1996, 2001) afirmam que palavra e imagem juntas não correspondem à mesma maneira de se dizer a mesma coisa; a palavra significa mais quando acompanhada da imagem. Por sua vez, a imagem também significa mais quando acompanhada do escrito. Também é preciso considerar que, com o advento das tecnologias da informação e da comunicação, houve uma “guinada para o visual”. Assim, os textos que circulam socialmente indiciam a mudança do modelo de textos monomodais para o de textos multimodais. Evidenciam, também, que o produtor possui a liberdade de escolher entre um ou outro modo de linguagem para determinada representação, de acordo com o efeito semiótico pretendido. Imagem e palavra se complementam, se contrapõem, se integram ou não, mas sempre com propósito de significar mais. (...) Cada uma dessas linguagens. (...) Quando combinadas, o potencial funcional é mais amplo, uma vez que a cognição humana encontra-se amparada na multiperceptualidade. (Vieira, 2012, p. 2).

A leitura que não se compactua com isso tende a ser banida mais pelos leitores jovens, mas também pelos leitores idosos, segundo os entrevistados, que não suportam iniciar ou percorrer até o final um texto que não seja multissemiótico.

O Instagram utiliza-se de um texto em sentido amplo, pois agrupa audiovisuais e fotos, com enfoque nas imagens, onde a utilização da imaginação se faz muito presente.

Flusser (2002), autor tcheco que viveu no Brasil, liga claramente a escrita à linearidade, o que já foi criticado por mim. No entanto, sua análise sobre a imagem faz-se importante aqui. A escrita transformaria a relação dos indivíduos com a imagem. Uma “crise atual da escrita” leva esse autor a se questionar sobre a sobrevivência ou sobre qual seria o futuro da escrita, ao lado de uma suposta “nova

lógica imagética fortalecida” pelas tecnologias eletrônicas. Para ele, haveria uma oposição clara entre o olho que decifra as imagens e o olho que decodifica os textos escritos. A imagem teria a sua superfície escaneada pelo olho. A palavra “imagem” possui etimologia com a palavra “imaginação”. Aquele que imagina, vê uma imagem que aparece em sua mente. Trata-se de uma “imaginação da imagem” (Flusser, 2002, p. 55).

No entanto, “a mídia digital cria mais distância do real do que mídias analógicas” (Chul-Han, 2018, p. 56), mostrando que nas mídias analógicas existiria mais analogia entre o digital e o real, enquanto na contemporaneidade das mídias digitais produzir-se-ia uma quantidade gigantesca e massiva de imagens, que para Chul-Han (2018, p. 57), pode ser interpretado como uma reação de fuga ou proteção, em que os indivíduos se refugiam nas imagens, que possuem um poder de “desfactizar”, através das técnicas de otimização que “limpam” os fatos e a realidade, trocando-a pelo sonho. “A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela, o tempo mesmo é congelado. Ela é uma mídia atemporal”. (Ibid, p. 57).

A imagética consiste na expressão através de imagens, envolvendo a imaginação. Os seres humanos conseguem imaginar situações automaticamente. A imagética, de certo modo, aumenta a motivação para ler.<sup>48</sup>

Nesse sentido, utilizando-se de uma linguagem própria, a imagem direciona uma forma específica de leitura, é uma leitura que parte do princípio de uma interação intersubjetiva entre seus leitores. Por isso, Santaella (2012, p. 13) argumenta que “a expressão linguística e a visual são reinos distintos, com modos de representar e significar a realidade próprios de cada um”. Isso demonstra o quanto é complexo fazer uma definição do que é imagem, tendo em vista de que ela resulta de “uma polivalência conceitual que vaza os limites de uma definição única” [ibid. p. 16]. (Luz, 2015, p. 37).

No Instagram, por exemplo, a imagética é fundamental. O que vale são as imagens, as fotografias e os audiovisuais curtos de grande impacto. O que realiza a venda e a leitura de estilos de vida, hábitos sociais e valores para o consumo enquanto produtos subjetivos é, sem dúvida, o poder de impacto das imagens. O Instagram, onde é realizada esse tipo de influência social por *digital influencers*, com milhões de seguidores, surgiu como uma rede social e plataforma digital para substituir o antigo álbum de fotografias, com a grande diferença de que esse álbum

<sup>48</sup> Disponível em: <https://practicalhealthpsychology.com/pt/2017/05/harnessing-your-imagination-using-the-power-of-mental-imagery-to-change-health-behaviour/> Acesso em: 24/04/2021.

contemporâneo seria coletivizado e socializado, ao invés de ser guardado em uma gaveta com o caráter de individualização para, apenas, ser mostrado para um grupo seleto de amigos que frequentassem a casa do seu dono. Dificilmente, um álbum e um porta-retrato saíam da casa do seu dono, mas pareciam ser partes da casa, ficando guardados ou expostos apenas no seu interior, como um acervo doméstico, só sendo vistos por aqueles que também entrassem no espaço da casa.

Diferentemente, é o que acontece no Instagram e nas demais redes sociais, onde a atividade de publicar envolve expor, mostrar para todo mundo no mural, na linha do tempo ou no *story*. Entretanto, o que é exposto e difundido é a imagem, o imagético, o fotográfico, que é rapidamente apreensível pelos olhos, através do sentido da visão, com rápida captação pelos sentidos do espectador.

A imaginação é relativa, parcial, pessoal e individual. Em relação a uma mesma imagem, podem haver várias interpretações-imaginações-leituras diferentes, de acordo com cada leitor, suas circunstâncias, idade, fatores sociais, temporais, etc. Cada um imagina de uma forma; a imaginação em torno da imagem lida varia de acordo com o ângulo do olhar do leitor.

A imagem presta-se a diversas ações, pode ser o registro do real ou a possibilidade de criação de uma “certa realidade”, por isso a ideia de simulação, porque além de representar e trazer informação, ela também instiga nossa imaginação, surpreende-nos, dá sentido e significação e provoca desejos. (Luz, 2015, p. 41).

O impacto dos imperativos da imagética na contemporaneidade, nos grupos de jovens e idosos, envolve situações díspares e antagônicas: enquanto as imagens para os jovens são uma forma de captação das informações e, por isso, de leitura mais rápida, veloz, ágil e menos cansativa; para os mais velhos, o imperativo das imagens configura-se uma desorganização visual em uma miríade de imagens impactantes e sem uma coesão narrativa de sentido, coerência e lógica. Para os mais velhos, esse imperativo, de tão fácil apreensão cognitiva pelos jovens, apresenta-se como um obstáculo à leitura. Já para os mais jovens, não é de se estranhar que o modo de organização discursivo/narrativo tradicional os impactasse negativamente como uma organização enfadonha, cansativa e árdua.

As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras. (Santaella, 2012, p. 109).

Ronaldo, de 73 anos e engenheiro aposentado, conta que as várias fotos impactantes no Instagram causavam enorme confusão na sua compreensão significativa do sentido do todo.

*O sentido da coesão e a compreensão do que todas aquelas fotos em conjunto queriam expressar, comunicar e significar estava mais para “confusão” e “bagunça” do que para um texto [com coerência]. Um texto não é um plano todo misturado com imagens isoladas e sem coesão umas com as outras. Até em uma exposição de fotografias, existe um tema no acervo que reúne em um bloco ou blocos, fazendo sentido as várias fotos em exposição. (Ronaldo).*

Para Gilmar, jovem de 20 anos, estudante de Direito na PUC-Rio, diferentemente do idoso, as fotos e vídeos rápidos do Instagram lhe causavam prazer, agrado, pelo seu caráter dinâmico. As suas dinamicidades aceleravam as noções de tempo e espaço, causando divertimento e afastando a monotonia.

*Prefiro muito mais as redes sociais, onde eu posso rapidamente olhar para fotos e entender tudo que elas querem dizer em um segundo. O Instagram, para mim, é maravilhoso, pois faz exatamente isso, não perco tempo, olho, vejo, imagino, leio e entendo tudo com um só golpe de olhar (Gilmar).*

Como se observa pelos depoimentos organizados, jovens e idosos não gostam de ler textos longos nas redes sociais e sem diagramação com imagens, que deem ludicidade ao conteúdo, tornando-o um texto multissemiótico.

### **3.10. O Instagram como uma “Revista de Fofocas” e o Facebook como o “Novo Jornal”**

Esse tema partiu de uma entrevista semiestruturada que se expandiu para além dos roteiros pré-estabelecidos na própria entrevista. A comparação que se segue partiu do próprio entrevistado, durante a entrevista, eu não fui ao seu encontro para fazer perguntas desse tipo, nem mesmo as respostas que ele me deu possuíram ligação com os roteiros de entrevistas semiestruturadas montadas por mim. Essa é uma visão de um entrevistado, que achei interessante e incluí no meu trabalho.

*Publicações muito mais sérias têm sido feitas no Facebook atualmente, em comparação com a época em que o Facebook surgiu. O Instagram parece ter substituído o uso do Facebook na sua origem, parecendo-se com uma “revista de fofocas” e o Facebook passou a ser mais utilizado conforme seções jornalísticas, aproximando-se de um jornal. (Tadeu).*

Tadeu, de 28 anos, formado em Jornalismo pela UFRJ, faz essa comparação, dizendo que sua formação é em Jornalismo e que enxerga o *Facebook* como um “novo jornal”. Ele diz que no *Facebook* há o *feed* de notícias, que é como se aparecessem várias “seções” sem a diagramação jornalística canônica:

Como os “classificados”: é muito comum pessoas anunciarem convites de festas, como sempre acontece com pessoas que compram ingressos para o *Rock In Rio*, e, em cima da hora, desistem de ir, ou realizam esse tipo de câmbio como forma de ter lucro. Ou ainda para coisas que as pessoas querem vender, como um celular, relógio e diz ter até mesmo anúncio de carros e apartamentos para alugar ou vender.

Como cadernos de economia, política, saúde e educação: no *Facebook* vêm juntos na rede de compartilhamentos de conteúdos sobre esses assuntos que podem ser úteis para alguém ou que fazem algum tipo de crítica ou denúncia social ou política.

Como “seção de fofoca”: é a parte do segundo caderno do jornal, com a diferença de que os famosos não são os atores e atrizes, nem as modelos requintadas, mas as pessoas comuns, eu e você, que mostramos nossas vidas sociais, pessoais ou em família, divulgando fatos e conteúdos inéditos como se elas fossem filmes, livros.

Há também a “seção de divertimento”: onde há joguinhos, que no *Facebook* são virtuais e substituem as antigas palavras-cruzadas, os caça-palavras e o Sudoku. O *Facebook* vive convidando os membros para fazerem parte de jogos.

Há a “seção de relacionamentos”: uma seção extra, onde há o novo aplicativo de relacionamento do *Facebook*, que nos jornais costumavam vir nos classificados.

Como o “obituário”: o usuário do Facebook comunica o falecimento de uma pessoa da sua família e convida todos para o velório.

Todas essas “seções” vêm sem a separação da diagramação que existe no jornal, o que está sendo cada vez mais dispensado na contemporaneidade e no uso dos conteúdos digitais.

Já o Instagram é uma reunião, praticamente, de eventos bons, se possíveis fúteis e passageiros, de preferência de alto *status* social e pessoal. Para Tadeu, o Instagram se parece mais com uma revista de futilidades, diferentemente do *Facebook*. “Se o *Facebook* será o Jornal ‘O Globo’, o Instagram, vai ser a ‘Revista Caras’”, diz Tadeu. Apesar das revistas terem matérias e reportagens escritas, as

fotos e as imagens são o principal veículo divulgador de seus conteúdos, da mesma forma que o Instagram, que começou com o objetivo de ser uma rede para fotos, aperfeiçoou-se sendo, também, para audiovisuais e mais recentemente passou a ter conteúdos escritos sem fotos com a ferramenta do “criar” nos *stories*.

O *Facebook*, portanto, é uma rede mais “acalorada”, que visa dar flagrantes, “furos” de *news* e explorar polêmicas como forma de diversão e *IBOPE* (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) dos usuários. Aqueles que saem nas notícias são qualquer pessoa, como em um jornal, que pode ter notícias sobre gente famosa ou gente comum. É interessante observar que mesmo os famosos possuem perfis e páginas no *Facebook*, contas no Instagram e às vezes canais no *YouTube*.

### 3.11. A leitura coletivizada sobre a morte de Paulo Gustavo

No meio de uma grave crise sanitária no Brasil, com mais de 400 mil mortes e, após um ano de pandemia, morre o ator e humorista Paulo Gustavo, vítima de Covid aos 42 anos, na noite de 4 de maio de 2021. Eu estava vendo televisão quando a programação foi interrompida para dar essa notícia.

Paulo Gustavo foi ator em três filmes de grande sucesso: “Minha mãe é uma peça” números 1, 2 e 3, onde ele interpretava a Dona Hermínia, inspirada em sua própria mãe. Paulo Gustavo se vestia de mãe para interpretar a personagem.

Paulo era homossexual, casado com outro homem e tinha dois filhos por inseminação artificial, sendo cada filho de cada um deles.

Paulo morreu no meio de um cenário no Brasil em que a população já não aguentava mais a vida em meio a pandemia, tomada pela angústia do isolamento social, que é algo muito pesado para o brasileiro, acostumado e dar abraços, marca da sua cultura do “homem cordial”:

já se disse, numa expressão feliz [de Ribeiro Couto], que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (Holanda, 2013, pp. 146-147).

O Brasil, com seu povo em luto, reagiu a essa morte no dia seguinte nas redes sociais, demonstrando a forte relação interpessoal que há em uma leitura coletiva, através de trocas, reagindo ao que era lido nas postagens e comentários. Foram compartilhados conteúdos lidos e opiniões foram dadas através dos milhares de comentários, postagens e compartilhamentos. Foi um grande exemplo de leitura em coletividade. Iniciou-se com um turbilhão, do qual eu também fazia parte, vi-me sugado pela torrente das publicações nas redes sociais e levado a também participar delas, curtindo, comentando e compartilhando. Iniciara-se uma “manifestação digital”.

O artista, de fato, tem essa capacidade de mexer com o público. Ele pode nos fazer rir, chorar, pode nos fazer sofrer; ele pode nos fazer sentir, pode nos suscitar protestos, mesmo depois de morto.

Aprendemos com Freud que, na vida cultural, a arte tem a função de nos religar com o sentido mais amplo da existência, permitindo-nos transcender as couraças narcísicas responsáveis pela excessiva atenção que damos aos nossos interesses, sempre egoístas. (Kupermann, 2021, p. 1).<sup>49</sup>

Tive a ideia de, no dia em que ocorreram as postagens em massa<sup>50</sup> sobre o ator, pedir aos meus entrevistados, pelo *WhatsApp*, que me mandassem algo que tivessem lido naquele dia nas redes sociais que fosse importante para eles, que lhes tivesse marcado ou chamado a atenção. Recebi 62 respostas do meu campo pesquisado, onde 58 afirmaram que o assunto mais importante lido e que lhe chamaram mais atenção naquele dia foram as publicações, postagens, comentários, compartilhamentos e trocas de mensagens sobre a morte do Paulo Gustavo. Somente quatro das respostas não foram sobre a morte de Paulo Gustavo, e, sim, uma sobre culinária, uma sobre religião, uma sobre sexo e uma sobre direitos raciais, sendo três de jovens e uma de um idoso. A postagem sobre culinária fora de uma idosa e as outras três, dos três jovens.

Vejo nessa situação um exemplo de leitura que levou à interação de jovens com jovens, jovens com idosos e idosos com idosos, importando pouco para os internautas se a interação estava sendo com jovens ou com idosos. As informações

<sup>49</sup> Disponível em: Jornal O Globo, 06/05/2021, “Somos todos órfãos de Dona Hermínia”, segundo caderno.

<sup>50</sup> Houve um aumento de 870% de interesse por Paulo Gustavo na semana da sua morte, segundo o Google Brasil. No Instagram, nos dois dias posteriores à sua morte, foram 16.428 postagens citando o humorista com 142 milhões de interações. (Guimarães, Jornal O Globo Digital, 09/05/2021).

obtidas levaram à coletivização dos conteúdos lidos, onde o que era lido, era comentado, compartilhado e ia aumentando a quantidade de leitura e de leitores. Reivindicavam-se mutuamente em gradação, tomando a forma de uma “bolha” que parecia que uma hora ia explodir. Era uma espiral, em efeito cascata, que “viralizou” o tema nas redes sociais.

(...) [As redes sociais *online* são] um sistema eletrônico de comunicação de alcance global que possibilita a integração de todos os meios de comunicação e que possui interatividade potencial (...) suscitam a participação dos envolvidos para compartilhar informações, fatos e experiências relacionadas ao evento. (Santana et al., 2009, p. 340).

A mídia digital é, segundo Chul-Han (2018, p. 35) uma “mídia da presença”, sendo a sua temporalidade, a temporalidade do presente imediato, sem a presença de intermediários na comunicação, entre o envio e o recebimento das informações, já que a mediação é interpretada na internet como o congestionamento de tempo, da informação, como não transparência e como ineficiência, apesar de ser impossível haver uma comunicação totalmente desmediatizada, sem intermediários e mediadores. Sabe-se que o rádio ou a tevê só permite a comunicação de um lado, sendo, por isso, unilateral, mas a mídia digital é um meio em que se visa comunicar as imagens ativamente, havendo troca, debate, fórum.

A politização da morte de Paulo Gustavo foi a maior temática. Vou reproduzir algumas postagens que renderam milhares de curtidas, comentários e compartilhamentos nas redes sociais sobre o episódio da sua morte, indicando a sua politização.

*“Paulo Gustavo já deveria ter sido vacinado num país que tivesse agido descentemente.”* (Caetano Veloso).

O grande cantor politizado denuncia a falta de decência do país diante da pandemia do Corona Vírus.

*Assassinos de Paulo Gustavo*  
 - quem dizia “é só uma gripezinha”  
 - “não passa de 200 mortes”  
 - “cloroquina resolve”  
 - “gente morre todo dia”  
 - “lockdown destrói o país”  
 - “máscara nos faz respirar ar viciado”  
 - “eu obedeco o comandante”  
*E por aí vai. Canalhas da pior espécie.*  
 (Paulo Coelho)

Presume-se que Paulo Coelho esteja falando do governo federal, representado no executivo pelo presidente Jair Messias Bolsonaro. Essa seria a “gangue” ou a “corja” de “canalhas” ao qual o escritor, provavelmente, faz referência.

*“Cada dia mais triste. O Brasil afundado em sua própria tragédia. A morte de Paulo Gustavo assim como tantos milhares poderia ter sido evitada com uma simples medida: a vacina. Que não foi comprada. Minha solidariedade a todas as vítimas.”* (Nando Reis).

*- Meus votos de pesar pelo passamento do ator e diretor Paulo Gustavo, que com seu talento e carisma conquistou o carinho de todo o Brasil. Que Deus o receba com alegria e conforto o coração de seus familiares e amigos, bem como de todos aqueles vitimados nessa luta contra a Covid.* (Jair M. Bolsonaro).

[Em comentário a essa postagem do presidente]

*Depois de 410 mil mortes, UM voto de pesar! Antes, apenas piadinhas, risinhos, gripezinha, cloroquina, kit covid, desmonte do SUS, recusa em comprar vacinas, ministro da saúde almoxarife, “não sou coveiro”... Teu voto de pesar é um cuspe na cara dos brasileiros!* (Sergio Alarcon).

A morte de Paulo Gustavo foi provocada por um vírus, que já havia matado mais de 400 mil brasileiros. A violência da morte do ator é sentida pelo grande número de mortes, onde, nesse cenário, ele foi vítima do vírus e da má gestão política do Brasil frente à pandemia, com um presidente negacionista. Com isso, sua morte passou a ser também um fato político.

Foi observada também uma manifestação religiosa dos neopentecostais em torno do episódio da morte do ator:

*Lamentável alguns religiosos neopentecostais, ou seja, ditos “evangélicos” dizer que o ator Paulo Gustavo não foi curado por estar em pecado pelo fato de ser casado com outro homem, e que Deus o puniu. Oi??? (Conselhos de Preto Velho).*

[Essa postagem levou a muitos comentários favoráveis à publicação e contrários aos neopentecostais, dentre as quais destaco algumas:]

*- Fariseus hipócritas, sempre julgando e condenando os outros aos seus infernos como se fossem Deus.*

*- Que Deus é esse?*

*- Que crentes são esses?*

*- O que aprende todo dia lendo os ensinamentos de Jesus é sobre o amor e foi isso que Jesus nos ensinou, amar uns aos outros, independente de raça, cor,*

*sexualidade ou religião e não julgar, condenar, jogar pedras e lançar nesse tal de inferno que vocês adoram jogar os outros.*

*- Aprendam a respeitar a dor, a escolha e a vida dos outros.*

A postagem foi feita pela página do “Preto Velho”, que é da religião umbandista, havendo um conflito de religiões, suscitado pela morte do ator Paulo Gustavo.

Postagens também foram feitas demonstrando muita tristeza:

*Essa é uma notícia que a gente não queria dar. Paulo Gustavo nos deixa aos 42 anos, após complicações da Covid-19. O ator brilhou na TV, no teatro e no cinema, onde bateu recordes dando vida a personagens que ficarão para sempre em nossa memória, como Dona Hermínia. Ele deixa marido e dois filhos. Nossos sentimentos aos familiares, amigos e, como nós, fãs do ator. Obrigado por tudo, Paulo! (O Globo)*

*A morte do Paulo Gustavo já é triste por si só, fica ainda mais triste se você parar pra pensar que todo dia morre um Paulo Gustavo de alguém. (Thiago Mavá).*

Nessa última postagem, observa-se uma extensão dos sentimentos de um campo do espaço público para o campo do espaço privado, em que cada família que perdeu um familiar querido, chora pelas suas perdas.

*Quanta tristeza, quantas vidas ceifadas! Está sufocante, insuportável, mães, pais, filhos, filhas, tios, tias, amigos, amigas... choram... e sentirão saudades eternas. (Professora Angela).*

Figura 3: Paulo Gustavo e Dona Hermínia



Fonte: Facebook

Até mesmo Maurício de Souza, criador da “Turma da Mônica”, fez uma homenagem especial a Paulo Gustavo, com um desenho dele ao lado da turma da Mônica, onde os personagens dos quadrinhos agradecem ao ator.

Figura 4: Turma da Mônica e Paulo Gustavo



Fonte: Facebook

O povo brasileiro demonstrou que nessa época, já tão sofrida, lhe foi ceifado mais do que um ator famoso, mas também lhe foi retirada uma parte de sua alegria: Rir.

Na hora do tradicional panelaço contra o Presidente da República, às 20 horas, foi marcado pelas redes sociais e colocado em prática no dia seguinte à morte de Paulo Gustavo, uma grande salva de palmas nas janelas, que veio junto com gritos de “Fora Bolsonaro!”. Podia-se perceber, bem claramente, quem era o “vilão” e o “mocinho”.

O Theatro Municipal quis ceder o seu espaço para fazer o velório do ator, perdendo a noção de que se estava em meio a uma pandemia, em que se proíbe aglomerações, também em velórios. A família do ator não aceitou a oferta e o ator foi cremado, sem divulgar o local e hora.

A rua Coronel Moreira César, rua muito conhecida em Niterói, bairro onde o ator morava, vai mudar de nome para rua Ator Paulo Gustavo depois de uma consulta pública virtual que durou três dias com a participação de mais de 30 mil pessoas, em que houve mais de 90% de aprovação da sociedade para a mudança do

nome. O militar será substituído pelo artista em uma demonstração de que a arte deve vencer a ditadura, pelo menos no campo da memória.

Desenvolvi esse capítulo para demonstrar um grande exemplo de leitura compartilhada, com curtidas, comentários e compartilhamentos, mostrando que todos os leitores puderam expressar suas opiniões, e onde a descarga de sentimentos foi instantânea. A mídia digital é uma “mídia de afetos” (Chul-Han, 2018, p. 15). A comunicação não foi consumida de forma passiva e, sim, de forma ativa, onde os participantes geraram as informações e as consumiram. Não houve remetente, nem destinatário. Todos os produtores eram remetentes e destinatários ao mesmo tempo. Sobre a morte de Paulo Gustavo, foram expressas opiniões, críticas, concordâncias, críticas às críticas, passando de um para o outro, retornando, indo e voltando. Um verdadeiro “enxame” de informações.

Analisando essa grande “manifestação digital”, brotada em torno da morte de Paulo Gustavo em 04 de maio de 2021, apesar de ela ter sido fulgurante e incandescente, “queimando” as redes sociais do dia em que o ator morreu até por volta de uma semana após o seu acontecimento à espera da missa de sétimo dia, em 29 de maio, menos de um mês depois, quase não se falava mais na sua morte. Trata-se de um “pipocamento” digital em torno de um evento, que ganha repercussões digitais para além dele, mas que da mesma forma que surge vibrante, também se apaga com certa velocidade, como uma chama ao encontrar a água.

Trata-se de ondas de indignação, que flutuam e oscilam, assim como o mar, possuindo uma eficiência mobilizatória compacta, capaz de condensar e canalizar a atenção social e da opinião pública em torno de um tema e foco. No entanto, assim como ela surge como uma hecatombe, também possui a característica da fluidez, da efemeridade, da fugacidade e da volatilidade. Cessam em um pequeno decurso de tempo, apesar de serem incontrolláveis, incalculáveis, inconstantes e imprevisíveis em sua exígua duração. São também amorfas e, por não possuírem um aspecto bem definido, “inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida”. (Chul-Han, 2018, p. 21). Assemelhar-se-iam a “*Smart Mobs*” de Rheingold (2002), tipos de “multidões espertas” com a capacidade de se mobilizarem e se organizarem de modo rápido e coordenado através das tecnologias digitais de comunicação, mas que não possuem constância, nem continuidade.

O surgimento dessas manifestações políticas no ambiente digital opera por uma “contaminação” ou “contágio”, tomando uma forma “viral”, para além da sua

forma espectral, incidindo sobre os planos emocionais e afetivos. Em tempos pandêmicos, trata-se de um fenômeno metapandêmico, já que a pandemia ligada à crise sanitária e de saúde pública se repercutiu em uma pandemia de segundo nível, digital e nas redes. Paulo Gustavo foi “assassinado pela pandemia”, que gerara uma consequente e sucedânea pandemia nas redes digitais, de caráter também político.

O *contágio* [da comunicação digital] é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma *leitura*, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta demais para isso. (Chul-Han, 2018, pp. 98-99).

Trata-se de uma “sociedade da indignação” (Chul-Han, 2018, p. 22), que também se apresenta na forma de uma “sociedade do escândalo”; escandalosa, falta-lhe compostura, é desobediente, histérica e rebelde. Obviamente, não é discreta, não dialoga, nem possui um discurso ao qual possa se debater. Por isso, é avessa ao elemento democrático e à especulação de um “Nós” estável. É uma sociedade enraivecida, é uma sociedade do ódio.<sup>51</sup>

O ódio é a chama de ação e o chamariz dessa sociedade contemporânea; é um meio de ação quase heroico, pelo qual seu representante se apresentaria como o salvador e exerceria poder através de dominação carismática (Weber, 1981), identificando-se o líder com a comunidade liderada pelo ódio que o primeiro representa e que o segundo sente. O ódio, a cólera, a raiva são, no entanto, diferentes da “indignação digital”, pois essa última não é capaz de levar à ação, “é, antes de tudo, um estado afetivo, que não desenvolve nenhuma força com poder de ação” (Chul-Han, 2018, p. 23). Não é a energia épica da cólera que leva ao matar, ao morrer, à ação transloucada e por vezes insana ou insensata. A fúria empática que tem a capacidade de interromper um estado afetivo e permitir que um novo se manifeste não se confunde com a “indignação digital”, fugidia, dispersa, pálida, mais ligada à aparência, ao grito, à reclamação, do que à ação, à mudança e à

<sup>51</sup> Essa sociedade do ódio combina e parece casar muito bem com o discurso do atual Presidente da República Jair Bolsonaro, que pretende fazer do ódio a sua campanha e *slogan* de governo. Ativando essas ondas de raiva e de ódio, adquire dividendos políticos através de seus apoiadores pelo elemento comum da raiva existente entre eles. No entanto, como esse fenômeno é trãnsfuga, faz-se necessário ao senhor Presidente alimentar essas ondas com sucessivos ataques para não deixar que a chama do ódio se apague.

transformação. É um fenômeno presente, imediato, instantâneo e que não desborda para o futuro.

No passado, a era da modernidade era a “era das massas” (Le Bon, 1982, p. 2) e da multidão, em que a sociedade do futuro teria que saber lidar cada vez mais com a força dessas massas, como catalisadores de dentro para fora da sociedade, em sentido exógeno. É o que o homem comum, o sindicato e o político chamavam de “a voz do povo”.

Para Hardt e Negri (2005, p. 139), a multidão é o corpo não unificado, é um conjunto de singularidades que age, cria e transforma. A multidão retoma a noção de multiplicidade como substantivo, por sua própria potência de expressão. É um corpo biopolítico coletivo que desenha novos modos de relação, novas formas de produção.

O povo é uno. A multidão, em contrapartida, é múltipla. A multidão é composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – diferentes culturas, raças, etnias, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares. (Hardt e Negri, 2005, p. 12).

A essência da massa é a indiferença; já a essência da multidão é a diferença. Na massa, no povo, as diferenças são submetidas a uma unidade formatada; já na multidão, o uno é submetido à produção constante da diferença.

No presente, há uma crise, em uma “transição crítica” ou “revolução digital” que Chul-Han (2018, p. 26) chama de “*enxame digital*”, que é diferente da “massa”, pelo fato de que na era digital não se habita uma alma ou espírito, pois, segundo o autor, a alma aglomera e unifica, o que é a própria cara da massa. No “enxame”, o que existe são indivíduos singularizados, preservando suas identidades e autonomias, sem perdê-las na confluência de uma massificação.

O movimento de singularização é realizado pelas próprias mídias digitais. A diferença entre os indivíduos digitais e as massas é que os indivíduos digitais passam a sensação de “carnavalescos, lúdicos e descompromissados” (Chul-Han, 2018, p. 30), enquanto as massas têm um traçado mais político, um discurso ideológico, uma firmeza e uma direção que visa percorrer.

### 3.12. O *WhatsApp*



52

O *WhatsApp* não é uma rede social, mas funciona como se fosse uma. Por isso, decidi incluí-lo nesse capítulo. O *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* são as comunidades virtuais mais utilizadas e são classificadas como “comunidades de relacionamentos emergentes”, pelo fato de apresentarem um alto grau de compartilhamento e interação nas redes.<sup>53</sup>

O *WhatsApp* foi criado em fevereiro de 2009 por Brian Acton e Jan Koum, antigos empregados da *Yahoo*. O nome “*WhatsApp*” é uma justaposição com um trocadilho perfeito entre a palavra “*App*” e a expressão “*what’s up*”, que significa “o que está acontecendo?” ou “e aí?”.<sup>54</sup> O *WhatsApp*<sup>55</sup>, também conhecido por “*zapp*” no Brasil, é um aplicativo de mensagens instantâneas para *smartphones* que permite a comunicação do usuário com os seus contatos, através de mensagens escritas, mensagens de voz, ou, ainda, através de telefonemas. Nas mensagens, podem ser enviadas fotos e documentos. As mensagens e fotografias podem ser reencaminhadas para outros contatos, que também utilizem o *WhatsApp*. Nas conversas por escrito poderão ser expressos os sentimentos ou brincadeiras, utilizando os *emojis* ou *stickers*.<sup>56</sup>

O *WhatsApp* também possui uma ferramenta de privacidade e defesa contra aquele amigo que fala demais, impedindo que as mensagens e notificações daquela pessoa toquem te incomodando durante o dia, que é chamado de “silenciar”, que é uma prévia do bloqueio, com a diferença de que o bloqueio é mais radical. O

<sup>52</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/denuncias-contraviolacoes-de-direitos-humanos-pode-ser-feitas-pelo-whatsapp/> Acesso em: 24/04/2021.

<sup>53</sup> Disponível em: [www.eadbox.com](http://www.eadbox.com) Acesso em: 16/05/2021.

<sup>54</sup> Disponível em: [www.canaltech.com.br/empresa/instagram](http://www.canaltech.com.br/empresa/instagram) Acesso em: 02/05/2021.

<sup>55</sup> O serviço do *WhatsApp*, assim como o da maioria das plataformas digitais ligadas a conteúdo e redes sociais são gratuitos, o que é uma grande vantagem e facilitador para a ampliação e proliferação de seu uso. O lucro obtido por essas redes é indireto, isto é, através de propagandas, informes publicitários digitais e *banners* piscantes que acionam os estímulos dos usuários, ao mesmo tempo que eles produzem e articulam sua vida social digital em tais plataformas.

<sup>56</sup> Você pode obter *stickers*, figurinhas que se mexem no próprio *WhatsApp*. Basta você abrir o aplicativo no seu celular e selecionar um contato para quem deseja enviar as figurinhas ou baixar um aplicativo para fazer suas próprias figurinhas no *WhatsApp*. Disponível em: <https://www.itecnico.pt/whatsapp-o-que-e-para-que-serve/> Acesso em 24/04/2021.

bloqueio impede de receber mensagens daquela pessoa e se você quiser enviar uma mensagem para ela, também não vai conseguir; apenas se desbloqueá-la.

Percebi que o *WhatsApp* era muito usado para a interação profissional com o objetivo de estreitar a comunicação entre membros de equipes e grupos, para assuntos relativos ao trabalho.

No momento atual de globalização, a distância se reduz por meio de avanços tecnológicos que propiciam que uma população interaja com outras sem fronteiras. A tecnologia tem propiciado não apenas a interação dos povos, mas também a mudança de comportamento das pessoas. (...) o aplicativo é uma ferramenta que tem sido explorada não apenas no âmbito pessoal como no profissional, sendo bem aceito, além de proporcionar alcance com baixo custo. (Horta e Mascarenhas, 2017, pp. 3 e 14).

O *WhatsApp* é a ferramenta de comunicação na contemporaneidade que se apresenta como uma das maiores formas de leitura e troca de informações/mensagens entre dois agentes de comunicação ou entre várias pessoas, ao mesmo tempo, em grupos. São os grupos de *WhatsApp*, podendo ser grupos de trabalho, grupos de família, grupos de amigos, grupos políticos, grupos temáticos, de gostos, interesses e de tudo que se possa imaginar.

Na mídia social *WhatsApp*, (...) a interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente. (Araújo, Paula e Souza, 2015, pp. 134 e 162).

O *WhatsApp* é um aplicativo para informações das mais diversas, que nem sempre são verdadeiras, pois o aplicativo não menciona a fonte da informação.

Com a introdução de internet e da web 2.0, uma série de possibilidades foram proporcionadas para que o usuário não apenas busque informação, mas também crie e distribua conteúdo, onde o usuário tem a possibilidade de livremente compartilhar e fazer o reuso da mesma informação (Creeber, Martin, 2009, *apud* Fuel, Libardi e Caroline, 2019, p. 9).

Também há um guia de etiqueta no *WhatsApp*:

- 1- Evite enviar áudios com mais de um minuto. Tente ser objetivo.
- 2- Se você ou a pessoa que receberá a mensagem estiver em um ambiente público ou barulhento, opte por mensagem em texto, ao invés de áudio.
- 3- Escreva corretamente. O domínio da escrita demonstra cuidado e respeito com quem recebe a mensagem.

- 4- Ao enviar uma mensagem, não espere que ela seja respondida na hora. Se for urgente, ligue. Se não obtiver resposta, aguarde. Não mande áudio, mensagem ou pontos de interrogação cobrando.
- 5- Se usa o *WhatsApp* para trabalho, evite fotos de perfil inadequadas, como estar sem camisa ou com decotes sensuais.
- 6- Ao mandar uma mensagem, pela primeira vez, a alguém que não se conhece pessoalmente, apresente-se.
- 7- Evite enviar mensagens muito tarde. Em caso de assuntos profissionais procure de preferência tratá-los em horário comercial.
- 8- Antes de adicionar pessoas a um grupo, consulte-as sobre o interesse em participar.
- 9- Começar o dia com dezenas de “Bom dia”, imagens e pensamentos podem ter efeito contrário. Se você gosta de enviar mensagens assim, observe a reação dos participantes. Evite mandá-las especialmente em grupos de trabalho.
- 10- Não se exponha desnecessariamente: não mande correntes e não repasse informações que você não tenha certeza da veracidade.
- 11- Atenção ao enviar as respostas para não enviar em um grupo formal uma mensagem completamente inadequada que estava endereçada ao grupo pessoal.
- 12- Se você decidir sair de um grupo do *WhatsApp*, os outros membros deverão receber uma mensagem dizendo “fulano de tal deixou o grupo”. Antes de sair, avise brevemente.<sup>57</sup>

A comunicação pelo *WhatsApp* parece ter superado a comunicação telefônica. Pelos jovens e idosos entrevistados, confirmei que eles preferem se comunicar por mensagens escritas ou de voz, ao invés de telefonarem. Telefonar, para eles, só se for um caso muito sério e urgentíssimo.

O *WhatsApp* é muito utilizado tanto por jovens, como por idosos:

*Minha vida depende do WhatsApp, para trabalhar, para me comunicar com os meus amigos, para marcar saídas, para saber o que está acontecendo. O*

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2017/03/27/entenda-como-o-whatsapp-esta-afetando-nossa-etiqueta-e-como-cuidar-disso.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 08/05/2021.

*WhatsApp ainda é de graça, o que faz com que ele seja um aplicativo que todo mundo pode usar. Nunca ligo para ninguém, só se for em caso de morte. Minha comunicação é quase 100% por mensagens de texto e de voz. (Mário, 24 anos, administrador de empresas).*

*Não consigo mais imaginar a minha vida sem o WhatsApp. Nele eu tenho todo mundo que é importante para mim. Tenho meus amigos, minha família e colegas que eu conheço há muito tempo. É só ter o número de telefone da pessoa que a gente pode conversar com ela por mensagens, gratuitamente. Telefonar eu só faço em casos de muita urgência. Até porque telefonar pode incomodar a outra pessoa e as mensagens são vistas quando puderem. Eu adoro mandar “figurinhas” de agradecimento, de carinho e de abraço. (Denise, 63 anos, professora de português aposentada).*

Segundo “*El País*”, jornal espanhol, cada vez mais pessoas consideram que os telefonemas são incômodos e exigem uma resposta precipitada, por isso: “não me ligue, mande mensagem”. Quando alguém telefona, o interlocutor não tem tempo para pensar, é preciso abrir a comunicação com um cumprimento e continuar nela até o final da ligação. Na comunicação por escrito permite-se escolher o momento da comunicação, o momento de responder, permitindo que se pense bem na resposta antes de dá-la, inclusive podendo relê-la. Já o telefone exige uma resposta imediata e instantânea. É mais fácil mentir nas mensagens do que no telefone e é mais fácil mentir no telefone do que pessoalmente. Além disso, no telefone as conversas se alongam, pois não podemos ligar para alguém e pedir um favor sem antes cumprimentar, perguntar como ele vai para só depois entrar no assunto; e a despedida também é prolongada.<sup>58</sup>

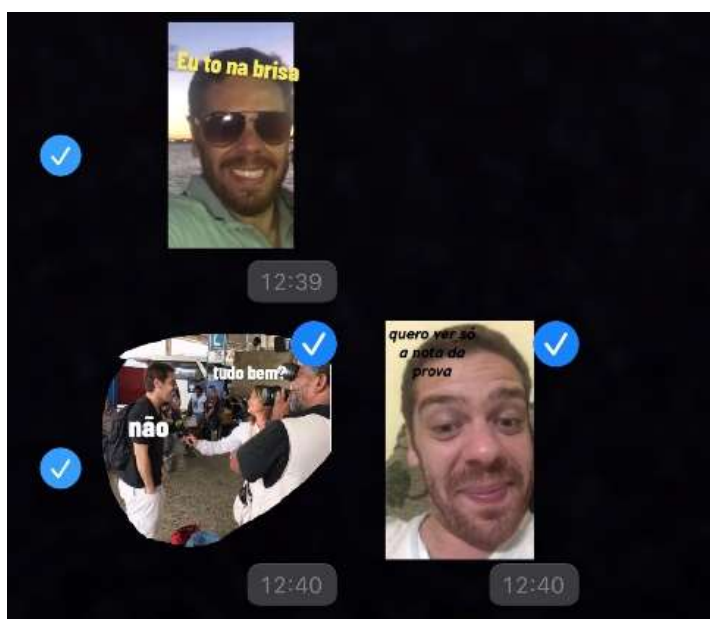
Os jovens estão usando cada vez mais os *emojis* e os *stickers* no *WhatsApp* para se comunicarem uns com os outros. Na reportagem feita pela TV Bandeirantes<sup>59</sup>, eles dizem que as imagens facilitam a comunicação. Afirmam que adoram se comunicar por *stickers*, acham engraçado e divertido, pois, além dos *stickers* que já existem no aplicativo, eles podem criar a própria figurinha, que pode ser sobre os assuntos atuais, podem fazer a figurinha de pessoas conhecidas ou famosas, como da sua professora, ou até deles mesmos. Qualquer coisa pode se tornar uma figurinha, permitindo que uma comunicação possa ser personalizada e exclusivamente por imagens.

<sup>58</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920\\_965932.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920_965932.html) Acesso em: 08/05/2021.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MAvdKAZGoSk> Acesso em: 24/04/2021.

Vale destacar que os meus alunos adolescentes – com menos de 18 anos, e por isso, fora do meu grupo de pesquisa – da escola pública Estadual Municipalizada Conde Modesto Leal, em Barra do Piraí, onde sou professor de História, fizeram vários *stickers* meus, o que foi motivo de muito riso, gargalhadas e homenagem ao professor de História deles nos grupos de *WhatsApp* que tínhamos das turmas da escola durante a pandemia. Nem o professor pareceu escapar da teia comunicativa dos *stickers*.

Figura 5: *Stickers* de mim mesmo feito pelos alunos



Fonte: WhatsApp do pesquisador

Os idosos estão começando a se familiarizar com os *stickers*, já que se trata de algo novo, que está chegando aos grupos de idosos.

Figura 6: *Stickers*



Fonte: <https://cocatech.com.br/apps-para-fazer-stickerstelegramimessage>

Os idosos estão conectados no *WhatsApp*! Segundo pesquisa da operadora Tim<sup>60</sup>, 98% dos idosos utilizam esse aplicativo de mensagens.

Janete, de 78 anos, formada em Geografia, atualmente aposentada, que mora sozinha, diz utilizar o *WhatsApp* diariamente para dar bom dia e boa noite para todos os seus amigos, familiares e colegas. Para a entrevistada, o uso do *WhatsApp* é uma forma de passatempo e de humanizar seus dias, mostrando carinho, amabilidade e consideração com as pessoas que ama e aprecia. As mensagens enviadas são acompanhadas de dizeres iluminados e possuem palavras positivas e de força para enfrentar o dia como “Deus está no controle”; “tenha um dia abençoado e cheio de glória” nas mensagens de bom dia e palavras de desejos de noites tranquilas, em paz e abençoadas por Deus nas mensagens de boa noite. Percebi que esse hábito de mandar fotos, figuras e dizeres iluminados era muito presente entre os idosos, em especial, entre as idosas. E se elas ainda não sabem, em breve, saberão que esse comportamento é considerado *cringe*<sup>61</sup> pela geração Z.

Figura 7: Mensagens de bom dia e boa noite



Fonte: *WhatsApp* de duas idosas que eu entrevistei

Em minhas entrevistas, pude observar que tanto jovens, quanto idosos da minha pesquisa, usavam *stickers*, figurinhas e mensagens de dizeres iluminados, assemelhando-se; o que me chamou atenção pelo fato de eu nunca ter ouvido falar dos *stickers*. Apesar de eu pertencer ao grupo de jovens pesquisados, por estar quase

<sup>60</sup>Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/avos-do-novo-normal-98-dos-idosos-estao-conectados-no-facebook-e-whatsapp> Acesso em: 24/04/2021.

<sup>61</sup>*Cringe* é uma gíria anglófona atualíssima para se referir a algo vergonhoso, que causa desconforto, constrangimento, um “mico”, que vem sendo utilizada cada vez mais entre as gerações jovens *zennials* (geração Z) na contemporaneidade. Em inglês, *cringe* é um verbo que significa “encolher-se”, “rebaixar-se” ou “adular servilmente alguém”, mas reapareceu atualmente como um adjetivo para qualificar uma pessoa, coisa ou atitude ultrapassada, datada ou fora de moda, só valendo de uma geração mais nova para as gerações mais velhas.

com 30 anos, já me encontro quase no grupo de adultos. Ao mesmo tempo, ainda me encontro longe do grupo de idosos com mais de 60 anos. Para a minha surpresa, também os idosos sabiam do que se tratava e usavam essas figurinhas e me senti um eterno “dinossauro” diante de idosos com mais de 60 anos e de jovens mais novos do que eu.

Evidencia-se que as tecnologias de informação e comunicação [o *WhatsApp*] estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea e no cotidiano da pessoa idosa. Os indivíduos estão mudando a maneira de agir, de pensar e de se comunicar, pela integração dessas novas tecnologias a seus comportamentos. (...) Em paralelo ao processo de envelhecimento da população, encontram-se as inovações tecnológicas e, em especial, as tecnologias de comunicação e informação (TIC), influenciando a sociedade e o modo de vida das pessoas (...) [o que] pode favorecer para que os idosos superem as barreiras sociais e espaciais de interação social por meio da facilidade de comunicação. (Ferreira e Teixeira, 2017, pp. 154, 155, 163).

Os idosos que entrevistei ficaram com o meu contato no *WhatsApp*, e, até hoje, muitos entram em contato comigo através de fotos ou figurinhas no *WhatsApp*, o que me leva a entender que isso é uma forma de querer conservar a amizade real, de forma virtual, corroborando o que eu já havia observado anteriormente.

Um problema que assola usuários do *WhatsApp*, tanto jovens, quanto idosos, é que eles ficam bravos quando alguém visualiza a mensagem que eles mandaram, mas não respondem imediatamente, sendo outra semelhança entre os jovens e os idosos entrevistados. É possível saber que a mensagem foi visualizada pelo “*check blue*”, que acusa a sua leitura, o que incomoda aquele que fica sem resposta. Não ser logo respondido no *WhatsApp* é mal visto.

Com a pandemia de Covid-19, todos ficaram em casa e chegou a ser confeccionada, em dezembro de 2020, uma Cartilha Informativa<sup>62</sup>, com o objetivo de orientar pessoas idosas – ou mesmo familiares e amigos – sobre alguns recursos de *smartphones*, com orientações gerais e imagens explicativas que facilitam a compreensão pelo público. A cartilha inclui recursos de pesquisa, comunicação no *WhatsApp*, gravação de contatos, dicas sobre as possibilidades do uso do *smartphone* e proteção contra golpes nas redes.

<sup>62</sup> Para visualizar a Cartilha, o acesso está disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/12/Inclusao-digital-para-idosos-durante-a-pandemia.pdf> Acesso em: 24/04/2021.

A necessidade de distanciamento social, por causa da pandemia da Corona Vírus, reforçou a importância da alternativa tecnológica para a superação do distanciamento físico, como um recurso para adaptação das atividades de trabalho, educação, lazer, saúde, cuidado, interação social e outras. Nesse último ano, usar ferramentas digitais tornou-se uma questão de sobrevivência. O que teria sido do mundo em pandemia sem as tecnologias digitais e as redes sociais?

## 4. Os livros na era digital: *BookTok* e *BookTube*

*Viajar pela leitura  
sem rumo, sem intenção.  
Só para viver a aventura  
que é ter um livro na mão.*

*(Clarice Pacheco)*

Na última década temos a sensação de ter ocorrido um determinado afastamento entre o público e os livros, principalmente o público jovem, em parte graças à difusão massiva do conteúdo visual na internet, que, por vezes, é mais fácil de ser consumido do que a palavra escrita.

O conteúdo audiovisual passou a tomar ainda mais espaço na vida dos jovens, que passaram a consumir mais mídias, com serviços de *podcasts*, redes sociais, *sites* de notícias e *YouTube* a todo o momento.

Neste capítulo, faço uma análise em torno dos *booktokers* e dos *booktubers*, como um espaço intermediário ou de ponte entre o virtual e o físico, sendo práticas de leitura que se iniciam *online*, mas com a intenção de influenciar a leitura *offline* em livros físicos, que são mostrados e comentados *online*. Após a leitura dos livros impressos, os participantes podem, ainda, fazer comentários *online*, voltando à forma inicial dessa prática de leitura. Os *booktokers* também planejam encontros presenciais após o fim da pandemia do Covid-19, corroborando com o “jogo” *online-offline*.

O *BookTube* e o *BookTok* são formas de unir os livros físicos aos universos digitais.

Dentre as pessoas entrevistadas, nenhuma pessoa, jovem ou idosa, tinha usado o *BookTube* e o *BookTok*. Alguns jovens já tinham ouvido falar. Mariana, uma professora de português, de 25 anos, disse que não conhecia, mas ficou muito interessada em saber o que eles eram, já que eram ligados à sua área, pois se tratavam de *books*, livros. Vinicius, jornalista, de 28 anos, perguntou até se era uma comida.

Destaco dois depoimentos que mostram o desconhecimento por parte de dois jovens de 28 anos entrevistados sobre o *BookTube* e o *BookTok*:

*não conheço nem BookTok, nem o BookTube. O YouTube eu já ouvi falar, óbvio, e o uso para escutar músicas. Já ouvi falar em TikTok, mas nunca usei. Nunca ouvi*

*falar de BookTok ou de BookTube. Não sei do que se trata, deve ser alguma coisa relacionada a livro porque os dois começam com “Book”.* (Ana Paula, 28 anos).

*Já ouvi falar de booktuber. Eu acho que é uma pessoa que fala sobre livros que leram através de um canal do YouTube. Nunca assisti nenhum, mas acho que deve ser interessante se o booktuber falar de um livro que você já leu, para ver outras ideias e se tem pontos parecidos com o que você pensou ou imaginou.* (Tadeu, 28 anos).

Ana Paula mostrou não conhecer nenhum dos dois e Tadeu não tem uma ideia completa do *BookTube*.

São os booktubers [e por que não os booktokers?] os novos agentes culturais do campo literário (Paz *apud* Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 416), que intercedem direta e continuamente nos diferentes estágios desse circuito de comunicação. Selecionam livros a serem indicados, produzem o cenário, roteirizam e editam seus vídeos e ainda interagem com o público nas redes. São figuras importantes no cenário literário, que interferem nos processos de mercado. (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 416).

Por causa deste desconhecimento em relação ao *BookTok* e ao *BookTube* pelos meus grupos de pesquisa, decidi partir para entrevistas *online* com os próprios *booktokers* e *booktubers*, que escolhi após assistir diversos vídeos e vou colocar seus depoimentos.

Nesse capítulo, então, o trabalho realizará um “desvio” em relação ao andamento que ele vinha realizando, já que o campo não foi formado através dos usuários/receptores, dos leitores dessas mídias do *BookTok* e do *BookTube*, mas com os seus produtores. As entrevistas, então, tiveram que ser redirecionadas para os próprios *booktokers* e *booktubers*, já que o público-alvo de jovens maiores de idade e de idosos da minha pesquisa não conheciam ou não tinham sequer ouvido falar dessas práticas de leitura digitais. O campo, aqui, se confirma pela negação, frustrando as minhas expectativas enquanto pesquisador, pois eu esperava que os meus jovens entrevistados usariam ou ao menos conheceriam tais práticas, o que não se confirmou no campo. A surpresa foi grande e, portanto, novas estratégias de pesquisa tiveram que ser traçadas pelo pesquisador, com o objetivo de coletar informações e remanejar as análises a partir dos próprios autores e atores dessas práticas de leitura.

Diferentemente do capítulo anterior, que gira em torno das práticas de leitura nas redes sociais, em que realizo o campo com os usuários dessas redes sociais, “etnografando” os mesmos; neste capítulo fui obrigado pelos próprios

cursos da pesquisa a realizar um “atalho”, uma curva, de formato metodologicamente sinuoso, um “desvio de percurso”, contornando o meu próprio campo e público-alvo, a fim de poder abordar tais práticas de leitura tão novas e recentes: o *BookTube* e o *BookTok*. Essas práticas surgiram há menos de dez anos e, por isso, provavelmente, não tenham sido ainda incorporadas, integradas e encampadas pelos jovens e idosos, mas essa questão é temporária e talvez seja uma questão de tempo para que essas realidades de leitura sejam tão conhecidas, como o *Facebook* e o *Instagram*.

Espero ter ficado clara a importância das práticas de leitura do *BookTube* do *Booktok* para a contemporaneidade, como recentíssimas práticas; sendo esse o motivo pelo qual elas entraram no recorte do meu objeto de estudo, como uma das três práticas de leitura contemporâneas selecionadas. Ao pesquisador, sempre cabe traçar e fazer escolhas e tais práticas de leitura do *BookTube* e do *BookTok* fizeram parte da minha escolha de pesquisa, enfrentando todas as dificuldades que elas acarretaram a minha pesquisa, principalmente no tocante à obrigatoriedade com que me vi deparado em ter que “deixar de lado”, temporariamente, meu público-alvo e objeto de pesquisa, para poder abordar esses temas. Aceitando e encarando essas dificuldades, usei como estratégia de pesquisa ir direto à fonte e entrevistar os próprios produtores do *BookTube* e do *BookTok*, isto é, os próprios *booktubers* e *booktokers*, aqueles que produzem os comentários na internet sobre os livros físicos, debruçando-me sobre esses produtores-atores, ao invés de dar foco aos usuários-receptores dos conteúdos. Por isso, nesse capítulo, o material pesquisado e analisado traz ao debate muito mais a visão produtora, do lado daqueles que produzem, que dão o pontapé inicial, que escrevem, dos escritores, do que daqueles que recebem, leem e interagem – os leitores – que dão retorno àqueles que iniciaram o processo – os escritores – conforme a “leitura de retorno”, a que já fiz referência nesse trabalho.

Esse capítulo é também uma espécie de ponte de ligação entre o capítulo anterior e o próximo capítulo, já que os jogos *online* e *offline* aparecem mais interpenetrados do que nos outros dois capítulos. No *BookTube* e no *BookTok*, temas do atual capítulo, o *online* e o *offline* estão em constante contato e diálogo. O motivo próprio dessas práticas de leitura que se estabelecem na internet, nos canais do *YouTube* ou nas contas do *TikTok*, dedicados à leitura, são a própria realidade física, isto é, sua maior motivação são os livros, físicos e impressos. Dessa forma,

trata-se de uma “artimanha”, pois utiliza-se do espaço virtual, da internet, para incentivar a compra e a leitura de livros físicos. Parece haver, portanto, um canal de ligação ou uma própria ponte que interliga o *online* e o *offline*, o digital e o físico, em que um parece ser o motivo do outro, em uma “retroalimentação” nesses dois cenários dentro dessas próprias práticas de leitura. Com isso, não quero dizer que sejam inexistentes o diálogo e a influência mútua entre o *online* e o *offline* nas demais práticas de leitura contemporâneas das redes sociais e dos *Slams*, mas que há uma sintonização, uma concomitância mais forte desses diálogos e influências no *BookTube* e no *BookTok*, pois o *offline* parece ser o maior motivo ou a maior motivação dessas práticas *online*. O ponto de partida das mesmas está no *offline* dos livros físicos e impressos enquanto seu objeto, mas se inicializa no campo do *online*, com o objetivo seguinte de incentivar novamente o *offline*, as leituras e as compras de livros impressos, onde se encontram também jogos de afeto, de “coleccionismo”, etc., que serão abordados mais à frente.

Observei que nas três práticas de leitura pesquisadas existe uma relação *online-offline*, por isso, torna-se mais importante observar a intensidade, o grau e o gradiente do jogo *online-offline* do que existência-inexistência de influências e diálogos entre os campos do *online* e o *offline*.

Nas redes sociais observa-se que o ponto de partida está no *online*, já que ela é uma prática de leitura *online* e os seus objetivos fulcrais, sua motivação, não são extraídos do *offline*, apesar de sempre dialogarem e influenciarem o mesmo, havendo diálogo e influência mútuas, sendo “centripetados” para o *offline*. O caso mais marcante é a questão da amizade e dos amigos virtuais. Os amigos virtuais podem tornar-se amigos reais e os amigos reais podem adquirir uma continuação da relação afetiva da amizade enquanto amigos virtuais. Nos *Slams* acontece o mesmo com os “sinais invertidos”: o ponto de partida está no *offline*, já que essa prática de leitura se inicia nas praças e nas calçadas das ruas, sendo sua motivação e seu objetivo precípua a própria leitura e/ou a declamação nas ruas. Em um segundo momento, os *Slams* ganham espaço na internet, sendo “centrifugados” para o *online*, conforme será analisado no próximo capítulo.

Já no *BookTube* no *BookTok*, tratam-se de práticas de leitura *online*, porém seu objetivo e motivação fulcrais são o *offline*, isto é, os livros físicos-impressos que os *booktubers* e *booktokers* comentam e incentivam a serem comprados e lidos. O *online* não existe sem o *offline* e essas práticas de leitura apresentam, de certa

forma, uma espécie de dependência entre as esferas do *online* e do *offline*. São práticas de leitura *online*, porém reivindicam e possuem uma função referencial constante às leituras *offlines*, contraindo as duas em uma interpenetração constante em que uma passa a ser a justificação da outra. Uma inexiste sem a outra. Por isso, escolhi apresentar esse capítulo como a prática de leitura contida no “entre”, no miolo, entre as redes sociais e os *Slams*, como o capítulo do meio desse trabalho, onde há a maior ligação entre o *online* e o *offline*, tornando difícil sua classificação, se tivéssemos o objetivo classificatório em vista.

Ao assistir os vídeos, pude observar que os *booktokers* e os *booktubers*, em sua quase totalidade, são jovens brancos de classe social abastada. Talvez isso me leve a pensar, hipoteticamente, que é por esse motivo socioeconômico e de classe que o *BookTube* e o *BookTok* são uma prática de leitura tão pouco conhecida pela maioria da população que, de fato, não é abastada. Vale destacar um *booktuber* famoso que chamou minha atenção: Alexsander Costa, por ser negro. Infelizmente, não consegui entrevistá-lo, pois ele não respondeu as minhas solicitações e mensagens. Os *booktubers* mostram seus quartos com estantes muito lindas, repletas de livros, que parecem ser muito caros. Essa observação contrasta com os *slammers* – os atores dos *Slams* – que são, em sua maioria, jovens negros ou mulatos das periferias ou das favelas.

Lado a lado, *BookTube* e *BookTok*, serão analisados no decorrer deste capítulo, relacionando-os com a sua utilização pelos jovens e idosos na contemporaneidade. Ambos são uma prática de leitura digital que também envolve a coletividade, possuindo mecanismos de curtir, comentar e compartilhar, havendo integração entre os que pertencem à comunidade virtual bem específica do *BookTube* e do *BookTok*.

#### 4.1. O BookTube no YouTube



*“Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo.”<sup>63</sup>*

O *BookTube* usa a rede social do *YouTube*, que permite que seus usuários compartilhem vídeos e interajam com os autores de vídeos através de comentários, curtidas e compartilhamentos. O *YouTube* foi criado em fevereiro de 2005 nos Estados Unidos por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, que registraram o domínio “youtube.com.” A Google comprou o *site* em 2006 e ele chegou ao Brasil em junho de 2007, com a versão em português.<sup>64</sup>

A palavra “*YouTube*” foi formada a partir de dois termos da língua inglesa: “you”, que significa “você” e “tube”, que é “tubo”, uma gíria para designar a palavra “televisão”. Seria a “televisão feita por você”, onde cada um poderia ter um canal, com programas. Hoje, ele possui influenciadores e dissemina memes, que são vídeos, imagens, frases, ideias, músicas, relacionados a humor ou crítica social que se espalham entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

O *YouTube* passou também a ser usado por alguns políticos, que expõem suas propostas como meio de propaganda para suas candidaturas e os votantes podem responder aos seus vídeos, fazendo outros vídeos, apoiando ou se opondo ao candidato.

No *YouTube*, há uma definição de identidade, um tema pré-definido que ele irá tratar em seus vídeos, conseguindo seguidores interessados naquele assunto. O

<sup>63</sup> Disponível em:

[https://www.google.com.br/search?q=YouTube+imagens&sxsrf=ALeKk01p7CO1qqoqbHvexASBbfsNKRuYRg:1619557105800&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=GX2S\\_BfLqiU3bM%252CkESOCY\\_bVAHEIM%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kRKAcHJpbDOdPhLSZsjUR2b-5FGoA&sa=X&ved=2ahUKEwjE7O-vqJ\\_wAhXpFrkGHSjVDQsQ9QF6BAGPEAE&biw=639&bih=600&dpr=1.5#imgsrc=cfbk4H9viwdgfm](https://www.google.com.br/search?q=YouTube+imagens&sxsrf=ALeKk01p7CO1qqoqbHvexASBbfsNKRuYRg:1619557105800&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=GX2S_BfLqiU3bM%252CkESOCY_bVAHEIM%252C_&vet=1&usg=AI4_-kRKAcHJpbDOdPhLSZsjUR2b-5FGoA&sa=X&ved=2ahUKEwjE7O-vqJ_wAhXpFrkGHSjVDQsQ9QF6BAGPEAE&biw=639&bih=600&dpr=1.5#imgsrc=cfbk4H9viwdgfm) Acesso em: 27/04/2021.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/youtube/> Acesso em: 27/04/2021.

*YouTube* seria um tipo de revista temática, de assuntos específicos para gostos específicos. Segunda maior rede social, com 1,9 bilhão de usuários, a plataforma de vídeos é um recurso poderoso para as empresas. Apesar da produção de conteúdo audiovisual ser mais trabalhosa, o seu potencial de viralização é alto, bem como o alcance, já que é possível compartilhar o link do seu vídeo em outras plataformas.

O *youtuber* é o criador do vídeo para a plataforma *YouTube*. O primeiro *youtuber* brasileiro foi Guilherme Zaiden, que ficou famoso fazendo vídeos cômicos. Os *youtubers* são influenciadores digitais, que indicam produtos a serem consumidos, podendo representar um segmento cultural, dando dicas de livros, filmes, séries e quadrinhos, fazendo resenhas positivas a respeito de obras. Segundo analistas<sup>65</sup> de engajamento, a resposta do público dos *youtubers* é mais efetiva do qualquer outro meio de publicidade.

Entre os vídeos que circulam no *YouTube*, existe um segmento que trata da literatura e de livros, que é chamado de *BookTube*, surgido em 2011, onde os *youtubers* recebem o nome de *booktubers* (BTs), que são produtores de conteúdos para o meio literário. Cada *booktuber* (BT) possui um canal no *YouTube* com um nome diferente e, às vezes, original. O canal de alguns *booktubers* famosos, como o de Victoria Porto chama-se “Chiclete Violeta”; o canal de Paola Aleksandra, “Livros e Fuxicos”; o de Alexsander Costa, “Um Bookaholic”; o de Isabella Lubrano, “Ler Antes de Morrer”; e o de Tatiana Feltrin, “*Tiny Little Things*”.

No Brasil, o primeiro canal literário a surgir foi o de Tatiana Feltrin, em 2007. Feltrin tem 40 anos, é professora de inglês e sua paixão pela leitura já lhe rendeu mais de 30 milhões de visualizações. A *booktuber* fez um vídeo<sup>66</sup> no seu canal do *YouTube* fazendo uma crítica negativa à trilogia “Cinquenta Tons de Cinza”, de E.L. James, em que ataca o fato de que na sua contracapa há a classificação de ser um livro de *erotic romance – for mature audience*, mas, no primeiro volume, o jeito com o qual a personagem percebe o rapaz sadomasoquista com o qual ela vai se relacionar sexualmente é o mesmo jeito que meninas descrevem rapazes em livros para adolescentes. Critica ainda a linguagem dos livros, que seria primária, pedestre e rasa, sendo um conjunto de livros mal escritos, podendo serem lidos rápido, apesar das 500 páginas em cada volume, já que são

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.infoescola.com/internet/youtuber/> Acesso em: 27/04/2021.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B5YxjzAhLrg> Acesso em: 27/05/2021.

escritos de uma forma infantil, na visão da *booktuber*. O seu vídeo tornou-se o primeiro vídeo a ultrapassar a marca de meio milhão de visualizações.

Em um dos vídeos que assisti, Tatiana relatou que a sua meta é ler 100 páginas de um livro por dia. Ela lê em fila de mercado, em transporte público, em fila de banco, etc. Se não consegue ler as 100 páginas do dia, acumula as páginas que faltaram para o dia seguinte, e vai acumulando até conseguir acertar. Ela faz vídeos em que ela resenha livros de vestibulares e também grandes clássicos da literatura mundial, como “Hamlet”, “Édipo Rei”, “Odisseia de Homero” e a “Cabana do Pai Tomás”, conseguindo um público de jovens e *young adults* (jovens adultos). Ela relata que recebe muitas mensagens de seguidores aos seus vídeos, contando que se sentiram motivados a ler ao ver os vídeos do seu canal, e, com isso, ela enxerga o seu trabalho, como o de uma “formiguinha”, onde se conseguir fazer, pelo menos, uma pessoa adquirir o hábito da leitura, ela já se sente satisfeita.<sup>67</sup> Durante o mês de outubro, mês do Halloween, Tatiana apresenta o “Mês do Horror”, que é um quadro do canal com recomendações literárias relacionadas ao terror.<sup>68</sup>

Também há a *hashtag* no *BookTube* – #BookTube. Assistir um vídeo de um *booktuber* ajuda o usuário a decidir que tipo de livro comprar, pois esses vídeos compartilham dicas de leitura, fazem resenha dos livros lidos, indicam livros, fazem bate-papos com autores, fazem cobertura de eventos literários e fomentam discussões em um canal dedicado à literatura e ao hábito de ler, e até “vlogs”, que é a abreviação de “vídeoblog”, um *blog* em vídeo, ou seja, um vídeo sobre um tema, normalmente, feito no *YouTube*. Aqueles que publicam os “vlogs” são chamados de *vloggers* ou *vlogueiros*.

Segundo Almeida, Gomes e Silva (2020, pp. 396-397), “os *booktubers* são leitores majoritariamente jovens que se dedicam a fazer considerações sobre exemplares literários em canais do Youtube (...)”.

Quem assiste esses vídeos, pode curtir, descurtir e fazer comentários abaixo do vídeo. Além disso, pode usar um link quase sempre disponibilizado pelo *booktuber* para acessar alguma loja virtual (*E-Commerce*), como a *Amazon*, para comprar livros, tecnologia ou outros produtos.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin> Acesso em: 17/05/2021.

<sup>68</sup> YouTube. Tatiana Feltrin. Ligando Livros a Pessoas. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin> Acesso em: 17/05/2021.

Os vídeos possuem comerciais de produtos e serviços à venda no início e no meio. Não são vídeos curtos, possuem 14, 15 minutos, e alguns possuem até 55 minutos.

#### 4.1.2. O manifesto *BookTube*

Manifesto Booktube

(Somos leitores)

No princípio era o verbo, e o texto e as páginas e uma xícara de café. Antes dos bytes, dos bits e dos bots, éramos nós e a leitura.

Ah, a leitura. Essa ação mágica, lúdica, potente e política que move estruturas...

Nosso amor pode ter começado na presença de Narizinho ou Hermione ou Mr. Darcy ou até mesmo Fausto, por que não, meu caro Watson? O que importa é que temos um relacionamento feliz com os livros e bradamos aos quatro cantos do YouTube.

Se você, amigo seguidor, ainda não encontrou seu amor de papel e tinta, não se preocupe. Ninguém é obrigado a cair por Clarice. Literatura tem que dar *match*.

(Somos influenciadores não especialistas)<sup>69</sup>

Conforme Carpintéro,

o “manifesto booktube” pretende ser uma carta de intenções e motivações que por vezes se explica, e por outras se intoxica com o vocabulário próprio das práticas, mas que busca um olhar outro para entender essa nova dinâmica de partilha de experiências entre leitores. (Carpintéro, 2018, p. 586)<sup>70</sup>.

Isabela Lubrano, *booktuber*, de 24 anos, fala que: “*eu sou uma pessoa que gosto de ler e quero passar o que o livro me faz sentir. Eu falo dos livros que nasceram comigo e tocam o meu coração. Um booktuber é uma pessoa que gosta de ler e quer passar o que um livro fez ela sentir [sic].*”

O Instituto Brasil Estados Unidos (Ibeu) promove anualmente o “Concurso Cultural Ibeu *BookTubers*”, onde os alunos fazem resenhas em inglês dos seus livros preferidos. A vencedora do concurso do ano de 2020 foi Bianca Meneses, de 13 anos.

Os *booktubers* ganham dinheiro vendendo influência ou o espaço publicitário em seus canais, que são patrocinados por marcas, que anunciam na abertura e, muitas vezes, no decorrer do vídeo, além de serem remunerados pelo próprio *YouTube*, de acordo com o número de visualizações.

<sup>69</sup> Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547475161.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547475161.pdf) Acesso em: 01/05/2021.

<sup>70</sup> Ibid.

Conforme Almeida, Gomes e Silva (2020), uma gama de editoras e autores começaram a ter interesse em parcerias e na celebração de contratos com *booktubers*, dada a sua visibilidade intensa junto ao público de leitores. Esses acordos são no sentido do *booktuber* fazer uma resenha ou uma indicação de um livro de determinada editora ou de determinado autor, dando mais visibilidade a ele através de suas postagens de amplo alcance. Não deixa de ser uma publicidade. “(...) editores modificaram suas estratégias de promoção e passaram a investir onde o leitor já está: nos canais literários do *YouTube*.” (Paz, 2019, p. 11).

Assisti a muitos vídeos de *booktubers* e percebi que eles eram jovens e adultos. Eles também eram de classe média alta.

“(...) É importante considerar as condicionantes socioeconômicas dessa comunidade [dos *BookTubers*], formada por pessoas que possuem recursos financeiros e habilidades técnicas e cognitivas para o acesso e o uso das plataformas e dispositivos tecnológicos.” (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 410).

Na maioria dos vídeos que os *booktubers* fazem, o livro sempre é o objeto mais importante, seja aparecendo em uma estante, seja recebendo demonstração de carinho com beijos e afagos ou em debates sobre o seu conteúdo. Às vezes, a parte material do livro é até mais importante do que o que está escrito: a capa, a sua cor, o tipo de papel utilizado, as ilustrações, o tamanho, a espessura, a diagramação, tudo isso tem valor. A capa é valorizadíssima, porque ela é a “porta de entrada”, é o chamariz para o leitor adquirir ou não o livro. “A sedução material se expressa nas vitrines das livrarias e nos próprios vídeos dos *booktubers*” (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 401).

#### 4.1.3. O *Bookshelf Tour* e outros tipos de vídeos

O *Bookshelf Tour* – onde “shelf”, em inglês, é prateleira – é o *booktuber* mostrar em um vídeo a estante de livros que ele tem em casa, com todos os livros, como arruma, separa e organiza os livros nela, às vezes por coleções, por cores da capa, por volumes, por autores. O *booktuber* mostra a capa de cada livro e fala o seu título. Ele demonstra orgulho, carinho, cuidado e afeto com os livros que possui. Alguns desses livros, ele ainda não leu, mas estão na estante.

Dudinha Costa faz sua *Bookshelf Tour* – “*Tour* pela Minha Estante de Livros” – em 15 minutos. Sua estante, que ocupa as quatro paredes do seu quarto,

é maravilhosa, repleta de livros novos super arrumados e organizados. Ela gosta muito de fazer organização por coleções, como coleção do “Harry Potter”, coleção do “Diário de um Banana”. Dudinha mostra as capas dos livros, cada uma mais bonita do que a outra.<sup>71</sup>

Figura 8: Dudinha Costa e sua *BookShelf Tour*



Fonte: YouTube. Dudinha Costa. Tour pela minha estante de livro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QL-2rPhvrSo> Acesso em: 11/05/2021.

Dudinha, no vídeo, pede para comprar com o link da *Amazon* para ajudá-la, já que comprando produtos através do seu link, ela ganha comissões.

Paulo Ratz, em seu canal “Livraria em Casa”, com um vídeo longo de 55 minutos de *Bookshelf Tour*, também mostra a sua magnífica estante nova de livros. O enfoque do seu vídeo é na valorização da sua estante. Ele apresenta uma estante de livros que ele mandou fazer por uma arquiteta, que ele também divulga em seu vídeo, indicando-a. Ele mostra ter orgulho dos livros que tem. Mostrou ter andares da estante de livros só de capa dura, andares de livros só de suspense, andares de livros só do gênero terror, etc. Tudo é bem organizado e é mostrado um a um no vídeo. Alguns livros mostrados não foram lidos por ele, o que é, tranquilamente, admitido por ele no vídeo.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> YouTube. Dudinha Costa. Tour pela minha estante de livro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QL-2rPhvrSo> Acesso em: 11/05/2021.

<sup>72</sup> YouTube. Paulo Ratz. Livraria em Casa. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCJFMYGShAhvXEcNQC6vXirw> Acesso em: 11/05/2021.

Figura 9: Estante Nova de Livros de Paulo Ratz



Fonte: YouTube. Paulo Ratz. Livraria em Casa. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCJFMvGShAhvXEcNQC6vXirw> Acesso em: 11/05/2021.

Nesse interim, à primeira vista, os livros assumem um lugar de adorno, indicam preferências e gostos culturais. (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 402). Tais adornos remetem ao colecionismo do qual fala Benjamin (2006), em que cultivar uma coleção é um modo de construir “trincheira”, mostrando que um “coleccionador de livros dificilmente lê todo o seu acervo, assim como um colecionador de porcelanas não as utiliza cotidianamente” (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 403). Walter Benjamin desenvolve a questão do afeto e da posse sobre o livro que o colecionador explora ao adquirir um livro e colocá-lo na estante da sua biblioteca, nem sempre para lê-lo, mas para possuí-lo, ou nas palavras do próprio Benjamin

a relação do colecionador com suas coisas é permeada de instinto prático, cuja posse permite o aprimoramento: possuir e ter estão relacionados ao caráter tátil e se opõem em certa medida à percepção visual. Colecionadores são pessoas com instinto tátil. (Benjamin, 2006, p. 241).

O modelo que esse tipo de colecionador estabelece com os seus livros não é, contemporaneamente, visto como um modelo de relação saudável, mas, pelo contrário, ele transforma a realidade em mercadoria e em sinal de riqueza e prestígio social, enquanto alguém que os obtém, detém e se alimenta do que lhes é alheio. Essa é a concepção presente no conceito e na personalidade do colecionador a que Benjamin faz referência. É aquele que possui o livro que detém, se alimenta do livro enquanto objeto de posse para se tornar mais forte, ou é aquele que o transforma em objeto útil e, “antropofagicamente”, absorve suas características e qualidades.

“Para ele [o colecionador], não só livros, mas também seus exemplares têm seu destino. E, nesse sentido, o destino mais importante de todo exemplar é o encontro com ele mesmo, o colecionador, com sua própria coleção”. (Benjamin, 1987, p. 229).

Colecionadores já existem há muito tempo e Benjamin e outros escritores já escreveram sobre eles. O ato de ter um livro, colecionando-o já existia e ainda existe, enfocando muito mais a sua posse enquanto um objeto material, para figurar na prateleira das estantes das bibliotecas privadas, diferente do leitor que se interessa, de fato, muito mais pelo conteúdo do que está escrito dentro dos livros, mas, ainda, o colecionador e o leitor podem se misturar em uma mesma pessoa.

O conceito de colecionador que se aproveita do livro para satisfazer suas finalidades pessoais não cabe sozinho na história dos indivíduos em relação aos livros, marcada muito mais pela relação com o livro, do que pela sua posse, absorção ou utilização para demonstrar um sinal de prestígio, de riqueza, de cultura – erudita – ou de posses e bens. Apesar da relação com os livros não ser exclusiva da contemporaneidade, ela se revigora com os *booktubers* atualmente. Estabelece-se uma relação entre eles e o livro, onde o sentido é muito mais educativo-pedagógico, em que os livros desenvolvem o papel de verdadeiros “professores”. Apesar dessas diferenças entre o colecionador e o leitor dentro da subjetividade contemporânea, essa relação que os *booktubers* possuem com os livros também é exposta, mostrando na internet a beleza dos seus livros, não sendo por si só apenas, mas podendo ser também um sinal de prestígio, de riqueza e de conhecimento. Essa análise mostra que aqueles, na sua maioria adolescentes, mas também adultos, que fazem os seus *BookShelfs Tours* possuem uma característica em comum: eles gostam dos livros físicos e impressos enquanto objeto, fruto de afeto e envolvendo a sua materialidade. O livro é muito valorizado enquanto objeto para esses *booktubers*, que aparecem realizando *BookShelfs Tours*.

O livro pode ser tratado como se fosse uma pessoa, como se fosse um amigo, um amigo ao mesmo tempo imaginário e real com forma física e palpável. A estante de livros não é apenas a estante com os livros que se gosta de ter e, às vezes, ler, mas o objeto onde e no qual os *booktubers* projetam o seu afeto. Os seus livros e as suas estantes arrumadas são os objetos próprios dos seus afetos, materializados nesses suportes. Há um “afeto-fetichismo”, em que se passa a ter amor pelos livros que se têm e eles passam a ser importantes para a construção existencial e da

personalidade dos seus donos. O leitor e o colecionador – em que, para Benjamin, o colecionador não lê o livro que tem – confundem-se mais na contemporaneidade, já que os indivíduos que amam os livros podem lê-los ou não, podem tê-los e já tê-los lido ou tê-los para lê-los mais à frente. Essa não é a parte mais importante. O mais importante, portanto, não é apenas a posse pela posse, o ter livros para possuí-los com a característica de colecionar, mas o de ter livros para amá-los. O livro se torna um objeto material de depósito de amor, onde seus usuários não são, principalmente, seus donos ou possuidores, mas seus namorados, amantes ou amigos. Neles, depositam um conglomerado de afetos, sentimentos e emoções que partem do âmago da subjetividade contemporânea para encontrar os livros como seus “correspondentes”, como seus “interlocutores”, como depósitos e receptores de “filos”, havendo o estabelecimento de uma relação.

Os indivíduos fazem “trocas” com os livros que guardam em suas estantes, podem lê-los mais de uma vez, não os lerem ou ainda não os terem lido, mas o mais importante é que sempre estabelecem um ponto de relação com eles, sempre há troca de afeto, mesmo que seja apenas com a sua capa, apontando para a importância da materialidade, da externalidade e da estética do livro enquanto um objeto. O seu cheiro de novo ou de velho, se o livro foi oriundo de um sebo, o aspecto visual/estético da capa dura ou mole que ele possui, o desenho e as suas artes gráficas também dizem muito sobre os afetos. O livro também é mitificado, “endeusado”, como um sujeito ou, ele próprio, um personagem, com importância de protagonista. A importância desmedida da materialidade do livro enquanto objeto a ser adquirido, seja ganhando ou comprando, na verdade, aponta para a possibilidade de transcendência – ultrapassagem – da sua própria materialidade, já que o que demonstra ser o mais importante não é a materialidade do livro, mas o afeto que é depositado no objeto do livro. Obviamente, seria muito difícil depositar afeto sem que o objeto material existisse, mas fica bem claro, através dessa análise, que o principal está no afeto depositado, e não no objeto em que se deposita o afeto, está na relação, está na troca de sentimento, na emoção e na existência de uma própria amizade cultuada pelos seus livros, que são personificados, como se eles fossem intermediários, verdadeiros amigos, porém, nem virtuais, nem reais, e, sim, amigos imaginários.

A materialidade do livro expressa e expõe no objeto concreto o sinal do afeto colocado neles, cuidando deles como se eles fossem seus irmãos mais novos,

arrumando-os cuidadosamente na estante, limpando-os para afastar o pó, tudo isso demonstrando a existência do culto e do cultivo de uma relação afetiva entre os sujeitos e os livros. Os livros são também os artefatos que substituem os bonecos, os carrinhos, a bola, os brinquedos infantis, que assumem uma relação mais madura e mais típica do crescimento etário.<sup>73</sup>

“Se muitos adultos pobres e desempregados jogam suas angústias na “fuga” do alcoolismo ou da toxicomania, pode-se dizer que as crianças jogam seus sentimentos doloridos e sofridos no ato de brincar”. (Ferrari, 2018, p. 147). Adolescentes que estão passando pelo doloroso estágio de transição e amadurecimento podem estabelecer múltiplas relações com os livros como forma de aprenderem a ser e estar no mundo, a se relacionar com pessoas de carne e osso e a construir sentimentos e relações humanas e interpessoais saudáveis e de qualidade.

Brincar desencadeia uma série de impulsos que elaboram o psiquismo, permitindo a forma de se expressar, idealizar, imaginar. É uma forma de sair da sua realidade para um outro mundo, o mundo da imaginação e da fantasia que a brincadeira pode proporcionar. Ao brincar, pode-se ser quem quiser e estar em qualquer lugar. Trata-se de um modo de expressão, quase uma espécie de arte ou uma “válvula de escape” que permite que os desejos mais profundos e fantasiados se expressem. (Ferrari, 2018, p. 147).

O faz-de-conta é marcado por um diálogo que a criança estabelece com seus parceiros e mesmo com bonecos. Ele requer constante negociação de significados e de regras que regem uma situação conforme as crianças assumem papéis, o que faz com que o desenrolar do enredo construído pelas interações das crianças seja sempre imprevisível. Com isso a brincadeira cria novidades. Por meio do brincar de faz-de-conta, as crianças buscam superar contradições, motivadas pela possibilidade de lidar com o acaso, com a regra e com a ficção, e pelo desejo de expressar uma visão própria do real, embora por ele marcada. Na linguagem criada no jogo simbólico, dentro de uma atmosfera “como se fosse assim ou assado”, a criança recombina elementos perceptuais, cognitivos e emocionais, cria novos papéis para si e reorganiza cenas ambientais, criando espaço para a fantasia. (Orientações curriculares para a educação infantil. Disponível em: <http://brinquedoteca.net.br/?p=1825>. Acesso em: 19/08/2017).

Pode-se, através dos livros, simular, imaginariamente, relações de afeto, de amizade, de amor, de irmandade, de familiaridade, e, com isso, fazer parte

---

<sup>73</sup> Com os livros, pode-se até mesmo simular, fantasiar e aprender a estabelecer e a criar boas relações, a tratar bem suas futuras esposas e a cuidar bem de seus filhos, aprendendo até mesmo a manter e ter uma boa relação com a família, presente e futura.

verdadeiramente dessas relações para, em outro momento, presente ou futuro, atuar nessas relações com seres humanos reais. Sujeitos treinam, imaginariamente, relações através dos livros. Os livros, portanto, podem ensinar mais do que o conteúdo que eles carregam, eles podem ensinar a difícil “arte” dos afetos e das relações. Mesmo que eles não sejam abertos e lidos, sua presença já diz muito sobre a relação que o sujeito pode estabelecer com ele, como parte na relação, e não como possuidor que detém o prazer de possuir por possuir. Ao ganhar um livro, pode-se armar uma relação e fazer do livro seu amigo, seu irmão, sua família, seu namorado, seu amante. O valor do livro está na relação e no afeto que “encanta” e dá magia a essa relação, contagiando-a e fazendo do livro também um grande professor. A troca está no ar e pode-se aprender com o livro também a se relacionar e a estabelecer relações, de prazer, de intimidade, de alegria, de cuidado, de altruísmo, de solidariedade e até de filantropia. O livro, por si só, ensina muito.

O *Book Haul* é a exibição de livros trocados ou ganhos de presente de conhecidos pelos *booktubers*, não necessariamente lidos. O *booktuber* Eduardo Bittencourt, em seu canal, explica que se faz *Book Haul* para mostrar e agradecer os livros recebidos de presente, e, também, para mostrar os livros comprados. Para ele, é uma maneira eficiente de entrar em contato com recentes lançamentos.<sup>74</sup>

Figura 10: Eduardo Bittencourt em seu *Book Haul*



Fonte: YouTube. Eduardo Bittencourt. Book Haul de Maio de 2020! Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv\\_v77A](https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv_v77A) Acesso em: 16/05/2021.

<sup>74</sup> YouTube. Eduardo Bittencourt. Book Haul de Maio de 2020! Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv\\_v77A](https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv_v77A) Acesso em: 16/05/2021.

Paiva e Souza (2017, pp. 989-990) fizeram um levantamento completo das nomenclaturas utilizadas para identificar os tipos de vídeos publicados nos canais de *booktubers*, comumente em língua inglesa:

O *Unboxing* é um vídeo mostrando o ato de desembulhar os livros, muitos deles recebidos pelas editoras.

Os vídeos de *TBR – to be read* – mostram aquilo que o *booktuber* pretende ler durante determinado mês ou durante alguma maratona literária.

Os *Review(s)* ou *Book Talk* ou *Book Discussion* são vídeos dedicados a avaliar um livro lido. Podem ou não conter *spoilers*, que é quando alguma fonte de informação, como um *site* ou um amigo, revela informações sobre o conteúdo de algum livro, ou filme, sem que a pessoa tenha visto. O *spoiler* é indicado pelo *Booktuber* no título, ou no próprio vídeo.

O *Book TAG* é um questionário de perguntas temáticas criadas por determinado *youtuber*, que vai sendo respondido em forma de vídeo por outros *youtubers* marcados na descrição do vídeo. Cada um que responde marca novas pessoas. As *Book TAGs*, comumente, focam em perguntas relacionadas a livros e leitura. É uma forma dinâmica de promover comunicação entre os canais, revelando opiniões, preferências, gostos. Assisti uma *Book Tag* de Tatiana Feltrin chamado “25 fatos sobre mim”, onde a *booktuber* respondeu 25 perguntas sobre a vida dela, como a data do aniversário, qual animal ela mais gosta, qual o seu filme e música preferidos, o que ela gosta de colecionar, etc.

O *Book Challenge* (desafio) são vídeos em que o *booktuber* se propõe a realizar algum desafio relacionado a livros. Por exemplo: alguém lê a primeira frase de alguns livros e o *booktuber* tenta adivinhar seus títulos.

O *Booktubeathon* ou *Booktube-a-thon* são vídeos relacionados à maratona de leitura (*readathon*) na qual durante uma semana toda a comunidade *booktuber* se propõe a ler a maior quantidade de livros possível.

O *Readathon* são vídeos relacionados a maratonas de leitura das quais participam tanto *booktubers*, quanto inscritos nos canais.

Os *Releases* são vídeos apresentando os livros recém-lançados ou cujo lançamento está próximo.

O *Vidcon* são vídeos relacionados à participação dos *booktubers* no *Vidcon*, evento dedicado a criadores, fãs e indústria de vídeos *online*.

O *Hangout(s)* ou *Air* ou *HOA* são *booktubers* que se encontram através de *hangout* – videoconferência – para conversar sobre livros e leitura.

O *Giveaway* são vídeos onde são apresentados livros que serão doados pelo *booktuber* para inscritos, geralmente com base em sorteio.

O *Recommendation* são vídeos onde são apresentadas recomendações de livros com base em temas, gêneros e critérios explicados pelo *booktuber*.

O *Liveshow* são vídeos apresentados ao vivo, geralmente com a participação de inscritos através do envio de perguntas e comentários.

O *BEA* são vídeos de relatos dos *booktubers* sobre sua participação em um supra evento literário chamado BEA (*Book Expo America*).

Os *Interview* são vídeos de entrevistas, geralmente com autores.

#### 4.1.4. Encontros *online*s e presenciais

Os *booktubers* buscam promover encontros coletivos presenciais, que podem ser em eventos presenciais organizados por terceiros ou promovidos pelos próprios *booktubers*. São encontros específicos de temática literária, sendo organizados, preferencialmente, em clubes de leitura ou rodas de conversa.

Conforme Almeida, Gomes e Silva (2020, p. 412), apesar das interações dos *booktubers* e seu público ocorrerem nos ambientes digitais, os *booktubers* e os seus seguidores fortalecem seus laços reunindo-se, muitas vezes, em eventos físicos. As autoras acima relataram estar presentes em um encontro de *booktubers* com 18 jovens com idade de 20 anos, que se encontraram no shopping Nova América, no Rio de Janeiro, em 2016, para receber o *booktuber* Murilo Artese, que veio dos Estados Unidos da América (EUA). Nesse encontro, as autoras relatam que muitas fotos foram tiradas e vídeos foram gravados por eles durante o encontro, muitos sendo postados nas redes sociais concomitantemente ao evento, tendo um caráter ao vivo.

Esses encontros presenciais foram, no entanto, suspensos durante a pandemia do Corona Vírus. O tradicional Clube de Leitura de Duque de Caxias, por exemplo, fundado pelos *booktubers* Kelly Cominoti, do canal “Aventuras na Leitura”, e Alexsander Costa, do canal “Um Bookalhollic” que, mensalmente, reunia jovens interessados em leitura, na biblioteca pública central da cidade de Duque de Caxias, para discutir sobre um livro diferente, previamente escolhido, por

meio de votação, foi um desses exemplos que deu uma pausa por conta da pandemia.

Em entrevista com a *booktuber* Kelly Cominoti, ela relatou que, durante a pandemia, criou o clube de leitura *online* chamado “Clube de Leitura Clássicos da Literatura Nacional”, que é um espaço para compartilhar opiniões sobre uma leitura do mês. A cada dois meses, os membros desse clube leem um livro, que segue uma lista anual previamente divulgada e, nesses encontros, os *booktubers* compartilham suas ideias uns com os outros.

#### 4.2. O BookTok no TikTok



75

O *BookTok* usa o aplicativo do *TikTok*, que permite somente a criação de vídeos curtos de 15 a 60 segundos, mas com amplos recursos para editá-los, podendo incluir filtros, legendas, trilhas sonoras, *gifts* e fazer cortes. A sua popularidade começou na China, onde é conhecido como *Douyin*. Inicialmente, seu nome era “Musica.ly”, começando como um aplicativo de música. Depois, mudou de nome para *TikTok*.

A palavra “TikTok” vem da onomatopeia “tique-taque”, que imita o som do relógio, marcando a duração das ações em um espaço de tempo. Na rede social do *TikTok*, esse nome faz referência aos cliques curtos dos usuários.

O *TikTok* teve seu início em 2016 e um ano depois já estava com seu mercado ampliado para além das fronteiras chinesas. Começou com vídeos de dublagem, onde as canções disponibilizadas pelo aplicativo poderiam ser usadas e o usuário se passaria pelo cantor, lembrando um *karaokê*. Esse aplicativo também possibilita criar mixagens e efeitos visuais, como máscaras, adesivos temáticos e filtros para dar originalidade aos vídeos.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://logosmarcas.net/tiktok-logo/> Acesso em: 25/05/2021.

O *TikTok* permite a troca de mensagens privadas, como outras redes sociais, entre seus usuários, que também são chamados de seguidores como no Instagram, podendo-se seguir o perfil de outras pessoas e interagir, curtindo as publicações, fazendo comentários e até compartilhando pelo *WhatsApp*. O produtor dos vídeos é chamado de *tiktoker*, sendo um influenciador, e pode receber comentários como *feedbacks*, que podem ser no formato de vídeos. O usuário pode se filmar reagindo a determinado vídeo. Ele é colocado em uma pequena janela, enquanto o vídeo em questão é mostrado na tela principal. É um ótimo recurso que permite uma interação entre usuários e empresas. Os duetos também estão cada vez mais populares, em que é possível colocar um vídeo seu com de outro usuário e reproduzi-los juntos. O *TikTok* permite criar conteúdos altamente criativos e com um poder de “viralização”, que o fez crescer. Nos vídeos, os usuários fazem desafios, reproduzem coreografias, imitam pessoas famosas, fazem sátiras que instigam o usuário a querer participar da brincadeira, o que atrai muito o público jovem.<sup>76</sup>

O público do *TikTok* é muito bem definido, segundo o *blog enotas*<sup>77</sup>: são jovens entre 13 e 24 anos que estão nessa rede social para ver vídeos bem-humorados.

Mas os idosos estão chegando!

O consumo do conteúdo no formato visual também está virando tendência para o público mais sênior. Quase um milhão de usuários com mais de 60 anos no Brasil já utilizam o *TikTok*, segundo pesquisas da Tim, apesar de ainda ser um número pequeno à nível nacional. O estereótipo da vovó que faz tricô é ultrapassado, confirmando que a terceira idade também é conectada.<sup>78</sup>

O *BookTok* é uma comunidade sobre literatura, que se utiliza do *TikTok*, formada, principalmente, por jovens que compartilham suas leituras, dão resenhas rápidas, fazem resumos ou recriam situações com as quais os leitores se identificam, criando um conteúdo literário que interessa ao leitor.<sup>79</sup> A participação de idosos nessa comunidade parece ser ainda muito pequena, ínfima.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://tecnoblog.net/337651/o-que-e-tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

<sup>77</sup> Disponível em: <https://enotas.com.br/blog/tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/avos-do-novo-normal-98-dos-idosos-estao-conectados-no-facebook-e-whatsapp> Acesso em: 26/04/2021.

<sup>79</sup> Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/10-booktokers-que-voce-precisa-seguir-no-tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

Os *booktokers*, assim denominados, são jovens que ao redor do mundo, utilizam-se desse aplicativo, para comentar livros em uma linguagem simples, veloz e acelerada, normalmente de apenas 30 segundos. Trata-se de uma criação da geração Z aplicada sobre ela mesma, evitando a perda de tempo, a demora e o seu arrastamento. Como vimos, essa geração tem horror aos “textões” e à passagem arrastada do tempo, valorizando a aceleração, o efêmero, a fugacidade, a transitoriedade e a autonomia.

Em entrevista *online* concedida a mim, Tiago Valente, de 23 anos, primeiro *booktoker* do Brasil, morador da Penha, bairro de elite da zona leste de São Paulo, deu sua primeira resposta com um “oieeeee”, simpático e bem-humorado. Tiago relatou que a maior parte dos *bootokers* é jovem, mas temos vários exemplos de alguns adultos, como Ursulla Mackenzie e Jose Wayne, que aproveitam o formato da plataforma para divulgar a literatura. Da mesma forma, os seguidores, em sua maior parte, são jovens. De um tempo para cá, entretanto, Tiago vem percebendo um aumento na faixa etária do seu público, que vem lhe pedindo sinopses de livros com temáticas mais adultas. Ele diz não ter acesso à informação sobre a idade dos seus seguidores, mas afirma que vários de seus seguidores são ou foram professores, o que o faz acreditar que tenha um grupo +60 o acompanhando, considerando a maioria dos professores que os assistiam como público etário mais idoso.

Os usuários do *BookTok* podem interagir com os *booktokers* através de curtidas e comentários. Também existem *hashtags* no *TikTok*, – # *booktok*.

Em entrevista ao Jornal O Globo<sup>80</sup>, Tiago Valente, que se autointitula um *booktoker*, relata adorar interpretar as personagens de uma história, como Bentinho ou Capitu do romance realista de Dom Casmurro de Machado de Assis. Ele encara esse trabalho de “resumos-bala” como um trabalho teatral, uma encenação literária, uma performance artística e, além de tudo, é um trabalho que lhe rende dinheiro. Valente possui mais de 160 mil seguidores e quase 2 milhões de curtidas acumuladas em suas centenas de vídeos.

Conforme Tiago Valente,

Parte da minha renda vem pelos vídeos que são patrocinados no TikTok, e outra parte vem de oportunidades que eu consegui a partir da exposição que esses vídeos

<sup>80</sup> O Segundo em Quarentena, Ruan de Sousa Gabriel, 03-08-2020, Segundo Caderno, p. 1, segundocaderno@oglobo.com.br

me deram. Então, basicamente, 100% do que eu ganho hoje é fruto do meu trabalho com esses vídeos.<sup>81</sup>

Tiago ainda complementou, em entrevista concedida a mim, dizendo que o *TikTok* não remunera os *creators*, outra maneira de chamar os *booktokers*, de acordo com o número de visualizações, como faz o YouTube; mas permite posts patrocinados, como no Instagram, além de presentes que os seguidores podem enviar em *lives*.

Valente é um verdadeiro ator, se fantasia, dança, canta, interpreta personagens teatralmente, tudo isso em 30 segundos, havendo uma teatralidade e cadência de música e ritmo, além de figurino, com fantasias e a existência de cenografias que se destacam com muita importância no exíguo intervalo de tempo de 30 segundos. São utilizados diversos recursos artísticos e de comunicação para conseguir fazer com que em 30 segundos se consiga imprimir coerência e sentido à sinopse ou ao comentário de livros pelos *booktokers*. Um diferencial que observei nos vídeos de Tiago Valente, é o que ele chama de “receita literária”, em que, em 30 segundos, ele faz uma torta ou bolo relativo a um livro que ele está indicando, como o bolo de aniversário do Harry Potter, a torta de limonada de *Afirma Pereira*, o queijo quente de *Extraordinário*, o bolo de coco de *Desventuras em Série*. Só assistindo seus vídeos para entender perfeitamente!<sup>82</sup>

<sup>81</sup> Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/12010\\_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/12010_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html) Acesso em: 26/04/2021.

<sup>82</sup> TikTok. Tiago Valente. @otiagovalente. Disponível em: <https://bit.ly/2PKEW4y> Acesso em: 17/05/2021.

Figura 11: Tiago Valente e seus vídeos de receitas literárias no *TikTok*



Fonte: *TikTok*. Tiago Valente. @otiagovalente. Disponível em: <https://bit.ly/2PKEW4y> Acesso em: 17/05/2021.

Os vídeos de Tiago são repletos de comentários divertidos dos seus seguidores, elogiando seus vídeos, fazendo brincadeiras, falando de suas experiências com os livros ou as receitas apresentadas e dando sugestões para novas receitas de outros livros.

A plataforma virou um ambiente fértil para os conteúdos literários e, segundo as editoras, a visibilidade pode ajudar a reerguer o setor de livros.<sup>83</sup> Empresas, como a Amazon, Submarino, TAG Livros e diversas editoras, hoje, já incluem os *booktokers* em suas estratégias de *marketing* e divulgação e é uma forma dos *booktokers* terem retorno financeiro com o trabalho na internet, ainda que esse patrocínio seja para uma parcela muito pequena dos *creators*, por enquanto.

Os *booktokers* resumem obras literárias – às vezes de tamanhos significativos –, interpretam personagens, protagonistas ou coadjuvantes, e, ainda, recriam narrativas sobrepostas à original, proporcionando um outro sentido, muitas vezes de escala cômica ou dramática, diferente da apresentada pela obra. É, portanto, uma forma de recontar uma história com outras bases temporais e com outra linguagem.

<sup>83</sup> Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/12010\\_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/12010_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html) Acesso em: 26/04/2021.

A duração cronológica da linguagem é modificada, assim como a própria linguagem, que passa a abarcar outras possibilidades, como a linguagem audiovisual, onde a imagética e a visualidade são novos “colchões” que estofam a linguagem. Os *booktokers* localizam-se, amiúde, nas extremidades da linguagem literária, partindo dela como plataforma ou apoio, mas ultrapassando as fronteiras discursivas do seu texto e contexto. A gama de possibilidades de formas mostra que uma história contada na linguagem literária pode ser reapropriada por outras linguagens e recontada sob outras bases linguísticas, recebendo outras conotações e sentidos, sejam dramatizações ou aspectos cômicos.

É grande a crença de que os *booktokers* poderão influenciar mais pessoas a lerem obras literárias de peso e tamanho grande. Como “janelas” para a obra literária, as encenações performatizadas desses “artistas literários” do século XXI despertam a curiosidade dos seus seguidores e da sua plateia. Muitos, com isso, vão até os livros para os lerem na íntegra.

Atualmente, no *BookTok*, livros como romance, fantasia e *young adult* são os que mais fazem sucesso nas indicações pelos *booktokers*, apesar do gênero de ficção também ter seu espaço na comunidade. Clássicos são muito citados e indicações de autores nacionais são sempre bem-vindas.<sup>84</sup>

Myreia Liduario, de 25 anos, também é uma *booktoker*. Seu foco é em livros de fantasia. Ela dança e canta em seus vídeos para atrair seus seguidores e confirmou, em entrevista dada a mim, a presença maciça de jovens e adolescentes *booktokers* e seguidores.<sup>85</sup> Os *booktokers* criam uma maneira de ler diferente. Conforme Chartier “a leitura é uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos.” (Chartier, 1998, p. 13).

Diferentes linguagens artísticas mesclam-se: os *booktokers* misturam a linguagem fílmica dos audiovisuais; a linguagem extensa literária da obra – o texto –; e a linguagem fugaz de resumos e sinopses. Mesclando esses três eixos linguísticos, criam uma nova arte resultante dessa mistura no próprio diapasão do recurso de cortar e colar, que pode ser melhor entendido como o recortar e o recolar na contemporaneidade. (Re)criam uma nova “colcha de retalhos” que, retalhada, é

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2021/04/08/depois-do-bookstagram-chegou-a-hora-do-booktok> Acesso em: 02/05/2021.

<sup>85</sup> TikTok. Myreia Liduario. @myreialiduario. Disponível em: <https://linktr.ee/Myreialiduario>. Acesso em: 17/05/2021.

formada de partes, de fragmentos que pertencem a outras malhas (Latour, 2011, 2012). Separados, eles perdem ou possuem pouco sentido e sua razão de ser. Desvinculados da nova superfície formada, os fragmentos são apenas fragmentos.

Citação, tradição, intertextualidade e interdiscursividade são recursos que dão nova vida a essas partes extraídas de outros nexos, concedendo-lhes um nexo inovador, diferente dos anteriores e, por isso, autêntico. A autenticidade da arte está também em novas combinações, ou recombinações, que os artistas podem empreender concedendo novos sentidos aos, anteriormente, manejados.

Além disso, o estudo de casos dos *booktokers* não é um estudo de casos isolados, mas um estudo interligado e interdependente com as outras artes que eles acionam. Isso porque não há a obrigatoriedade de a reapropriação da linguagem literária da obra ser condizente ou condescendente com a linguagem do livro que está sendo indicado ou resenhado.

A geração dos jovens da minha pesquisa é pautada pela preferência pelas próprias ideias, pela autenticidade e pela autonomia. No jogo da autonomia, ser autônomo significa diferir-se da massa, do coletivo, do todo. Assim, a autonomia se diferencia do ser independente na medida em que a independência envolve a ausência de subordinação, do “precisar de” para ser o que se é. A autonomia, não obstante, significa se diferir dos outros, se diferenciar da média amorfa que imputa um espírito uniforme e homólogo para a maioria dos seres individuais. Buscando ser heterógeno e, portanto, afastar-se da homogeneidade que no “todo” tende a recair como um ciclo ou espiral viciosa, o indivíduo força em se diferenciar da massa da média para ser autônomo e autêntico. (Reale, 2010, pp. 51-61).

Os *booktokers*, com os quais tive contato *online*, não realizaram encontros presenciais, pois o seu trabalho apenas começou a ter um maior alcance e reconhecimento durante a pandemia do Corona Vírus, e foi durante ela que o número de *creators* desse nicho cresceu exponencialmente. Eles relataram querer esses encontros, mas acreditam que só haverá encontro presencial depois da vacinação.

O *TikTok* com os *booktokers*, no entanto, parece ter vindo para ficar e os usuários dessas redes já chegaram a mais de 14,5 milhões de visualizações na hashtag #booktoker, segundo matéria do Jornal O Globo.<sup>86</sup> Se no início desse

---

<sup>86</sup> Jornal O Globo. “O Segundo em Quarentena”, Ruan de Sousa Gabriel, 03-08-2020, Segundo Caderno, p. 1, Disponível em: [segundocaderno@oglobo.com.br](mailto:segundocaderno@oglobo.com.br). Acesso em: 28/04/2021.

século, livros de *youtubers* inundaram os mercados editorial e de livrarias, não será de se estranhar que em um futuro próximo os livros de *tiktokers* circulem pelas prateleiras e estantes.

Tiago Valente assinou contrato com a editora *Burn Books* para publicar um romance que ele ainda está escrevendo. “O conselheiro” é a história de um rapazinho que dá conselhos amorosos num *podcast*, mas não tem sorte no amor. Os *booktokers* também são potenciais autores.<sup>87</sup>

Existe compartilhamento no *BookTok* e no *BookTube* porque as experiências de leitura dos *booktokers* e dos *booktubers* são divididas com outras pessoas. Eles gravam os vídeos e os transmitem para um público na internet, sejam seguidores ou não. Entretanto, os seguidores também participam desse processo curtindo, comentando e compartilhando os vídeos de *booktokers* e *booktubers*.

“Fusão das palavras produtor e consumidor, o prosumer (em inglês), caracteriza o ‘consumidor 2.0’, usuário com participação ativa no compartilhamento de seus pontos de vista.” (Paz, 2019, p. 10).

Os seguidores são prosumidores [do inglês, *prosumer*], classe de consumidores que participam também do processo produtivo (Toffler, 2007), que expressam suas opiniões sobre o tema do vídeo e sugerem novas temáticas a serem tratadas, em uma lógica colaborativa. (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 408).

As novas tecnologias de comunicação e informação conectam um grande fluxo de pessoas e informações e podem estar ao alcance de muitos, assim como produzir e consumir coletivamente (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 406).

Os *booktubers* e os *booktokers* são comunidades formadas e vividas em

ambiente digital, mas que leva para o ambiente presencial alguns dos seus laços sociais. (...) Não traz as relações *off-line* para o *online*, mas sim, leva para o *off-line* as relações estabelecidas e fortalecidas no *online*. Demonstra desta forma que, com as comunidades virtuais (...) estes laços podem expandir-se, uma vez que tais comunidades são essencialmente formadas por pessoas que possuem afinidades, que partilham gostos, tornando-as membros de um grupo que é constituído a partir de uma identificação simbólica. (Jeffman, 2017, p. 185).

Ambos, *booktokers* e *booktubers* desempenham um papel integrador das múltiplas tecnologias de comunicação e de informação, dando novas cores e caras às práticas de leitura, agora, em permanente compartilhamento, troca, requisição e

<sup>87</sup> Disponível em: <https://burnbooks.com.br/lancamentos/booktokers-saiba-quem-sao-os-jovens-que-falam-de-literatura-na-rede-social-da-moda/> Acesso em: 01/05/2021.

autopoieses. Retroalimentando-se deles mesmos e sob a égide de uma fusão, reúnem e relacionam várias tecnologias em uma postura ou conduta, pela qual o compartilhamento e a reunião são as suas próprias essências ou razões de ser.

Interessantemente, ao contrário dos *Slams* que partem das praças, das calçadas das ruas, no mundo concreto e físico, para atingirem as redes virtuais, com grupos de *Facebook*; as atuações *booktokers* e *booktubers* partem das redes, mas promovem ou pretendem promover encontros coletivos presenciais, como a organização de eventos literários, que denota um “desejo coletivo pelo encontro face a face, que vai além das telas, provocando a saída dos quartos para os espaços da cidade” (Almeida, Gomes e Silva, 2020, p. 410). De fato, essas demonstrações contradizem muitos autores que afirmam que o excessivo uso de tecnologias de comunicação e informação levam ao isolamento e ao atrofamento das “relações subjetivas face a face”, como Turkle (2011), Sennett (2012) e Crary (2016), conforme Almeida, Gomes e Silva (2020, p. 410).

## 5. A performance dos *Slams*

*Vozes da margem*  
*Quando o corpo fala*  
*Como a voz ecoa*  
*Quando você cala*  
*Como isso ressoa?*  
*Onde vibra o timbre?*  
*O que te impulsiona?*  
*O que te faz sentir livre?*  
*E o que te aprisiona?*  
*Viver da nossa arte*  
*É mais que resistência*  
*Ser representante dos seus sonhos*  
*Saber usar a sapiência*  
*É mais que entretenimento*  
*Ou distração para um momento*  
*Nossos corpos são atos políticos*  
*E isso causa estranhamento...*

*(Mel Duarte do Slam das Minas,  
 transcrição de uma parte de um Slam)*

### 5.1. Descrevendo o *Slam*

Neste capítulo, empreendi uma observação através das entrevistas com jovens e idosos nos *Slams*: um tipo de leitura coletiva em voz alta no formato de uma “batalha de poesias”. Nessa prática de leitura, não se está mais em um espaço virtual, mas se está em um espaço físico. Nos *Slams*, a leitura é *offline*, através de apresentações presenciais. Houve uma exceção durante a pandemia do Corona Vírus 19, quando foram realizados os *Slams virtuais*. Apesar de ser uma leitura de gradiente presencial, ela possui continuísmo no espaço *online* através das redes sociais, com compartilhamentos e comentários. Escolhi os *Slams* como um dos objetos de pesquisa e estudo. Muitos jovens da contemporaneidade visam protestar e mudar seu entorno social através da revolução sociopolítica, que pode se expressar através dos *Slams*. Jovens, esses, que possuem uma posição mais forte e ativa quanto à realidade social da qual participam e na qual vivem. Vivenciam as frustrações sociais e as elaboram através da denúncia que concretizam em suas práticas nas ruas e nas praças públicas. Minha expectativa inicial era de que os *Slams* seriam uma prática de leitura de protesto nitidamente juvenil, devido a todos esses traços de protesto e transformações sociais imaginados; porém o rastreamento da pesquisa mostrou que os idosos também se encontram engajados nos *Slams*,

existindo, inclusive, *Slams* da Terceira Idade. Fui frustrado mais uma vez pelo campo, que fez questão novamente de me “pregar uma peça”. No entanto, mais uma vez também me senti gratificado pelo campo me proporcionar as oportunidades de enxergar com outros olhares, olhares esses, para além ou, pelo menos, diferentes dos que eu tinha antes do início da pesquisa. Sabendo que conseguir enxergar um objeto com outros olhos, por um ângulo de visão diferente, colabora, de grande modo, para a sua melhor compreensão, mais uma vez me sinto feliz pela frustração sofrida e satisfeito por conseguir fazer com que o próprio campo tivesse direcionado os rumos e os cursos da minha pesquisa.

Os *Slams* são uma prática de leitura socializada, coletivizada e compartilhada na contemporaneidade. A ocupação do espaço físico das ruas é uma diferença para as redes digitais e virtuais já abordadas. No entanto, além das ruas, os *Slams* também contam com uma participação através das redes sociais para marcar os eventos e trocar experiências através de mensagens, fotos e vídeos.

Os conteúdos dos *Slams* são artísticos, líricos ou críticos e próprios da poesia e da declamação. São o oposto do solitário e de práticas de leitura “ermitãs”, constituindo-se na sua origem histórica como prática socializada de leitura. As tecnologias digitais que criaram as redes sociais devem ser comparadas com os *Slams* no que diz respeito à “arena” de troca, compartilhamento e interação grupal e social. O espaço socializador do *Slam* são as ruas, praças e avenidas; enquanto o espaço socializador das redes virtuais são os sítios, comunidades, canais e salas virtuais, nos quais pelas publicações é possível trocar, sinalizar curtição, comentar, criticar e compartilhar.

Além de tudo isso, os *Slams* também são uma performance, não muito diferente das performances que existem na internet, nas redes sociais, nos vídeos de humor dos canais do YouTube, nos *blogs* interativos ou nas redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*. Todos eles estão voltados para a comunicação, para a troca, fazendo da leitura uma prática de difusão de conteúdos coletivos. A diferença para os *Slams* é que eles possuem também um aspecto físico, concreto e situado no espaço; enquanto as práticas e performances de leitura das redes são marcadamente desterritorializadas em relação ao espaço físico.

O artista de *Slam* é chamado de *slammer* e realiza a sua performance de declamação e encenação teatral, podendo ser lido de modo auditivo pelos espectadores das ruas que o circundam para assistir o seu espetáculo. As expressões

de apreço, satisfação e agrado que o público demonstra ao final de um *Slam*, com salva de palmas e gritinhos são correspondentes, simbolicamente, às curtidas no espaço digital, dando felicidade a quem as recebe. As críticas feitas aos *slammers* correspondem aos comentários críticos escritos nas redes sociais. Já as conversas, o contar o que viu e ouviu para os outros, fazendo com que os conteúdos avancem para além dos limites da praça, correspondem aos compartilhamentos nas redes sociais. Alguns poetas do *Slam* pertencem a um grupo de poetas, clube ou coletivo literário<sup>88</sup>, de onde esses “atletas-artistas” saem para competir nos *Slams*.

Os *slammers* são como os escritores, atores de uma peça de teatro ou blogueiros que expressam o conteúdo de suas obras poéticas ou críticas nas ruas, realizando suas performances para uma série de leitores que os assistem.

Seus leitores são os transeuntes que param para os assistir ou foram para aquele local com a intenção de assisti-los. Como se observa, a compreensão de leitor é bem mais ampla do que aquele que lê letras, palavras e frases de um texto escrito. Lê também gestos, atos e performances.

Sendo o leitor também consumidor, espectador, contemplador, observador de *outdoors* e murais urbanos, ouvintes, todos que envolvam a captação de conteúdos legíveis, ou seja, captáveis e acessíveis por todos os sentidos visual, auditivo, olfativo, etc. e compreensíveis pelo sistema cognitivo; a leitura passa a ser uma captação ampla de sinais, pontos, pistas, símbolos, imagens, roteiros, trajetos, rotas, cenários, contextos, panoramas, marcas intertextualizadas e interdiscursivas, registros de citações de tempos diversos e receptáculos, invólucros de pontes para outras leituras em outros trechos legíveis. (Santaella, 2004; 2013; 2019).

Não sendo individuais e solitários, os *Slams*, são orais, performatizados, teatrais, possuem sonoridade, visualidade, sendo um *show* em um palco que é a própria calçada da rua. A cidade torna-se o cenário do *Slam* com suas ruas, praças e avenidas.

De acordo com Zumthor (2007), a performance oral é também gestual, ritual e exige a participação do corpo, podendo se dar em teatralidade ou espetacularidade, a depender de sua percepção espacial. Daí emana o “prazer do texto” (Barthes, 2006), “o gozo da liberdade para quem declama com o corpo e para quem ouve com a alma” (Neves, 2017, p. 99).

---

<sup>88</sup> Trata-se de grupos e agrupamentos coletivos onde se reúnem artistas para ler, escrever e declamar poesias.

Não há um formato físico como do livro impresso, nem um formato abstrato-digital-eletrônico, mas o seu formato é espacial e geográfico, que ocupa o território com a sua crítica, com o seu toque poético, com a sua tentativa de humanização e sensibilização social: “*Slam* é poesia, educação e protesto”, é crítica social, militância, segundo o site PROFS<sup>89</sup>. O *slammer* é um artista como o escritor. Sua arte, no entanto, é engajada e encenada, ele se faz presente também de corpo, não só de alma. Entender o *Slam* é entender, talvez, o ponto máximo da leitura coletiva, social e extremamente relacional na contemporaneidade, mais compartilhada e reagida até do que aquela dos meios virtuais; nela pode-se reagir em tempo real, corpo a corpo, fisicamente, durante o evento. O modo de ler, isto é, como se lê, os meios pelos quais se lê é o *feeling* dos contextos contemporâneos, que recebem o acréscimo desse tipo de leitura social e extremamente relacional do ponto de vista das comunicações.

“Ler e pronunciar alto ou a meia voz é uma experiência moderna” (De Certeau, 1994, p.11), isto é, da modernidade. No entanto, pode-se questionar esse dado, já que o compartilhamento da escrita na Antiguidade e na Idade Média – com menestrelis, goliardos, bardos e trovadores – era uma realidade histórica, que começou na Europa e depois se espalhou pelo mundo, ganhando uma amplitude universal. Na Antiguidade Clássica ou Era Antiga, lia-se também para várias pessoas em voz alta, sendo na verdade o leitor, aquele que, diferente do leitor, lê em voz alta. Essa figura do leitor se enfraquece no Medievo, em que o ambiente fechado preza pelo silêncio, postura e individualização, inibindo a prática de uma leitura em voz ativa e auditiva, passando a ser uma leitura em voz silenciosa. Passa-se a ler em silêncio, passa-se a ler com os olhos.

Santaella (2004, p. 20) ressalta que a leitura teria se fixado como um gesto do olho e não mais da voz. Vale a reprodução da descrição que Manguel dá ao leitor silencioso:

Olhos perscrutando a página, língua quieta: é exatamente assim que eu descreveria um leitor de hoje, sentado com um livro num café em frente à igreja de Santo Ambrósio em Milão, lendo, talvez, as Confissões de Santo Agostinho. Tal como Ambrósio, o leitor tornou-se cego e surdo ao mundo, às multidões de passantes, às fachadas desbotadas dos edifícios. Ninguém parece notar um leitor que se concentra: retirado, absorto, o leitor torna-se lugar comum. (Manguel, 1997. p. 59).

---

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>. Acesso em: 14/04/2019.

Hoje, na contemporaneidade, esse compartilhamento da leitura de um texto que se escreveu, lendo-o em voz alta, ou trocando suas partes na forma escrita com interlocutores, remodela-se, mas continua presente. Ainda existem as leituras orais – ou oralizadas – que lembram as práticas antigas e medievais dos bardos e dos menestrelis: os *Slams*.

Os *Slams* reúnem membros de acordo com o interesse pessoal em temas ou assuntos que serão postos em competição, lidos, aplaudidos, reagidos e julgados; e depois, às vezes curtidos, comentados e compartilhados nas redes sociais. É uma prática de leitura oral, em que a performance dos corpos também diz sobre aquele que está lendo e sobre o conteúdo que está sendo lido ou declamado, através de uma disputa. A subjetividade nas declamações e a configuração dos corpos é importante nesse tipo de grupo de leitura oral, artística e teatral, onde a apreensão de ideias através dos sentidos visuais e auditivos é na verdade uma apreensão audiovisual, porém presencial e física. É interessante observar que a leitura e a declamação podem ser uma forma de intervenção urbana, nos espaços públicos.

(...) o outro, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc. (...) Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (Bakhtin, 2003, p. 271).

Ali não se lê palavras e frases, lê-se performances, como se estivesse assistindo a uma peça teatral ou um vídeo que está sendo executado de verdade, encenado na sua frente. Essas “batalhas de poesias” – ou *Poetry Slams* como também são chamadas – possuem grande enfoque na encenação ou performance artística dos corpos dos “gladiadores” da declamação. Seu surgimento se deu nos Estados Unidos, onde essa prática começou na década de 1980, sob a influência do movimento de “verso livre”, que é conhecido hoje em dia como o *rap*, que significa “batida seca”.

A palavra slam é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith. (Neves, 2017, p. 93).

Mark Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta da cidade de Chicago, criou o *Slam*. Ele achava que a poesia acadêmica era muito elitizada e queria pensar em uma forma mais relaxada e livre de fazer poesia. Juntando isso com as sessões de microfone aberto para os artistas, o que já acontecia em eventos nos cafés, o estilo de performar tornou-se uma prática de leitura com um tom de compartilhamento.

Conforme descrito por D’Alva, o primeiro *slam* aconteceu na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 1986 em um bar de jazz. O criador do Uptown Poetry Slam era um operário da construção civil e poeta, chamado Mark Kelly Smith. Pegando o nome *slam* emprestado das finais de torneios de *baseball* e *bridge*, Smith passou a organizar noites de performances poéticas onde o público podia dar nota aos melhores *slammers*. Pouco a pouco o formato pegou e as competições passaram a se espalhar para outras cidades dos Estados Unidos e depois mundialmente. (Stella, 2015).<sup>90</sup>

Tornou-se, então, um evento propriamente dito, tendo, no ano de 1990, sido organizado pelo mesmo Mark Kelly Smith a primeira competição nacional de *Slam*, que tem edições até hoje nos EUA.

Segundo D’Alva (2014), os *Slams* nasceram como competições e são celebrações coletivas, que dependem do coletivo para a sua existência, pois sem plateia a performance poética se torna vazia.

No Brasil, o *Slam* teria chegado na década retrasada, portanto, recentemente, por volta de 2008, por intermédio da artista Roberta Estrela D’Alva, nome artístico de Roberta Marques do Nascimento – atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, apresentadora de um programa juvenil na TV-Cultura de SP e afiliadas, e *slammer-poetisa* brasileira – através do *ZAP! Slam* (Zona Autônoma da Palavra) na cidade de São Paulo. O “ZAP” foi o primeiro *Slam*, com campeonato de declamações performáticas de poemas no Brasil, em território nacional.

---

<sup>90</sup> Artigo disponibilizado online. Não apresenta paginação. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2836> Acesso em 16/05/2021.

Figura 12: *Slam ZAP!*, Zona Autônoma da Palavra, em São Paulo, Edição 2018.



Fonte: <https://pt.piliapp.com/emoji/list/>

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora [nascidouro da democracia] onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D’Alva, 2014, p. 109).

Alguns anos depois, em 2012, surgiu o *Slam da Guilhermina*, que ocorre na periferia da cidade de São Paulo. O *Slam da Guilhermina* é o segundo existente no Brasil e é voltado para a “galera” da Zona Leste de São Paulo, que sofre com a ausência de espaços culturais.

A principal característica de um *Slam* é ser realizado próximo a transportes públicos, como saídas de estações do metrô, terminais de ônibus, e em equipamentos culturais/educacionais, como o SESC’s, escolas, centros culturais e até pistas de skates, etc., normalmente em áreas periféricas da cidade. (Stella, 2015).

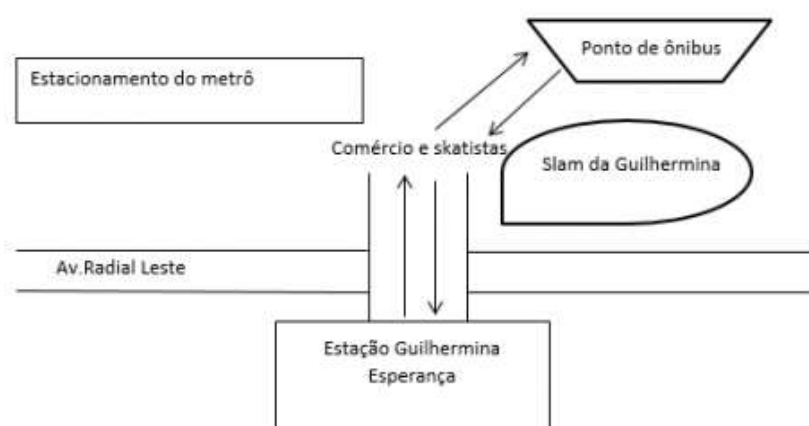
Ter um evento desse porte ao lado do metrô e próximo à circulação das pessoas, que trabalham todos os dias, faz a diferença pelo menos uma vez no mês.

A proximidade com um transporte público é interessante, pois muitas pessoas que saem ou entram na estação do metrô, por exemplo, ou que estão indo ou voltando do trabalho, param para observar a roda formada e a poesia de um *slammer*, e alguns ficam observando até o final para saber quem será o vencedor. (Stella, 2015).

O *Slam da Guilhermina*, por exemplo, acontece sempre toda última sexta-feira do mês, com data pré-marcada e com regularidade mensal, facilitando que os

artistas-poetas e espectadores fiquem sabendo quando ele acontece e possam se programar com antecedência e tranquilidade. As redes sociais também abordam o evento, mostrando que o digital é um instrumento ou plataforma de divulgação, mesmo que o evento tenha natureza física.

Figura 13: Mapa da praça da Guilhermina Esperança



Fonte: Stella (2015).

Para dar tanto destaque à sonoridade quanto ao significado das palavras, os poemas dos *Slams* podem seguir esquemas de métrica e rima sem problemas, como fazem os poemas clássicos. No entanto, esse formalismo não é uma obrigação. É uma opção, que mostra que a liberdade e a declamação relaxada e livre, mesmo que em forma de competição ou batalha, é a sua maior marca. Na verdade, não existem regras ou estrutura formal e a liberdade de poder deixar a “mente rolar” é o que inspira muitos poetas. Durante a interpretação, muitos deles usam o movimento corporal, a diferença no tom de voz, a velocidade da leitura e pausas para adicionar drama ao que está sendo falado ou declamado. Isso tudo serve para provocar a plateia, já que esse tipo de poesia é performada em competições e como são os próprios ouvintes que às vezes decidem quem ganha, “vale tudo” para cativar a reação deles. O espaço é livre e todos participam. O público fica de pé ou sentado no chão, reunido em volta do declamador, que fica no meio fazendo a sua performance.

A plateia que assiste também realiza performances de reação, gritando, aplaudindo, etc. em relação à atuação do *slammer* e pode ser a jurada da competição, mas nem sempre é. Pode ser escolhido um júri popular,

espontaneamente, entre o público, que dá nota aos *slammers*, levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia – que é formada do texto próprio, sua criatividade e criação autoral – e o desempenho, que seria a performance, a encenação e a declamação como um teatro realizado em tempo real, na hora, na frente do público.

A *Poetry Slam*, traduzida literalmente do inglês como “batida de poesia”, também chamada de “esporte da poesia falada”<sup>91</sup>, é uma competição que acontece, amiúde, na ordem em que os poetas leem ou recitam um trabalho original ou, mais raramente, os *slammers* leem ou recitam trabalhos de outros autores. Os temas de poesia *Slam*, geralmente, são políticos, críticos e de denúncia social, em que os artistas costumam abordar temas como raça, etnia, classes, gênero, dor, natureza, família, política, religião, causa negra, críticas sociais e dificuldades dos moradores da periferia e da favela, luta pela moradia, pobreza, tensões de identidade, machismo, drogas, confronto com a lei, morte, violência, injustiças, sofrimentos, homossexualidade e discriminação. Entretanto, os *slammers* também podem usar o *Slam* para expressar temas mais românticos, falando de romance ou amor platônico, mostrando que a liberdade das regras é a maior “regra” dos encontros.

Rima, métrica, estrofe? Para o slam, nada disso é regra: a poesia é falada, e os artistas têm muito mais liberdade. Diferentemente da poesia considerada clássica, o verso é livre, e as inspirações vêm do repente, do rap e, sobretudo, do *hip-hop*. Os temas falam de questões políticas, econômicas e sociais relacionadas à periferia: racismo, feminismo, desemprego e violência contra a mulher são alguns deles.<sup>92</sup>

Em 2015 surgiu um movimento que abriu espaço especificamente para mulheres, sendo um *Slam* de mulheres, explorando a militância e a causa feminista também dentro dos *Slams*. Um deles foi o *Slam das Minas*, que começou no Distrito Federal e que em menos de três anos depois passou a ter edições em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul.

<sup>91</sup> Disponível em <https://www.mensagenscomamor.com/poesias-slam> Acesso em 25/05/2020.

<sup>92</sup> Ibid.

Na linguagem do *Slam*, existe uma variedade de gírias e jargões:

Quadro 3: Pannel de gírias e jargões do *Slam*

Slammaster	mestre de cerimônia que conduz a competição
Slammer	poeta competidor
Correr	nome dado ao ato de declamar a poesia para o público
Pow	grito da plateia para celebrar a nota máxima, nota 10.
Credo	grito da plateia para as notas de 9.5 a 9.9

Fonte: <https://pensegrande.org.br/noticias/183/conheca-o-slam-movimento-protagonizado-pelos-jovens-da-periferia>.

Alguns exemplos de *Slams* brasileiros famosos:

Quadro 4: Pannel de exemplos de *Slams* famosos<sup>93</sup>

Nome	Cidade
Slam ZAP!	São Paulo
Slam da Guilhermina	São Paulo
Slam Marginália	São Paulo
Slam Função	São Paulo
Slam do Corre	São Paulo
Slam da Ponta	São Paulo
Slam do Corpo	São Paulo
Slam Interescolar	São Paulo
Slam do Pico	São Paulo
Menor Slam do Mundo	São Paulo
Slam do 13	São Paulo

<sup>93</sup> O pannel de *Slams*, exposto nas páginas 165, 166 e 167, foi montado através de depoimentos, indicações e diálogos com *slammers*, *slammasters* e plateia de espectadores dos *Slams*, em que mais e mais grupos de *Slams* foram se agregando através de indicações de *Slams* anteriores. Os primeiros grupos de *Slams* do Rio de Janeiro colacionados no pannel foram descobertos na literatura de D’Alva (2014), Stella (2015) e pesquisa em sites na internet.

Slam do Grito	São Paulo
Rachão Poético	São Paulo
Slam Resistência	São Paulo
Slam Clube	Atibaia
Slam Bauru	Bauru
Slam do Livramento	Goiânia
Slam des Surdes	Curitiba
Slam Clube da Luta	Belo Horizonte
Slam Tagarela	Rio de Janeiro
Hai Cai Combat	Rio de Janeiro
Slam das Minas	Rio de Janeiro
Slam Negritude	Rio de Janeiro
Slam Favela	Rio de Janeiro
Slam Magé	Rio de Janeiro
Menor Trindade	Rio de Janeiro
Slam Melanina	Rio de Janeiro
Slam Chapa	Rio de Janeiro
Slam Manguinhos	Rio de Janeiro
Slam Vila Isabel	Rio de Janeiro
Slam Veia Aberta	Rio de Janeiro
Slam Praça Preta	Rio de Janeiro
Slam Favela Tem Voz	Rio de Janeiro
Slam Liberdade	Rio de Janeiro
Slam BXD	Rio de Janeiro
Slam Maré Cheia	Rio de Janeiro
Slam Brooklyn	Rio de Janeiro
Slam da Rampa	Rio de Janeiro
Slam Laje	Rio de Janeiro
Slam Sereno	Rio de Janeiro
Slam Marginow	Rio de Janeiro
Slam Poetas das Insurreição	Rio de Janeiro
Slam Poético	Rio de Janeiro
Slam Nós da Rua	Rio de Janeiro

Slam Canta Teresa	Rio de Janeiro
Slam do Topo	Rio de Janeiro
Slam Muquiço	Rio de Janeiro
Slam X	Rio de Janeiro
Slam da Praça	Rio de Janeiro
Slam PPF	Rio de Janeiro
Slam da Terceira Idade	Rio de Janeiro
Slam Voz na Rua	Rio de Janeiro
Slam Caju	Rio de Janeiro
Slam Mapoa	Rio de Janeiro
Slam Versátil	Rio de Janeiro
Slam Maré Cheia	Rio de Janeiro
Slam das Águas	Rio de Janeiro
Slam Riostrense	Rio de Janeiro
Slam Paz em Guerra	Rio de Janeiro
Slam de Quinta	Rio de Janeiro
Slam Grito Filmes	Rio de Janeiro
Slam Chicas da Silva	Rio de Janeiro
Slam Pequena África Flup	Rio de Janeiro
Slam Colegial Flup	Rio de Janeiro
Slam GDS	Rio de Janeiro
Slam Poetas Compulsivos	Rio de Janeiro
Slam 024	Rio de Janeiro
Circuito Universitário de Slam	Rio de Janeiro

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Vou fazer algumas considerações sobre alguns *Slams* que possuem características originais.

O *Slam* Tagarela foi o primeiro *Slam* do Rio de Janeiro criado em 2013. Seus poetas militam por causas sociais e fazem rimas, ao mesmo tempo. Não há limite de tempo para cada poeta realizar sua apresentação. Outra característica é o

uso de megafones para melhor propagar as mensagens dos poetas nas ruas. Sua ideia é de que a palavra tem que estar na rua, na boca do povo.<sup>94</sup>

O *Slam* Hai Cai Combat foi o segundo *Slam* do Rio de Janeiro criado em 2014. Os poemas declamados nesse *Slam* seguem a forma do gênero poético hai cai, que é uma poesia com forma física possuindo 3 versos, com estrutura de 5, 7 e 5 sílabas. O primeiro verso tem 5 sílabas, o segundo verso, 7 sílabas e o terceiro, tem 5 sílabas novamente. O poema tem um total de 17 sílabas.<sup>95</sup>

O *Slam* Negritude foi criado em 2019, no Rio de Janeiro. É formado por afrodescendentes que abordam causas negras. Possuem uma batalha de poesias afro centradas, que visa propiciar reflexões e impulsionar mudanças de comportamento, unindo falas, despertando consciências e combatendo o racismo.<sup>96</sup>

No *Slam* Marginália, apenas travestis, pessoas trans e gênero-dissidentes podem batalhar.

No *Slam* das Minas apenas mulheres podem batalhar.

O *Slam* do Corpo é protagonizado por surdos, ouvintes e intérpretes.

No *Slam* Interescolar, estudantes das escolas públicas de São Paulo têm voz.

O Menor *Slam* do Mundo tem batalha de poemas curtos de 10 segundos, na Biblioteca de Poesias de Pinheiros, em São Paulo. É uma competição que exige síntese e criatividade dos participantes para expressarem suas ideias. O Mini Menor *Slam* do Mundo é com poemas de até 3 segundos e o Nano *Slam*, com poemas de 1 segundo.<sup>97</sup>

Como alguns exemplos, vou colocar os dois *slammers* que empataram no torneio virtual do Menor *Slam* do Mundo, onde um *slammer* era idoso e o outro, era jovem:

<sup>94</sup> Jornal O Dia. *Slam* Tagarelas realizam duelo de poesias pelo Rio de Janeiro. Disponível em: [www.odia.ig.com.br](http://www.odia.ig.com.br) Acesso em: 16/05/2021.

<sup>95</sup> Hai Cai Combat na Flip, 10/07/2018. Disponível em: [www.publishnews.com.br](http://www.publishnews.com.br) Acesso em: 16/05/2021.

<sup>96</sup> Disponível em <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Último acesso em 15/04/2021.

<sup>97</sup> Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/32497/> Acesso em: 16/05/2021.

*Eu queria fazer amor,  
Ela, falar de loucura.  
Nem uma coisa, nem outra.  
Literatura.*

(Nicolai Behr – idoso)

*Soubesse de início  
que o invertido é mais bonito  
começava do avesso  
nem ficava arrependido.<sup>98</sup>*

(Bobby Bag – jovem)

Pelos dois *Slams* acima, observa-se que tanto o idoso, quanto o jovem, possuem uma forma de pensar bastante tolerante, com “mente aberta”, valorizando a liberdade, seja no amor, seja nas escolhas e decisões da vida. O idoso compara o seu amor pela literatura a uma loucura e a um fazer amor. Já o jovem fala que o invertido é mais bonito, criticando as convenções sociais e os padrões marcantes do convencionalismo, conseguindo mostrar em três segundos que nem sempre os padrões e ditames sociais são as escolhas melhores ou mais certas e que o seu avesso pode ser melhor ou, até mesmo, mais bonito do que tais ditames e convenções.

O *Slam* do 13 é uma batalha de poesia que acontece toda última segunda-feira do mês na plataforma do terminal Santo Amaro, metrô Largo 13, em São Paulo. Em todas as edições, há sempre um artista convidado, lançando um C.D. para divulgar seu trabalho.<sup>99</sup>

O *Slam* do Grito é realizado por poetas que ocupam vários espaços públicos do Ipiranga, bairro do Grito, em São Paulo, como escolas, praças, centros culturais, terminais de ônibus, faculdades, estações de metrô. Nesse encontro, é realizado um sarau de poesias com espaço aberto para recitais de trabalhos autorais e lançamento de livros, além do *Slam* propriamente dito.<sup>100</sup>

O *Slam* Rachão Poético é o primeiro *Slam* de equipes do Brasil. Duplas e trios de times de poetas entram em uma competição lírica.<sup>101</sup>

<sup>98</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/78463567> Acesso em: 17/05/2021.

<sup>99</sup> Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/19895/> Acesso em: 16/05/2021.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/1199/> Acesso em: 16/05/2021.

<sup>101</sup> Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/31334/> Acesso em: 16/05/2021.

O *Slam* Resistência proclama que “a poesia falada por aqueles que foram silenciados ganha os palcos das ruas e das praças. A poesia tem ajudado muitas pessoas, aquelas que sofrem caladas. Ela as tira da violência do cotidiano”.<sup>102</sup>

O *Slam* Clube da Luta é o primeiro *Slam* na modalidade de competição de poesia falada em Minas Gerais. Qualquer pessoa pode se inscrever 30 minutos antes do evento, desde que tenha 3 poemas de até 3 minutos, o que também acontece no *Slam* Função.<sup>103</sup>

No *Slam* des Surdes, apenas pessoas surdas batalham, não havendo intérprete.

## 5.2. As regras do *Slam*

As regras dos *Slams* são definidas pelos *Slams* Internacionais em que as três regras básicas são: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo [decorados ou lidos na hora], deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical.” (D’Alva, 2014, p. 113). Cada participante tem direito a alguns segundos prévios para adaptar o microfone e o palco. O tempo começa a ser contado a partir do momento em que o poeta se dirige ao público. Depois dos três minutos, existe um período de “graça” – tolerância – de dez segundos, até 3min e 10seg.<sup>104</sup>

Após este período, haverá “penalidades de tempo” que serão aplicadas seguindo uma tabela:

3:10 e abaixo não há penalidade

3:10.01 à 3:20 - 0.5 pontos

3:20.01 à 3:30 - 1.0 ponto

3:30.01 à 3:40 - 1.5 ponto

3:40.01 à 3:50 - 2.0 pontos

Acima desse tempo -0.5 pontos para cada 10 segundos

[A regra das penalidades é simples: para cada grupo de 10 segundos que o *slammer* ultrapassa, ele perde 0,5 pontos].

O anúncio de penalidades de tempo será feito pelo apresentador depois que os juízes tiverem atribuído as notas da apresentação do poeta. Os juízes não devem

<sup>102</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2018/03/slam-resistencia-a-poesia-e-a-voz-de-quem-sempre-sofreu-calado/> Acesso em: 16/05/2021.

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.mapaculturalbh.pbh.gov.br> Acesso em: 16/05/2021.

<sup>104</sup> Disponível em <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em 15/04/2021.

ser notificados sobre penalidades de tempo antes de terem registrado as notas do poeta.<sup>105</sup>

Parte-se do princípio de que todo indivíduo participante ou jurado do *Slam* é capaz de emitir uma opinião válida sobre arte, não necessitando de uma formação acadêmica ou técnica para participar dele. O seu objetivo é ser uma arte democrática.

A performance está na sonoridade, no sentimento emitido pela voz do artista, no tom da voz, nas caras e bocas, na expressão do artista que está declamando a sua poesia, elementos que, além do texto poético, são avaliados pelos juízes. Trata-se de um teatro sem cenografia, sem figurino, sem adereços, sem sonoplastia, iluminação de palco ou trilha sonora, instrumentos musicais ou músicas pré-gravadas. A regra de proibição de auxílios visuais e sonoros tem o intuito de manter o foco nas palavras e na performance, e não nos objetos. O movimento corporal constitui a teatralidade encenada como figuração. A luz é dada pelos postes das vias públicas, alguns queimados e apagados, outros com uma iluminação amarelada e fosca.

Normalmente, cinco juízes devem ser selecionados entre os membros da plateia ou serem “juízes de fora”, vindo de fora do público-espectador. Uma vez escolhidos, eles recebem um documento com instruções sobre o julgamento de cada poema, o apresentador dá as instruções, determinando a responsabilidade da plateia e dos juízes. Os poemas podem ser de qualquer assunto, tema ou estilo, em geral, é permitido o uso de microfones, palco, cadeiras e mesas, desde que os mesmos estejam disponíveis para todos os outros competidores. Os poetas podem fazer *Sampling*, que é a prática de citar palavras e letras de obras de outros autores dentro de suas criações autorais, com intertextualidade e interdiscursividade, fazendo uma espécie de mixagem oral, corporal e visual no evento. Não é permitida a repetição de poemas; cada poema pode ser usado uma única vez durante as eliminatórias e uma vez na grande final.<sup>106</sup>

Os juízes darão notas de 0 a 10, com a nota 10 sendo a mais alta ou nota perfeita, para cada poema, sendo incentivados a usarem sempre uma casa decimal para reduzir as possibilidades de empate. Cada poema receberá cinco notas, normalmente sendo cinco juízes ou jurados, e a mais alta e a mais baixa serão

---

<sup>105</sup> Ibid.

<sup>106</sup> Disponível em <https://www.mensagenscomamor.com/poesias-slam> Acesso em 25/05/2020.

descartadas. As três restantes serão somadas, dando a nota final da avaliação do poeta.

O *Slam* é composto de três rodadas: na primeira participam todos os poetas inscritos; desses, cinco vencedores vão para a segunda rodada; e, por fim, três competem na última rodada, onde se tem o *slammer* vencedor (Neves, 2017, p. 102).

Observa-se ainda que existe uma responsabilidade na tarefa julgadora dos juízes, havendo ordens e comandos na forma de julgar, quase como um processo, com procedimentos específicos a serem seguidos e preenchidos.

Roberta Estrela D'alva dá algumas dicas para quem está começando nas batalhas poéticas:

1. Frequente *Slams*, agora estão acontecendo online.
2. Escreva com o coração sem se preocupar em parecer com ninguém.
3. Leia! Ler melhora a escrita.
4. Pratique a leitura dos seus textos em voz alta.<sup>107</sup>

### 5.3. Novos x Velhos: um grito da periferia

O movimento de poesia *Slam* no Brasil surgiu como um “grito da periferia”, assim como aconteceu nos EUA. Existe uma interligação entre as periferias locais, os estados do país, o *Slam* nacional do território nacional e o *Slam* internacional, onde a sede da competição mundial envolve poetas e artistas de diversos países, nacionalidades e culturas, havendo também uma suposição de que o *Slam* teria se desenvolvido nos guetos das periferias de Paris.<sup>108</sup>

Ao frequentar os *Slams*, pude observar pelas roupas, pelas linguagens e pela maneira de se comportar que a maioria dos participantes são jovens de baixa renda e de pele escura ou parda, que usam a arte para sobreviver, através da venda de livros, de fanzines, da recitação de poesias nos trens e metrô ou cantando em locais públicos, pedindo contribuições. Os *slammers* mais famosos transformam suas poesias recitadas em *Slams* em livros para vender. Com isso, o *Slam* que é uma

<sup>107</sup> Acesso em <https://bsp.org.br/2021/01/21/slams-se-adaptam-ao-ambiente-virtual/> Disponível em: 16/04/2021.

<sup>108</sup> Disponível em: <http://cultura.gov.br/slam-ganha-forca-nas-periferias-do-brasil-e-cria-geracao-de-poetas-urbanos/> Acesso em 15/04/2021.

prática de leitura oral passa a ter um suporte, que é o livro, passando a ser uma leitura escrita.

Por outro lado, bem observei que o público que assiste é, em sua maioria, também jovem, mas de renda média. Já os juízes e os apresentadores, em sua maioria, são mais velhos, às vezes professores de escolas públicas, apesar de não serem idosos, talvez para que tenham mais autoridade e imponham respeito para controlar o evento. Além da minha observação, confirmei essa informação com entrevistas em *Slams online*.

Porém, verifiquei uma exceção importante: o *Slam* da Terceira Idade na cidade do Rio de Janeiro, em que os *slammers* têm que possuir mais de 60 anos. Veja uma de suas poesias:

*Sandália de dedo  
está de salto alto  
tiras coloridas  
penteado esvoaçante  
recebeu o convite  
de Cromo Alemão  
para jantar em baile dançante  
animado pela orquestra  
do maestro Verniz  
e seu sorriso brilhante  
Madame Scarpin  
não poderia faltar  
General Coturno  
e Condessa Botina  
em suaves movimentos  
rodopiavam a bailar  
à mesa  
eram servidas apetitosas  
Meias Solas  
Dr. Bicofino  
exibia saltos  
carrapetas de ouro  
arrancava suspiros  
de jovem Sapatilha  
apesar da idade  
ele ainda dava no couro  
bem, sei que mentiras  
não colam  
quando menino  
ouvia história  
de um velho sapateiro  
na verdade  
com o cheiro da cola  
eu ficava meio tonto  
também envelheci.<sup>109</sup>*

(Raul de Barros Junior).

<sup>109</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/slamdatterceiraidade/videos/828925277848542/>  
Acesso em: 17/05/2021.

Fiz entrevistas *online*<sup>110</sup> com o *Slam* da Terceira Idade, sendo muito bem acolhido pelos participantes e organizadores, que responderam todas as minhas perguntas por e-mail com muita atenção e boa vontade.

Como vocês surgiram?

*A ideia da criação do Slam da Terceira Idade nasceu no final de 2019 através da poeta e produtora cultural Yassu Noguchi, que atua na cena do Slam desde 2013. Ela convidou os escritores e produtores culturais Victor Meirelles, Yolanda Soares e Zuza Zapata, para compor a equipe de produção e apresentação, e fazer a construção do projeto.*

Quantas competições já existiram no *Slam* da Terceira Idade?

*Foram duas edições presenciais. A primeira ocorreu em janeiro de 2020 na Blooks, que acreditou no projeto e abriu as portas da livraria de Botafogo. A segunda edição foi realizada no dia 08 de março de 2020, com participação exclusiva de mulheres da terceira idade, no Espaço AteliArte do Caxias Shopping. Tínhamos uma agenda para o primeiro semestre de 2020, com algumas apresentações em eventos e centros culturais, que foi cancelada por conta da pandemia. Fomos contemplados no Edital Cultura Presente nas Redes, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, e realizamos o Sarau da Terceira Idade através das redes sociais do Slam, entre 14 e 17 de setembro de 2020.*

Qual é a faixa etária dos participantes do *Slam* da Terceira Idade?

*Os slammers, que são as pessoas que participam da competição, precisam ter mais de 60 anos para competirem no Slam da Terceira Idade.*

Entrevistando o *slammaster* e organizador do *Slam* da Terceira Idade, Victor Meireles, de 50 anos, perguntei para ele o que significava o *Slam* de modo geral para ele.

O que é o *Slam* para você?

*É uma forma de transpiração plena, o revoar da mais profunda essência. A possibilidade de ouvir minha voz repercutir sendo Eu. Poder percorrer um espaço curto de tempo geográfico sem ser calado, expressar minha poesia, opinião e graça. Um palco onde três minutos é a eterna beleza poética, de uma vida. Um lugar de militância e escuta. Momento de extravasar o conceito de possibilidade e capacidade falado pelo outro. Falar do Slam da Terceira Idade, é ser um felizardo por compactuar em manter viva e pulsante nesses seres humanos, toda poesia que eles ainda têm dentro de si, que pode reverberar no próximo, e transcender o que podia ser uma realidade neles. É ver a proatividade dos mais velhos, o fomentar*

<sup>110</sup> Infelizmente, as entrevistas com esse interessante grupo só puderam ser *onlines*, devido às restrições do Corona Vírus. O grupo já estava apenas com *Slams Virtuais* quando eu os descobri.

*da leitura nos mais jovens, é o passo que a vida literária dá para permanecer sorrindo, declamando suas histórias e memórias. “Pra poesia nunca é tarde. Slam da Terceira Idade!”*

Terminando com a sua “marca registrada”, quase um lema, “Pra poesia nunca é tarde. Slam da Terceira Idade!”, que encerra a maioria das apresentações dos *Slams* do seu grupo, ele define de modo poético toda a poesia contida no *Slam*, ele se utiliza da própria poesia para explicar a arte poética das ruas, fazendo uso claro, em sua linguagem, da metapoesia.

Victor Meireles também fala da importância que esses *Slams* possuem para os idosos e dá ao entender que os idosos também podem e são extremamente proativos socialmente, além de emotivos e expressivos. Os idosos sentem-se importantes ao participar dos *Slams* e o *Slam* da Terceira Idade é extremamente importante para eles, fazendo-os se sentirem vivos, presentes, atuantes, ativos, críticos, agentes da construção de pensamentos para o imaginário social. Envelheceram, mas suas ideias ainda podem ser inovadoras, podem estar presentes no mundo, na sociedade da qual eles ainda fazem parte, mostrando que o *Slam* é um “gatilho” para eles se sentirem presentes, atuantes, ainda, enquanto atores e agentes sociais, além de livres de conceptualizações relativas à idade e ao que é devido fazer em cada faixa etária. O *Slam* da Terceira Idade, portanto, apresenta um aspecto “trans-etário”, que faz com que os idosos possam superar as próprias concepções de idades, atravessando-as e mostrando a importância de estarem vivos, de corpo e alma.

Repetindo a pergunta do que o *Slam* significava para Yolanda Soares, participante do *Slam* da Terceira Idade, ela nos disse:

*Tenho 63 anos, sou poeta e escritora. Já participei do Slam das Minas RJ por duas vezes. Até fiquei em segundo lugar na primeira participação. Foi interessante me ver no meio das minas com idades bem abaixo da minha, mas confesso que quando me inscrevi fiquei um pouco envergonhada, por estar no meio delas querendo competir por igual, mas depois vi que não tinha nada a ver, as minas me trataram muito bem e no final eu adorei. Porém é preciso ter coragem para isso e vejo que as mulheres não têm essa coragem, elas ficam constrangidas por não se acharem no direito de participar, às vezes por medo da discriminação. Eu sou meio doidinha e por isso faço essas coisas sem tanto medo. Achei maravilhosa a ideia da Yassu de criar o Slam da Terceira Idade, e vi que as pessoas acima de 60 anos que já participaram, adoraram! Eu fiquei muito feliz por ser convidada para compor a equipe. Hoje, nós, idosos, somos muito discriminados em todos os meios e isso nos impede muitas vezes de participar de muita coisa. Vida longa ao Slam da Terceira Idade.*

Ela nos dá a sua opinião em torno dos *Slams*, não só do *Slam* da Terceira Idade, fazendo uma comparação entre *Slams* diferentes, fala da questão da coragem e da questão da vergonha para os participantes, abordando questões de monta psicológica, individual e pessoal e fazendo uma crítica à falta de coragem e de atitude por parte de muitas mulheres, o que também é uma autocrítica, já que ela é mulher. Esse comparativo é feito devido ao fato de Yolanda apontar já ter participado do *Slam* das Minas, que é um *Slam* só de mulheres.

Já para Yassu Noguchi, de 65 anos, a mentora, poeta e criadora do *Slam* da Terceira Idade, “*Slam é a possibilidade do encontro entre o espaço e o acolhimento, a fala e a escuta, a entrega e a empatia, a escrita e a voz, a palavra e o corpo, a luta e a poesia. E o Slam da Terceira Idade também representa tudo isso.*”

Apesar de ter sido a menor definição e impressão do que era o *Slam*, Yassu emana, com poder sintético, a mais importante definição, que condensa conceitos importantes, como as noções de espaço, tempo, corpo, luta, aconchego, acolhida, fala, voz, escuta, auto escuta, escrita, leitura, palavra e empatia, mostrando que todas essas noções abstratas estão presentes no *Slam* enquanto sentimento e expressividade, além de, no *Slam* da Terceira Idade, todos eles também estarem presentes com a mesma força, em uma faixa etária que não é jovem, que já viveu bastante e que utiliza os conhecimentos das suas experiências para fazer poesia, texto e arte.

Por fim, reproduzo as duas poesias vencedoras da penúltima e da última competição do *Slam* da Terceira Idade, respectivamente, em janeiro de 2020 e em março de 2020. Vale ressaltar que a competição de março foi com participação exclusiva de mulheres da terceira idade. As outras apresentações que iriam ocorrer no ano de 2020 foram canceladas por conta da pandemia.

*Gorda Sim*

*Autora: Mery Onírica (vencedora da 1o edição do Slam da Terceira Idade)*

*Sou gorda sim*

*E não fiz pacto com a magreza*

*Sou gorda feliz com certeza!*

*Quem se preocupa*

*Com a minha gordura*

*Devia se preocupar*

*Com o que acontece*

*No Brasil e no mundo*

*Não coloco autoestima*

*Na balança*

*Pois o meu carisma e o meu bom humor*

*É a minha confiança  
 Não é ruim ser gordo  
 Ruim é ser maldoso!  
 Não tenho medo de cara feia  
 A beleza e a felicidade  
 Não estão associadas ao peso  
 Sou gorda sim  
 Máximo respeito!  
 O preconceito é que não tem jeito  
 Me chamar de gorda  
 Não me define nem me classifica  
 Sou gorda sim e feliz do tamanho do meu manequim!*

Observa-se o ativismo que se emancipa em relação ao estigma social contra as mulheres gordas, comumente chamado gordofobia, mostrando a denúncia de um tema social tão pulsante e atual.

#### *Momentos de Demência*

*Autora: Maria Lúcia Dias Fernandes (vencedora da 2o edição do Slam da Terceira Idade)*

*Não sei se rio,  
 Não sei se choro.  
 Não sei se penso,  
 Não sei se falo.  
 Não sei se grito,  
 Nem sei se calo.*

*Só sei que no momento  
 Há um vazio estranho  
 Parece até um sonho  
 E o meu pensamento aos poucos se dispersa.  
 Escuto uma conversa  
 De mim mesmo, ou coisa assim...  
 De repente você aparece,  
 Me abraça, me beija...  
 A alegria me invade!  
 Mas logo chega ao fim.*

*Pouco a pouco me recobro  
 E a razão me traz de volta à realidade  
 E tudo o que me resta é a saudade...  
 Saudade do que de bom aconteceu a mim*

Observa-se o reavivamento de sentimentos líricos, que não são o escopo da denúncia social, contida nos *Slams* de protesto, mas mostrando que as liberdades das fórmulas e a libertação das regras é a maior “regra” dos *Slams*.

Dentre os *Slams* que assisti, por exemplo, o tradicional *Slam das Minas* na praça do Largo do Machado e o *Slam Nós da Rua*, no Tanque, havia uma espécie de apresentador responsável por conduzir o evento, manter a ordem e o silêncio. O público podia vir de qualquer lugar, agregar-se a multidão de contempladores e se tornar espectador só por estar passando por aquela rua ou praça e ter curiosidade para parar e assistir.

Um de nossos entrevistados, Sergio, de 66 anos, ex velejador e formado em Direito, que já foi espectador e jurado dos *Slams*, em várias batalhas, afirma que o apresentador do *Slam* possui uma função muito importante, já que é ele que deverá anunciar ao público o nome do artista competidor e será ele que fará uma leve descrição de cada poeta. Ele também deverá pedir aos juízes que levantem seus cartões com as notas, que segundo ele, dá uma outra estética à competição.

*O julgamento passa a ser também um julgamento visual para todo o público ver e com uma performance bonita que acompanha as performances visuais e sonoras dos artistas que declamam suas poesias. O apresentador tem a função de fazer o evento acontecer e seguir o cronograma, além de incentivar a plateia interessada na competição, devendo ser completamente imparcial e até o entusiasmo espontâneo deve ser controlado para não prejudicar os poetas, causar tumultos ou barulhos na plateia ou incentivar tendenciosamente os jurados. (Sergio).*

Josefa, de 27 anos, oriunda da periferia do Rio de Janeiro, em São Gonçalo, estudante de Letras e *slammer das Minas* há dois anos, conta que

*a participação no Slam me fez superar a timidez, que vinha se arrastando comigo desde os tempos da escola. Quando estou declamando no Slam, me sinto outra mulher, fico forte, “empoderada”, perco o medo dos outros e de mim mesma. Defendo a minha visão de mundo, meu paradigma, minha posição social, a periferia de onde eu vim. (Josefa).*

A ferramenta do *Slam*, além de ser uma impulsionadora de “empoderamento” individual, pode ajudar muitas pessoas na superação de barreiras como a timidez. A falta de espaço para expor sua poesia escrita com os sentimentos mais profundos do interior de uma pessoa pode ser resolvida pelos *Slams*, que são também, indiscutivelmente, uma ferramenta de organização política coletiva. O *Slam* pode ser inserido como um movimento social, sendo hoje um forte aliado das causas sociais, como um grande propulsor de visibilidade para as pautas negras, indígenas, LGBTQIA+, feministas, pessoas com deficiência, anticapitalistas, ambientalistas, etc. As funções e atuações do *Slam* são pessoais, subjetivas, sociais

e políticas, lutando pelo fortalecimento interior da subjetividade de um indivíduo e lutando ou defendendo os direitos de minorias.<sup>111</sup>

Para Selma, de 25 anos, nascida na Tijuca, formada em Informática, espectadora do *Slam* das Minas, há um ano, o *Slam* é

*uma arte, um hobby, um passatempo, um clube, uma reunião de amigos e uma competição. Ele é tudo isso em conjunto, “é tudo de bom”. Na competição que eu assisto, o menos importante é ganhar ou perder, isso significa menos do que se apresentar, estar no meio do público que aplaude ao final da declamação e da performance de três minutos, isso sim é a maior diversão!* (Selma).

Ao observar duas participantes de um mesmo *Slam*, o *Slam* das Minas – uma *slammer* e a outra, espectadora – observei que Selma pertencia a uma classe social mais elevada, oriunda da Tijuca, encarando o *Slam* como uma diversão, um divertimento, um lazer, um passatempo com os amigos, como ela mesma diz. Já para Josefa, que vinha da periferia de São Gonçalo, o *Slam* era mais do que uma mera diversão ou arte, era uma construção social, uma forma de se manifestar na cidade, um típico movimento social através da palavra e da poesia. Com isso, concluí que a posição social de origem influenciava a forma de percepção e a subjetividade dos jovens que participam dos *Slams*.<sup>112</sup>

Trata-se dos *habitus*, que não designam somente um condicionamento, mas designam também um princípio de ação. Eles são estruturas, isto é, disposições interiorizadas duráveis, e são também estruturantes, ou seja, geradores de práticas e representações. Possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações (Bourdieu, 1980, pp. 88-89).

Concordo com Thirty-Cherques, quando analisa que:

[os *habitus*] engendram e são engendrados pela lógica do campo social, de modo que somos os vetores de uma estrutura estruturada que se transforma em uma estrutura estruturante. Aprendemos os códigos da linguagem, da escrita, da música, da ciência etc. Dominamos saberes e estilos para podermos dizer, escrever, compor, inventar. (Thirty-Cherques, 2006).<sup>113</sup>

O *habitus* é infraconsciente. É como uma segunda natureza, parcialmente autônoma, já que presa historicamente ao meio. Isso quer dizer que ele nos permite

<sup>111</sup> Disponível em <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em 15/04/2021.

<sup>112</sup> Essa reflexão dialoga com Bourdieu (1980; 1987) e Thirty-Cherques (2006) e o conceito de *habitus*.

<sup>113</sup> Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122006000100003D](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003D) Acesso em 16/04/2021.

agir em um determinado meio sem cálculo ou controle consciente. (Bourdieu, 1987, p. 22).

Rogério, de 68 anos, é professor de Artes aposentado de escolas particulares, doutor em Educação pela PUC-Rio e atualmente dono de uma marcenaria em Teresópolis para onde se mudou há cinco anos. Homossexual assumido, também afirma ser um estudioso dos *Slams*, que também gosta de assistir como espectador na plateia. Ele afirma que um dia ainda vai escrever uma poesia para declamar e apresentar nesses festivais, apesar da sua maior arte ser a marcenaria e as artes plásticas que utilizam as mãos para concretizar ideias em três dimensões, para fazer esculturas e objetos, “botar a mão na massa”.

Os mais velhos, ao ouvirem os protestos, sentem-se mais fortes, pois através da boca dos que têm menos idade, eles se identificam com causas mais jovens e sociais, causas essas que fazem parte de suas vidas. Muitos não sabem fazer poesia, mas ao escutar, sentem-se falando e, com isso, sentem-se parte de um todo, de um coletivo.

Para Rogério, o *Slam* é uma arte de rua e, por isso, uma “arte de intervenção”, que acontece nos espaços públicos urbanos. Eles não são muito diferentes dos artistas de rua que se apresentam nos metrô, trens e praças, pedindo contribuições livres, onde cada um dá quanto quer, quanto pode e quando pode dar.

*Ainda, os Slams possuem um caráter mais coletivo e grupal, como os coletivos de leitura. O Slam é um evento coletivo, sério e divertido ao mesmo tempo; é pândego; é sério porque é uma competição e uma “arte-instrumento” de crítica social, e divertido porque é um evento, reunindo interessados em poesias, performances de declamações e literatura, sendo muito pouco individualizado. Os “agregados” são os espectadores que estão passando e decidem parar para assistir a batalha; são complementares ao público que se dirigiu aos encontros do Slam previamente, estando ali naquela praça ou naquela via por causa do evento. (Rogério).*

Nos *Slams*, existe um grupo de adoradores, contempladores e praticantes de *Slams*, tornando-o uma comunidade ou um meio artístico, poético e literário que acontece do lado de fora dos cafés, dos saraus literários e dos festivais em espaços privados e fechados<sup>114</sup>, fortemente existentes em países europeus, como na França.

<sup>114</sup> O movimento dos *Slams* teria pego “carona” no que já vinha sendo construído pelos saraus. O Sarau da Cooperifa, por exemplo, acontece há dezesseis anos no bar do Zé Batidão na periferia de São Paulo, onde acontecem atividades poéticas. Outro exemplo é o Sarau Elo da Corrente, realizado no Bar do Santista, em Pirituba, com um encontro que ocorre todas às quintas-feiras, às 20h30, e é gratuito. Esses saraus teriam ajudado a espalhar o “vírus” da literatura informal nas ruas, praças, bares, universidades e escolas.

Segundo o antropólogo português Vale de Almeida (1995), os cafés seriam lugares seguros de alta sociabilidade e expressão de valores e conversas. A rua seria um segundo momento, continuidade do café. No entanto, o *Slam* começa na rua e fica nela.

Os *Slams* são momentos e encontros produtores de sociabilidade na contemporaneidade. Quando os *slammers*, *slammasters*, juízes e público espectador se juntam no espaço público, é formada uma nova sociabilidade que está ligada à manifestação de ideias, ao protesto social e ao desempenho artístico-literário. Assim, a difusão da leitura pode contribuir para a democratização em certas condições, em que a democratização é compreendida como “um processo em que cada homem e mulher [cada agente social] pode ser mais sujeito do seu destino singular [e compartilhado/coletivo]” (Petit, 2013, pp. 102-103), sendo possível estar mais bem equipado para resistir, enfraquecer ou transgredir processos de marginalização e mecanismos de opressão, sendo capaz de elaborar, conquistar ou reconquistar uma posição de sujeito sem ser apenas objeto manietado dos discursos dos outros (Petit, 2013).

Os *Slams* possuem, também, páginas no *Facebook* e Instagram, o que não significa um grande diferencial, já que qualquer artista e qualquer pessoa hoje dispõem de uma página ou um perfil desses para divulgar o seu trabalho.

Algumas páginas de *Facebook* ligadas a *Slams* são o “Slam RJ”, o “Slam das Minas RJ” e o “SlaMINA Distrito Federal”. Todos também possuem contas no Instagram, que têm um link com as páginas do *Facebook*. Nessas páginas e contas há comentários, curtidas de eventos de *Slams* anteriores e quantidade de membros da comunidade, que é de milhares de membros, como no “Slam das Minas RJ”, onde há quase dez mil membros. Há também notas e estrelas nas páginas para classificar os grupos de *Slams*. Há também espaço para depoimentos, recomendações e avaliações, e um espaço para sugestão de novas edições e eventos de *Slams*, nos seus espaços físicos das ruas e praças, bem como no seu espaço digital.

Há um circuito de competição: cada *Slam*, ao encerrar seu ciclo no fim do ano, promove uma final que vale uma vaga para o Campeonato Estadual (*SLAM SP*, *SLAM MG*, *SLAM RJ*, *SLAM BA*, etc.). Este leva seu ou seus representantes para o Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, o *SLAM BR*, que acontece em São Paulo. É do *SLAM BR* que sai a pessoa para competir no Campeonato Mundial que

acontece na França. A poeta que o Brasil enviou para esse campeonato mundial no ano de 2019 foi a mineira cujo nome artístico é Pieta Poeta.

O *Slam BR* é o campeonato nacional de *Slams* que leva o vencedor para o campeonato mundial, algo que já aconteceu com a Luz Ribeiro, uma das idealizadoras do *Slam das Minas* de São Paulo. Segundo ela, a intenção principal é dar voz para pessoas que têm o “fôlego sufocado” pela sociedade, como as mulheres negras e pobres da periferia das cidades, funcionando em um ambiente cheio de sororidade, irmandade e fraternidade grupal.

Figura 14: *Slam BR* Edição 2018



Fonte: <https://culturaleste.com/slam-br-2018/>

#### 5.4. *Slam* Virtual

Com a pandemia do Corona Vírus, alguns eventos de *Slams*, em 2021, passaram a ser no formato on-line e virtual, como o destacado Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, do *Slam BR On-Line*, que aconteceu de 4 a 7 de março de 2021, de maneira totalmente virtual, em uma *live* no YouTube.

Assisti alguns *Slams* virtuais e percebi que foram uma alternativa para os artistas se apresentarem durante a quarentena. O *Slam* presencial assemelhava-se a um *show* ou a uma “pelada” de rua. A galera gritava, se abraçava, mas com a pandemia não pôde mais, quando as aglomerações ficaram proibidas.

*O virtual traz seus limites e, principalmente, a impossibilidade de vibrarmos coletivamente em presença. Por outro lado, com o surgimento dos slams online, poetas que nunca estariam juntos puderam interagir. Fizemos slams onde pessoas de outros estados e, até mesmo, de outros países, de outros continentes,*

*participaram. Isso é uma possibilidade muito interessante porque cria uma rede internacional* (Roberta Estrela D’Alva).<sup>115</sup>

Os *Slams* virtuais são como se fossem um programa de TV, com apresentadores, e os *slammers* mandam vídeos ou áudios. Quando é áudio, um dos apresentadores lê e faz a interpretação do texto, na declamação. As notas são enviadas pelo *WhatsApp* para o canal. Não tem palco, não tem público, não tem palmas, nem gritos. Perde muito em relação ao presencial, mas foi uma forma encontrada para que os artistas pudessem sobreviver.

Chamou a minha atenção uma declamação da Sarah, uma moça brasileira, surda e muda, que declamava apenas com gestos, na linguagem das LIBRAS, com uma intérprete que lhe dava voz, prática comum no seu *Slam*, chamado *Grupo Slam do Corpo*. Sarah era uma moça negra, mãe, surda e muda, moradora da periferia de Brasília. Sua intérprete era também parda.<sup>116</sup>

Como tudo durante a pandemia do Covid-19 parou, a maioria dos poetas ficou com dificuldades financeiras e algumas equipes de *Slams* resolveram ajudá-los com prêmios em dinheiro a cada transmissão ao vivo, usando as verbas que recebem do Programa Municipal de Fomento à Cultura da Periferia.<sup>117</sup>

Um dos *Slams* virtuais que eu assisti foi o *Slam Interescolar*, que era um programa no canal de Youtube com apresentadores e jovens menores de idade, adolescentes no Ensino Médio. Antes da pandemia do Corona Vírus, o *Slam Interescolar* acontecia na escola, ganhando o espaço escolar com palco, microfone e competição. O *Slam* também se configurava como um espaço livre, educativo e democrático de fala e escuta presencial.

Para Paulo, de 28 anos, formado em Português e Literatura, professor de duas escolas, “*não é à toa que o Slam faça sucesso entre os jovens e adolescentes. Seja no formato virtual ou presencial, a palavra poética informal ganhou um outro significado para muitos estudantes.*” Ele conta que essa ligação entre a escola e o *Slam* levou à criação do *Slam Interescolar*, que possui uma página no *Facebook*

<sup>115</sup> Disponível em <https://bsp.org.br/2021/01/21/slams-se-adaptam-ao-ambiente-virtual/> Acesso em: 16/04/2021.

<sup>116</sup> Esse evento foi assistido por mim no endereço disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ThZfjkemSQA> no canal “Mundo dos Estudos Centro de Mídias”, Acesso em 16/04/2021.

<sup>117</sup> Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,saraus-e-slams-online-viram-alternativa-para-artistas-se-apresentarem-durante-a-quarentena,70003281922>. Acesso em: 16/04/2021.

com a sua “comunidade” de membros, na maioria alunos da rede pública e professores de português, literatura, artes e história, que participam do seu circuito. A página conta com características, seções e *links* muito semelhantes às páginas dos *Slam RJ* e *Slam das Minas RJ*. O evento acontece no estado de São Paulo e é uma “batalha” de poesia que ocorre nas redes das escolas públicas de São Paulo. Além desse “circuito”, existem diversas escolas que usam o *Slam* como uma ferramenta pedagógica, um instrumento educativo ou mesmo trabalhos de poetas de *Slams* e saraus como referências para atividades, exercícios e deveres nas aulas. Paulo admite já ter apresentado os *Slams* em suas aulas, citando seus poetas e fazendo referência a eventos, encontros e competições importantes dessa “comunidade *Slam*”.

Segundo a página do *site* referente à prática de leitura artística dos *Slams*:

uma escola na rua, uma ágora contemporânea, um esporte, uma comunidade, uma forma de expressão... O *Slam* é tudo isso e algo mais. Em tempos de defesa da democracia, defender e difundir o direito à palavra é um dever, e é para isso que os *Slams* têm servido. Grande é a importância de um espaço de voz para pessoas que têm sua voz negada em quase todos os outros, e de um espaço de escuta numa sociedade desacostumada a ouvir e aprender – com os mais velhos ou com os mais novos. A competição é o pano de fundo para esse fenômeno que se alastra e se levanta, aprendendo e ensinando uma velha lição que é incansavelmente repetida por diversos poetas: **a poesia salva**. [Grifou-se].<sup>118</sup>

Poderíamos dizer que *Slams* são uma forma de leitura poética com performances e com o intuito de protesto e críticas. Possui a participação da plateia ouvinte, que faz apupos, aplaude ou grita gírias significativas de notas. Tornou-se uma leitura contemporânea, sendo realizada de forma presencial, mas alcançando a virtualidade. Os *Slams* são presenciais nas praças e locais onde há muito público circulando, mas após o *show* podem receber curtidas, comentários e compartilhamentos de forma virtual nas redes sociais. Aliás, durante a pandemia do Corona Vírus 19 conseguiram se organizar realizando debates virtuais: os *Slams* virtuais.

Alfredo, com 24 anos, estudante de Ciências, fala de si próprio e da sua condição:

*Sou oriundo de São Gonçalo. Uma época morei no bairro do Estácio. Não nasci rico, nunca tive facilidade financeira, por isso busquei fazer uma faculdade para*

<sup>118</sup> Disponível em: <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em: 17/04/2021.

*ter uma profissão de nível superior... mas eu me identifico muito com isso aqui, com os Slams, coloco meu coração para fora, declamo com o meu “peito”, sou o Alfredo que está aqui, aquele que veio de onde veio, que sabe de onde veio e que é aceito por quem está aqui, porque somos todos um uno, somos um grupo, somos o protesto, somos o Slam. (Alfredo).*

A maioria dos participantes dos *Slams* são de baixa renda e de pele escura ou parda, oriundos dos bairros periféricos da cidade, pois são a camada social que mais reivindica seus direitos e transformações na sociedade. Os *Slams* aparecem como uma expressão artística de protesto e manifestação social, através da arte da poesia, dessas camadas desamparadas e despossuídas.

Os idosos eram um público reduzido ou quase inexistente inicialmente, mas vêm tendo participação mais ativa recentemente. O *Slam* da Terceira Idade é um exemplo. À propósito, os idosos vêm acompanhando as práticas de leitura da contemporaneidade um pouco “atrasados”, mas demonstrando que a idade não é um fator tão importante para a participação nessas práticas. Ser idoso não significa ser alheio ou incapaz, talvez os idosos demorem um pouco mais para se atualizarem, mas têm demonstrado capacidade e interesse para “chegar lá”.

## 6. Conclusão

Escrever a conclusão de uma tese é sempre uma tarefa heteróclita e que sem um pouco de iconoclastia não se reconhece que todo trabalho é provisório e não tem fim, havendo sempre a possibilidade de novas interpretações e futuros estudos. A conclusão é o espaço de expor arremates e reflexões que inspirem outras abordagens, além de mapear os obstáculos encontrados na pesquisa bibliográfica e de campo.

No que diz respeito à tais obstáculos, deve-se apontar a pandemia do Corona Vírus, que dificultou por muitos meses o contato físico e os encontros presenciais para a realização das entrevistas com o meu público-alvo de pesquisa. Os entrevistados passaram a ser contactados pelo telefone, pela internet e por chamadas de vídeo, ao invés de serem promovidos encontros físicos.

Com a pandemia do Corona Vírus, os idosos tiveram que aprender mais sobre o virtual, sobre o online, tiveram que “se virar” ou ter a ajuda de jovens para que pudessem sobreviver à solidão e ao isolamento social imputado pela pandemia. A internet, as redes sociais e as práticas de leitura compartilhadas tornaram-se motes e “gatilhos” de sobrevivência para todos durante a pandemia e se, para os jovens, já habituados à utilização das mídias e ferramentas digitais, foi fácil intensificar o seu uso em prol da comunicação com os outros, tentando aproximar os distantes através das telas, os idosos tiveram que passar por uma transição. Uma transição que envolveu um próprio “rito de passagem” (Van Gennep, 2013) – isto é, com a dor imposta pelas transições e transformações que um rito de passagem exige – em que tiveram que enfrentar dificuldades inerentes à condição de suas idades e à formação que tiveram moldada em uma cultura impressa, presencial e não digital. Pelo impedimento generalizado de sairmos de casa, com a “grande quarentena”, habilidades tiveram que ser desenvolvidas pelos idosos, que aprenderam a se adaptar a esse estilo digital e telemático de viver, como novo suporte. O mais difícil para eles fora se adaptar ao formato, devido à destreza necessária para manipular tais suportes, dificuldade, essa, contornada e superada com o treino, alcançando as habilidades necessárias para também estarem incluídos e integrados na sociedade digital. Fizaram aulas e leram cartilhas. Essa constatação derrubou a minha ideia, que compôs a minha expectativa incipiente, inicial e, portanto, também, insipiente, ignorante, decerto, de que os idosos não estariam

aptos e acostumados a acompanhar as práticas de leitura da contemporaneidade pela quase majoritária necessidade do uso das TICs, da internet, de computadores e dos recursos a eles agregados. A pesquisa mostrou que se trata apenas de uma questão de tempo, isto é, de velocidade na marcha do aprendizado e da habituação a essas práticas por parte dos idosos, que se adaptam a cada dia ao uso das tecnologias de leitura. Psicologicamente falando, os idosos não gostam muito de mudanças, porque mudanças causam insegurança – e isso o campo mostrou nitidamente através das entrevistas realizadas. Há dois casos evidentes: no caso dos jovens, aprender sem saber como as tecnologias de leitura eram antes; e no caso dos idosos, ter que abdicar daquilo em relação ao que se estava acostumado anteriormente, para passar a fazer de outra forma. O primeiro caso é mais fácil. O segundo caso é mais difícil, tornando-se imperativa a realização de dois processos: abdicar e inovar.

Os idosos e aqueles que não tinham muita habilidade com as ferramentas digitais treinaram e fizeram dos recursos da internet as “estratégias de sobrevivência” (Telles, 2014) para sobreviver à pandemia do Covid-19. Os bom-dias e os boa-noites transformaram-se em valiosas “estratégias de sobrevivência” para os diversos idosos que estavam em casa e queriam falar com alguém. Ao isolamento social dos idosos, houve o incremento do desamparo, do abandono e da solidão que muitos já possuíam antes da pandemia e que se intensificaram com a impossibilidade sanitária de saírem de casa e o medo de ficarem doentes e até perderem as suas vidas, o que causou inúmeras neuroses, que podemos afirmar que chegaram a se tornar “neuroses coletivas”, neuroses que atingiram a sociedade como um todo, coletivamente, e abateram os mais fracos e mais desamparados em matéria de “laços sociais”, elos e vínculos emotivos, relacionais e familiares. (Silva, 2012).

Os idosos mostraram que utilizam quase todas as práticas de leitura coletivas e compartilhadas na contemporaneidade. Eles vêm chegando mais devagar, mas, com certeza, as utilizam e nivelam suas habilidades a fim de fazerem as tecnologias estarem à serviço deles, ao invés de dependerem, como reféns, delas.

O *Slam* digital foi criado para preencher o vazio dos *Slams* que aconteciam nas ruas e que agora perdiam os seus espaços para o vírus. Os *Slams* deixaram de ser presenciais para passarem a ser exclusivamente virtuais.

Além disso, um outro obstáculo foi o fato de que os indivíduos entrevistados não conheciam nem o *BookTube*, nem o *BookTok*, o que me levou a ter que

reorientar os caminhos da pesquisa, em que utilizei uma estratégia que envolveu entrevistar os produtores do *BookTube* e do *BookTok*, ao invés de seus usuários. A escassa bibliografia também dificultou a pesquisa sobre o *BookTube* e *BookTok*, contando com poucos acadêmicos analistas desses assuntos, devido aos seus ineditismos no que diz respeito também à pesquisa acadêmica.

As três práticas de leitura escolhidas para a pesquisa – as Redes Sociais, o *BookTube* e *BookTok* e os *Slams* – são híbridas, e, portanto, atuam hibridamente, alternando com leituras realizadas *online* e *offline*. As Redes Sociais são práticas de leitura escritas, mas também contam com imagens e audiovisuais em profusão, demonstrando a força da imagética.

Nas entrevistas da pesquisa com jovens e idosos, foi percebido que os jovens e idosos compreendiam a leitura de um livro físico e impresso como uma leitura mais linear, cronológica, para ser lida do início ao fim, em ordem, da primeira até a última página; e os textos eletrônicos, ao contrário, seriam textos para serem captados ou acessados, não seguindo uma ordem ou cronologia, mas estavam sendo marcados pela deslinearidade, soltos no espaço da rede. Entretanto, verifiquei que se pode ler de forma não linear nos livros e artigos impressos e pode-se ler de forma linear na internet. Isso mostra que o linear não está preso ao livro físico e o não linear, à leitura na internet, corroborando com a referência bibliográfica importante de Gonçalves e Barbosa (2015, p. 710), além de depoimentos oriundos do campo que confirmaram a mesma linha de raciocínio.

Capítulos de um mesmo livro podem ser lidos fora de ordem, atendendo aos gostos, interesses ou à ansiedade do leitor. O livro impresso, cunhado como sendo uma leitura linear, pode ser lido de uma forma não linear e na internet também pode-se ler linearmente, lendo-se páginas da internet do começo ao fim de modo organizado e cronológico.

“Não haveria nada em si mesmo linear ou não linear. Manuscrito, impresso, eletrônico, hipertextual, imagético, etc. poderiam dar ensejo a modos diferentes de linearização ou deslinearização” (Gonçalves e Barbosa, 2015, p. 710).

Apesar de Santaella (2019) afirmar que ler nos formatos digitais não é a mesma coisa que ler em formatos físicos, que ler nas telas é completamente diferente do que ler no papel, onde a mudança do suporte mudaria, supostamente, o modo de ler, verifica-se que o suporte para o jovem muda menos a maneira de ler do que para o idoso. Contrariamente, para os idosos, mudar o suporte muda mais a

maneira de ler, como se eles estivessem lendo de forma diferente. O suporte para os idosos influenciaria mais no conteúdo. Apesar disso, observa-se que tanto jovens quanto idosos leem em todos ou em quase todos os formatos.

A leitura compartilhada e coletivizada é um veículo para a “mídia de afetos” (Chul-Han, 2018, p. 15), onde curtidas, comentários e compartilhamentos feitos pelos leitores são expressões de opiniões, sentimentos, descargas de emoções (catarses)<sup>119</sup>, sendo uma eminente “leitura de retorno”.

A leitura pré-contemporânea e sem o auxílio das redes era marcada por um dualismo, em que o escritor escrevia e o leitor lia. O máximo que o leitor fazia era mandar uma carta para o escritor, fazer uma análise do texto nas escolas ou universidades, ou até mesmo abandonar o texto, se não gostasse dele. A possibilidade de o leitor entrar em contato com o autor era muito pequena, sendo o leitor muito mais passivo. Com o advento das redes sociais, na contemporaneidade, a possibilidade de relação entre o escritor e o leitor ficou muito mais esgarçada, havendo a chance de uma “leitura de retorno”, onde o autor, por sua vez, já escreve esperando o retorno do seu leitor. Seria uma espécie de réplica do leitor, seguida, ainda, de uma espécie de tréplica do escritor. O autor escreve; o leitor lê e pergunta/comenta; e o autor responde a ele. Nas redes sociais, busca-se a curtida, o comentário e o compartilhamento, como formas de retorno, mostrando que a ênfase se encontra assentada muito mais no retorno do que na oferta de um escrito, nas redes sociais.

Da mesma forma que a sociedade se transforma, mudando seus hábitos, seus gostos, que compõem a sua cultura – a qual sofre diversas mutações e modulações – a sociedade digital também se transforma, havendo inovações das redes sociais em relação aos gostos, hábitos e usos, que, obviamente, se diferenciam entre jovens e idosos, que possuem gostos e preferências diferentes em relação às redes sociais usadas, o que tem relação com as suas diferenças de idade, com o período da vida em que se encontram e com o que já viveram. Os idosos, que já carregam uma

---

<sup>119</sup> Esses aspectos foram observados no capítulo 2.11, “A leitura coletivizada sobre a morte de Paulo Gustavo”. Com o episódio da morte do ator Paulo Gustavo de Covid-19, verificou-se que ondas de indignação surgiram nas mídias digitais como um “furacão avassalador”, um verdadeiro “enxame digital” (Chul-Han, 2018, p. 27) ou um vírus que a todos na internet e demais mídias contaminou. “Nenhuma outra mídia [como as redes sociais] é capaz desse contágio viral” (Chul-Han, 2018, p. 99). Apesar disso, essas indignações que assumem forma nas redes sociais possuem vida curta e no caso da morte do ator Paulo Gustavo também não foi diferente, sendo efêmera e murchando depois de alguns dias, “inflam e se desfazem de maneira igualmente rápida” (Chul-Han, 2018, p. 21).

quantidade maior de experiências, dividem o mesmo espaço com os jovens que cresceram em um mundo digital. O *Facebook* “envelheceu”, passando a agradar mais a geração de idosos, enquanto o Instagram surgiu como uma rede inovadora para atender aos novos gostos dos jovens, “nativos digitais”, que cresceram em um mundo digital.

Quanto às consequências das redes sociais enquanto práticas de leitura coletivas da contemporaneidade, pude observar a mudança no significado de amizade, a ficcionalização das relações interpessoais e as diferentes noções de privacidade para jovens e idosos.

Conforme Gracián e Morales (2009) “a perfeição não consiste na quantidade, mas na qualidade”, o que deveria ser aplicado com relação à amizade real e virtual, entretanto, nas redes sociais contemporâneas, o “quanto mais amigos, melhor” parece falar mais alto do que a qualidade de cada amigo. A lógica da proliferação rizomática do “e-e-e...”, em contraposição à lógica da árvore do “ou-ou”, conforme analisam Berardi (2019), Deleuze e Guattari (1995, p. 37), tem tido mais força para os jovens, que saem adicionando em suas listas de amigos nas redes sociais vários amigos sem fazer distinção qualitativa entre eles. O que importa é a quantidade. No entanto, os idosos ainda prezam mais pela seleção, pela escolha, pela qualidade do amigo na frente da quantidade deles. Os idosos se habituaram a selecionar e escolher, enquanto os jovens se habituaram a não escolher, a somar, a conectar tudo, a adicionar.

Esse traço rizomático apresenta-se com força na amizade virtual, em que os amigos virtuais, presentes nas redes sociais, são diferentes entre os jovens e os idosos, sendo essa uma das principais diferenças existentes entre os dois públicos etários. Na escolha dos amigos internautas, as escolhas e os sentimentos “falam mais alto” e falam línguas diferentes para os idosos e para os jovens, compondo duas gramáticas com regras idiomáticas distintas. Quando o assunto envolve sentimentos, como a escolha dos amigos, há diferenças marcantes entre os jovens e os idosos.

Os idosos ainda se guiam pela “Canção da América” de Milton Nascimento, para quem “amigo é coisa para se guardar/do lado esquerdo do peito/debaixo de sete chaves/dentro do coração...” e as redes sociais são usadas para manter os amigos reais, mais do que para fazer amigos originariamente virtuais, como praticado por muitos jovens da contemporaneidade pesquisados. O coração e a

cordialidade inerente a essa relação nada tem a ver com o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda (2013), em que se agiria movido pelas paixões, pela pessoalidade e não pela imparcialidade ou pelas leis formais de construção e ordenação social no Brasil. Pelo contrário, o que está em jogo é mais a bondade ou o sentimentalismo, aproximando-se mais da concepção cardinal de Cassiano Ricardo (1959), com uma visão otimista e idílica de “homem bom”, em que amigo bom e bom amigo se misturam, na concepção mais sentimental dos idosos.

Os jovens não possuem esse sentimento tão forte, pois assumir essa carga de sentimento envolve a imperatividade de fazer escolhas, de classificar, de hierarquizar, de selecionar e ordenar, adjetivos contrários a uma liberdade perseguida pelos jovens na sociedade, que advoga contra a suposta fluidez que defendem para não escolher, não selecionar, serem livres e estarem sempre livres, a qualquer momento, para o novo, como na concepção de sabedoria de Jullien (2000), para quem um sábio não tem ideia fixa e, por isso mesmo, mantém-se continuamente aberto a todas as ideias e possibilidades.

Observei que o sentido de amizade tem se modificado a partir da existência das redes sociais. Amizade, conforme Farré (2009), Araújo e Melo (2011), parecia lembrar confiança, parceria, poder contar com o outro, fidelidade e lealdade. A relação de amizade possuiria funções afetivas. Os idosos que entrevistei parecem corroborar com esses pensamentos. Para eles, ser amigo é uma pessoa que satisfaz essas expectativas. Destruir uma amizade seria algo muito doloroso para os idosos, devido à extensão do investimento afetivo que os idosos depositaram nela. Ser um amigo virtual para os idosos seria uma pessoa que ele já conhece e convive no mundo real e que foi trazida para o mundo virtual. Mundo virtual, esse, que ganha estrutura real, fazendo parte da composição das relações sociais reais. Ter um amigo apenas virtual seria chamar um estranho de amigo, para os idosos entrevistados.

No entanto, a amizade para os jovens parece ser a amizade por prazer ou por interesse, buscar um amigo para se divertir, para levantar o seu humor, para dividir os mesmos interesses, não deixando de ser uma amizade por utilidade. Conforme Bauman (2001), para os jovens, os relacionamentos atuais são como um “relacionamento de bolso”: aquele que está à mão para quando for preciso e que pode ser guardado nos momentos em que não se faz necessário. A pessoa é descartada na hora que se quer, sem haver consideração com o retorno que vem do outro. Os jovens possuem amigos virtuais que nunca viram no mundo real, mas que

adicionaram na rede social, podendo esses amigos virem a se tornar amigos no mundo real ou não.

Verifiquei que a grande diferença entre os jovens e idosos do meu campo de pesquisa quanto aos amigos era a forma como os jovens e os idosos encaravam essa relação de amizade. Para os idosos do campo, os sentimentos estão presentes também nessas relações amicais virtuais; já para os jovens do campo, a emoção de divertimento e distração parece chamar mais atenção, apesar de idosos também valorizarem o divertimento e a distração para e distraírem. Então, no campo, para os idosos, o laço amical deve ser forte; já para os jovens, o laço amical pode ser fraco, acompanhando a descartabilidade das relações na contemporaneidade. O cerne não está completamente em uma diferença ligada ao conceito de amigo para os jovens ou idosos, mas tal diferença está embasada na forma de lidar com a relação de amizade.

A identidade, segundo Mannheim (1972), é a maneira segundo a qual um indivíduo forma a sua personalidade, que é construída em um diálogo com o meio social no qual ele está inserido e onde realiza diversas interações. Verifica-se que a identidade dos jovens nas redes sociais também é fictícia, cumprindo uma função de aparentar, diferentemente dos idosos que não almejam tanto maquiagem ou falsificar as suas vidas no sentido de viver um sonho virtual. Apesar disso, tanto os jovens quanto os idosos observam a importância de mostrar nas telas digitais apenas o que é belo e bom, mas existe uma diferença relevante entre eles: enquanto os jovens fazem o embelezamento de suas imagens no *Photoshop*, editando as fotos, os idosos se embelezam para em seguida tirarem boas fotos.

Verifica-se que os idosos preferem ver e os jovens preferem ser vistos, já que os idosos, ao verem, parecem se sentir como parte de um círculo que os acolhe e os permite acompanhar publicações de outras pessoas, principalmente dos mais jovens, nas redes sociais; enquanto os jovens preferem ser vistos para se sentirem famosos. Há uma posição mais passiva dos idosos, contrapondo-se a uma posição mais ativa dos jovens, em que se os primeiros tendem a ocupar uma posição de espectador, enquanto os segundos tendem a ocupar uma posição de protagonista.

Se o panóptico de Bentham visava estabelecer uma vigilância física, em que os vigiados eram isolados em compartimentos separados em uma posição indefesa e suscetível à vigilância dos seus algozes, onde visava-se uma eficiência social e uma ortopedia moral através da solidão e da individualização, o “panóptico digital”

(Chul-Han, 2018, p. 123) da contemporaneidade estabelece uma conexão entre indivíduos, que se comunicam intensamente uns com os outros, não havendo um isolamento social-comunicativo, que, por isso mesmo, importa um controle vigilante total. Trata-se do controle total da hipercomunicação que expõe todos os indivíduos a todos os indivíduos, garantindo que todos controlem todos e todos sejam controlados por todos, em uma lógica onde o algoz é também o prisioneiro. Há, porém, uma ilusão de liberdade na hipercomunicação contemporânea, porque as informações são fornecidas nas redes sociais voluntariamente. Os indivíduos expõem-se sem serem coagidos, diferente do panóptico de Bentham. Na contemporaneidade, então, a exposição é uma auto exposição.

Ter privacidade é estar imune aos olhares de vigilância dos outros, é não mostrar certas imagens que diriam respeito apenas à intimidade do indivíduo, é aquilo que não se quer mostrar. Nem tudo se quer mostrar nas redes sociais e as suas modulações são diferentes para os jovens e para os idosos, pois enquanto os jovens, várias vezes, visam mostrar o que não são, isto é, que são ricos quando não são; os idosos querem esconder sua verdadeira situação financeira, mais uma vez demonstrando uma postura mais ativa e protagonista por parte dos jovens, em contraposição a uma postura mais passiva e espectadora dos idosos. Os idosos mostram valorizar mais a privacidade de suas vidas do que os jovens, apesar dos jovens também valorizarem aspectos da privacidade, não tanto ligados ao medo ou à discrição, mas ligados à vergonha, aos seus insucessos e deméritos.

A falta de tempo na contemporaneidade foi analisada por Crary (2016), Deleuze (1992) e Colville (2016). Essa falta de tempo, somada ao imperativo de se acelerar o tempo e de não poder descansar levam ao estresse e à “preguiça” ou indisposição de ler textos sem imagens e sem estímulos visuais, que os jovens chamam de “textões”. O “textão” é o texto longo, sem figuras, desenhos, imagens, gráficos ou tabelas, mal diagramado ou em telas esmirradas de *smartphones*, o que o torna cansativo e enfadonho, fazendo com que tanto jovens, quanto idosos, muitas vezes, os ignorem. As imagens precisam estar presentes para que os leitores se sintam atraídos pela leitura dos textos, comprovando mais uma vez que textos não são só escritos, mas são um conjunto de diagramação, capa, ilustração, etc., conforme Mackenzie (2002). Imagética envolve imaginação (Flusser, 2002), sendo a imaginação própria e específica de cada indivíduo, e quando se faz uso da imaginação, a motivação pela leitura aumenta. A imaginação é provocada e

despertada também com a imagem e a motivação de ler está ligada a elas e às capacidades imaginativas do leitor.

Vive-se a mudança do modelo de textos monomodais para o modelo aberto de textos multimodais. Quando imagens e palavras são combinadas, elas complementam-se e o potencial funcional dos textos passa a ser muito mais amplo, tornando-se um texto multissemiótico que atende à cognição humana, que se encontra amparada no olhar multiperceptivo e na multiperceptualidade. (Vieira, 2012, p. 2).

O Instagram é um exemplo de texto onde a imagética é fundamental, onde a força das imagens, estáticas ou audiovisuais, é a sua maior pedra de toque. Essa preponderância imagética é tão forte que muitos idosos reclamam da sua linguagem, apresentando-se até mesmo como um obstáculo à leitura para os mais velhos. Já para os jovens, as fotos, vídeos e conteúdos imagéticos rápidos e instantâneos causam prazer, quebra da monotonia, dinamicidade, divertimento e novidade no cotidiano.

O *WhatsApp* é uma inovação contemporânea da comunicação à distância entre indivíduos, o que já existe há muito tempo. A carta, o telegrama, o telefone estiveram e estão presentes entre os indivíduos, mas o *WhatsApp* veio para inovar essa comunicação no presente, através de mensagens instantâneas, e superou tais comunicações anteriores. O problema na comunicação contemporânea é a velocidade na troca de informações, o que leva à necessidade de respostas instantâneas no *WhatsApp* pelos seus usuários, tanto para jovens, quanto para idosos, e onde não ser logo respondido é muito malvisto, sinal de falta de educação ou descortesia, pelos dois grupos pesquisados.

Os livros, na modernidade do século XIX, podiam ser colecionados, possuídos, expostos em estantes como adornos decorativos ou com sinal de prestígio, poder e *status* social (Benjamin, 2006). Contemporaneamente, não que colecionar, possuir ou expor livros como objetos decorativos e de estética e adorno de interiores, em bibliotecas ou em ambientes intimistas, tenha deixado de existir, porém, os livros enquanto materialidades também passaram a possuir uma relação com os seus usuários. Mais do que possuidores, os seus donos apreciam a relação que estabelecem com seus livros, valorizando muito a troca de sentimentos, aprendizados e experiências que possam existir com eles. Os donos dos livros não só os possuem, mas são possuídos, captados pelos livros. Pode-se dizer que os

livros, na contemporaneidade, podem assumir também o papel de professores, amigos ou namorados. O que se possui é mais do que o objeto físico e material do livro, o que se possui é a relação que se estabelece com o livro; enquanto se está lendo determinado livro, se está, principalmente, usufruindo de uma relação com ele, chegando ao ponto de muitos entrevistados dizerem que “estavam se relacionando com os livros”, “estavam namorando os livros que estavam lendo”. Essa relação é representada nas telas digitais pelos *booktubers* e *booktokers*, que incentivam, através de seus vídeos nesses aplicativos digitais, a leitura de obras literárias físicas na íntegra, e que depois de serem lidas também são comentadas nas telas a fim de haver trocas, debates e compartilhamentos dessas obras, à *posteriori*.

O público etário de jovens e de idosos da minha pesquisa me surpreendeu por não conhecer e não ter contato com tais práticas de leitura digitais do *BookTube* e do *BookTok*. O campo se confirmou pela negação, frustrando as expectativas de que jovens maiores de idade e alguns idosos usariam ou ao menos conheceriam essas práticas, as quais estão presentes entre adolescentes menores de idade.

A teatralização, a performance, os gestos, a voz, as atuações e a visualidade encarnam a leitura, que se expressa através do corpo e, não somente, através do olho (Manguel, 1997). “A leitura é [também] uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (Chartier, 1998, p. 13). O olho que lê palavras escritas passa a ser também o olho que assiste performances expressivas que dão entonação à conteúdos lidos, tanto nos *BookTubes* e *BookToks*, quanto nos *Slams*.

Hoje, na contemporaneidade, ainda existem as leituras orais que lembram as práticas antigas e medievais dos bardos e dos menestrelis. Elas são os *Slams*.

O *slammer* é um artista como o escritor. Sua arte é engajada e encenada e ele se faz presente também de corpo, não só de alma. Entender o *Slam* é entender a leitura coletiva, social e relacional na contemporaneidade. Os *Slams* nasceram como competições e são celebrações coletivas, portanto, dependem do coletivo para a sua existência, pois sem a plateia a sua performance poética se esvazia.

O público que assiste os *Slams* é, em sua maioria, composto de jovens de renda média, e os juizes e apresentadores dos campeonatos, em sua maioria, são mais velhos e, muitas vezes, professores de escolas públicas.

Ao frequentar e participar de grupos de *Slams* como plateia, verifica-se que a condição social da maioria dos jovens e dos idosos participantes das batalhas são de pele escura ou parda e de baixa renda ocupacional e da zona norte ou oeste. Essa

desigualdade socioeconômica expressa-se nos *Slams*, como forma de protesto e movimento social (Sennett, 2012), protestando contra suas condições sociais injustiçadas e minorias desimpoderadas. Através dos *Slams*, tais minorias se “empoderam”, ganham força e voz nas ruas, na coletividade social e em suas vidas.

Dessa forma, a difusão da prática de leitura dos *Slams* pode contribuir para a democratização de condições socioeconômicas e políticas, onde a democratização é “um processo em que cada homem e mulher pode ser mais sujeito do seu destino singular” (Petit, 2013, pp. 102-103).

O *Slam* da Terceira Idade do Rio de Janeiro é uma exceção importante quanto à idade, pois os seus *slammers* precisam possuir mais de sessenta anos para participarem.

Verifica-se que os *slammers*, tanto os idosos, quanto os jovens possuem uma forma de pensar bastante tolerante, com “mente aberta”, valorizando a liberdade, seja no amor, seja nas decisões da vida.

Ler é conhecer, é se comunicar, é dialogar, é trocar, é compartilhar, daí a tamanha importância do estudo e da pesquisa da leitura para a sociedade. Juventude e velhice são dois parâmetros utilizados como balizas para iluminar nossas análises e produção de conhecimento intergeracionais sobre a sociedade no tempo contemporâneo. Por isso, ler vai muito além do que apenas o ato de ler, pois ler também é se relacionar, tratando-se de uma relação importantíssima, sendo, em última análise, ler, viver, conviver e refletir em torno do que se vive em conjunto com os outros no âmago da sociedade.

*Linkados* – o virtual e o presencial – as práticas de leitura na contemporaneidade apresentam-se como mais integradas, acumuladas, “linkadas” e, por isso, também, emaranhadas umas nas outras. Os conteúdos que são lidos continuam sendo diversos, lê-se sobre todos os assuntos, mas o modo de ler da contemporaneidade recebe novas formas, novas práticas de leitura se conjugam e aglutinam na contemporaneidade como variadas formas de ler que coexistem.

As três práticas de leituras pesquisadas estão voltadas para comunicação, para a troca, fazendo da leitura uma difusão de conteúdos coletivos. As três são uma leitura coletiva, social, compartilhada, híbrida e que podem ser reagidas.

Leituras eram e continuam a ser objetos de sociabilidade. Desconstruir que o uso de aplicativos tecnológicos derruba tipos de leituras modernas é mais do que uma responsabilidade social e histórica, é um dever enquanto pesquisador e

cientista social debruçado sobre as práticas de leitura. Os livros também foram objetos de sociabilidade e as TICs continuam possuindo também esse papel, agregadas e aglutinadas às outras práticas de leitura que já existiam e que continuam a existir.

No que tange às generalizações a partir de uma pesquisa qualitativa, apesar da mesma ser possível, quiçá essa tese possa chamar atenção para a importância dos estudos em torno das práticas de leitura contemporâneas para os jovens e os idosos no Brasil.

Expostas as várias faces que compõem este objeto poliédrico – as práticas de leitura contemporâneas aplicadas às redes sociais, aos *Slams* e aos *BookTubes* e *BookToks* – fica o convite para girar novamente o “artefato”, captando-lhe uma outra face, síntese das discussões aqui propostas, ou produto de novas angulações, compostas pelo jogo de luz e sombra da experiência individual ou coletiva de cada um, consciente que o bom trabalho é aquele que recebe críticas e acrescentem novas reflexões a essa análise em constante diálogo por quatro anos com o campo. Beijar o futuro não é dizer adeus ao passado, mas é integrá-lo no presente para projetar o amanhã. Pensar a mudança envolve mudar o pensamento, e se debruçar sobre o idoso de hoje envolve pensar o jovem que ele foi. O salto na direção do idoso de amanhã faz assentar-se sobre o presente que o jovem está vivendo hoje e deve-se compreender que a sociedade passa por várias transformações, processadas também no âmago das gerações; diversas espirais que se presenciam como a “alma” de um tempo e de um espaço, de uma leitura, qualquer que ela seja, da sociedade do século XXI, tornando todo nós sujeitos sociais, no presente que se tem, para o futuro que se terá.

## 7. Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, 92 p.

AITA, Elis Bertozzi e FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Psicologia em Revista**, vol. 17, nº 1, Belo Horizonte, abr. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000100005#:~:text=Segundo%20Bock%20\(2001%2C%20p.,%C3%A0%20outra%20sem%20se%20confundir%22](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005#:~:text=Segundo%20Bock%20(2001%2C%20p.,%C3%A0%20outra%20sem%20se%20confundir%22). Acesso em: 22/04/2021.

ALMEIDA, Maria Isabel de. O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade. **Cadernos IHUideias**. ISSN 1679-0316 (impresso). ISSN 2448-0304 (online). Ano 18 . n. 296. Vol. 18. 2020.

ALMEIDA, Maria Isabel de; GOMES, Liliam Alves; SILVA, Thaís Costa da. Booktubers: elogio da materialidade e do compartilhamento. **Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação**. ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 3, 2020. DOI:10.29146/eco-pos.v23i3.27580.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ANTOUN, Henrique (org.). **Web 2.0**: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ARAÚJO Mídia, Daniel Costa de; PAULA, Diego Alves de; e SOUZA, Juliana Lopes de Almeida. Mídia social whatsapp: uma análise sobre as interações sociais In: **Revista ALTERJOR** Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 06– Volume 01 Edição 11 – Janeiro-Junho de 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Philippe/Downloads/97747-Texto%20do%20artigo-169648-2-10-20150507.pdf> Acesso em: 04/05/2021.

ARAUJO, L., & MELO, S. Relacione-se com os outros. In O. Ribeiro, & C. Paúl, **Manual de Envelhecimento Activo** (pp. 141–170). Lisboa: Lide, 2011.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. Livros oito e nove. Traduzido por Luciano Ferreira de Souza, São Paulo: Martin Claret, 2015.

AUGÉ, Marc. **Non-lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité**. Seuil: La Librairie du XX e siècle, 1992.

BABO, Isabel. Mídia, tempo e memória. Memória cultural, imagem e arquivo In: **Vista: Revista de Cultura Visual**, nº 2, 2017, pp. 77-95.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introd. e trad. do russo: Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, Paulo Jefferson Pereira. Vigar e punir: a internet e as redes de poder participativo na era da globalização. RIOS Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Fortaleza-CE – 03 a 07/09/2012.

BARTHES, Roland. Die Helle kammer. [A **câmara clara**] Frankfurt a. M., 1985.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Trad. de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Liquid Love**. Cambridge: Polity, 2003.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: Um discurso sobre o colecionador. In: **Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense: 1987, p. 227-235.

\_\_\_\_\_. “Desempacotando minha biblioteca”. In: **Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial/Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter *apud* MATOS, Olgária Chain Féres. **Benjaminianas. Cultura Capitalista e Fetichismo Contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2010.

BENTES, Ivana. In: MALINI, Fábio & ANTOUN, Henrique. **@Internet e #rua**. Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**, São Paulo: Ubu. 2019.

BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. (pp. 15-35). São Paulo: Cortez, 2001.

BORGES, Jorge Luis. El Libro. In: **Miscelâneas**. Barcelona: Randon House Mandadori, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. **Choses dites**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Quanto ou Como se Lê?** Refazer as Perguntas. *Observatório Itaú Cultural*. Das políticas ao mercado editorial, 2015.

CARPINTÉRO, Ana Carolina Barbosa (PUC-Rio). **Nós booktubers- o que, como e por que criamos vídeos sobre livros e literatura na internet**. 2018. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547475161.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547475161.pdf) Acesso em: 01/05/2021.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

\_\_\_\_\_. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: **Sociedade em rede**, São Paulo: Paz e Terra, 2000, pp. 413-466.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CEBRIÁN, J. L. **A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação**. Tradução de Lauro Machado Coelho. São Paulo: Summus editorial, 1999. (Coleção Novas buscas de comunicação, v. 59).

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido** – Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 2003, 168 págs.

\_\_\_\_\_. Os livros resistirão às tecnologias digitais (Entrevista concedida a Cristina Zahar). **Nova Escola**. Recuperado de <http://www.bit.ly/2BHiSNM>, 2007.

CHENG, H., & FURNHAM, A. Personality, peer relations, and self-confidence as predictors of happiness and loneliness. **Journal of Adolescence**, 25(3),327-339, 2002.

CHUL-HAN, Byung. **No Enxame**. Perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

COLVILLE, Robert. “The art of acceleration”, “Conclusion – Fast Forward”, In: **The Great Aceleration**. London: Bloomsbury, 2016.

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono 24/7**. São Paulo: Ubu editora, 2016.

CREEBER, Martin, 2009, *apud* FUEL, LIBARDI E CAROLINE, Usos do Whatsapp por Jovens Interioranos do RS: Práticas de Socialização e de Trabalho. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da**

**Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019.**

CUNHA, Juliana Caetano da. A narrativa moderna e a não linearidade: a literatura na perspectiva das teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin. **Abralic XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Anais eletrônicos** ISSN 2317-157X 29 de junho a 3 de julho de 2015. Disponível em [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456149367.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456149367.pdf) Acesso em: 21/04/2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1997, 178 p.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: Passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE CERTEAU, Michel. “Introdução geral”, “Fazer com: usos e táticas”, “Relatos de espaço”, “Ler: uma operação de caça”. In: **A invenção do cotidiano**. 1-Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. “Introdução geral”, “Fazer com: usos e táticas”, “Relatos de espaço”, “Ler: uma operação de caça”. In: **A invenção do cotidiano**. 1-Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DESCARTES, René. Tradução: D. Weissman e W. T. Bluhm. **Discourse on method and Meditations on first philosophy**. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1996.

DIDEROT, Denis *apud* BABO, Isabel. Mídia, tempo e memória. Memória cultural, imagem e arquivo In: **Vista: Revista de Cultura Visual**, nº 2, 2017, pp. 77-95.

DIEB-SOUZA, Eryck e SOARES, Raianny Lima. **Curtir, comentar e compartilhar: o uso dos três C's na produção de textos, nas turmas de ensino médio**. Disponível em: [https://ucpel.edu.br/senale/cd\\_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf](https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf) Acesso em: 08/05/2021.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev. [online]**. 2004, n.24, pp.213-225. ISSN 0104-4060. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602004000200011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602004000200011&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 25/04/2021.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. ISBN 978-85-336-2364-4

ECO, Umberto & CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record. Tradução de André Telles. 2010.

FARRÉ, A. F. VEJEZ Y GÉNERO. In P. J. Gacía, Vejez, dependência y salud. **Guia prática de gerontología** (pp. 139-146). Madrid: Pirámide, 2009.

FERRARI, Philippe Cunha. **A Instituição Romão de Mattos Duarte: Transformações, Reorganizações, Adequações e Desafios Após 1990**. Dissertação de Mestrado. Puc-Rio, 2018.

FERREIRA, Michelle Cristina e TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. In: **Rev. Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 153-167, 2017.

FLUSSER, Vilém. The Future of Writing. In: FLUSSER, Vilém. **Writings**. Editor Andreas Stroh. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. *Electronic Mediations*; v. 6.

FORMENTI, C. **Incantati dalla rete**. Milão: Raffaello Cortina, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo, Martins Fontes. 2008.

GOMES, Lilian Alves. A cidade como biblioteca: percursos de costura do livro e da leitura no tecido urbano. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. 28/2021, p. 1-13.

GONÇALVES, Márcio Souza & BARBOSA, Rafael de Oliveira. **Comunicação, Linearidade e Não Linearidade: Costurando Conceitos e Práticas**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 694-712, set./dez. 2015.

GRACIÁN Y MORALES, Baltasar. **A Arte da prudência**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

**Hai Cai Combat na Flip, 10/07/2018**. Disponível em: [www.publishnews.com.br](http://www.publishnews.com.br)  
Acesso em: 16/05/2021.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Multidão**. Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HENAFF, M. **Laville qui vient**. Paris: L'Herne, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HORTA, Deisilene Silva; MASCARENHAS, Mariana Pessoa. Aplicativo WhatsApp como Ferramenta de Trabalho. In: **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia** – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo Número XV Jan-jun 2017 Trabalho 01 Páginas 01-15 Disponível em: <http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia>. Acesso em: 04/05/2021.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade *booktube*. In: **Tese de Doutorado**, São Leopoldo (RS): 2017, UNISINOS.

JORNAL EL PAÍS. **Não me ligue, mande mensagem**. Jaime Rubio Hancock. 19 de janeiro de 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920\\_965932.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920_965932.html) Acesso em: 08/05/2021.

JORNAL O DIA. Disponível em: [odia.ig.com.br](http://odia.ig.com.br) – **Slam Tagarelas realizam duelo de poesias pelo Rio de Janeiro**. Acesso em: 16/05/2021.

JORNAL O GLOBO. **“O Segundo em Quarentena”**, Ruan de Sousa Gabriel, 03-08-2020, Segundo Caderno, p. 1, Disponível em: [segundocaderno@oglobo.com.br](mailto:segundocaderno@oglobo.com.br). Acesso em: 28/04/2021.

JORNAL O GLOBO. **Somos todos órfãos de Dona Hermínia**. Daniel Kupermann, 06/05/2021, Segundo Caderno, p. 1.

JULLIEN, François. **Um Sábio Não Tem Ideia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOURY, Mauro. **Estudos confirmam: amizades virtuais não substituem as da vida real**. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/07/15/noticias-saude,192050/estudos-confirmam-amizades-virtuais-nao-substituem-as-da-vida-real.shtml> Acesso em: 03/05/2021.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**: Ensaio de Antropologia Simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Coleção Trans, ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. Il n’y a pas de monde commun: il faut le composer. In.: **Multitudes**. N. 45. Special, été 2011. Disponível em: <http://www.multitudes.net/il-n-y-a-pas-de-monde-commun-il/>

\_\_\_\_\_. “Da dificuldade de ser um ANT: interlúdio na forma de diálogo” In: **Reagregando o social - uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LE BON, G. **Psychologie der Massen**. Stuttgart, 1982.

LEITE, E. **A mensagem e fotografia, segundo Roland Barthes**, 2004. Disponível: <http://focusfoto.com.br/a-mensagem-segundo-roland-barthes/> Acesso em: 08/05/2021.

LEMOS, Christiane. **Dicas de Netiqueta**. Instituto Federal do Maranhão. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/206361/2/Dicas%20de%20Netiqueta-Christiane.pdf> Acesso em: 08/05/2021.

LOPES, C. Cibercidade = Cidade? In: LEMOS, A. (Org.). **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004, p. 9-18.

LUZ, Andréa Francisca. **O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social Instagram**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da linguagem. Universidade Católica de Pernambuco, Recife: 2015. Disponível em: [http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/825/1/andrea\\_francisca\\_luz.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/825/1/andrea_francisca_luz.pdf) Acesso em: 08/05/2021.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. II, n. 1, 2005, p. 25.

MALINI, Fábio & ANTOUN, Henrique. **@Internet e #rua**. Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, São Paulo: Edipro, 2015.

McKENNA, Katelyn Y.A.; GREEN, Amie S. & GLEASON, Marci E.J. Relationship formation on the internet: what's the big attraction? **Journal of Social Issues**, Vol. 58, nº 1, 2002, p.9-31.

MCKENZIE, Donald F. Making Meaning: **"Printers of the Mind" and Other Essays**. Edited by Peter D. McDonald & Michael F. Suarez, S.J.. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

MCLUHAN, Marshal. **A Galáxia de Gutemberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MERCKLÉ, Pierre. **Sociologie des reseaux sociaux**. 9. ed. Paris: la Découverte, 2011.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologia audiovisuais telemáticas. In: MORAN, J. M. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus. 2000, p. 11-65. (Coleção Papirus Educação).

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Philippe/Downloads/134615-Texto%20do%20artigo-272912-1-10-20171027.pdf> Acesso em: 15/04/2021.

PAIVA, Sthéfani e SOUZA, Adriana Maria de. BookTube como instrumento de disseminação da informação para a geração digital. **XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da informação**. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação** – v. 13, n. esp. CBBD, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Philippe/Downloads/794-3392-1-PB.pdf> Acesso em: 08/05/2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A linguagem dos emojis**. Trab. linguist. apl. [online]. 2016, vol.55, n.2, pp.379-401. ISSN 2175-764X. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>. Acesso em : 03/05/2021.

PAZ, Eliane Hatherly. Um livro de cabeceira e uma câmera na mão: circulação e consumo literários na contemporaneidade. In: **COMPÓS**, 28, Porto Alegre: 2019, Anais Eletrônicos... Porto Alegre: PUCRS, 2019.

PERDIGÃO, Elaine Rodrigues e SINDER, Valter. Etnografia e ficção em perspectiva. In: **Interseções**. Rio de Janeiro, v. 19 n. 2, p. 411-425, dez. 2017.

PEREIRA, Marcia Menezes Thomaz e SANTOS, Alexandra. Antropologia, literatura e interdisciplinaridade nas ciências sociais: entrevista com o Professor Valter Sinder. In: **Intratextos**, Rio de Janeiro, 3(1): 183-191, 2011.

PERISSÉ, Gabriel. **Revista Educação**, 2 de agosto de 2013. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/08/02/curtir-comentar-e-compartilhar/> Acesso em 22/04/2021.

PETIT, Michèle. “Do espaço íntimo ao espaço público”. In: **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PINHEIRO, Wesley Moreira. **Emoticons do facebook**: analisando a demarcação de sentimento e engajamento do consumidor pela mídia social. Signos do Consumo, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 70-81, jan./jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Philippe/Downloads/138686-Texto%20do%20artigo-284337-1-10-20180220.pdf> Acesso em: 03/05/2021.

REALE, Miguel. **Lições Preliminares de Direito**. São Paulo: Saraiva, 2010.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais – uma abordagem teórica. V Seminário Internacional de Comunicação e Tecnologia de Mídias, 5, 2001, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul, PUC, 2001. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.htm>. Acesso em: 20 maio. 2021.

RELATÓRIO DE NOTÍCIAS DIGITAIS. Relatório de Notícias Digitais, do **Instituto Reuters**, 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna\\_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml). Acesso em 22/04/2021.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Livro digital, versão e-book.

RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs**. The next social revolution, 2002.

RICARDO, Cassiano. **O Homem Cordial e outros pequenos estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1959.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço, o perfil cognitivo do leitor imersivo**. Rio de Janeiro: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Leitura de imagens**. Coleção como eu ensino 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação / Lucia Santaella. – São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. O Livro como Prótese Reflexiva. In: **MATRIZES. Revista da USP**. V. 13- Nº 3, set./dez. 2019, São Paulo. Conferência CESAP da UCAM.

SANTANA, V.F. et. al. Redes sociais online: desafios e possibilidades para o contexto brasileiro. In: **Congresso da sociedade brasileira de computação**, 29., 2009, Bento Gonçalves. Anais... Bento Gonçalves: CSBC, 2009. p. 339-353. Disponível em: [http://metropoa.inf.ufrgs.br/anais/pdf/semish/st04\\_04.pdf](http://metropoa.inf.ufrgs.br/anais/pdf/semish/st04_04.pdf)>. Acesso em:

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SCHOPENHAUER *apud* SIMMEL, Georg. **Schopenhauer & Nietzsche**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Palavras e imagens sobre amizade jovem na contemporaneidade. In: **Educação e Realidade**, abril de 2012.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula *apud* ALMEIDA, Maria Isabel de. O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade. **Cadernos IHUideias**. ISSN 1679-0316 (impresso). ISSN 2448-0304 (online). Ano 18 . n. 296. Vol. 18. 2020.

SILVA, Fernanda Lacerda. **Como ocorre a reintegração familiar?** Investigando esse processo em uma amostra de crianças acolhidas. Ribeirão Preto, 2012. 191 p. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura:** do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOARES, Samara Sousa Diniz e STENGEL, Márcia. Entre as amigadas perfeitas e virtuais, o sujeito adolescente. **Tempo psicanal.** [online]. 2019, vol.51, n.2, pp. 195-223. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-48382019000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382019000200010) Acesso em: 03/10/2021.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A Batalha da Poesia...O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. In: **Revista Pontourbe**, Revista do Núcleo de Antropologia da USP, n. 17, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2836> Acesso em: 16/05/2021.

TELLES, Sarah Silva. Família e relações de parentesco no universo popular. Desigualdade & Diversidade, **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, n. 15, jul/dez, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Rev. Adm. Pública** vol.40 no.1 Rio de Janeiro Jan./Feb. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003> Acesso em: 16/04/2021.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

TONUS, M.; SILVEIRA, D.S.; GURÃO, B.F. Tecnofobia x tecnoutopia: o equívoco simétrico. Rio de Janeiro: **Revista Eco Pós**, 2017, v. 20, n.1.

TORRES, C. **A bíblia do marketing digital.** São Paulo: Novatec, 2009.

TURKLE, Sherry. **Alone Togheter: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other.** New York, US : Basic Books, 2011.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. A leitura de textos multissemióticos: novos desafios para velhos problemas. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

WISEU, A. Creating augmented technicians: the case of Bell Canada. Paper to be presented at Life By Design: **Everyday Digital Culture interdisciplinary graduate symposium to be held at the University of California**, Irvine, 2003. Disponível em: [http://www.fis.utoronto.ca/research/iprp/publications/viseu\\_iprp.pdf](http://www.fis.utoronto.ca/research/iprp/publications/viseu_iprp.pdf) Acesso em 27 maio 2004.

VON GENNEP, Arnold. **Ritos de Passagem.** Petrópolis: Vozes, 2013.

WEBER, Max. Studi Critici Intorno alla Logica delle Scienze della Cultura. In WEBER, Max. **Il Metodo delle Scienze Storico-Sociali**. Torino: Einaudi, 1981.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## 8. Sites Web apresentados

<http://cultura.gov.br/slam-ganha-forca-nas-periferias-do-brasil-e-cria-geracao-de-poetas-urbanos/> Acesso em 15/04/2021.

[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547475161.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547475161.pdf) Acesso em: 01/05/2021.

<https://bit.ly/2PKEW4y> Acesso em: 17/05/2021.

[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920\\_965932.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/15/tecnologia/1452852920_965932.html) Acesso em: 08/05/2021.

<https://bsp.org.br/2021/01/21/slams-se-adaptam-ao-ambiente-virtual/> Disponível em: 16/04/2021.

<https://bsp.org.br/2021/01/21/slams-se-adaptam-ao-ambiente-virtual/> Acesso em: 16/04/2021.

<https://burnbooks.com.br/lancamentos/booktokers-saiba-quem-sao-os-jovens-que-falam-de-literatura-na-rede-social-da-moda/> Acesso em: 01/05/2021.

<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/> Acesso em: 23/04/2021.

<https://canaltech.com.br/empresa/youtube/> Acesso em: 27/04/2021.

<https://cocatech.com.br/apps-para-fazer-stickerstelegramimessage> Acesso em: 05/10/2021.

[https://cultura.uol.com.br/noticias/12010\\_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/12010_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html) Acesso em: 26/04/2021.

[https://cultura.uol.com.br/noticias/12010\\_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/12010_booktokers-conheca-os-jovens-que-fazem-sucesso-no-tiktok-com-conteudo-sobre-livros.html) Acesso em: 26/04/2021.

<https://culturaleste.com/slam-br-2018/> Acesso em: 05/10/2021.

<https://doi.org/10.4000/pontourbe.2836> Acesso em 16/05/2021.

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/206361/2/Dicas%20de%20Netiquet-a-Christiane.pdf> Acesso em: 08/05/2021.

<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,saraus-e-slams-online-viram-alternativa-para-artistas-se-apresentarem-durante-a-quarentena,70003281922>. Acesso em: 16/04/2021.

<https://enotas.com.br/blog/tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

<https://gizmodo.uol.com.br/curtir-facebook/> Acesso em: 25/05/2021.

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/10-booktokers-que-voce-precisa-seguir-no-tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

<https://linktr.ee/Myliuario>. Acesso em: 17/05/2021.

<https://logosmarcas.net/tiktok-logo/> Acesso em: 25/05/2021.

[https://m.facebook.com/PraCegoVer/photos/a.940094876021023/3213381768692311/?type=3&source=57&\\_\\_tn\\_\\_=EH-R](https://m.facebook.com/PraCegoVer/photos/a.940094876021023/3213381768692311/?type=3&source=57&__tn__=EH-R) Acesso em: 11/05/2021.

<https://novaescola.org.br/conteudo/16264/lingua-portuguesa-como-trabalhar-textos-multissemioticos#:~:text=Pensando%20em%20como%20os%20professores,como%20imagens%2C%20%C3%ADcones%20e%20desenhos.> Acesso em: 24/04/2021.

<https://pensegrande.org.br/noticias/183/conheca-o-slam-movimento-protagonizado-pelos-jovens-da-periferia>. Acesso em 05/10/2021.

<https://practicalhealthpsychology.com/pt/2017/05/harnessing-your-imagination-using-the-power-of-mental-imagery-to-change-health-behaviour/> Acesso em: 24/04/2021.

<https://pt.piliapp.com/emoji/list/> Acesso em 05/10/2021.

<https://pt-br.facebook.com/> Acesso em: 23/04/2021.

<https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights> Acesso em 22/04/2021.

<https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights> Acesso em 22/04/2021.

<https://revistaeducacao.com.br/2013/08/02/curtir-comentar-e-compartilhar/> Acesso em 22/04/2021.

<https://rockcontent.com/br/blog/facebook/> Acesso em: 22/04/2021.

<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/19895/> Acesso em: 16/05/2021.

<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/31334/> Acesso em: 16/05/2021.

<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/evento/32497/> Acesso em: 16/05/2021.

<https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/1199/> Acesso em: 16/05/2021.

<https://tecnoblog.net/337651/o-que-e-tiktok/> Acesso em: 26/04/2021.

<https://tek.sapo.pt/mobile/apps/artigos/sabia-que-ja-existem-mais-de-3-000-emojis-oficiais> Acesso em: 05/10/2021.

[https://ucpel.edu.br/senale/cd\\_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf](https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/37.pdf) Acesso em: 08/05/2021.

<https://vimeo.com/78463567> Acesso em: 17/05/2021.

<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/avos-do-novo-normal-98-dos-idosos-estao-conectados-no-facebook-e-whatsapp> Acesso em: 24/04/2021.

<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/avos-do-novo-normal-98-dos-idosos-estao-conectados-no-facebook-e-whatsapp> Acesso em: 26/04/2021.

<https://www.facebook.com/slamdaterceiraidade/videos/828925277848542/> Acesso em: 17/05/2021.

[https://www.google.com.br/search?q=YouTube+imagens&sxsrf=ALeKk01p7CO1qqoqbHvexASBbfsNKRuYRg:1619557105800&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=GX2S\\_BfLqiU3bM%252CkESOCY\\_bVAHEIM%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kRKAcHJpbDOdPhLSZsjUR2b-5FGoA&sa=X&ved=2ahUKEwjE7O-vqJ\\_wAhXpFrkGHSjVDQsQ9QF6BAgPEAE&biw=639&bih=600&dpr=1.5#imgsrc=cfbk4H9viwdgfm](https://www.google.com.br/search?q=YouTube+imagens&sxsrf=ALeKk01p7CO1qqoqbHvexASBbfsNKRuYRg:1619557105800&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=GX2S_BfLqiU3bM%252CkESOCY_bVAHEIM%252C_&vet=1&usg=AI4_-kRKAcHJpbDOdPhLSZsjUR2b-5FGoA&sa=X&ved=2ahUKEwjE7O-vqJ_wAhXpFrkGHSjVDQsQ9QF6BAgPEAE&biw=639&bih=600&dpr=1.5#imgsrc=cfbk4H9viwdgfm) Acesso em: 27/04/2021.

<https://www.infoescola.com/internet/youtuber/> Acesso em: 27/04/2021.

<https://www.informasus.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/12/Inclusao-digital-para-idosos-durante-a-pandemia.pdf> Acesso em: 24/04/2021.

<https://www.i-tecnico.pt/whatsapp-o-que-e-e-para-que-serve/> Acesso em: 24/04/2021.

<https://www.mapaculturalbh.pbh.gov.br> Acesso em: 16/05/2021.

<https://www.mensagenscomamor.com/poesias-slam> Acesso em 25/05/2020.

<https://www.mensagenscomamor.com/poesias-slam> Acesso em 25/05/2020.

<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>. Acesso em: 14/04/2019.

<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Último acesso em 15/04/2021.

<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em 15/04/2021.

<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em 15/04/2021.

<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em: 17/04/2021.

<https://www.publishnews.com.br/materias/2021/04/08/depois-do-bookstagram-chegou-a-hora-do-booktok> Acesso em: 02/05/2021.

<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2018/03/slam-resistencia-a-poesia-e-a-voz-de-quem-sempre-sofreu-calado/> Acesso em: 16/05/2021.

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122006000100003D](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003D) Acesso em 16/04/2021.

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/08/android-9-pie-conheca-os-novos-emojis-do-sistema-operacional.ghml> Acesso em: 25/05/2021.

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/02/facebook-pode-remover-publicacoes-com-fake-news-sobre-vacinas.ghml>. Acesso em 22/04/2021.

<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/07/15/noticias-saude,192050/estudos-confirmam-amizades-virtuais-nao-substituem-as-da-vida-real.shtml> Acesso em: 03/05/2021.

<https://www.universidadefalada.com.br/o-que-e-um-audiolivro-audiobook> Acesso em: 18/04/2021.

<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2017/03/27/entenda-como-o-whatsapp-esta-afetando-nossa-etiqueta-e-como-cuidar-disso.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 08/05/2021.

<https://www.youtube.com/channel/UCJFMyGShAhvXEcNQC6vXirw> Acesso em: 11/05/2021.

<https://www.youtube.com/channel/UCJFMyGShAhvXEcNQC6vXirw> Acesso em: 11/05/2021.

<https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin> Acesso em: 17/05/2021.

<https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin> Acesso em: 17/05/2021.

[https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv\\_v77A](https://www.youtube.com/watch?v=3pYtpv_v77A) Acesso em: 16/05/2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=MAvdKAzGoSk> Acesso em: 24/04/2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=QL-2rPhvrSo> Acesso em: 11/05/2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=ThZfjkemSQA> no canal “Mundo dos Estudos Centro de Mídias”, Acesso em 16/04/2021.

<https://www.youtube.com/watch?v=B5YxjzAhLrg> Acesso em: 27/05/2021.

[www.canaltech.com.br/empresa/instagram](http://www.canaltech.com.br/empresa/instagram) Acesso em: 02/05/2021.

[www.eadbox.com](http://www.eadbox.com) Acesso em: 16/05/2021.

[www.voitto.com.br/blog/artigo/instagram](http://www.voitto.com.br/blog/artigo/instagram) Acesso em: 02/05/2021.

## Glossário

**Aplicativo digital** (App) é uma ferramenta usada nos dispositivos móveis e outros aparelhos inteligentes. Os apps podem ser gratuitos ou pagos e desempenham diversas funções: mensageiros online, streaming, gerenciadores, editores de fotos e vídeos, etc.

**ARPANET** (*Advanced Research Projects Agency Network*). Em português significa Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados. Foi a primeira rede de computadores, construída em 1969 como um meio robusto para transmitir dados militares sigilosos e para interligar os departamentos de pesquisa por todo os Estados Unidos.

**Audiobook** significa em português audiolivro ou livro falado. É uma gravação do conteúdo de um livro narrado em voz alta dentro de um estúdio de gravação ou em outro ambiente com equipamento de gravação. Essa gravação se apresenta em suportes informacionais diversificados, sendo comum ser encontrada em aplicativos ou em CD.

**Banners** são peças publicitárias que podem ser criadas para publicação em sites e portais na internet ou impressas em lonas, papéis, tecidos e plásticos para serem utilizadas como materiais promocionais em pontos de venda, exposições e demais eventos.

**Barras de scroll** são as áreas laterais à janela do browser, que sinalizam a existência de conteúdo que ultrapassa a área visível da página e permitem o deslocamento da janela para alcançá-lo, ajudando a adaptar a janela ao conteúdo publicado. Podem ser verticais ou horizontais.

**Blogs** são diários online de publicação e, atualmente, são muito usados em estratégias de marketing. O blog é repleto de artigos informativos e técnicos, sempre atualizado.

**Booktokers** são pessoas que comentam livros na linguagem muito particular do aplicativo favorito da Geração Z (os nascidos pós-2000). Eles compartilham vídeos de 30 segundos nos quais resumem um livro e ainda interpretam os diferentes personagens que aparecem na história.

**Booktubers** são pessoas, normalmente não profissionais da literatura, que fazem e postam vídeos com dicas, resenhas e comentários sobre obras literárias, contando a história, os cenários e os possíveis desdobramentos pelos seus canais no youtube.

**Chat** em português significa conversação ou mais informalmente bate-papo. É um estrangeirismo que designa aplicações de conversação em tempo real. No Google Chat, os usuários podem enviar mensagens para grupos específicos ou iniciar chats individuais com as pessoas do seu local de trabalho. As salas de conversa podem ser utilizadas para discutir assuntos de uma equipe ou para informar a todos da instituição sobre ações importantes.

**Crush** é uma gíria que surgiu nas redes sociais como no Twitter, no Facebook e no Instagram. Nestes ambientes, a expressão é utilizada para se referir a uma paixão, uma possível paquera.

**Digital influencer** é um formador de opinião digital que influencia milhares de seguidores por meio do conteúdo publicado em redes sociais como YouTube, Facebook, Instagram e Twitter.

**Direct** disponibiliza a possibilidade de trocar mensagens “fechadas” (*inbox*) com os outros “seguidores” no Instagram.

**Écran** é a tela através da qual é possível ver o conteúdo de um computador.

**Emojis** têm origem no Japão e são ideogramas - símbolos gráficos utilizados para representar uma palavra ou conceito abstrato - e smileys - representação de uma carinha sorridente. São usados em mensagens eletrônicas e páginas de web. Eles existem em diversos gêneros, incluindo: expressões faciais, objetos, lugares, animais, tipos de clima, etc.

**Facebook** é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. Possibilita, além de um grande alcance, uma grande interação com o público, já que as pessoas podem comentar, curtir e compartilhar suas atualizações na página. Foi criado por Mark Zuckerberg, atual presidente-executivo do Facebook.

**Fac-símiles** é toda cópia ou reprodução de letra, gravura, desenho, composição tipográfica etc.

**Fake news** são notícias falsas. É uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais.

**Feed de notícias do Facebook** é uma lista de histórias da sua página inicial em constante atualização. O Feed de Notícias inclui atualizações de status, fotos, vídeos, links, atividade do aplicativo e curtidas de pessoas.

**Flaneur** em francês significa ‘andarilho’, ‘ocioso’, ‘passeador’, ‘vadio’. Originalmente o termo foi inventado por Charles Baudelaire (1821 – 1867) e se refere a alguém que observa a cidade ou seus arredores, e experimenta um verdadeiro passeio não só fisicamente, mas também com um pensamento filosófico e uma forma de ver e sentir as coisas.

**Geração X** é a geração de indivíduos nascidos entre meados da década de 1960 e o início da década de 1980, ou seja, durante os anos que se seguiram ao baby boom do pós-guerra, verificado entre 1946 e 1964.

**Geração Y/geração do milênio** é a geração de pessoas que nasceram após a década de 1980 até a década de 1990.

**Geração Z/ geração 3.0/ nativos digitais** é a geração pós 1990 muito familiarizada com a internet e compartilhamentos de arquivos, é uma geração extremamente conectada.

**Hashtags** são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo Twitter, e também adicionado ao Facebook, Google+, Youtube e Instagram. Hashtags são compostas pela palavra-chave do assunto, antecedida pelo símbolo cerquilha.

**Hiperlink** cria um atalho que salta para outro local na pasta de trabalho atual ou abre um documento armazenado em um servidor de rede, uma intranet ou a Internet.

**Inbox** é também chamada de mensagem direta. É uma forma de comunicação feita de modo privado entre dois ou mais usuários de uma rede social. Por inbox, é enviada uma mensagem apenas ao destinatário selecionado, sendo possível haver um bate-papo (ou chat) com privacidade.

**Instagram** é considerado um dos espaços mais populares de interação e compartilhamento de mensagens, vídeos, imagens etc. Por meio dessa ferramenta, torna-se possível acompanhar e comentar as fotos publicadas na linha do tempo, editar imagens com filtros e molduras e também marcar amigos nas publicações.

**Instagramer** são influenciadores digitais que alcançam público importante para as marcas, atraindo posts pagos.

**Internet** uma rede de redes - uma meta-rede - que congrega agências de governos, entidades não governamentais, comerciais, associações culturais entidades de ensino e pesquisa e que, para muitos, é entendida como "uma biblioteca 'on-line' de programas e ideias, bem como de publicações como revistas e livros.

**Link** é uma conexão de um ponto para outro. Um link é uma referência a outro documento. Podem ser links de texto, hiperlinks, gráficos ou imagens que, quando clicados, direcionam para outro local online (por exemplo, uma página de destino ou outras páginas do site).

**Live** é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais.

**Meme** é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais.

**Messenger** disponibiliza a possibilidade de trocar mensagens “fechadas” (*inbox*) com os outros “amigos” do Facebook.

**Net** é um domínio de primeiro nível, também conhecido como TLD. Derivado da palavra rede, foi desenvolvido originalmente para as empresas envolvidas com a tecnologia de rede. Atualmente, o net é um dos nomes de domínio mais populares, usado pelas empresas de todo o mundo para lançar seu negócio on-line.

**Netiqueta** é uma etiqueta que se recomenda observar na internet. A palavra pode ser considerada como uma gíria, decorrente da fusão de duas palavras: o termo inglês net e o termo “etiqueta”.

**Offline** é estar sem acesso à Internet; desconectado; o que é físico e não virtual.

**Online** é estar em uma conexão ou na internet conectado ao computador para ser utilizado direta ou remotamente.

**Outdoor** é um cartaz ou painel publicitário de grandes dimensões exposto à margem de vias urbanas ou em outros pontos ao ar livre destacados para tal.

**Podcast** é um aplicativo que pode ser utilizado para captura e publicação na internet de áudio, foto, vídeo, audiovisual, permitindo que essas publicações sejam acompanhadas, atualizadas e baixadas (pelo download).

**Rap** é um gênero de música popular, urbana, que consiste numa declamação rápida e ritmada de um texto, com alturas aproximadas. É um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades afrodescendentes nos Estados Unidos.

**Rede social** são relações que são estabelecidas entre pessoas ou organizações que partilham interesses, experiências, valores comuns e conhecimentos via internet. É uma forma de “socialização digital”.

**Sampling** é a prática de citar palavras e letras de obras de outros autores dentro de suas criações autorais, com intertextualidade e interdiscursividade, fazendo uma espécie de mixagem oral, corporal e visual no evento.

**Shippar** trata-se do ato de torcer pelo relacionamento amoroso de alguém, normalmente personagens de filmes, seriados, desenhos animados, histórias em quadrinhos, mangás e etc. A pessoa que pratica o ato de “shippar” é conhecida por *shipper*, enquanto que as pessoas envolvidas no ship (o casal), são chamados de shippados.

**Site** é uma coleção de páginas da web organizadas e localizadas em um servidor na rede. Um site pode tratar de diversos assuntos e disponibilizam as informações em forma de conteúdo de texto e mídia.

**Slammer** é uma pessoa que censura severamente, que “bate com violência”. Essa palavra surgiu em Chicago, em 1984.

**Slams** é um tipo de leitura coletiva em voz alta no formato de uma “batalha de poesias”. Surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. O responsável por organizar o primeiro Slam foi Marc Kelly Smith. No Brasil, o Slam chegou em 2008, por intermédio da artista Roberta Estrela D’Alva, através do ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra) na cidade de São Paulo.

**Smartphone** significa “telefone inteligente”. É um celular que combina recursos de computadores pessoais, com funcionalidades avançadas que podem ser

estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo seu sistema operacional, chamados simplesmente aplicações. Os smartphones são indicados para quem vai realizar ainda mais tarefas com o aparelho. Como ele conta com sistema operacional multitarefa e multimídia, está pronto para acessar a internet, redes sociais, baixar aplicativos, jogar, entre outros.

**Spoiler** é uma gíria que se refere à quando alguém revela informações sobre alguma parte de uma obra de ficção, como um livro ou filme, sem que a outra pessoa tenha visto antes. Essa palavra tem origem no verbo em inglês *spoil*, que significa estragar.

**Stalker** é uma gíria do idioma português, baseada na palavra inglesa *stalker*, que significa "perseguidor". Assim, esse "verbo" costuma ser usado para se referir ao ato de espionar ou perseguir as atividades de determinada pessoa nas redes sociais.

**Status** é uma ferramenta que permite o compartilhamento de mídias (fotos, vídeos ou GIFs) editadas com textos, desenhos ou emojis com seus contatos do *Whatsapp*.

**Stickers** também chamadas de figurinhas. São ilustrações, criadas pelo Instagram e que podem ser agregadas aos *Stories*, geralmente representam alguma data comemorativa ou acontecimento histórico.

**Stories do Instagram** permite que os usuários publiquem fotos e vídeos rápidos, que podem ser editados e que só podem ser visualizados por um período curto de tempo, pois saem do ar em 24 horas. Não têm a necessidade de serem informações fidedignas, notícias de acontecimentos reais, já que são stories e não histories, podendo ser ficções e manipulações da realidade de quem as publica no Instagram.

**TICS** significa tecnologias de informação e comunicação. É um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem.

**Touch screen** é um monitor com tela sensível ao toque dos dedos da mão que dispensa o uso de mouse e teclado.

**Virtual** está associado àquele que tem existência aparente, mas não propriamente real ou física. O virtual existe como potência, ou seja, não é o oposto ao real.

**Web** é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de web ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A web significa um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiper ligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet. Para tal é necessária ligação à internet e um navegador (browser) onde são visualizados os conteúdos disponíveis. São exemplos de navegadores: Google Chrome, Safari, Mozilla Firefox, Internet Explorer.

**Website** e site possuem o mesmo significado e são utilizadas para fazer referência a uma página ou a um agrupamento de páginas relacionadas entre si, acessíveis na internet através de um determinado endereço.

**WhatsApp** é um aplicativo de troca de mensagens e de comunicação em texto, áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones. Além de mensagens de texto e áudio, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a *internet*. O serviço foi criado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, dois ex-funcionários do Yahoo, que venderam sua criação ao Facebook em 2014 por US\$ 19 bilhões (valor da época).

**WWW (World Wide Web)** é um conjunto de programas que permite acesso a serviços da Internet via hipertexto, através de navegadores. Esse sistema surgiu para ligar as universidades entre si para que os trabalhos e pesquisas acadêmicos fossem utilizados em um ambiente de contribuição mútua.

**Young Adult – YA.** Os melhores livros para jovens adultos são aqueles que conseguem cativar o leitor para manter o seu interesse até o final da história.

**YouTube** é um site que permite que os usuários compartilhem vídeos e interajam com seus autores através de comentários. O YouTube foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em fevereiro de 2005, nos Estados Unidos e foi comprado pela Google em 2006.

**YouTuber** é um usuário frequente do site de compartilhamento de vídeos YouTube, especialmente alguém que produz e aparece em vídeos no site.